

Dez Anos de Economia da Cultura no Brasil e os Impactos da Covid-19

**Um relatório a partir do Painel de
Dados do Observatório Itaú Cultural**

Memória e Pesquisa / Itaú Cultural

Dez anos de Economia da Cultura no Brasil e os Impactos da Covid-19: um relatório a partir do painel de dados do observatório Itaú Cultural. –

São Paulo : Itaú Cultural, 2020.

10 Mb ; ePub

ISBN 978-65-990418-8-4

1. Economia da cultura. 2. Impactos da covid-19. 3. Financiamento público.
4. Trabalhadores. 5. Empresas criativas. I. Instituto Itaú Cultural.
II. Título.

CDD 306.3

Bibliotecário Jonathan de Brito Faria CRB-8/8697

O Itaú Cultural (IC), em 2019, passou a integrar a Fundação Itaú para Educação e Cultura com o objetivo de garantir ainda mais perenidade e o legado de suas ações no mundo da cultura, ampliando e fortalecendo seu propósito de inspirar o poder criativo para a transformação das pessoas.

Sumário

INTRODUÇÃO	
A produção e a gestão cultural no Brasil no contexto da pandemia da covid-19	4
Fontes de dados e Metodologia	7
CAPÍTULO 1	
Gastos públicos com cultura	
1.1. Perspectivas em relação às dotações orçamentárias e despesas liquidadas: União, estados e capitais	9
1.2. A Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) e seu impacto nos orçamentos estaduais e municipais	36
1.3. Incentivo fiscal federal à cultura e fundos de cultura estaduais e das capitais brasileiras	40
1.3.1 Considerações parciais	58
CAPÍTULO 2	
Trabalhadores e empresas criativas	59
2.1. Trabalhadores Criativos	59
2.1.1. Perfis	59
2.1.2. Análises regionais	84
2.1.3. Considerações parciais	101
2.2. Empresas Criativas	102
2.2.1. As empresas criativas e o contexto econômico mais amplo	103
2.2.2. Distribuição regional e setorial	108
2.2.3. Os setores criativos	112
2.2.4. Considerações parciais	129
CAPÍTULO 3	
Comércio internacional de produtos e serviços ligados aos setores criativos	132
3.1. O peso de cada setor no total das exportações em 2018	138
3.2. Comércio internacional de produtos criativos – desagregação por setor	140
3.3. Comércio internacional de serviços criativos – desagregação por setor	148
3.4. Origem e destino das exportações de produtos e serviços criativos	159
3.4.1. Considerações parciais	161
Considerações finais	162
Referências Bibliográficas	164
Anexos	
Questionário – Pesquisa para Secretários e Dirigentes de Cultura	168
Índice IPCA base jun/2020	170
Expediente/Ficha Técnica	175

INTRODUÇÃO

A produção e a gestão cultural no Brasil no contexto da pandemia da covid-19

Desde que a pandemia do coronavírus chegou ao Brasil, em março passado, previsões começaram a ser feitas sobre o impacto e a extensão da crise na economia nacional: redução do PIB entre 4,7% e 10%,¹ aumento da taxa de desemprego para um patamar entre 13% e 19%,² queda na arrecadação de tributos de mais de 30%.³ Ao longo de mais de seis meses de crise, dados econômicos vêm sendo atualizados, levando à revisão dos prognósticos mais otimistas: o desemprego já atingiu a marca de 12,9% – pela primeira vez, mais da metade da população ativa está fora do mercado de trabalho⁴ e quase 18% das empresas do país estavam fechadas definitivamente na primeira quinzena de junho, segundo o IBGE.⁵ A pesquisa **Pulso Empresa: Impacto da Covid-19**⁶ indica que o setor de serviços, o maior gerador de empregos do país, sofreu o pior impacto da crise e registrou o maior percentual de empresas afetadas negativamente: 74,4%. Na indústria, foram 72,9%; na construção, 72,6%; no comércio, 65,3%. O impacto também foi mais profundo entre as pequenas empresas. E é justamente nesse segmento mais fortemente impactado que se insere o setor cultural, um dos primeiros a ter suas atividades suspensas e cuja recuperação é ainda difícil de prever, pois a plena retomada das atividades presenciais só se dará com a erradicação da epidemia no país.

Não existe ainda uma pesquisa em âmbito nacional que contemple um universo representativo de profissionais, empresas e instituições culturais, em seu conjunto e setorialmente, e que permita de fato mensurar, a partir de dados econômicos, o impacto da crise desencadeada pela pandemia no setor cultural. Não obstante, existem evidências de que o setor cultural foi um dos mais atingidos pela crise, e que são necessárias políticas públicas emergenciais e investimentos a fim de que o setor não entre em colapso. Acreditamos que informações e dados são fundamentais para assegurar assertividade e eficiência de medidas de enfrentamento à crise que atravessa o setor cultural.

Nesse sentido, nosso objetivo neste relatório é avaliar o impacto da crise desencadeada pela covid-19 no setor cultural a partir de dados consolidados disponíveis e pesquisas recentes, e assim desenvolver uma reflexão sobre os desafios que se impõem aos gestores culturais, públicos e privados, considerando o momento presente do país e as perspectivas para o futuro do setor a curto e médio prazos. Para tanto, lançaremos mão de informações relacionadas aos investimentos públicos no setor cultural, aos empreendimentos culturais, aos profissionais da cultura e às exportações do setor cultural, no período de janeiro de 2010 a agosto de 2020, tendo como ponto de partida o Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Esperamos que

1 Com coronavírus, mercado abandona otimismo e aposta em retração do PIB.

2 <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/27/desemprego-vai-explodir-no-brasil-com-coronavirus-a-duvida-e-o-tamanho-da-bomba.ghtml>

3 <https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2020/04/17/exclusivo-perda-de-arrecadacao-em-estados-e-municipios-chegou-a-37percent-na-ultima-semana.ghtml>

4 <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,em-meio-a-pandemia-pais-nunca-teve-tantos-brasileiros-fora-do-mercado-de-trabalho,70003350025>

5 https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/522-mil-empresas-fecharam-as-portas-por-pandemia-diz-ibge.shtml?utm_source=mail&utm_medium=social&utm_campaign=compmail

6 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/28291-pesquisa-pulso-empresa-impacto-da-covid-19-nas-empresas.html?=&t=o-que-e>

este relatório constitua uma ferramenta relevante para os agentes da cultura no enfrentamento da crise e na retomada do desenvolvimento do setor, e de seu protagonismo na vida social e econômica do país.

A dispersão de dados

A expansão, a diversificação e a profissionalização do setor cultural no Brasil, observadas a partir do final do anos 1990, foram acompanhadas da proliferação de estudos e de pesquisas sobre arte, cultura, economia criativa e políticas culturais, compondo um conjunto significativo e extremamente heterogêneo de trabalhos com temáticas, recortes, objetivos e metodologias bastante diversos, realizados por iniciativa do poder público, da sociedade civil, das universidades, ora individualmente, ora em parceria. Tal heterogeneidade de dados, a dispersão das publicações e a escassez de séries históricas constituem um obstáculo para que se conheçam as características e as dinâmicas do setor, e que se possa aferir com segurança o seu desenvolvimento ao longo das últimas décadas.

Num cenário ideal, deveriam existir dados nacionais oficiais consolidados, produzidos por um órgão específico, com mandato e expertise na área, a partir de bancos de dados oficiais e confiáveis, de forma regular, visando a construção de séries históricas consolidadas, com o emprego de metodologia internacionalmente referenciada, que permitisse a comparabilidade dos dados ao longo do tempo, e também com dados de outros países. Mas essa não é a realidade brasileira,⁷ em que temos muitos dados e pesquisas dispersos, promovidos por diversos agentes, públicos e privados, com metodologias díspares.

Vale lembrar que a decisão de medir, monitorar, analisar um campo específico reflete a importância que ele tem no âmbito das políticas públicas e muitos são os fatores que evidenciam o lugar marginal da cultura na agenda de prioridades dos dirigentes, sobretudo na esfera federal. Ademais, dados e pesquisas deveriam sempre informar a tomada de decisões e a formulação das políticas públicas,⁸ mas isso raramente acontece na prática.

O fato é que não existem dados nacionais oficiais consolidados e continuados sobre o setor cultural. O que há são dados dispersos, pesquisas parciais e com frequência descontinuadas que utilizam fontes e metodologias distintas – o que frustra qualquer pretensão de oferecer um retrato abrangente e mais próximo da realidade do campo cultural brasileiro. Na falta de informações produzidas e centralizadas pelos órgãos públicos competentes, as lacunas são preenchidas por iniciativas diversas, setoriais, acadêmicas, da sociedade civil. Nesse contexto surge o **Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural**.

Em abril de 2020, o Observatório Itaú Cultural lançou o Painel de Dados, principal fonte de dados deste relatório, em que informações de fontes oficiais sobre diferentes aspectos da gestão e políticas culturais são apresentados, organizados em três eixos (Mercado de Trabalho e Empreendimentos Criativos; Comércio Internacional de Produtos e Serviços Criativos), com algumas séries de dados desde 2002.

Alimentado por dados de pesquisas e registros de órgãos governamentais – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), Pesquisa Industrial Anual – Empresa (PIA–Empresa), Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), entre outras – e de produção de estatísticas oficiais do país – IBGE, Ministério da Economia, entre outros –, o Painel de Dados do

⁷ Para citar apenas um exemplo, emblemático, o Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE teve quatro edições: em 2006, 2007, 2013 e 2019, ou seja, houve um lapso de seis anos sem dados oficiais consolidados até a última edição, em dezembro de 2019, trazendo dados de 2011 a 2018.

⁸ Para uma análise mais aprofundada da relação entre estudos e pesquisa e políticas públicas, sugerimos a leitura GOLDSTEIN, Ilana e FIALHO, Ana Letícia. Conhecer para atuar: a importância de estudos e pesquisas na formulação de políticas públicas para a cultura. Revista Observatório Itaú Cultural, v. 1, p. 25-32, 2012. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/observatorio_13_arte_politicas_publicas.

Observatório Itaú Cultural se apresenta como fonte para gestores, pesquisadores, produtores e agentes culturais sobre a gestão e as políticas culturais brasileiras. E as informações ali apresentadas permitem uma leitura mais coesa de aspectos gerenciais que podem ser utilizados em diferentes contextos por gestores.

A ausência de dados coesos se repete quando se trata de medir o impacto da crise da covid-19 sobre o setor cultural. Na falta de uma pesquisa abrangente em âmbito nacional,⁹ que contemple um universo representativo de profissionais, empresas e instituições culturais em seu conjunto e setorialmente, e que permita de fato mensurar a extensão de tal impacto, diversas pesquisas foram desenvolvidas por iniciativa de universidades, entidades setoriais, instituições e diferentes esferas do poder público, resultando em dados e análises dispersas, por vezes redundantes e de difícil comparabilidade, pois empregam recortes e metodologias distintos. Ainda assim, oferecem retratos conjunturais que, embora fragmentados, são relevantes, pois permitem conhecer a situação e a percepção de agentes culturais sobre o momento atual, os desafios, as demandas, as expectativas e as projeções sobre o futuro do setor, com base nas respostas dos agentes que têm participado de tais mapeamentos.

As primeiras pesquisas começaram a ser publicadas no mês de abril e, em julho, diversas outras iniciativas se haviam somado ao esforço de mapear e avaliar o impacto da pandemia sobre o setor cultural, a maior parte delas tendo como foco os empreendimentos e profissionais da cultura como um todo, outras dedicadas a setores específicos.

Neste relatório traremos os resultados de alguns mapeamentos cujas informações podem ser importantes para subsidiar a formulação de políticas e ações, e para a tomada de decisões por parte de agentes públicos e privados que atuam no setor cultural.

O Observatório da Economia Criativa da Bahia, em parceria com algumas secretarias de Cultura, foi precursor em lançar a pesquisa **Impactos da Covid-19 na Economia Criativa**,¹⁰ ainda no mês de março, e vem publicando desde abril boletins com resultados parciais sobre os impactos da pandemia para indivíduos e organizações atuantes nos setores artísticos, culturais e criativos, incluindo valiosas informações qualitativas sobre as principais demandas dos respondentes e recomendações de medidas a serem adotadas pelos gestores públicos. O quinto boletim com os resultados parciais foi publicado em 11 de julho e aponta uma grande preocupação dos agentes culturais em relação à implementação da Lei Aldir Blanc, preocupação que compartilhamos como veremos a seguir neste relatório. O último boletim, com os dados consolidados da pesquisa, foi publicado em setembro.

A Fundação Getúlio Vargas, em parceria com o Sebrae e a Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, publicou em junho a **Pesquisa de Conjuntura do Setor de Economia Criativa – Efeitos da Crise da Covid-19**¹¹ abordando, conjuntamente, aspectos como faturamento e funcionamento, demissões e endividamento, medidas de enfrentamento, projeções em relação a emprego e produção, além de algumas propostas para a retomada do setor e uma estimativa do PIB da cultura em 2020 e 2021.

O Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, com diversos outros parceiros, incluindo USP, Sesc e Unesco, lançou a **Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil**,¹² com o objetivo de dimensionar os impactos de curto e médio

⁹ Um contraexemplo é a França, país de longa tradição na produção de dados e estatísticas culturais, onde o Ministério da Cultura publicou um relatório sobre o impacto da pandemia no setor cultural como um todo e por setor. O relatório está disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/Sites-thematiques/Etudes-et-statistiques/Publications/Collections-de-synthese/Culture-chiffres-2007-2020/L-impact-de-la-crise-du-Covid-19-sur-les-secteurs-culturels>. Acesso em: 22 jul. 2020.

¹⁰ In: <https://ufrb.edu.br/proext/economiacriativa-covid19/>

¹¹ In: <https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/impactos-economicos-da-covid-19-economia-criativa-julho-2020>

¹² In: <http://icccovid19.com.br/>

prazos da pandemia nos setores cultural e criativo do país, subsidiando a formulação de políticas que possam enfrentar os impactos identificados. Um primeiro boletim com resultados parciais foi divulgado no início do mês de julho, sendo o completo lançado em agosto.

Por outro lado, não existem pesquisas sobre o impacto da pandemia nas políticas públicas e nos orçamentos da cultura nos âmbitos federal, estadual e municipal, lacuna que esta análise busca em parte suprir.

Fontes de dados e metodologia

Para a elaboração deste relatório foram considerados, prioritariamente, os dados extraídos do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.¹³ O Painel de Dados traz um panorama econômico dos setores cultural e criativo brasileiros por meio de três eixos de análise – Mercado de Trabalho e Empreendimentos Criativos; Comércio Internacional de Produtos e Serviços Criativos – produzido a partir de informações e dados estatísticos oficiais, tendo como principais fontes a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), divulgada pela Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a Pesquisa Anual de Serviços (PAS) e a Pesquisa Industrial Anual – Empresa (PIA–Empresa), do IBGE, o SalicNet,¹⁴ o Painel do Orçamento Federal do Governo Federal e o Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro (Siconfi), a base de dados Comex Stat¹⁵ e a plataforma Siscoserv,¹⁶ do Ministério da Economia. O recorte setorial, ou seja, a lista de setores criativos contemplados neste relatório em torno dos quais se organizam os dados sobre empresas, trabalho e comércio internacional, corresponde ao universo e à metodologia estabelecidos pelo Painel de Dados.¹⁷

As informações sobre dotações orçamentárias e despesas liquidadas da União, estados e capitais utilizadas no relatório referem-se à função Cultura, ou seja, todas as despesas classificadas e destinadas à cultura, e não por órgão que executa. De acordo com o glossário do portal do orçamento do Senado Federal, dotação orçamentária refere-se a “o valor monetário autorizado, consignado na lei do orçamento (LOA), para atender uma determinada programação orçamentária”.¹⁸ A liquidação das despesas, conforme informa o glossário do portal do orçamento do Senado, é “um dos estágios da despesa. É a verificação do implemento de condição, ou seja, verificação objetiva do cumprimento contratual”.¹⁹ A definição de função conforme consta no portal de orçamento do Senado:

Classificação da despesa orçamentária que tem por finalidade registrar a finalidade da realização da despesa. A função pode ser traduzida como o maior nível de agregação das diversas áreas de atuação do setor público. Está relacionada com a missão institucional fundamental do órgão executor, por exemplo, cultura, educação, saúde ou defesa. A especificação das funções é fixada, em nível nacional, pela Portaria MPOG 42, de 14 de abril de 1999 (D.O.U. de 15.04.1999).²⁰

As informações referentes à Lei Federal de Incentivo à Cultura foram extraídas diretamente da base de dados SalicNet.²¹ Complementarmente, utilizamos outras pesquisas realizadas pelo IBGE: o **Sistema de Indicadores e Informações Culturais de 2019**, a **Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Munic 2018** e a **Pesquisa de Informações Básicas Estaduais – Estadíc 2018**; e os anexos publicados pela Confederação Nacional de Municípios com as previsões de repasse de recursos da Lei Aldir Blanc a estados e municípios.

13 O Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural pode ser acessado em <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/>

14 SalicNet – sistema para acesso e tratamento de informações sobre projetos beneficiados pela lei federal de incentivo à cultura. Permite consultas, extração de dados e relatórios relacionados a pessoas físicas e jurídicas participantes dos projetos incentivados. Fonte: <http://sistemas.cultura.gov.br/salicnet/Salicnet/Salicnet.php>

15 Comex Stat – “sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro. São divulgados, mensalmente, os dados detalhados das exportações e importações brasileiras, extraídas do Siscomex e baseados na declaração dos exportadores e importadores. A base de dados do sistema também está disponível para download”. Fonte: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/sobre>

16 Plataforma Siscoserv - Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e Outras Operações que Produzam Variações no Patrimônio. Fonte: <http://www.siscoserv.mdic.gov.br/g33159SCS/jsp/logon.jsp>

17 <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/metodologia>

18 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/orcamento/glossario/dotacao-orcamentaria>. Acesso em: 29 ago. 2020.

19 [2] Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/orcamento/glossario/liquidacao>. Acesso em: 29 ago. 2020.

20 <https://www12.senado.leg.br/orcamento/glossario/funcao>. Último acesso em: 24 jul. 2020. Acessando a lei referenciada, pode-se verificar o estabelecimento das diferentes funções.

21 <http://sistemas.cultura.gov.br/comparar/salicnet/salicnet.php>.

Também apresentaremos os resultados de uma pesquisa inédita sobre o impacto da crise sobre os orçamentos e as políticas culturais estaduais, realizada pelo Observatório entre julho e agosto de 2020. A coleta de dados da pesquisa foi feita a partir das respostas ao questionário enviado, por e-mail, a todos os secretários e dirigentes estaduais de Cultura, na plataforma Formstack. O período de coleta ocorreu entre 29 de julho e 19 de agosto de 2020, com resposta do questionário completo por representantes de 16 unidades da federação e o Distrito Federal.

O período analisado por este relatório compreende os anos de 2010 a 2019, e o período de janeiro a agosto de 2020. Importante ressaltar que nem todos os dados estavam disponíveis para a totalidade do período histórico (até 2019) e que, em relação a 2020, os dados são parciais e nem todos foram disponibilizados até o mês de agosto de 2020. Os dados econômicos tiveram seus valores atualizados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para toda a série histórica.

Para a organização e a análise dos dados e a produção dos gráficos apresentados no relatório, foram usadas planilhas eletrônicas e o software estatístico R, versão 3.6.2.²² Para as análises, operações matemáticas básicas foram aplicadas no apoio à identificação de padrões de variação, distribuição e proporção no conjunto de dados, e aplicações estatísticas utilizando estatística multivariada²³ apoiaram a identificação de padrões de similaridade na distribuição de resultados sobre dotações orçamentárias e despesas liquidadas entre os estados e entre as capitais do país, aplicando-se análise de agrupamentos²⁴ pelo método de Ward.²⁵

Tais aplicações deram base às avaliações que se seguiram, possibilitando a leitura do período em estudo e permitindo a construção dos painéis que possam favorecer a aplicação dos resultados à diversa realidade da produção, gestão e política cultural brasileiras. Assim, os leitores poderão transportar os resultados para o seu cotidiano e extrair valor do conteúdo apresentado.

22 R é um ambiente de software livre para computação estatística e gráficos. Compila e roda em uma ampla variedade de plataformas UNIX, Windows e MacOS. Para maiores informações, acesse: <https://www.r-project.org/>

23 Estatística multivariada compreende “técnicas estatísticas que simultaneamente analisam múltiplas medidas sobre indivíduos ou objetos sob investigação” (HAIR JR, J. F; BLACK, W. C; BABIN, B. J; ANDERSON, R. E; TATHAM, R. L. *Análise multivariada de dados*. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009, p.23), consistindo “em um conjunto de métodos estatísticos utilizados em situações nas quais várias variáveis são medidas simultaneamente, em cada elemento amostral. Em geral, as variáveis são correlacionadas entre si e, quanto maior o número de variáveis, mais complexa torna-se a análise por métodos comuns de estatística univariada” (MINGOTI, S. A. *Análises de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.21).

24 A técnica de análise de agrupamentos, “também conhecida como análise de conglomerados, classificação ou *cluster*, tem como objetivo dividir os elementos da amostra, ou população, em grupos de forma que os elementos pertencentes a um mesmo grupo sejam similares entre si com respeito às variáveis (características) que neles foram medidas, e os elementos em grupos diferentes sejam heterogêneos em relação a estas mesmas características” (MINGOTI, S. A. *Análises de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.155).

25 No método de Ward, “a partição ‘desejada’ é aquela que produz os grupos mais heterogêneos possíveis e de forma que os elementos dentro de cada grupo sejam homogêneos” (MINGOTI, S. A. *Análises de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.176).

CAPÍTULO 1

Gastos Públicos com Cultura

1.1. Perspectivas em relação às dotações orçamentárias e despesas liquidadas: União, estados e capitais

A análise do histórico (2010 a 2019) e da situação atual das dotações e execuções orçamentárias da União, estados e capitais pretende jogar luz sobre a composição orçamentária destinada à cultura, comparando o período anterior à deflagração da crise desencadeada pela covid-19 com a situação da dotação e execução no ano de 2020, a fim de identificar as variações e as possíveis dificuldades financeiras e de gestão enfrentadas pelos gestores públicos nas três esferas, e que conseqüentemente impactam as políticas, os programas e as atividades do setor cultural que dependem de investimento público direto. Elas permitem também aferir períodos em que o investimento público foi maior e períodos em que se observa a sua retração, evidenciando portanto uma variação da importância atribuída ao setor cultural ao longo de uma década.

A seguir, apresentaremos uma análise conjunta dos dados brutos das esferas federal, estadual e municipal (apenas as capitais).

Período 2010–2020

O panorama das dotações orçamentárias e despesas liquidadas no período aponta oscilações nas três esferas governamentais, conforme se lê na Tabela 1 e se pode confirmar no Gráfico 1.

Além da tendência de queda no valor nominal das dotações orçamentárias estaduais, reconhece-se uma oscilação tendendo à manutenção da liquidação de despesas anuais acima de 70%, sugerindo estabilidade na capacidade de execução das despesas relacionadas à cultura, mas evidenciando uma redução progressiva do valor nominal aplicado anualmente.

As capitais apresentam oscilação maior no perfil de liquidação de despesas com percentuais normalmente acima de 64%, apresentando tendência de melhoria no percentual de liquidação das despesas com retorno do valor nominal liquidado para a faixa de 1,4 bilhão de reais, em 2019.

É possível reconhecer que estados e capitais mantiveram perfil de liquidação de despesa médio de, aproximadamente, 77,48% e 69,85%, respectivamente, no período, sugerindo boas capacidades de execução, diferente do que acontece na esfera federal.

TABELA 1

Orçamento Público para Cultura – União, Estados e Capitais 2010–2020 (em bilhões de R\$, atualização pelo IPCA)							
Períodos	Esfera Governamental	Federal		Estadual		Capitais	
	Unidades de mensuração	Dotação Orçamentária	Despesas Liquidadas	Dotação Orçamentária	Despesas Liquidadas	Dotação Orçamentária	Despesas Liquidadas
2010	Valores	3.655.874.871,46	1.427.419.335,09	5.126.262.480,27	4.001.137.521,93	1.669.989.263,32	1.241.602.771,53
	% de Liquidação	39,04		78,05		74,35	
2011	Valores	2.899.874.240,60	954.465.410,53	4.885.334.422,74	3.822.263.703,34	1.903.070.848,78	883.471.757,06
	% de Liquidação	32,91		78,24		46,42	
2012	Valores	4.628.782.659,78	1.256.859.015,90	4.890.233.100,46	3.618.949.937,82	1.973.000.389,58	1.571.776.503,95
	% de Liquidação	27,15		74,00		79,66	
2013	Valores	4.916.100.346,10	1.201.766.160,95	4.896.438.542,22	3.720.085.910,95	1.971.717.620,24	1.389.588.039,04
	% de Liquidação	24,45		75,98		70,48	
2014	Valores	3.993.327.903,79	1.155.516.891,47	4.516.707.783,41	3.628.660.344,84	2.253.629.077,76	1.451.391.200,98
	% de Liquidação	28,94		80,34		64,40	
2015	Valores	3.354.682.937,79	1.019.126.872,89	3.688.833.187,39	2.917.374.852,33	1.987.294.171,09	1.432.876.621,05
	% de Liquidação	30,38		79,09		72,10	
2016	Valores	2.556.422.671,51	1.005.894.419,10	3.205.716.534,75	2.343.992.857,99	2.067.858.045,95	1.406.910.594,04
	% de Liquidação	39,35		73,12		68,04	
2017	Valores	2.406.082.601,41	1.120.523.679,23	3.156.844.743,34	2.489.261.725,08	1.758.646.446,53	1.224.227.970,98
	% de Liquidação	46,57		78,85		69,61	
2018	Valores	2.219.097.062,88	1.088.581.543,27	3.099.524.567,55	2.561.194.577,72	1.678.534.900,01	1.264.222.294,77
	% de Liquidação	49,06		82,63		75,32	
2019	Valores	2.020.240.738,41	783.849.654,61	3.119.473.244,97	2.324.556.266,44	1.805.483.957,79	1.409.730.261,74
	% de Liquidação	38,80		74,52		78,08	
2020	Valores	1.878.113.213,00	253.083.202,82	2.993.027.526,93	827.298.540,52	1.672.099.614,51	457.796.999,86
	% de Liquidação	13,48		27,64		27,38	

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
O valor das Despesas Liquidadas, em 2020, refere-se ao 1º semestre.

Com necessário olhar perspectivo, os dados do primeiro semestre de 2020 sinalizam que estados e capitais seguiam com padrão médio de execução orçamentária parecido entre eles, com a distribuição entre os três perfis de entes federativos mantendo padrão de comportamento similar aos anos anteriores: estados e capitais guardando padrão de execução próximo e a execução federal com comportamento diferente deles e abaixo.

No Gráfico 1, a representação das dotações orçamentárias e despesas liquidadas (em bilhões de reais) busca apoiar a visualização da distribuição dos montantes de recursos dos três perfis de entes federativos que, em nível municipal, as análises consideram apenas as capitais brasileiras no período.

No contexto federal, a primeira metade da década em análise evidencia queda acentuada na dotação orçamentária para a cultura com redução não tão acentuada na liquidação das despesas, mas mantendo uma proporção da liquidação das despesas baixa e com redução constante de 2010 a 2016. No cenário estadual, a curva da liquidação das despesas se mantém parecida com a das dotações orçamentárias, registrando-se uma proporção de liquidação das despesas menor, mas mais próxima do que as dotações indicavam.

GRÁFICO 1 | Orçamentos Públicos para Cultura 2010–2020 (em bilhões de R\$, atualização pelo IPCA)

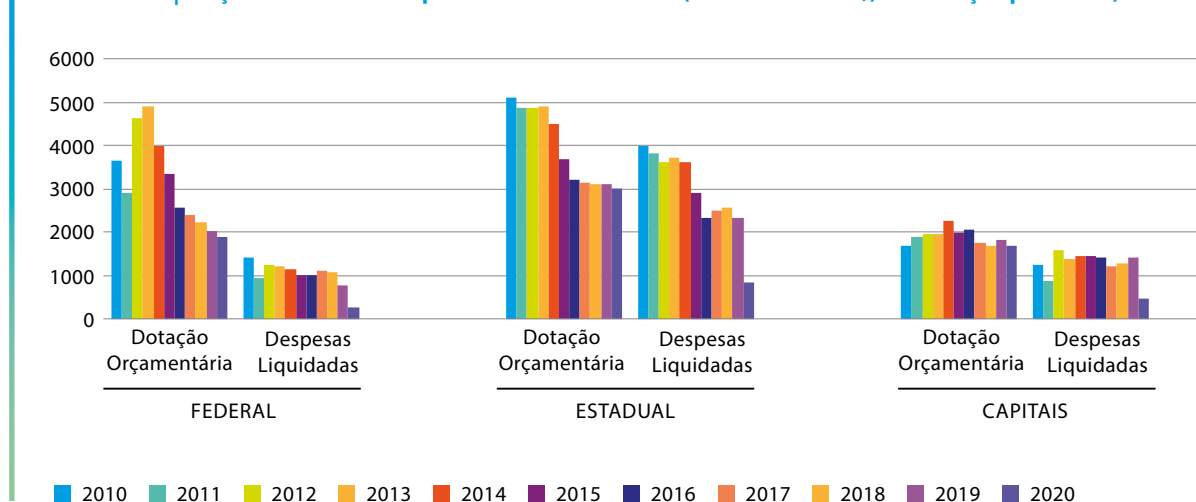


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
O valor das Despesas Liquidadas, em 2020, refere-se ao 1º semestre.

Com proporções e distribuição similares no período, as dotações orçamentárias e a liquidação das despesas nas capitais são as que guardam maior proximidade na primeira metade da década, sendo o único conjunto de unidades de análise com ligeira alta na proporção da liquidação das despesas nos últimos anos de série, especialmente em 2019.

É possível perceber ainda, no Gráfico 1, que estados e capitais apresentam padrão de estabilidade e retomada de patamares anteriores nas dotações orçamentárias entre 2017 e 2019, com ligeira redução de valores de 2020 em relação a 2019, diferente do padrão federal que apresenta redução constante no período.

Seguem análises mais detalhadas de cada uma das esferas: federal, estadual e municipal (apenas as capitais).

Dotação e execução orçamentária federal – função Cultura

Os recursos destinados pela União à cultura, considerada a função Cultura, ou seja, levando em conta não somente o orçamento do órgão responsável pela área, mas, sim, os recursos destinados ao setor em todos os órgãos da administração pública federal, tiveram uma variação significativa ao longo de uma década. A maior dotação orçamentária foi em 2013, quando ficou perto dos 5 bilhões de reais. Desde então, ela vem diminuindo ano a ano, chegando a 2020 com um valor equivalente a cerca de 50% daquele destinado ao setor em 2010.

Já a execução orçamentária, consideradas as despesas liquidadas a cada ano, teve uma variação bem menor, ficando ao longo da década na faixa de 1 bilhão de reais. Aparentemente, os índices de execução têm sido bastante baixos durante todo o período.

GRÁFICO 2 | Orçamento Federal (em bilhões de R\$)

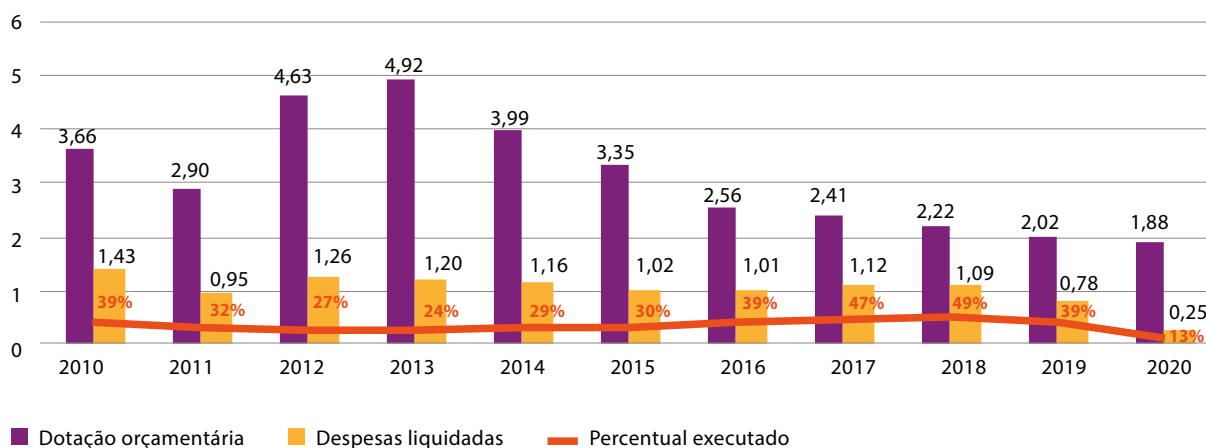


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

À redução orçamentária soma-se uma dificuldade de execução do orçamento público. No período analisado, o ano de maior eficiência na execução foi 2018, que ainda assim não chegou a 50%. No período mais recente, considerados os três últimos anos, 2019 registrou a menor execução, de apenas 39% do orçamento previsto. A mesma discrepância entre a dotação orçamentária e a execução pode ser observada em outras funções, como Direitos da Cidadania, que executou apenas 31,99% do orçamento previsto em 2019²⁶ e que contrasta com a área de Ciência e Tecnologia, que manteve uma execução orçamentária acima de 80% em 2018 e 2019.²⁷

A dificuldade de execução dos recursos destinados à cultura é muito mais grave do que a redução gradual da dotação orçamentária, e é provável que o ano de 2020 seja ainda pior, justamente em um momento que tanto se fazem necessárias políticas assertivas e investimentos no setor. Em seis meses, apenas 13% do orçamento federal para a cultura foi executado.

A dificuldade de gestão e execução de recursos destinados à cultura pelo governo federal é observada durante todo o período analisado. Um fator que pode, em parte, ajudar a compreender o baixo percentual de despesas liquidadas em relação à dotação orçamentária para a função Cultura é a Emenda Constitucional nº 95 (Emenda Constitucional do Teto de Gastos Públicos), aprovada em 2016, que prevê que as despesas e os investimentos públicos fiquem limitados aos mesmos valores gastos no ano anterior, corrigidos pela inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). No entanto, chama atenção o fato de os valores das despesas liquidadas terem se mantido na mesma faixa de valor em todo o período, e não somente a partir de 2016, sugerindo que talvez a esfera federal tenha, de fato, uma capacidade de execução direta limitada.

Além dos desafios do ponto de vista orçamentário, desde 2016 a instabilidade da pasta da Cultura é atestada pela grande rotatividade de seus titulares, agravada pela extinção do Ministério da Cultura em 2019, quando foi transformado em Secretaria Especial de Cultura, vinculada ao Ministério da Cidadania, e depois transferida ao Ministério do Turismo.²⁸

Um levantamento feito pelo Observatório Itaú Cultural sobre o período de permanência dos ministros e secretários de Cultura evidencia a grande instabilidade da pasta da Cultura em anos recentes. De 2016 a 2020, tivemos dez titulares.

26 <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/14-direitos-da-cidadania?ano=2020>

27 <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/19-ciencia-e-tecnologia?ano=2020>

28 Tais mudanças na estrutura administrativa também impactam fortemente a gestão e a capacidade de execução orçamentária das políticas públicas, pois alteram fontes orçamentárias. A conclusão da transferência da Secretaria Especial de Cultura para o Ministério do Turismo levou meses, período durante o qual as atividades ficaram praticamente paralisadas.

Histórico do Ministério da Cultura				
Ministro/Secretário	Início de Mandato	Término de Mandato	Total de Dias	Tipo
Juca Ferreira	30/07/2008	31/12/2010	884	Ministério
Ana de Hollanda	01/01/2011	13/09/2012	621	Ministério
Marta Suplicy	13/09/2012	11/11/2014	789	Ministério
Ana Cristina Wanzeler (interina)	13/11/2014	31/12/2014	48	Ministério
Juca Ferreira	01/01/2015	12/05/2016	497	Ministério
Marcelo Calero	24/05/2016	18/11/2016	178	Secretaria/Ministério
Roberto Freire	18/11/2016	22/05/2017	185	Ministério
João Batista de Andrade (interino)	22/05/2017	24/07/2017	63	Ministério
Sérgio Sá Leitão	25/07/2017	31/12/2018	524	Ministério
	04/01/2019	06/11/2019		Com a extinção do Ministério da Cultura, é criada a Secretaria Especial da Cultura, que passa a se reportar ao Ministério da Cidadania.
Henrique Pires	04/01/2019	22/08/2019	230	Ministério da Cidadania/ Secretaria Especial da Cultura
José Paulo Soares Martins (interino)	22/08/2019	04/09/2019	13	Ministério da Cidadania/ Secretaria Especial da Cultura
Ricardo Braga	04/09/2019	06/11/2019	63	Ministério da Cidadania/ Secretaria Especial da Cultura
	07/11/2019			A Secretaria Especial da Cultura passa a reportar ao Ministério do Turismo
Roberto Rego Pinheiro (Roberto Alvim)	07/11/2019	17/01/2020	71	Ministério do Turismo/ Secretaria Especial da Cultura
Regina Duarte	04/03/2020	10/06/2020	98	Ministério do Turismo/ Secretaria Especial da Cultura
Mário Frias	23/06/2020			Ministério do Turismo/ Secretaria Especial da Cultura

Fonte: Observatório Itaú Cultural.

Dotações e execuções orçamentárias estaduais e do Distrito Federal – função Cultura

Considerando a melhor média de liquidação de despesas entre as unidades de análise dos entes federativos, os estados brasileiros apresentaram despesas liquidadas superiores a 70% da dotação orçamentária no período. No primeiro semestre de 2020, com implicações do período de pandemia, a taxa de liquidação das despesas dos estados é de, aproximadamente, 27,64%.

GRÁFICO 3 | Orçamentos Estaduais 2010–2020 (em bilhões de R\$)

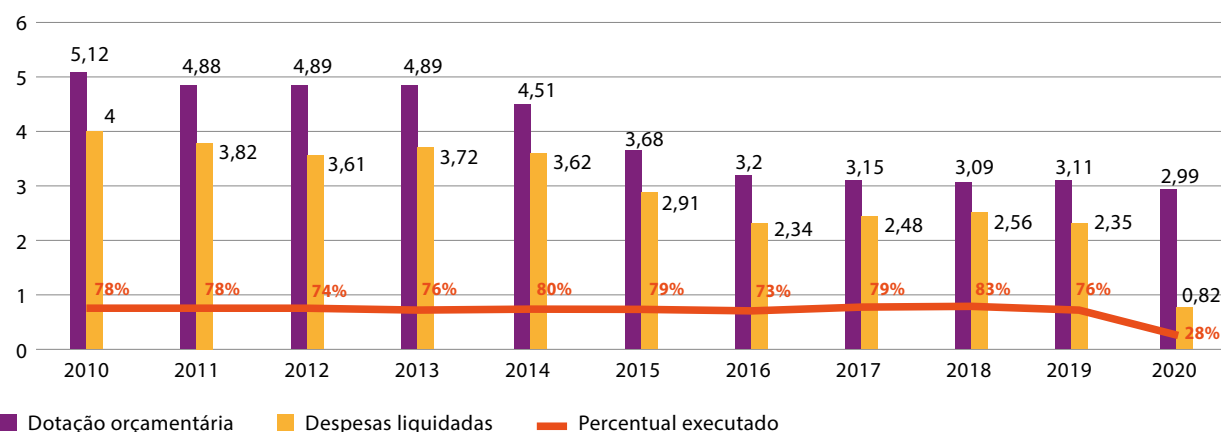


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A dotação orçamentária na esfera estadual sofreu redução significativa ao longo do período analisado: os recursos orçamentários disponíveis em 2020 foram 40% menores do que aqueles de 2010. Se observado o período mais recente, de 2017 a 2020, a variação foi pequena:

TABELA 2

Orçamentos Estaduais 2017–2020 (atualização pelo IPCA)				
Período	2017	2018	2019	2020
Dotação Orçamentária	3.156.844.743,00	3.099.524.568,00	3.119.473.245,00	2.993.027.527,00
Despesas Liquidadas	2.489.261.725,08	2.561.190.540,72	2.355.754.076,95	827.298.540,52
Percentual de Execução	79%	83%	76%	28%

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
O valor das Despesas Liquidadas, em 2020, refere-se ao 1º semestre.

Já a capacidade de execução tem-se mostrado a melhor das três esferas. Ainda assim, aparentemente há uma certa dificuldade: a execução em 2019 foi 7% menor que em 2018, embora a dotação orçamentária em 2019 tenha sido maior do que em 2018.

Acima, consideramos a soma das dotações orçamentárias estaduais. Vale agora analisarmos mais detalhadamente o comportamento dos orçamentos em cada estado e observar que pode haver diferenças significativas entre eles.

Como se lê na Tabela 3, o panorama das execuções orçamentárias estaduais sugere um perfil diverso entre estados e regiões do país, em relação ao tamanho do orçamento previsto. Contudo, é comum reconhecer percentuais de execução superiores a 60% com casos isolados de execução abaixo de 40%. Isso instiga a conhecer as especificidades daqueles que têm possibilidade de otimizar suas entregas no contexto da cultura, ampliando as oportunidades de execução daquilo que se prevê com as dotações orçamentárias aprovadas.

Um cenário atípico é reconhecido em 2019, com um comportamento não identificado em anos anteriores – a ocorrência de percentuais de execução orçamentária superiores a 100% –, traduzindo execuções maiores que as dotações orçamentárias do período. Vale lembrar que 2019 foi ano de mudança de gestão em alguns estados, após eleições, referindo-se ao primeiro ano de gestão em alguns deles.

No Gráfico 4, é possível observar tais ocorrências em diversas regiões do país. Mas pode-se ver também um padrão médio de execução orçamentária em diferentes estados e regiões próximo à média nacional (representada no elemento mais à direita do gráfico e na última linha da Tabela 3). Nota-se também um padrão de constância e consistência na execução orçamentária em alguns estados – com médias acima de 77% e sem exceder suas previsões orçamentárias, como Acre, Amazonas e São Paulo – ao longo da última década.

GRÁFICO 4 | Estados e Distrito Federal – % Despesas Liquidadas 2010–2019

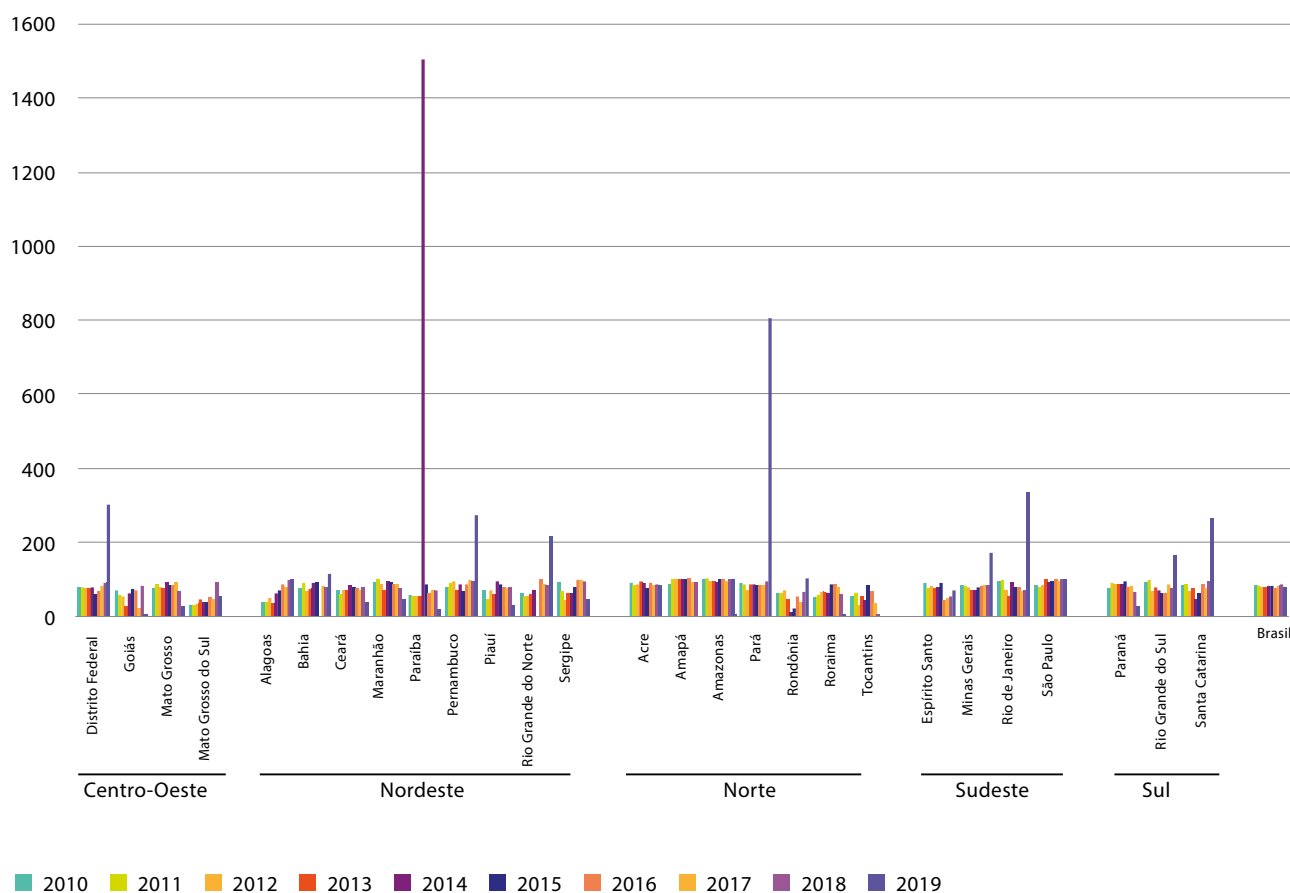


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

*O estado da Paraíba apresenta resultado atípico com valor que impedia a visualização das outras unidades de análise no gráfico. Para que a visualização fosse possível, atribui-se um valor como recurso ilustrativo. O valor exato referente ao resultado deve ser visto na Tabela 3.

Em um cenário complexo e diverso, vale observar como os estados se distribuem em relação aos padrões de similaridade na liquidação das despesas. Utilizando a técnica de análise multivariada, aplicando análise de cluster, pelo método de Ward,²⁹ é possível observar, na Figura 1, como os estados foram agrupados em razão do percentual de despesas liquidadas entre 2010 e 2019.

Pode-se notar que os agrupamentos não restringem os conjuntos a estados da mesma região, o que evidencia que alguns padrões gerenciais dos recursos dedicados à cultura fogem de lógicas restritas a aspectos regionais.

²⁹ Ver notas 20, 21 e 22, na página 8.

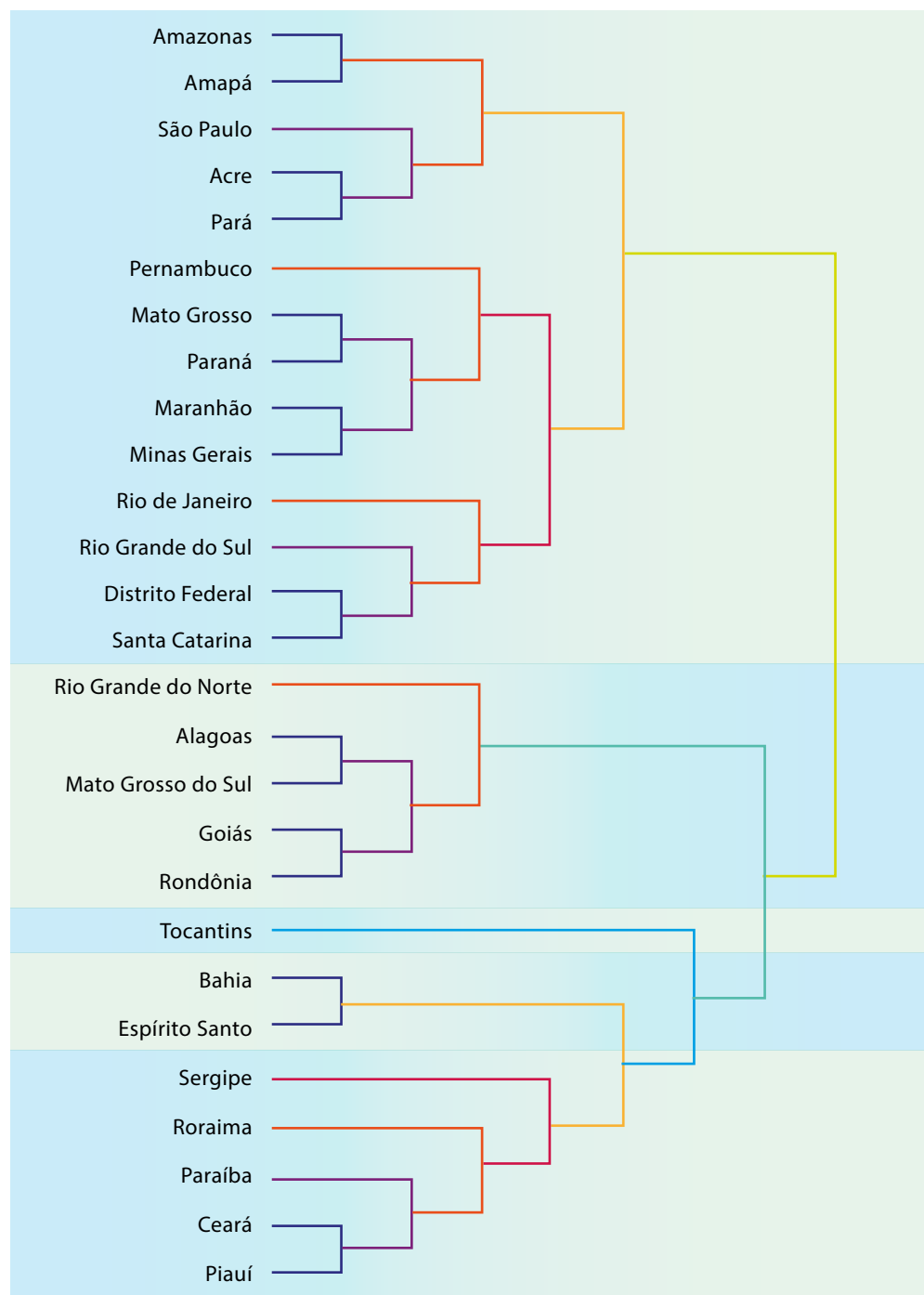
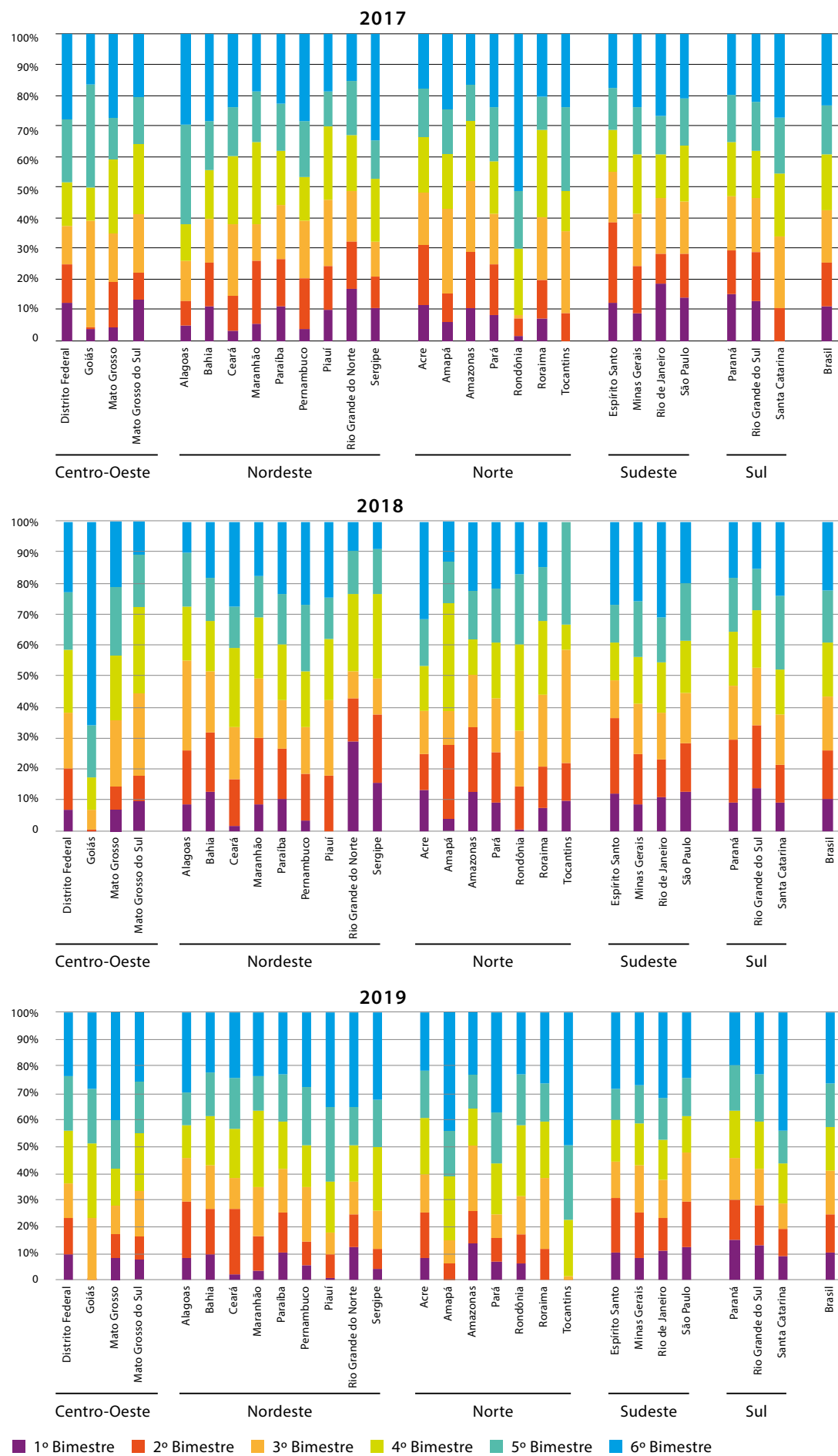
FIGURA 1 | Dendrograma de Cluster – Estados e Distrito Federal – Despesas Liquidadas 2010–2019


Figura construída a partir dos dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Dessa forma, vale reconhecer que pode existir uma gama de fatores não imaginados que aproximam experiências gerenciais e podem enriquecer o ambiente da gestão pública da cultura. Trocas sobre boas práticas e dinâmicas organizacionais que podem favorecer melhorias para todos.

Analisando a distribuição percentual da execução orçamentária por bimestres, apresentada no Quadro 2, o comportamento diverso percebido na Tabela 3 também pode ser reconhecido no detalhamento da execução nos anos. Mas um comportamento comum se destaca: em média, 88% dos orçamentos foram executados no segundo semestre, entre 2017 e 2019.

QUADRO 2 | Estados e Distrito Federal – Distribuição da Liquidação de Despesas por Bimestre 2017–2019 (%)



Gráficos, do Quadro 2, construídos a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A partir do Quadro 2, avalia-se que o perfil da liquidação das despesas dos estados e do Distrito Federal, no segundo semestre, foi em média de 59,69%, em 2017; 56,68%, em 2018; 65,91%, em 2019. Em 2017, 22 estados (incluindo o Distrito Federal) liquidaram mais da metade do orçamento no segundo semestre; em 2018, 26; e, em 2019, 16. Em alguns deles têm comportamento destacado, como Alagoas, Rondônia (respectivamente, 73,80% e 91,47%, em 2017), Goiás (93,07%, em 2018, e 77,25%, em 2019), Amapá, Mato Grosso, Pará, Piauí, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins (respectivamente, 85,38%, 82,25% e 99,14%, em 2019). Para o segundo semestre de 2020, estima-se que a liquidação de despesas seja da ordem de 62,72% aproximadamente.

Quando é analisado o volume do orçamento liquidado anualmente (Tabela 3), entre 2017 e 2019, nota-se que os estados, majoritariamente, liquidaram parcela elevada de seus orçamentos, com quase todos tendo ultrapassado 80% de aplicação dos orçamentos em algum ano no período analisado. Em 2017, 22 estados liquidaram mais da metade do orçamento, como Mato Grosso (86,12%), Sergipe (96,23%), Minas Gerais (80,55%) e Rio Grande do Sul (82,90%). Em 2018, apenas o Tocantins não liquidou mais da metade do orçamento; e, em 2019, 18 estados, incluindo o Distrito Federal (298,93%), Espírito Santo (65,97%), Mato Grosso do Sul (53,10%), entre outros.

Com um olhar mais aproximado para a execução orçamentária no primeiro semestre do período, na Tabela 4, pode-se reconhecer alguns perfis de tendência de variação do percentual do orçamento executado, entre 2017 e 2020: aumento, redução ou ainda manutenção da taxa de liquidação das despesas numa faixa de estabilidade. Observando a última linha da tabela, nota-se a liquidação dentro de uma média de 30%, considerando os valores totais dos estados.

TABELA 4

Estados e Distrito Federal – % Despesas Liquidadas no 1º Semestre					
	Estados	2017	2018	2019	2020
CENTRO-OESTE	Distrito Federal	29,69	33,89	106,67	26,12
	Goiás	7,96	5,60	0,47	14,44
	Mato Grosso	29,99	22,97	6,42	10,39
	Mato Grosso do Sul	18,77	38,77	17,67	21,94
NORDESTE	Alagoas	20,08	53,75	43,06	51,49
	Bahia	30,89	39,20	47,87	38,64
	Ceará	25,80	25,03	13,93	22,57
	Maranhão	31,83	35,99	14,92	23,78
	Paraíba	29,79	28,37	5,90	5,94
	Pernambuco	37,43	31,75	93,32	102,20
	Piauí	33,21	32,54	4,77	1,90
	Rio Grande do Norte	40,89	41,06	78,68	75,90
NORTE	Sergipe	31,25	44,38	11,11	13,61
	Acre	38,90	32,22	31,71	29,59
	Amapá	37,41	33,61	0,66	21,46
	Amazonas	49,05	49,12	48,95	43,36
	Pará	32,95	39,90	194,67	177,54
	Rondônia	3,04	20,34	31,49	6,64
	Roraima	29,90	35,40	1,73	2,08
SUDESTE	Tocantins	11,38	0,21	SI	SI
	Espírito Santo	27,01	24,88	28,96	19,88
	Minas Gerais	33,48	32,73	72,36	45,63
	Rio de Janeiro	28,63	25,95	123,85	100,38
SUL	São Paulo	40,79	42,48	44,69	32,18
	Paraná	37,15	29,24	11,38	9,74
	Rio Grande do Sul	38,53	37,28	67,39	58,86
	Santa Catarina	24,88	34,32	73,72	50,36
	Brasil	33,67	35,73	30,35	27,64

Legenda:

De 0 a 19,99	De 20 a 39,99	De 40 a 59,99	De 60 a 79,99	De 80 a 99,99	Maior ou igual a 100	SI - Sem Informação
--------------	---------------	---------------	---------------	---------------	----------------------	---------------------

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
SI - Sem informação para o período.

Em estados como Alagoas, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, que apresentam tendência de aumento do percentual de execução no primeiro semestre no período, nota-se um acréscimo importante no percentual das despesas liquidadas. Vale acompanhar os resultados desses estados no segundo semestre de 2020, buscando verificar o comportamento da tendência identificada no ano completo. Tendo em vista a adição de recursos ao orçamento com os repasses previstos na Lei Aldir Blanc, vale observar ainda o comportamento das execuções orçamentárias ao longo do período buscando compreender os efeitos do aporte na execução orçamentária em todos estados.

No Gráfico 5, o perfil da execução orçamentária no primeiro semestre de 2020 permite que se visualize que parte (aproximadamente 59%) dos estados teve percentual de execução orçamentária, no período, abaixo da média do conjunto dos estados (representada mais à direita no Gráfico 4 e na última linha da Tabela 4).

GRÁFICO 5 | Estados e Distrito Federal – % Despesas Liquidadas no 1º Semestre 2017–2020

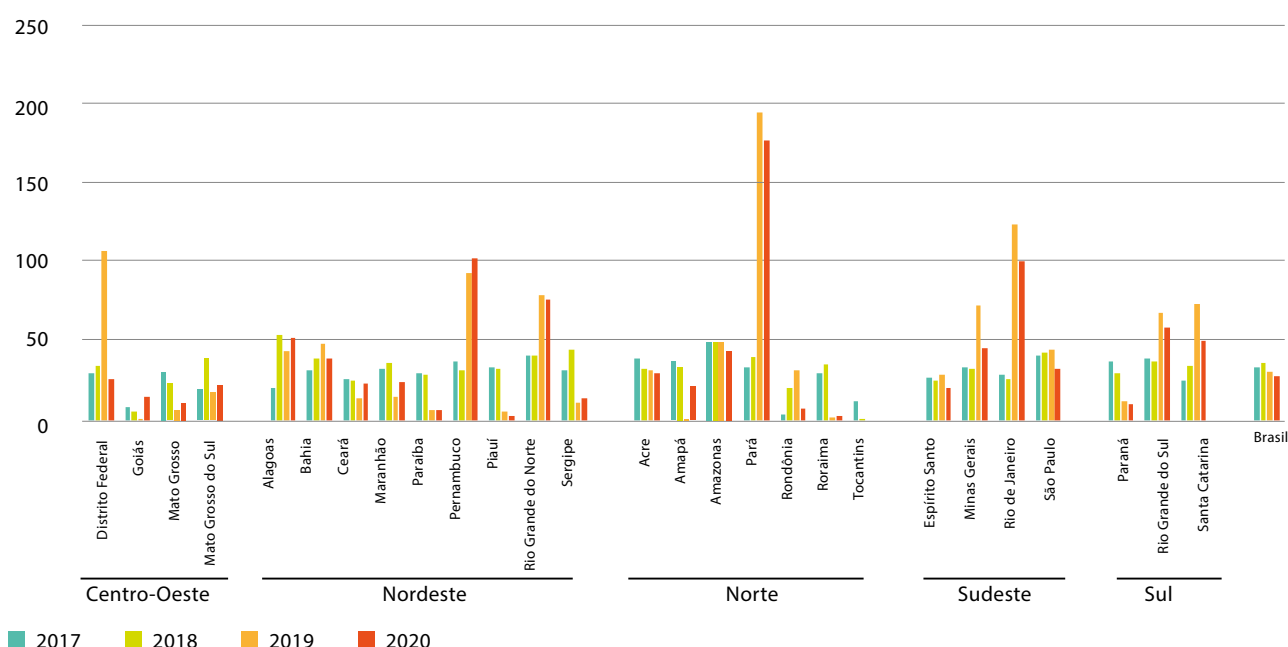


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

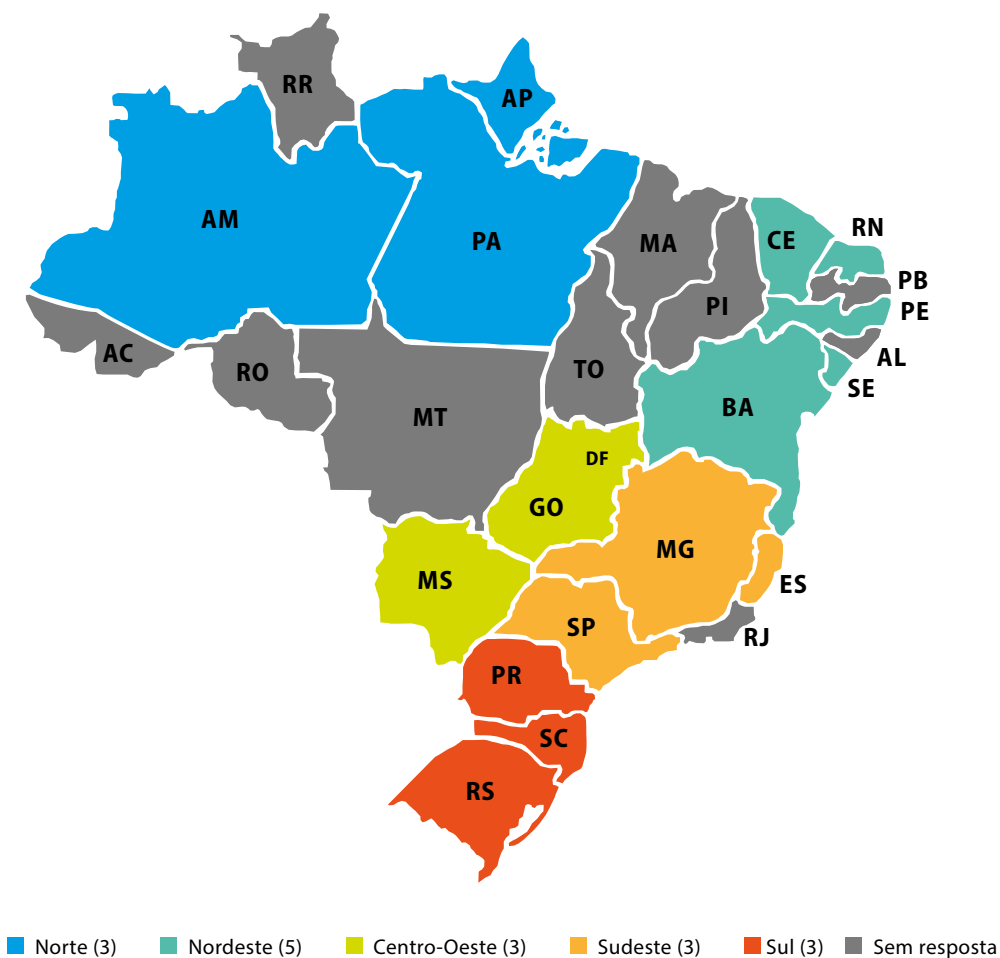
Percebe-se um cenário que sugere a possibilidade de se amenizar os efeitos adversos para a liquidação das despesas em 2020, especialmente para aqueles estados com despesas liquidadas inferiores aos anos anteriores. Isso porque, nos anos recentes, a distribuição da execução orçamentária mostrou ter proporção maior no segundo semestre e, com a aprovação da Lei Aldir Blanc, ao total dos orçamentos estaduais será adicionado 1,5 bilhão de reais.

Redução e remanejamento dos orçamentos estaduais no contexto da pandemia da covid-19

Pesquisa inédita com gestores estaduais, apresentada a seguir, associada às informações sobre a execução orçamentária em 2020, favorece análises sobre readequações orçamentárias em razão dos novos protocolos para o funcionamento e a realização de atividades no período da pandemia e pós-pandemia. Essas informações ajudam a observação de desdobramentos em relação a cortes e contingenciamentos, assim como aumentos e remanejamentos de recursos, tanto em relação ao término do primeiro semestre do ano quanto às perspectivas para o segundo semestre.

A pesquisa feita pelo Observatório do Itaú Cultural junto às secretarias estaduais de Cultura ajuda a entender o impacto da pandemia nos orçamentos e nas políticas culturais da esfera estadual. Ela foi realizada junto aos secretários de Estado da Cultura no período de 29 de julho a 19 de agosto de 2020. Os questionários foram disponibilizados na plataforma Formstack e enviados por e-mail. Tivemos a participação de 16 unidades da federação e do Distrito Federal.

FIGURA 2 | Mapa dos Estados Respondentes



Mapa gerado pela pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

A pesquisa aponta que 50% dos respondentes já sofreram redução do orçamento e outros 11% não, mas têm expectativa de que isso venha a ocorrer nos próximos meses. Uma parcela menor, que representa 33% dos respondentes, informou que não houve alteração e que não têm previsão de redução orçamentária.

A partir dos dados, observa-se que há estados que entendem a importância de assegurar os investimentos no setor cultural, mesmo, e talvez justamente, em razão do contexto de crise, e outros em que o orçamento destinado ao setor cultural não é preservado, realizando cortes dos investimentos públicos.

Entre os estados que já sofreram redução orçamentária (10 entre 17), 5 respondentes informaram ter sofrido reduções de 26% a 50%. Outros 3 informaram ter sofrido reduções: um de até 25%; outro de 51% a 75% e outro acima de 75% do orçamento previsto, respectivamente. Duas secretarias informaram não ter sofrido redução de orçamento, mas têm expectativa de contingenciamento da ordem de 25%. Seis secretarias informaram ainda que não sofreram e não têm expectativa de sofrer redução orçamentária até o fim de 2020.

As secretarias foram indagadas também a respeito da necessidade de remanejamento dos recursos disponíveis para o enfrentamento da crise e o percentual de recursos que precisou ser remanejado. Essa informação indica o possível impacto da crise nas políticas e nos programas vigentes, assim como na manutenção de equipamentos culturais.

A maioria dos respondentes (66%) informou que realizou remanejamento e que ele representa entre 25% e 50% do orçamento previsto. Os demais informaram que houve necessidade de remanejamento, mas que não é possível avaliar o percentual em relação ao orçamento vigente.

Todos os respondentes indicaram ter novas despesas em razão dos novos protocolos exigidos pela crise sanitária. Somente 3 respondentes conseguiram avaliar o impacto que as novas despesas têm sobre o orçamento, sendo que 2 acreditam que tais despesas representam até 25% do orçamento e 1 respondente acredita que elas possam chegar a 75% do orçamento vigente.

Os gráficos a seguir apresentam em detalhes as despesas que se mantiveram, as despesas que foram suprimidas e as novas despesas que se fizeram necessárias no contexto da pandemia:

GRÁFICO 6 | Despesas Mantidas

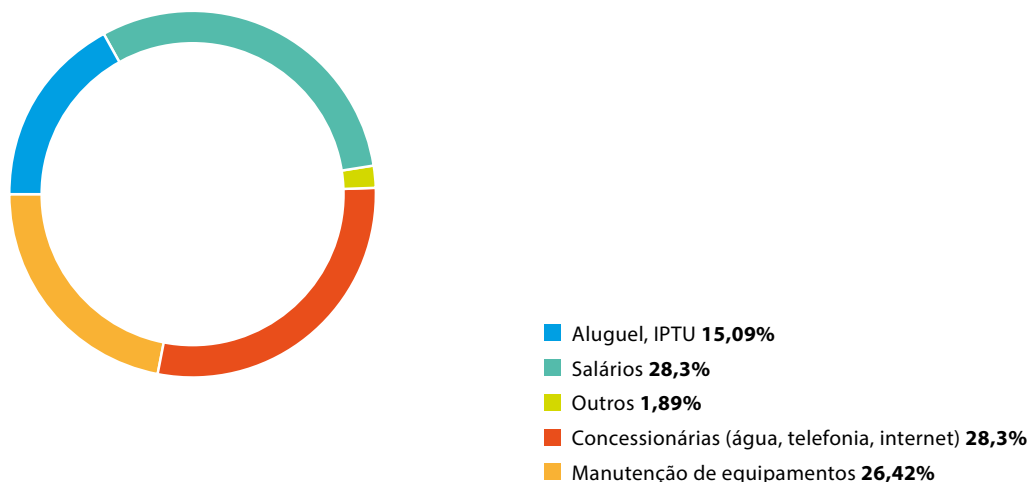


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 7 | Despesas Correntes Surgidas na Crise

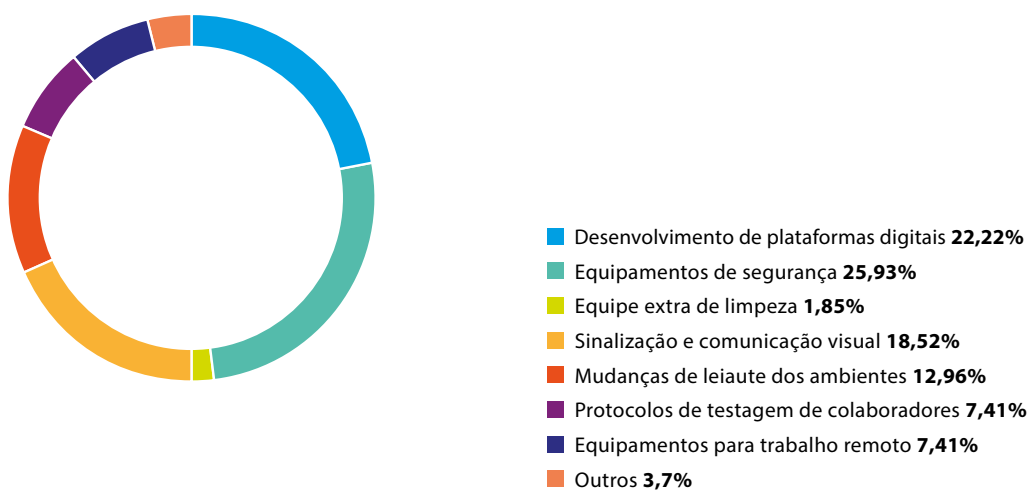


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 8 | Despesas Não Executadas por Causa do Isolamento

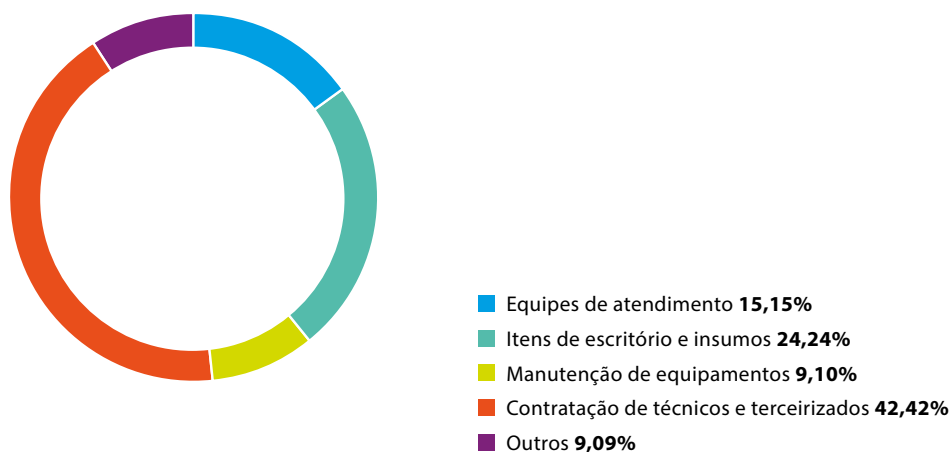


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

Entre as novas despesas destacam-se os investimentos em plataformas digitais e a aquisição de equipamentos de segurança e proteção e despesas de comunicação. Entre as despesas cortadas, estão as equipes terceirizadas, equipe de atendimento e equipe de manutenção de equipamentos (um total de 67% respondentes informaram se concentrar nesses itens os cortes mais importantes). Isso evidencia a vulnerabilidade dos profissionais que prestam serviços para o setor cultural de forma eventual ou terceirizada, e que possivelmente se encontram agora sem renda.

GRÁFICO 9 | Iniciativas Implementadas em Resposta ao Contexto Emergencial

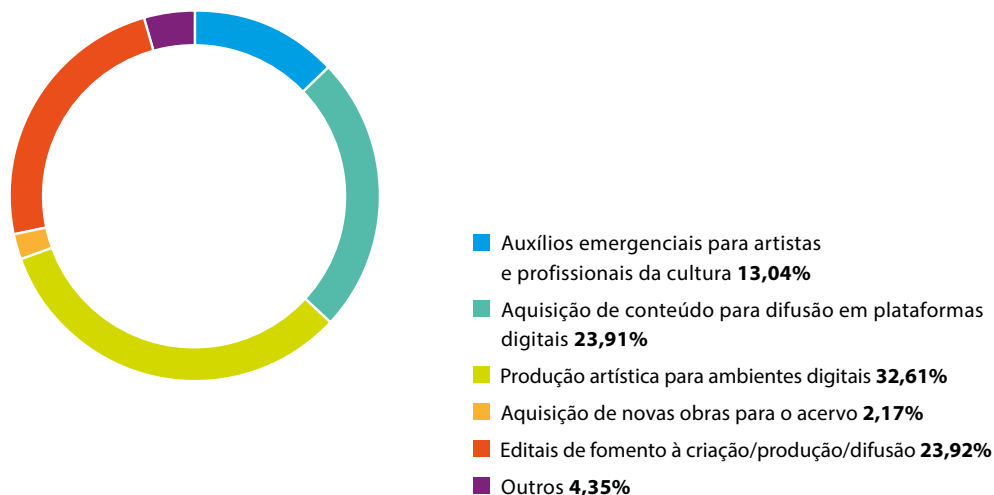


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 10 | Despesas Novas por Conta dos Protocolos de Reabertura

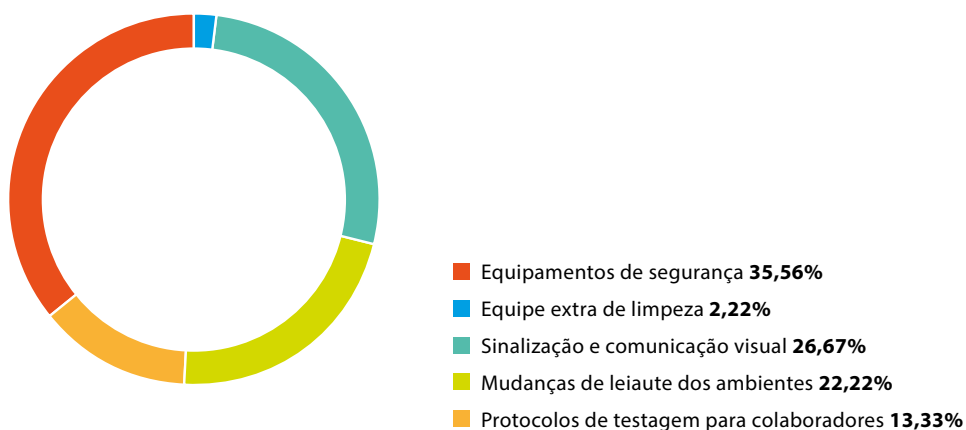


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

Na perspectiva de reabertura de equipamentos culturais, quando autorizados pelas autoridades e atendendo aos protocolos de segurança, as secretarias estaduais de Cultura preveem investimentos em equipamentos de segurança, comunicação e adaptações de leiaute de espaços.

Dotações e execuções orçamentárias de capitais brasileiras – função Cultura

Entre as três esferas, a municipal foi a que teve menor variação da dotação orçamentária ao longo da década em análise, considerados os orçamentos das capitais.

GRÁFICO 11 | Orçamentos Capitais 2010–2020 (em bilhões de R\$)

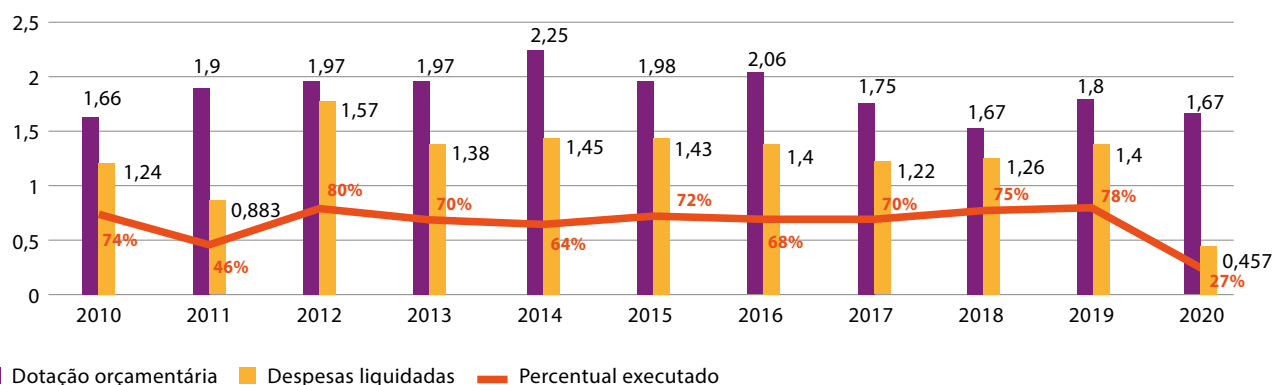


Gráfico construído a partir da pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural.

A capacidade de execução orçamentária também registra alguma estabilidade, sobretudo nos últimos três anos, quando se manteve acima de 70%.

TABELA 5

Orçamentos Municipais (Capitais) 2017–2020				
Período	2017	2018	2019	2020
Dotação Orçamentária	1.758.646.447,00	1.678.534.900,00	1.805.483.958,00	1.672.099.615,00
Despesas Liquidadas	1.224.227.971,00	1.264.222.295,00	1.409.730.262,00	457.797.000,00
Percentual de Execução	70%	75%	78%	27%

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
O valor das Despesas Liquidadas, em 2020, refere-se ao 1º semestre.

O percentual de execução melhorou nos últimos três anos, passando de 70%, em 2017, para 78%, em 2019, ano em que a esfera municipal mais investiu no setor cultural em valores absolutos.

Essas primeiras análises referem-se a variações e médias que têm em conta a soma dos orçamentos das capitais. A seguir, analisaremos em detalhes capital por capital, o que permitirá identificar tendências e também divergências no comportamento orçamentário das capitais.

O panorama da liquidação das despesas nas capitais brasileiras apresenta um perfil consistente de despesas liquidadas superior a 50% em quase todas as capitais entre 2010 e 2019, como se pode verificar na Tabela 6. Nesse período, 38% das capitais, em diferentes regiões do país, liquidaram mais da metade de seus orçamentos no segundo semestre em todos os anos da série analisada. Liquidações de despesas inferiores a 30% são incomuns (apenas 12 ocorrências em toda a série), assim como superiores a 90% (34 ocorrências em toda a série).

Padrão de consistência e constância na liquidação das despesas nas capitais, com médias superiores a 73% das dotações orçamentárias entre 2010 e 2019, é identificado em cidades como Curitiba, Manaus e Recife. No Gráfico 12 é possível reconhecer uma distribuição mais equilibrada da execução orçamentária entre as capitais, sem a presença de grandes variações em relação à média do conjunto. Isso pode ser observado também na comparação dos resultados das capitais com a média do conjunto, apresentada da Tabela 6.

GRÁFICO 12 | Capitais – % Despesas Liquidadas 2010–2019

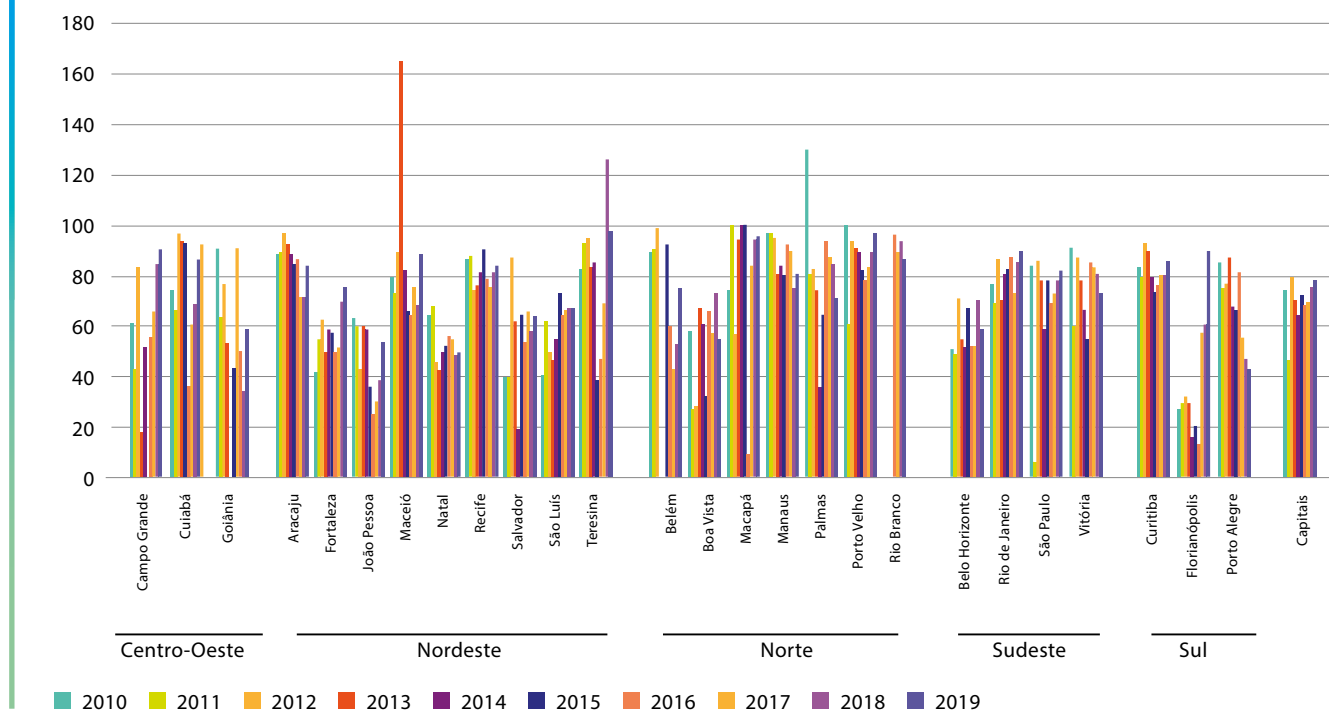


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Ao observar o comportamento das capitais em relação à distribuição dos padrões de similaridade na liquidação das despesas, utilizando análise de cluster, pelo método de Ward, é possível constatar como as capitais foram agrupadas em função do percentual de despesas liquidadas entre 2010 e 2019 (Figura 2). Verifica-se que, assim como se observa com os estados, os agrupamentos não reúnem capitais da mesma região, mas apresentam dois grandes conjuntos. Isso pode sugerir que o padrão de liquidação das despesas entre as capitais encontra mais similaridades entre um grupo maior de entes.

FIGURA 3 | Dendrograma de Cluster – Capitais – Despesas Liquidadas 2010–2019

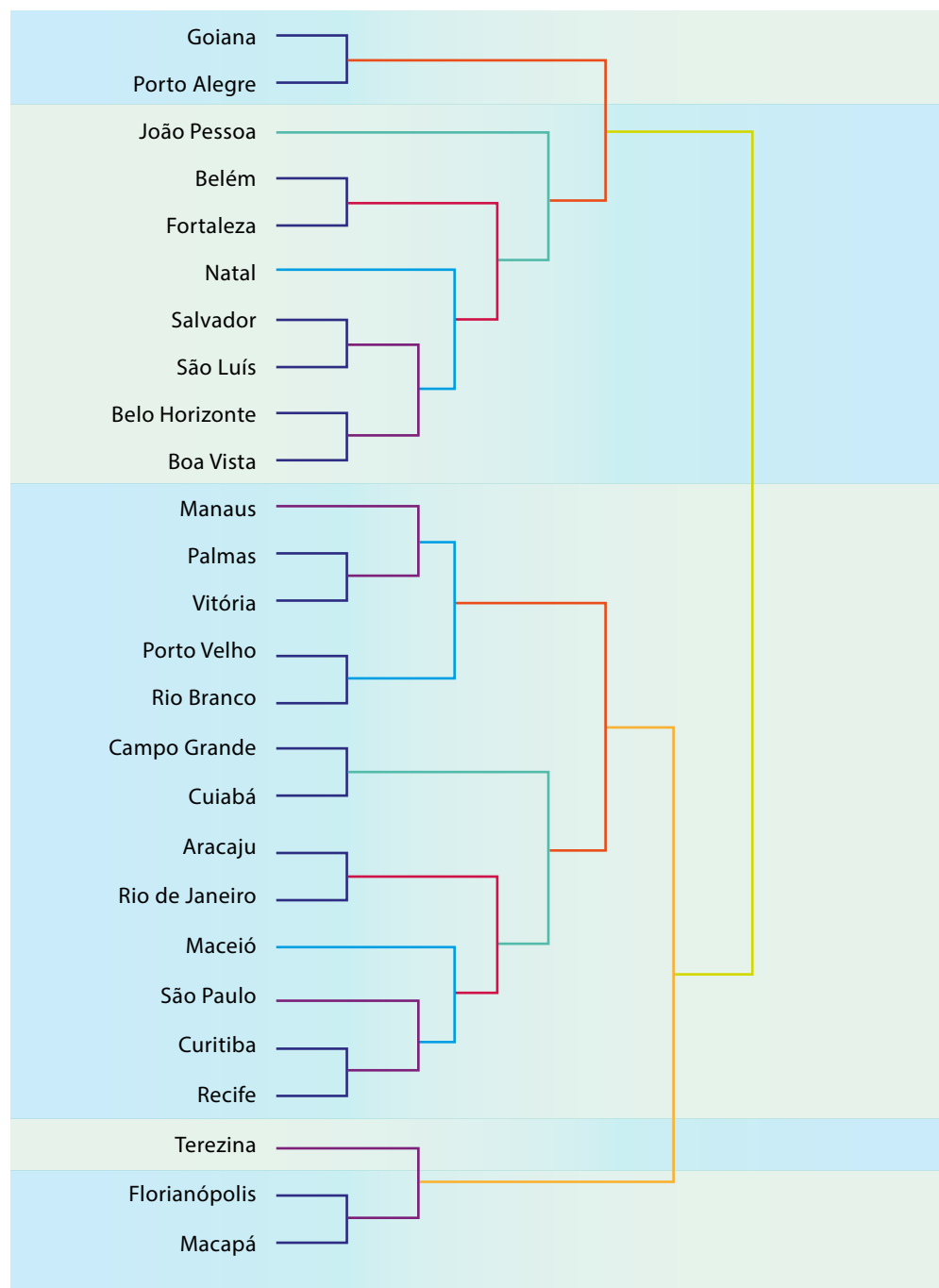
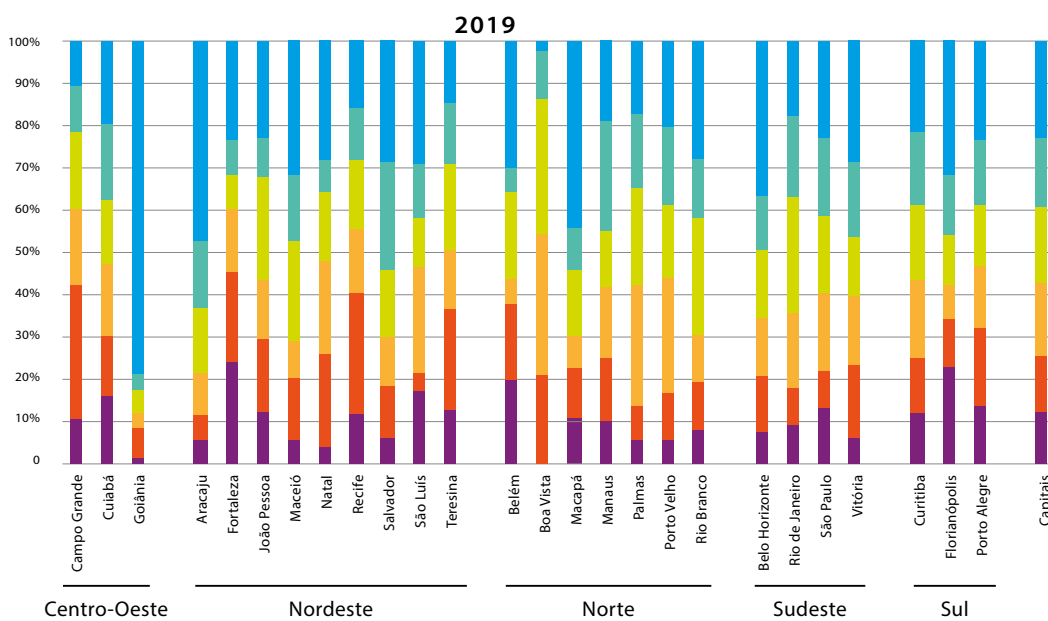
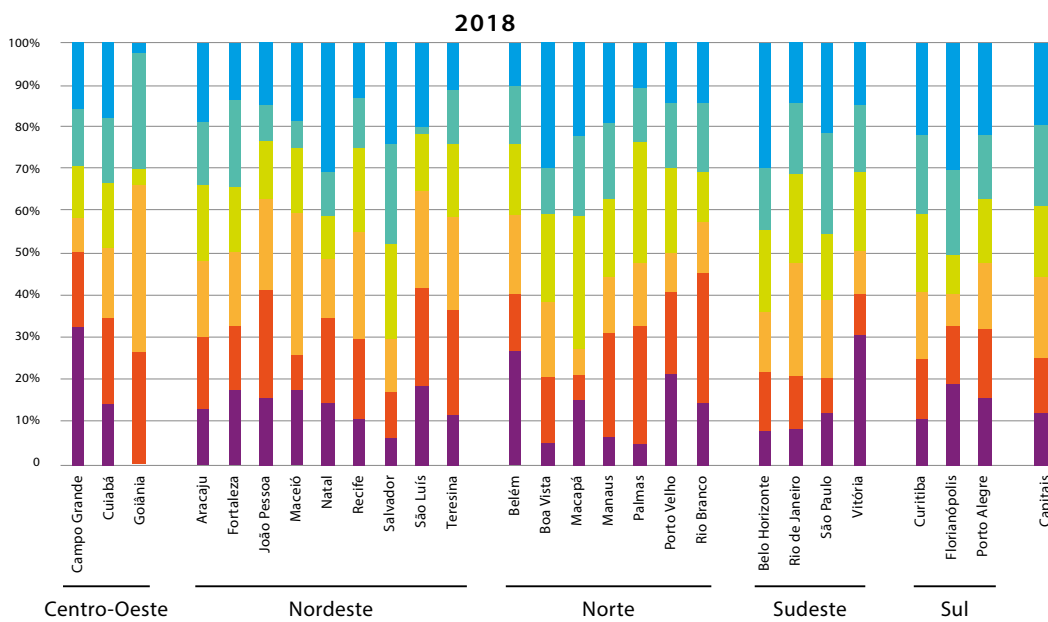
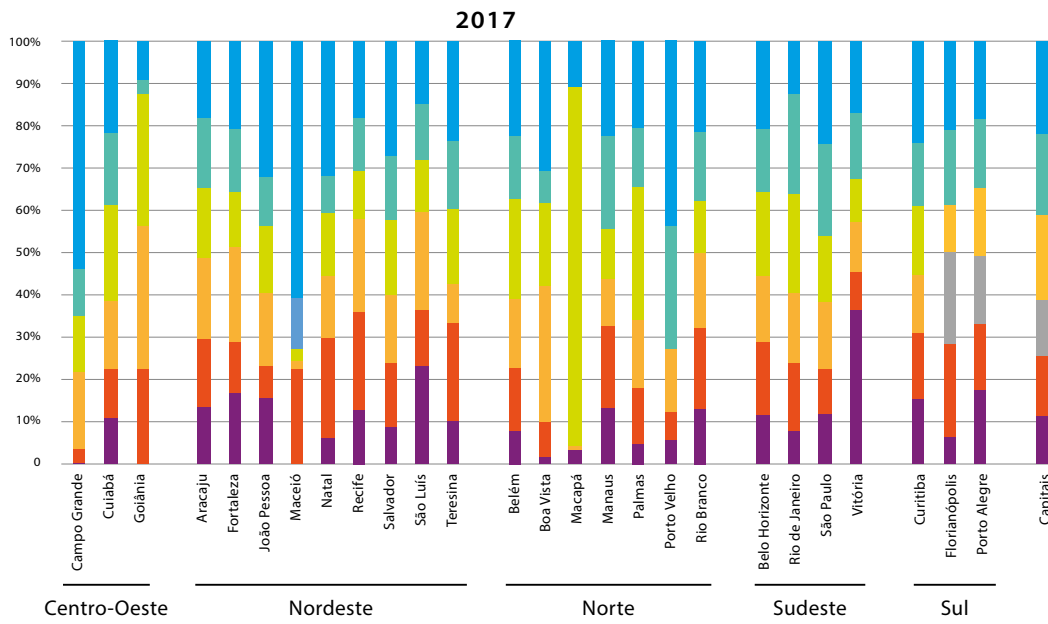


Figura construída a partir dos dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Este resultado suscita curiosidades em relação à conformação dos padrões e suas implicações na aplicação dos recursos no cotidiano da cultura nas capitais do país. Conhecer os fatores que aproximam essas experiências gerenciais pode trazer informações com contribuições sobre boas práticas ou mesmo desafios comuns a serem superados, o que coletivamente pode ser mais fácil.

A partir do Quadro 3, é possível observar que o perfil da liquidação das despesas nas capitais brasileiras, no segundo semestre, foi, em média, de 58,01%, em 2017; 50,56%, em 2018; 58,62%, em 2019. Em 2017, 20 capitais liquidaram mais da metade do orçamento no segundo semestre; em 2018, 14; e, em 2019, 21. E algumas capitais se destacam, como Campo Grande (78,02%, em 2017), Macapá (95,63%, em 2017; e 72,27%, em 2018), Aracaju e Goiânia (respectivamente, 78,50% e 87,84%, em 2019).



1º Bimestre 2º Bimestre 3º Bimestre 4º Bimestre 5º Bimestre 6º Bimestre

Gráficos construídos a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando se analisa o volume do orçamento liquidado anualmente (Tabela 6), entre 2017 e 2019, nota-se que aproximadamente metade das capitais liquidaram parcela elevada de seus orçamentos, com quase todas tendo ultrapassado 70% de destinação dos orçamentos em algum dos anos no período analisado. Em 2017, 12 capitais tiveram liquidação de despesa de mais da metade da dotação orçamentária, como Curitiba (80,12%), Manaus (89,60%), Recife (75,54%) e Vitória (83,28%). Em 2018, 16 capitais tiveram mais da metade da liquidação de despesas, entre elas Cuiabá (86,02%), Rio Branco (93,59%), Rio de Janeiro (84,94%) e Teresina (126,11%). Em 2019, 18 capitais tiveram esse mesmo padrão de liquidação de despesas, caso de Aracaju (83,97%), Campo Grande (90,22%), Florianópolis (89,74%), Porto Velho (96,96%) e São Paulo (81,80%), entre outras.

Observando o primeiro semestre de 2017 a 2020, na Tabela 7, é possível reconhecer perfis de tendência de variação do percentual de execução dos orçamentos nas capitais brasileiras no primeiro semestre: aumento, redução (comum, sendo uma tendência leve, mais frequente em 2020) e estabilidade (com verificação de aumento ou redução pontuais).

A execução orçamentária de 2020, até o término do primeiro semestre, sinaliza uma diversidade maior entre os perfis de execução em relação ao percebido na Tabela 6, ao se observar os anos completos nas capitais.

TABELA 7

Capitais – % Despesas Liquidadas no 1º Semestre					
Região	Capital	2017	2018	2019	2020
CENTRO-OESTE	Campo Grande	14,50	49,32	54,39	15,43
	Cuiabá	26,46	44,01	43,59	30,00
	Goiânia	28,48	22,30	7,12	2,23
NORDESTE	Aracaju	34,91	34,45	18,06	18,32
	Fortaleza	26,47	35,13	45,62	31,40
	João Pessoa	12,15	24,30	23,25	22,39
	Maceió	18,57	40,83	25,83	44,98
	Natal	24,45	23,63	23,80	30,30
	Recife	44,20	45,23	46,57	57,97
	Salvador	26,35	17,41	19,10	20,93
	São Luís	39,45	43,45	31,28	27,01
	Teresina	29,35	74,46	49,48	32,58
NORTE	Belém	16,82	31,40	32,50	23,68
	Boa Vista	24,17	28,34	29,77	16,91
	Macapá	3,68	26,21	29,13	25,01
	Manaus	39,18	33,44	33,65	30,52
	Palmas	29,91	40,53	30,05	50,71
	Porto Velho	22,49	44,45	42,66	SI
	Rio Branco	44,00	53,75	26,36	34,96
SUDESTE	Belo Horizonte	23,16	25,45	20,27	16,10
	Rio de Janeiro	29,69	40,80	32,11	20,10
	São Paulo	27,87	30,64	33,19	24,04
	Vitória	47,75	41,13	28,95	25,23
SUL	Curitiba	35,80	32,83	37,64	38,27
	Florianópolis	28,64	24,37	37,97	20,43
	Porto Alegre	27,47	22,61	20,22	19,61
	Total Capitais	29,46	33,47	33,43	27,38

Legenda:

De 0 a 19,99	De 20 a 39,99	De 40 a 59,99	De 60 a 79,99	SI - Sem Informação
--------------	---------------	---------------	---------------	---------------------

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Tendência de aumento constante e consistente no percentual de execução orçamentária no primeiro semestre de entre 2017 e 2020 é reconhecida apenas em Recife. Com os maiores percentuais de execução orçamentária, em 2020, Maceió, Natal, Palmas e Recife apresentam aumento do percentual em relação a 2019.

No Gráfico 13, o perfil da execução orçamentária no primeiro semestre de 2017 a 2020 permite o reconhecimento de uma diversidade e variabilidade maior no perfil de execução orçamentária no primeiro semestre em relação aos anos completos, representados no Gráfico 12. É possível ver a representação de momentos com percentuais abaixo da média das capitais (apresentada, no gráfico abaixo, no conjunto de barras Capitais) em algumas delas, assim como a dispersão territorial da variabilidade e percentual de execução pontual acima da média, em diferentes capitais.

GRÁFICO 13 | Capitais e Distrito Federal – % Despesas Liquidadas no 1º Semestre 2017–2020

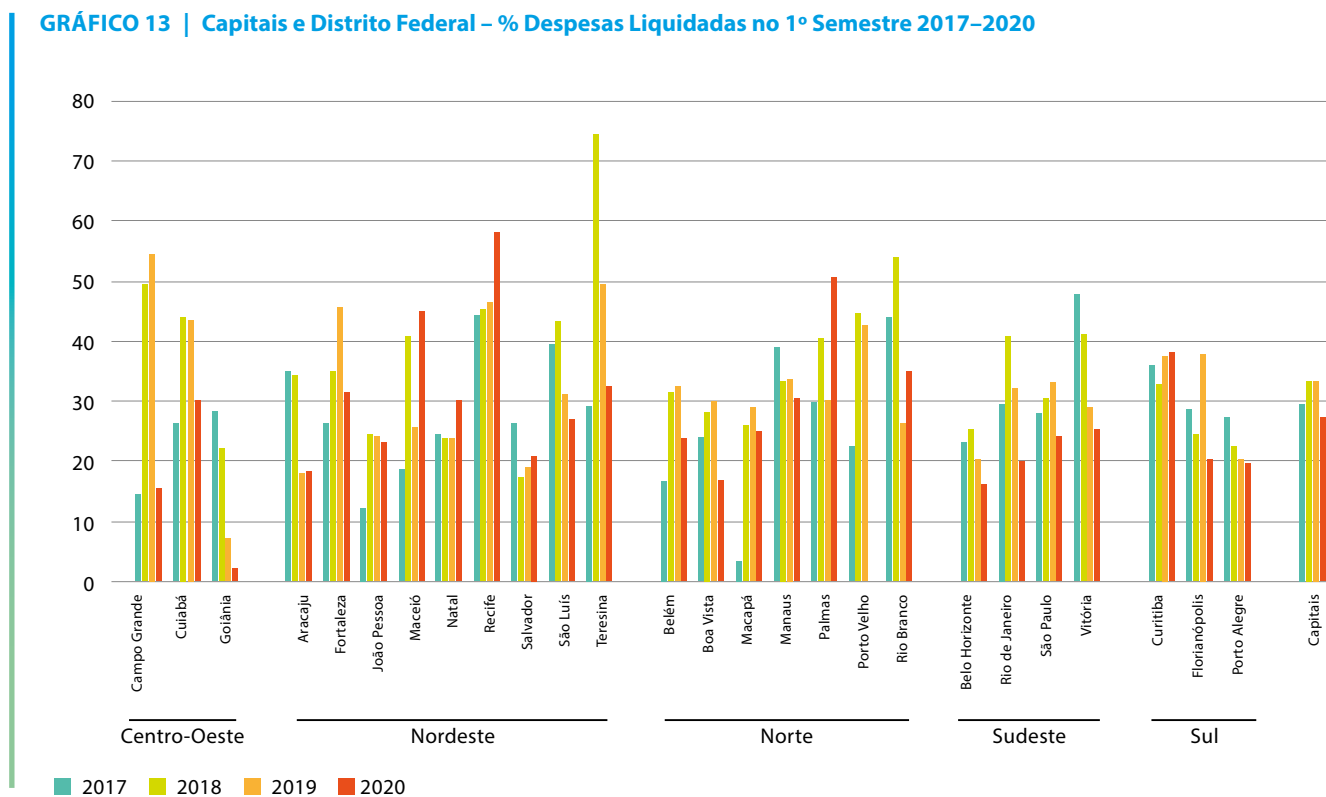


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O cenário da execução orçamentária nas capitais brasileiras no período, assim como se pode notar nos estados, tem capacidade de aumentar, de acordo com os padrões observados nas tabelas 7 e 4, respectivamente. Com isso, pode-se buscar amenizar os reflexos identificados para aquelas capitais que têm, até o momento, execução abaixo da realizada em períodos anteriores, considerando, historicamente, tendência à execução de maior proporção do orçamento no segundo semestre. Essa possibilidade é reiterada, especialmente, com o recebimento e à execução do repasse dos recursos previstos pela Lei Aldir Blanc a serem adicionados aos orçamentos das capitais brasileiras com total previsto de, aproximadamente, 300 milhões de reais distribuídos entre elas.

Execução Orçamentária da Cultura 1º Semestre 2017–2020

Análises bimestrais: federal, estadual e capitais

A seguir apresentaremos a evolução da execução orçamentária no plano federal, estadual e municipal (capitais), de 2017 a 2020, nos primeiros bimestres de cada ano. O objetivo aqui é identificar se haveria uma certa constância nos dispêndios por período e uma tendência de distribuição orçamentária por bimestre. Também se busca identificar o comportamento dos gastos públicos uma vez instaurada a crise desencadeada pelo novo coronavírus.

TABELA 8

Despesas Liquidadas – esfera federal				
Período	2017	2018	2019	2020
1º bimestre	115.996.346,65	96.777.475,56	80.532.169,06	66.075.979,03
2º bimestre	153.082.238,32	143.251.275,36	102.803.279,91	100.587.599,82
3º bimestre	169.544.391,34	163.347.595,06	129.881.907,67	86.419.942,81

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA.

A análise comparativa da execução do orçamento federal por bimestre, de 2017 a 2020, permite observar que o primeiro semestre do ano registra menor execução do que os bimestres seguintes, e que tem havido, de 2017 a 2020, uma queda da execução por bimestre ano a ano.

Em relação a 2020, não é possível identificar a mesma tendência ou racionalidade dos dispêndios dos anos anteriores. Chama atenção a queda significativa do valor executado no primeiro e terceiro bimestres de 2020, em relação a 2019: no primeiro bimestre houve uma queda de 18% e no terceiro – quando a crise desencadeada pela pandemia já estava instaurada e o setor cultural encontrava-se em situação emergencial, demandando respostas e investimentos públicos – a queda foi de 33% em relação a 2019.

Tais dados dão notícia do contexto de grave crise institucional e política na esfera federal e confirmam a incapacidade de ação e falta de resposta do governo federal às demandas do setor, e que motivaram o movimento que culminou com a promulgação da Lei Aldir Blanc, tema que iremos retomar a seguir.

TABELA 9

Despesas Liquidadas – esfera estadual				
Período	2017	2018	2019	2020
1º bimestre	275.000.173,86	262.820.813,07	225.445.147,57	256.646.996,09
2º bimestre	357.514.271,36	408.766.762,92	343.703.282,92	310.992.296,17
3º bimestre	430.352.353,93	436.000.408,72	377.645.109,76	259.659.248,26

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA.

TABELA 10

Despesas Liquidadas – esfera municipal				
Período	2017	2018	2019	2020
1º bimestre	143.893.444,14	157.305.054,65	177.682.501,74	123.774.400,11
2º bimestre	167.424.297,86	159.924.874,74	182.355.418,34	205.560.964,38
3º bimestre	206.776.259,61	244.567.584,33	243.486.092,31	128.461.635,37

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA.

Em relação às esferas estadual e municipal, a análise da execução orçamentária por bimestre no período de 2017 a 2020 registra alguma variação de ano a ano, ora positiva, ora negativa, não muito significativa. Por outro lado, o que se pode observar é que há uma tendência de aumento dos dispêndios do primeiro ao terceiro semestre, tendência essa que não se manteve em 2020. Neste ano, ainda é difícil identificar uma racionalidade dos dispêndios, tanto na esfera estadual quanto na municipal. Cabe apenas apontar que foi no segundo bimestre que ambas as esferas fizeram os aportes mais significativos, já num contexto de crise deflagrada pela pandemia, e que, contrariamente aos anos anteriores, quando os dispêndios tendiam a aumentar a cada bimestre, no terceiro bimestre de 2020 tanto a esfera estadual quanto a municipal tiveram investimentos de menor valor, em comparação ao bimestre anterior e aos anos anteriores, o que diz algo sobre a dificuldade de uma resposta rápida ao contexto emergencial desencadeado pela pandemia, embora muitos sejam os exemplos de medidas e ações adotadas por estados e municípios individualmente em favor do setor cultural.

Lei Aldir Blanc

Frente à inércia da Secretaria Especial de Cultura, evidenciada pela análise da execução orçamentária da União, acima apresentada, o setor cultural, dirigentes estaduais e municipais de Cultura e representantes do Poder Legislativo se associaram numa grande mobilização que culminou com a promulgação da Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017, de 2020), que prevê um leque de medidas emergenciais para o enfrentamento do avassalador impacto da pandemia no setor cultural e destina recursos federais da ordem de 3 bilhões de reais, em grande parte oriundos do Fundo Nacional de Cultura, para estados e municípios, responsáveis pela implementação das ações. A legislação estabelece que metade dos 3 bilhões de reais seja repartida entre os estados e o DF e seja distribuída entre eles pelo seguinte critério: 80% de acordo com o tamanho da população e 20% pelos índices de rateio do Fundo de Participação dos Estados (FPE). A outra metade deve ser dividida entre os municípios e o DF, e a partilha segue regra semelhante: 80% segundo o tamanho da população e 20% segundo o Fundo de Participação dos Municípios (FPM). A lei estabeleceu quatro formas de aplicação do dinheiro: renda emergencial para trabalhadores da cultura, subsídio para manutenção de espaços culturais, fomento a projetos e linhas de crédito. Além do repasse de recursos, a lei também versa sobre prorrogação de prazos para realização e prestação de contas de projetos culturais já aprovados, moratória de débitos tributários, vedação do corte de energia, água e serviços de telecomunicações. Trata-se de uma grande conquista do setor cultural. Contudo, devemos atentar para o grande desafio que representa a implementação da lei, ou seja, o repasse de recursos e a sua transformação em políticas públicas efetivas em prol do setor cultural. O prazo para a utilização dos recursos é restrito, o volume de recursos é alto, em muitos casos

superior à dotação orçamentária anual de estados e municípios, e a capacidade de gestão e execução desses é desigual. O risco de que parte desses recursos não seja utilizada e retorne aos cofres públicos da União é considerável. O Decreto nº 10.464 de 17 de agosto de 2020, que regulamentou a Lei nº 14.017/2020, estabeleceu o prazo de 60 dias para os municípios e 120 dias para os estados e o Distrito Federal publicarem a programação ou destinação dos recursos. Os recursos não destinados ou que não tenham sido objeto de programação publicada no prazo de 60 dias após a descentralização aos municípios serão objeto de reversão ao fundo estadual de cultura do estado onde o município se localiza ou, na falta deste, ao órgão ou à entidade estadual responsável pela gestão desses recursos. Os recursos não destinados ou que não tenham sido objeto de programação publicada no prazo de 120 dias após a descentralização aos estados serão restituídos no prazo de dez dias à União.³⁰

O tema enseja acompanhamento e participação de todos os envolvidos nesse processo, de forma a que se encontrem soluções e caminhos para o desafio que se apresenta.

1.2. A Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) e seu impacto nos orçamentos estaduais e municipais

Nas tabelas 11 e 12 são apresentados os valores dos repasses previstos a estados e capitais brasileiros, a partir dos mecanismos da Lei nº 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc), em análise perspectiva com as dotações orçamentárias de 2017 a 2020 e despesas liquidadas no primeiro semestre de 2020. A soma dos repasses previstos apresentada nos quadros abaixo totaliza, aproximadamente, 1,8 bilhão de reais, sendo 1,5 bilhão para os estados e cerca de 300 milhões para as capitais. Isso porque, do repasse de 3 bilhões de reais, 1,5 bilhão de reais são destinados a todos os 5.570 municípios brasileiros.³¹

Em relação à dotação orçamentária para 2020, o valor do repasse previsto na Lei Aldir Blanc a estados e capitais e a soma dessas parcelas são apresentados nas primeiras colunas, da Tabela 11, consecutivamente. Com a soma do valor das parcelas, busca-se uma estimativa dos recursos passíveis de liquidação no ano de 2020, a partir das informações mais atualizadas até a data da publicação deste relatório. Nos dois últimos pares de colunas dessa tabela são apresentadas propostas de mensuração em relação ao tamanho do repasse previsto pela lei em relação às dotações para o ano e em relação às despesas liquidadas no primeiro semestre.

³⁰ <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.464-de-17-de-agosto-de-2020-272747985>

³¹ Ver documentos publicados pela Confederação Nacional dos Municípios com a distribuição dos recursos a todos os estados e municípios em: https://www.cnm.org.br/cms/images/stories/Links/05062020_Lei_Aldir_Blanc_ESTADOS.pdf e https://www.cnm.org.br/cms/images/stories/Links/05062020_Lei_Aldir_Blanc_Munic%C3%ADpios.pdf

TABELA 11

Impacto da Lei Aldir Blanc nos Orçamentos da Cultura – Capitais, Estados e Distrito Federal (em bilhões de R\$, atualização pelo IPCA)

Unidades de Análise		Previsto 2020		Repasso Lei Aldir Blanc		Orçamento Executado 2020 + Repasse Aldir Blanc		Equivalência Repasse Aldir Blanc / Orçamento Previsto para 2020		Equivalência Repasse Aldir Blanc / Orçamento Executado 2020	
Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais
Distrito Federal	Brasília	190.358.549,00	-	19.285.499,97	-	69.012.975,78	-	10,13	-	38,78	-
Goiás	Goiânia	112.481.213,00	8.904.000,00	48.598.793,68	9.739.729,63	64.845.328,46	9.938.149,27	43,21	109,39	299,13	4.908,65
Mato Grosso	Cuiabá	133.972.849,72	22.699.102,14	26.820.345,94	3.910.083,35	40.738.265,87	10.720.090,82	20,02	17,23	192,70	57,42
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	76.064.313,05	34.751.250,00	19.861.908,44	5.579.895,76	36.549.921,96	10.940.947,07	26,11	16,06	119,02	104,08
Alagoas	Maceió	14.995.057,00	3.962.551,00	31.534.084,58	7.107.745,08	39.254.494,37	8.890.038,82	210,30	179,37	408,45	398,80
Bahia	Salvador	179.424.351,00	17.597.000,00	113.142.483,77	18.721.509,79	182.465.795,48	22.404.335,59	63,06	106,39	163,21	508,35
Ceará	Fortaleza	161.126.947,37	182.627.270,00	74.147.959,20	17.820.569,28	110.507.057,60	75.168.890,95	46,02	9,76	203,93	31,07
Maranhão	São Luís	134.690.240,90	68.958.893,88	62.242.761,34	7.903.827,56	94.269.852,11	26.531.570,12	46,21	11,46	194,34	42,43
Paraíba	João Pessoa	91.778.341,00	11.194.010,00	37.307.166,44	5.651.121,89	42.761.024,23	8.157.771,81	40,65	50,48	684,05	225,45
Pernambuco	Recife	25.069.277,00	130.516.976,66	75.272.594,74	10.858.493,87	100.892.288,25	86.515.035,03	300,26	8,32	293,81	14,35
Piauí	Teresina	99.220.760,00	7.596.000,00	31.651.850,78	6.550.514,13	33.540.150,70	9.025.470,94	31,90	86,24	1.676,21	264,67
Rio Grande do Norte	Natal	10.609.881,00	42.314.226,40	32.552.215,46	5.976.700,26	40.605.328,38	18.796.420,07	306,81	14,12	404,22	46,62
Sergipe	Aracaju	47.999.935,00	3.309.500,00	25.589.715,76	4.680.079,62	32.122.801,84	5.286.366,92	53,31	141,41	391,69	771,92
Acre	Rio Branco	16.053.374,95	5.104.264,94	15.298.181,88	3.254.515,71	20.047.970,36	5.038.756,12	95,30	63,76	322,08	182,40
Amapá	Macapá	14.208.000,00	4.566.738,00	15.064.484,42	3.699.422,98	18.113.961,31	4.841.621,01	106,03	81,01	494,00	323,89
Amazonas	Manaus	107.336.545,23	46.342.686,80	32.021.165,58	14.087.732,46	78.566.020,86	28.229.395,67	29,83	30,40	68,80	99,62
Pará	Belém	23.266.103,49	18.726.234,79	67.641.674,13	9.915.993,44	108.947.712,82	14.350.524,37	290,73	52,95	163,76	223,61
Rondônia	Porto Velho	15.022.184,00	SI	18.390.555,58	3.543.021,28	19.387.670,27	3.543.021,28	122,42	SI	1.844,38	SI
Roraima	Boa Vista	60.714.563,48	8.628.045,00	10.900.537,20	3.569.526,90	12.165.382,26	5.028.192,86	17,95	41,37	861,81	244,71
Tocantins	Palmas	SI	6.951.927,01	21.999.875,37	2.430.369,60	27.587.658,68	5.956.009,82	SI	34,96	393,71	68,93
Espírito Santo	Vitória	48.007.345,41	15.358.841,00	27.443.452,38	2.686.654,87	36.988.317,42	6.562.291,27	57,17	17,49	287,52	69,32
Minas Gerais	Belo Horizonte	70.852.900,00	116.220.987,08	134.221.287,61	15.890.407,03	166.548.221,69	34.596.495,94	189,44	13,67	415,20	84,95
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	37.730.000,00	141.881.268,25	103.152.867,83	39.392.112,99	141.027.937,27	67.905.146,59	273,40	27,76	272,35	138,15
São Paulo	São Paulo	879.803.642,00	646.795.295,03	265.163.043,29	70.853.011,49	548.251.458,51	226.366.541,46	30,14	10,95	93,67	45,56
Paraná	Curitiba	381.215.376,00	63.101.629,07	73.930.742,95	11.965.599,89	111.070.585,82	36.114.841,55	19,39	18,96	199,06	49,55
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	41.577.845,33	48.069.384,46	72.019.830,60	9.284.113,53	96.490.968,31	18.709.587,96	173,22	19,31	294,31	98,50
Santa Catarina	Florianópolis	19.447.932,00	15.921.533,00	44.744.921,07	3.273.080,19	54.539.389,93	6.525.319,14	230,08	20,56	456,84	100,64
Brasil	Capitais	2.993.027.526,93	1.672.099.614,51	1.500.000.000,00	298.345.832,58	2.327.298.540,52	756.142.832,44	50,12	17,84	181,31	65,17

Legenda:

Até 49,99	Entre 50 e 99,99	Entre 100 e 199,99	Acima de 200	SI - Sem informação para o período.
-----------	------------------	--------------------	--------------	-------------------------------------

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural e da Confederação Nacional de Municípios (CNM).

Em relação à equivalência do repasse da Lei Aldir Blanc e às dotações orçamentárias, nota-se que, aproximadamente, 37% dos estados receberão repasse maior que sua dotação orçamentária para 2020 – com metade deles podendo somar mais que o dobro de seu orçamento –, como Alagoas, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Em relação às capitais, o cenário é um pouco diferente: cerca de 15% delas têm previsão de adicionar um valor igual ou um pouco maior que sua dotação orçamentária para 2020, como Aracaju, Goiânia, Maceió e Salvador. Essa diferença entre as proporções se deve à diferença dos valores de repasses previstos para estados e capitais, sendo previstos, aos estados, repasses de valores mais robustos. Essa estrutura de comparação foi utilizada para apoiar a mensuração de quanto poderá ser adicionado ao orçamento de estados e capitais, em relação ao que a gestão teve como dotação orçamentária para a função Cultura no ano; e somando à previsão, em caso de confirmação do recebimento do repasse.

Observando a previsão de repasse em relação ao valor executado no primeiro semestre de 2020 por estados e capitais, nota-se que para, aproximadamente, 40% dos estados – como Acre, Alagoas, Amapá, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins – esse valor tende a ser multiplicado de três a 18 vezes. Para as capitais, esse fator pode variar de duas a sete vezes para, aproximadamente, 15% delas, como Aracaju, Macapá, Maceió e Salvador; podendo multiplicar por 40 as despesas liquidadas por Goiânia no primeiro semestre de 2020. Essa referência foi utilizada buscando-se avaliar quanto será acrescido com recurso externo ao orçamento em relação ao que já foi aplicado à cultura com recurso próprio, adicionando a ele e ao que ainda será aplicado no segundo semestre.

A partir da Tabela 12 é possível analisar o repasse da Lei Aldir Blanc em relação aos valores executados nos anos anteriores nos estados e capitais, favorecendo o reconhecimento de quão importante esses valores serão. Para cerca de 30% dos estados, o valor previsto do repasse é maior que o executado, em 2017; 37%, em 2018; e para, aproximadamente, 51% deles, o valor do repasse da lei é maior que o executado em 2019. Essa referência foi utilizada buscando-se avaliar quanto a previsão de repasse da Lei Aldir Blanc representa em relação às despesas liquidadas em anos anteriores.

TABELA 12

Equivalência do Repasse da Lei Aldir Blanc em Relação aos Orçamentos Executados 2017-2019 | Capitais, Estados e Distrito Federal

Unidades de Análise		Equivalência Lei Aldir Blanc / Orçamento Executado 2017		Equivalência Lei Aldir Blanc / Orçamento Executado 2018		Equivalência Lei Aldir Blanc / Orçamento Executado 2019	
Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais	Estados e Distrito Federal	Capitais
Distrito Federal	Brasília	12,42	-	10,53	-	12,86	-
Goiás	Goiânia	358,37	177,72	116,88	278,86	1.816,54	173,06
Mato Grosso	Cuiabá	44,11	26,40	60,44	25,60	69,02	19,35
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	80,07	62,84	47,10	35,89	52,13	33,24
Alagoas	Maceió	139,05	156,54	187,23	92,84	151,09	72,44
Bahia	Salvador	60,94	132,85	61,93	196,38	68,29	141,13
Ceará	Fortaleza	76,68	39,47	71,01	29,09	78,58	25,77
Maranhão	São Luís	52,41	34,01	54,50	29,13	77,03	22,93
Paraíba	João Pessoa	280,03	110,72	275,34	71,64	253,11	66,13
Pernambuco	Recife	69,22	10,70	70,67	9,41	88,96	8,88
Piauí	Teresina	58,10	235,98	79,53	137,46	111,90	96,60
Rio Grande do Norte	Natal	144,78	36,86	147,81	29,97	145,60	22,18
Sergipe	Aracaju	152,52	108,42	165,55	93,25	261,19	273,71
Acre	Rio Branco	78,49	79,84	66,89	74,17	99,22	67,48
Amazonas	Manaus	31,76	43,15	23,28	32,04	19,60	29,55
Pará	Belém	50,99	143,53	57,56	102,23	46,04	66,45
Rondônia	Porto Velho	903,42	129,57	283,10	94,98	317,20	91,13
Roraima	Boa Vista	116,57	48,38	178,26	43,44	295,83	64,61
Tocantins	Palmas	140,19	25,74	3.8562,31	25,44	146,05	25,79
Amapá	Macapá	132,31	1.017,32	148,70	138,22	160,53	87,70
Espirito Santo	Vitória	90,28	32,65	75,78	27,94	83,00	28,55
Minas Gerais	Belo Horizonte	90,15	33,28	93,86	26,91	106,33	25,64
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	81,62	21,56	76,14	25,01	94,59	27,84
São Paulo	São Paulo	34,13	11,95	32,16	12,33	33,80	10,42
Paraná	Curitiba	80,89	25,64	93,25	22,32	106,00	21,38
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	77,64	33,80	89,45	38,24	122,50	41,70
Santa Catarina	Florianópolis	121,05	37,63	129,45	31,06	137,83	26,45
Brasil	Capitais	60,26	24,37	58,57	23,60	64,53	21,16

Legenda:

Até 49,99

Entre 50 e 99,99

Entre 100 e 199,99

Acima de 200

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural e da Confederação Nacional de Municípios (CNM).

Analisando a previsão de repasse da Lei Aldir Blanc para as capitais brasileiras em relação aos valores executados em anos anteriores, é possível reconhecer que o valor a ser recebido por algumas capitais é maior que o executado em 2017 para, aproximadamente, 34% delas; em 2018, para cerca de 19%; e, em 2019, por volta de 11,5% delas. Destaque entre as capitais é Macapá, para onde a provisão de repasse pela Lei Aldir Blanc pode chegar a, aproximadamente, dez vezes o total das despesas liquidadas em 2017.

Tendo em vista um cenário de incertezas em 2020, a aprovação da Lei Aldir Blanc – com tal repasse de recursos para destinação aos agentes e instituições de cultura, com distribuição em todo o território nacional – apresenta-se como mecanismo importante para artistas e fazedores de cultura, grupos e coletivos, profissionais independentes e instituições de naturezas diversas do segmento de arte e cultura e de todos os nós dessa rede que conecta pessoas, saberes, fazeres e memórias pelo país.

1.3. Incentivo fiscal federal à cultura e fundos de cultura estaduais e das capitais brasileiras

Mecanismos de mobilização e aplicação de recursos na gestão cultural, os instrumentos de incentivo fiscal e adição de recursos para a realização de projetos e programas (como os fundos de cultura) são importantes ferramentas para o financiamento à cultura no país. Com recursos que podem adicionar à dotação orçamentária dos órgãos de cultura, os fundos de cultura e as leis de incentivo merecem atenção no contexto do financiamento público à cultura.

Em sua implementação, importa também conhecer os perfis de gestão, com olhar objetivo para o tipo de órgão gestor e a existência de estruturas capazes de viabilizar o uso de recursos disponíveis, como a Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) a partir da qual estados e municípios terão acesso a recursos para apoio a artistas, grupos e instituições culturais, assim como para a realização de atividades no período de pandemia e pós-pandemia.

Destacado mecanismo de incentivo à cultura do Brasil, há quase 30 anos a Lei Federal de Incentivo à Cultura apoia a dinamização da vida cultural no país favorecendo a realização de atividades de diferentes expressões artísticas, memória e patrimônio.

Nesta seção, são apresentados o perfil dos tipos de órgão gestor de estados e capitais brasileiros, além de dados e análises sobre a Lei Federal de Incentivo à Cultura, principais patrocinadores e aportes de recursos nos anos recentes.

Tipos de órgão gestor e fundos de cultura nas capitais, estados e Distrito Federal

Considerando a urgência de respostas às necessidades prementes do segmento cultural, a existência de estruturas de gestão consolidadas tende a fortalecer a capacidade de resposta rápida e com a assertividade que profissionais e cidadãos precisam. Um fator que pode sugerir boa condição de atender às necessidades de profissionais e cidadãos é a conformação da estrutura do órgão gestor. Os resultados das Pesquisas de Informações Básicas Municipais e Estaduais 2018, do IBGE, sobre a estrutura da gestão cultural de capitais e estados brasileiros e do Distrito Federal nos mostram um retrato da estrutura da gestão pública de cultura nas unidades territoriais que estudamos no presente relatório. No QUADRO 4 – Órgão Gestor e Fundos de Cultura | Capitais, Estados e Distrito Federal, é possível ver o panorama das unidades analisadas aqui.

De acordo com as publicações, aproximadamente 74% dos estados brasileiros (com o Distrito Federal) tinham secretaria exclusiva. Somando-se a esses, a gestão de 11% dessas unidades da federação era feita por órgão da administração indireta, como fundações. De acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) 2018, entre as capitais brasileiras, cerca de 38% delas tinham secretaria exclusiva e 42% eram administradas por órgão da administração indireta. Isso pode sugerir que, tendo se mantido como na época da coleta dos dados pelo IBGE, uma parcela importante dos estados e das capitais brasileiros tende a ter uma estrutura de gestão capaz de responder às demandas do momento.

Em relação aos fundos de cultura, aproximadamente 92% dos estados (25 deles) afirmaram ter fundos para recebimento de repasses de recursos, mas menos da metade deles (por volta de 40%, ou seja, 11 deles) afirmou reunir recursos orçamentários e de outras fontes destinados a programas culturais neles. Entre as capitais, 84% delas (21 capitais) tinham fundo de cultura e uma proporção ainda menor (aproximadamente 34%, ou seja, 9 delas) afirmou reunir recursos orçamentários e de outras fontes destinados a programas culturais neles.

Em relação ao tipo de órgão gestor da cultura, nota-se que a existência de secretaria exclusiva era uma realidade em todos os estados e as capitais apenas na Região Sudeste. Em relação aos estados, no Nordeste todos tinham secretaria exclusiva ou órgão da administração indireta. Mas no Norte, no Centro-Oeste e no Sul houve estados com secretarias em conjunto com outras políticas setoriais e setor subordinado a outras secretarias. Em relação às capitais, na Região Norte quase todas tinham órgão da administração indireta – apenas uma tinha secretaria exclusiva. Já no Nordeste, no Centro-Oeste e no Sul, verificou-se a existência de secretaria exclusiva e órgão da administração indireta, mas também setor subordinado a outra secretaria no Nordeste e no Sul; e secretaria em conjunto com outras políticas setoriais no Nordeste e Centro-Oeste.

Em relação ao que se verificou sobre os tipos de órgão gestor, a existência de fundos de cultura em estados e capitais apresenta um cenário mais estruturado, sendo necessário observar as dinâmicas de usos desse instrumento em cada lugar para a viabilização da destinação dos recursos recebidos. Em relação aos estados, nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul todos tinham fundo. Nas regiões Norte e Nordeste, apenas um estado em cada região não tinha fundo, respectivamente Amapá e Paraíba. Em relação às capitais, assim como no caso dos estados, nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul todas tinham fundo. Nas regiões Norte e Nordeste, duas capitais em cada região não tinham fundo de cultura, respectivamente: Boa Vista e Porto Velho; e Aracaju e Maceió.

Considerando a necessidade de respostas rápidas, o retrato das capitais e dos estados sugere que, mesmo com o órgão gestor capacitado e a existência de fundo de cultura, o recebimento do recurso de apoio emergencial ao setor cultural pode encontrar um desafio para a operacionalização do repasse dos recursos e de sua destinação. Isso porque, além do que mostra a foto de estados e capitais, apenas 16,61% entre todos os municípios brasileiros, aproximadamente, tinham secretaria exclusiva (cerca de 14,56%) ou órgão de administração indireta de cultura (aproximadamente, 2,05%). Completando a imagem, aproximadamente 79,37% eram setores diretamente subordinados à chefia do executivo ou à outra secretaria ou secretaria em conjunto com outras políticas setoriais e, aproximadamente, 4% dos municípios não possuíam qualquer estrutura de gestão cultural na época do levantamento do IBGE.

Quando analisados em relação à existência de fundos de cultura nos municípios brasileiros na época da pesquisa do IBGE, aproximadamente 32,24% deles tinham fundos; cerca de 67,72% não tinham fundos e 0,04% não responderam. O olhar, a partir dos dados de 2018 do IBGE, permite estimar os contornos de alguns desafios que podem ser encontrados se mudanças substanciais não tiverem acontecido desde aquele momento.

Órgão Gestor e Fundos de Cultura – Capitais, Estados e Distrito Federal

Região	Estado	Tipo de órgão gestor da cultura	Fundo de Cultura		Capitais	Tipo de órgão gestor da cultura	Fundo de Cultura	
			Existência	Reúne todos os recursos orçamentários e de outras fontes destinados aos programas culturais			Existência	Reúne todos os recursos orçamentários e de outras fontes destinados aos programas culturais
CENTRO-OESTE	Distrito Federal	Secretaria exclusiva	Sim	Não				
	Goiás	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Não	Goiânia	Secretaria exclusiva	Sim	Sim
	Mato Grosso	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Cuiabá	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Sim
	Mato Grosso do Sul	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Sim	Campo Grande	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Não
NORDESTE	Alagoas	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Maceió	Órgão da administração indireta	Não	Não informou
	Bahia	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Salvador	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Sim
	Ceará	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Fortaleza	Secretaria exclusiva	Sim	Não
	Maranhão	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	São Luís	Secretaria exclusiva	Sim	Não informou
	Paraíba	Secretaria exclusiva	Não	SI	João Pessoa	Órgão da administração indireta	Sim	Não
	Pernambuco	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Recife	Secretaria exclusiva	Sim	Sim
	Piauí	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Teresina	Órgão da administração indireta	Sim	Sim
	Rio Grande do Norte	Órgão da administração indireta	Sim	Sim	Natal	Setor subordinado a outra secretaria	Sim	Sim
Sergipe	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Aracaju	Órgão da administração indireta	Não	Não informou	
NORTE	Acre	Órgão da administração indireta	Sim	Sim	Rio Branco	Órgão da administração indireta	Sim	Sim
	Amapá	Secretaria exclusiva	Não	SI	Macapá	Secretaria exclusiva	Sim	Não
	Amazonas	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Manaus	Órgão da administração indireta	Sim	Não
	Pará	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Belém	Órgão da administração indireta	Sim	Sim
	Rondônia	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Porto Velho	Órgão da administração indireta	Não	Não informou
	Roraima	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Boa Vista	Órgão da administração indireta	Não	Não informou
	Tocantins	Setor subordinado a outra secretaria	Sim	Não	Palmas	Órgão da administração indireta	Sim	Sim
SUDESTE	Espírito Santo	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Vitória	Secretaria exclusiva	Sim	Não
	Minas Gerais	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Belo Horizonte	Secretaria exclusiva	Sim	Não
	Rio de Janeiro	Secretaria exclusiva	Sim	Sim	Rio de Janeiro	Secretaria exclusiva	Não	SI
	São Paulo	Secretaria exclusiva	Sim	Não	São Paulo	Secretaria exclusiva	Sim	Não
SUL	Paraná	Secretaria exclusiva	Sim	Não	Curitiba	Órgão da administração indireta	Sim	Não
	Rio Grande do Sul	Secretaria em conjunto com outras políticas setoriais	Sim	Não	Porto Alegre	Secretaria exclusiva	Sim	Não
	Santa Catarina	Órgão da administração indireta	Sim	Não	Florianópolis	Setor subordinado a outra secretaria	Sim	Não

Quadro criado a partir da base de dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2018 e da Pesquisa de Informações Básicas Estaduais 2018 (IBGE, 2019).
SI – Sem informação na base de dados consultada.

Importante registrar que, segundo a deputada Jandira Feghali em live no canal @extensaoufrj, no YouTube,³² no dia 17 de julho, durante a programação do Festival do Conhecimento, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foram recebidos 570 pedidos de adesão ao Sistema Nacional de Cultura (SNC), depois de iniciados os encaminhamentos para a aprovação da Lei Aldir Blanc. A adesão ao SNC corresponde a um compromisso em estruturar a gestão cultural nessas localidades com a estruturação de planos, conselhos, fundos e órgãos gestores das políticas culturais, algo importante na maturidade e para a perenidade dos processos de gestão das políticas culturais no país nas diferentes esferas. Buscando conhecer os entes que integram o SNC hoje, em consulta ao portal, em 2 de setembro de 2020, era possível identificar que todos os estados e o Distrito Federal o integravam. Entre as capitais, a única exceção era Belém (PA), em um total de 2.705 (dos mais de 5.570) municípios brasileiros, atendendo ao critério para recebimento dos recursos de Lei Aldir Blanc.³³

Considerando que estados e capitais sem órgãos gestores dedicados à cultura podem representar desafios à implementação da Lei Aldir Blanc e à celeridade na efetivação do acesso de profissionais da cultura aos recursos previstos, formas de identificar e apoiar demandas gerenciais e agilizar mecanismos que viabilizem o repasse e a gestão dos recursos de modo eficiente, confiável e transparente estão em curso, como capacitações em formatos diversos e a disponibilidade de material de apoio técnico. Esse momento e a oportunidade de receber os recursos previstos no repasse pela Lei Aldir Blanc, mas também o desafio de os aplicar, evidencia a importância de uma gestão pública de cultura estruturada e apta a dialogar e utilizar os mecanismos e as ferramentas de gestão existentes, como é o caso dos fundos. Com isso, todos os nós dessa ampla e diversa rede de artistas, fazedores, técnicos e instituições poderão se beneficiar e seguir produzindo e mantendo vivo o que de mais belo podem e sabem entregar à sociedade brasileira.

³² Disponível em: <https://youtu.be/-IXgskzimGU>. Acesso em: 30 ago. 2020.

³³ Portal do Sistema Nacional de Cultura, disponível em: <http://portalsnc.cultura.gov.br/consultar-na-plataforma/>. Acesso em: 02 set. 2020.

Lei Federal de Incentivo à Cultura³⁴

A Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/1991) tem sido, ao longo de quase 30 anos, um dos mais importantes instrumentos de financiamento do setor cultural, e a mais longeva política pública da história do Ministério da Cultura.

Esse mecanismo, só parcialmente implementado,³⁵ com imperfeições e limitações amplamente discutidas ao longo dos anos, algumas ainda não superadas, acabou se convertendo, em razão de sua constância e dos recursos alocados, no mais relevante instrumento de financiamento da cultura no âmbito federal, direcionando ao setor cultural valores muitas vezes superiores aos que a União de fato despense na função Cultura.

Com base nos dados disponíveis no SalicNet, apresentaremos a seguir valores referentes à captação de recursos de 2010 a 2020, os valores investidos por pessoas físicas e pessoas jurídicas, a distribuição regional dos recursos captados e também informações sobre os maiores investidores e maiores captadores. Analisaremos mais detalhadamente o período de 2017 a agosto de 2020, para entender dinâmicas específicas do período histórico mais recente e imediatamente anterior à crise desencadeada pelo novo coronavírus.

Como evidencia o gráfico a seguir, ao longo de uma década os valores captados via Lei Federal de Incentivo à Cultura apresentaram variações significativas, ultrapassando 2 bilhões de reais em 2011 e atingindo o menor valor em 2016 (R\$ 1.304.278.765,58), voltando gradualmente a crescer nos últimos três anos. Essa variação acompanha de perto o teto da renúncia fiscal, evidenciando uma disposição por parte dos investidores e uma capacidade de captação por parte dos proponentes bastante sólidas.

34 Todos os dados apresentados neste capítulo foram extraídos da nova plataforma do Salic, base de dados da Lei Federal de Incentivo à Cultura: <http://sistemas.cultura.gov.br/comparar/salicnet/salicnet.php>

35 A própria lei contempla três modelos de investimento: o mecenato (por meio de incentivo fiscal), o fundo nacional de cultura (para investimentos diretos em áreas prioritárias não contempladas pelo mecenato) e o Ficart, esse último prevendo investimentos por meio de crédito. O modelo que se consolidou e que prevaleceu de forma continuada no período em análise foi o mecenato, ou seja, o modelo de financiamento que incentiva, por meio de benefício fiscal, a participação de pessoas físicas e jurídicas no financiamento a projetos de natureza cultural. Em períodos anteriores, o Fundo Nacional de Cultura teve um peso importante nas políticas de financiamento do setor cultural. Contudo, nos últimos anos seus recursos não estavam sendo investidos no setor, e agora foram direcionados à Lei Aldir Blanc.

GRÁFICO 14 | Lei Federal de Incentivo à Cultura

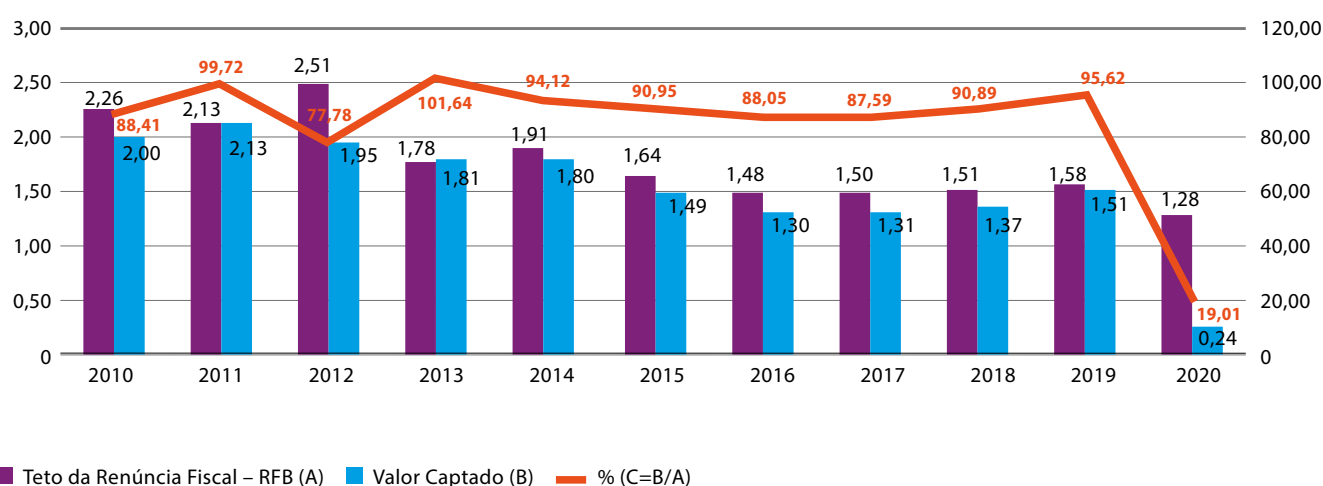
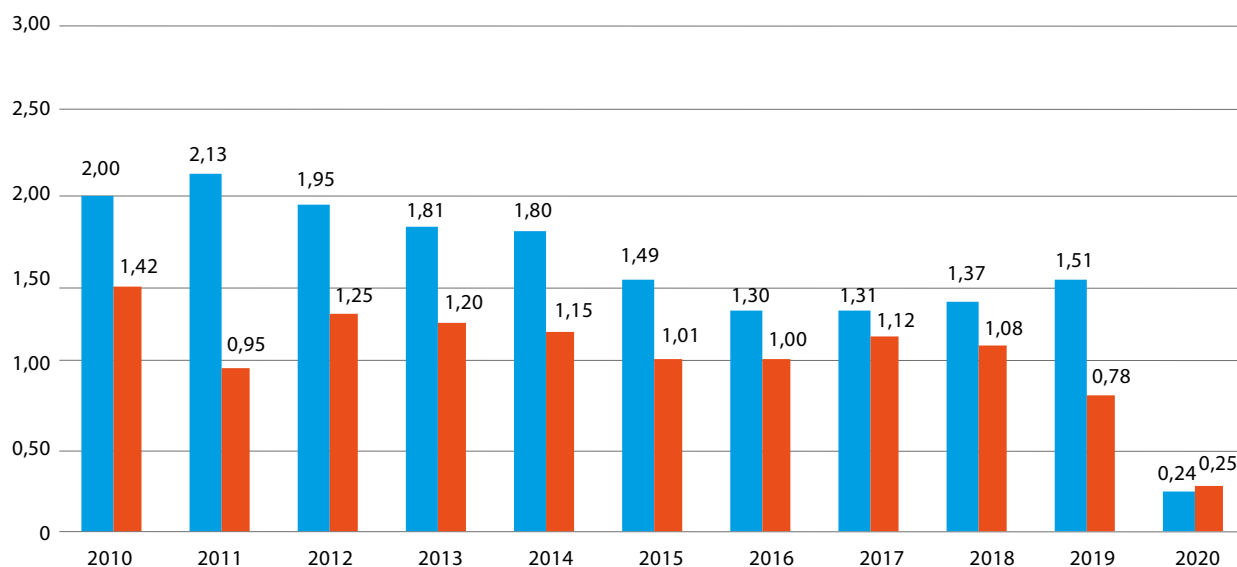


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

É, sem dúvida, positiva a significativa participação da iniciativa privada no financiamento da cultura, atestada pelos valores aportados no período de 2010 a 2019. Ocorre que também é evidente que nem todos os setores e produções culturais estão aptos a captar recursos e, portanto, não podem prescindir de investimentos públicos diretos. Infelizmente, são justamente esses investimentos diretos, tão importantes para as cadeias mais vulneráveis e não menos importantes da cultura, que sofreram uma queda significativa em 2019, enquanto o valor captado via lei de incentivo fiscal, ao contrário, atingiu o maior patamar dos últimos três anos.

GRÁFICO 15 | Investimento via Lei de Incentivo – Investimento federal direto 2010–2020 (em bilhões de R\$)



■ Total Vl. captado via Lei ■ Orçamento Federal/Despesas Liquidadas

Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet e do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Uma análise comparativa entre os valores do orçamento direto da União e os captados via Lei Federal de Incentivo à Cultura no período de 2010 a 2020 mostra que os investimentos via lei superaram despesas liquidadas da União no período. Em 2019, esse valor foi quase o dobro das despesas liquidadas pela União na função Cultura.

A seguir, apresentaremos em mais detalhe o período de 2017 a 2020, assim como alguns cortes que permitem observar tendências recentes e mudanças marcantes de 2020, ainda que os dados parciais deste ano não possibilitem uma projeção do cenário no segundo semestre, dada a incerteza decorrente do contexto econômico e da gestão da crise sanitária.

Apesar do cenário adverso enfrentado pelo setor cultural em anos recentes – quando recorrentes episódios de cerceamento e censura se somaram a um acirramento das disputas ideológicas acerca da Lei Federal de Incentivo à Cultura –, o volume de captação da lei apresentou uma recuperação nos últimos três anos. Entre 2017 e 2019, o valor investido por pessoas físicas e jurídicas em projetos culturais via Lei Federal de Incentivo Fiscal se expandiu e 2019 foi o ano em que o valor captado mais se aproximou do teto da Renúncia Fiscal autorizada.

TABELA 13

Lei Federal de Incentivo à Cultura – valores captados/ano				
Período	2017	2018	2019	2020
Teto da Renúncia Fiscal – RFB (A)*	1.496.503.041,66	1.507.284.551,61	1.581.742.608,96	1.279.618.486,00
Total captado	1.310.790.453,46	1.370.001.740,55	1.511.167.158,31	254.102.171,48
Valor investido PF	28.782.549,58	42.278.518,46	46.884.775,44	9.625.880,12
% investido PF	2,42	3,25	3,16	3,79
Valor investido PJ	1.160.615.809,35	1.255.464.539,22	1.432.746.338,27	244.476.291,36
% investido PJ	97,58	97,75	96,84	96,21

Tabela criada a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA.

As informações referentes a 2020 compreendem o período de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2020.

É importante destacar que seria precipitado e arriscado estimar a queda de captação em 2020, no cenário da pandemia do novo coronavírus. Embora proponentes de projetos culturais e investidores concordem em afirmar que o contexto de crise já esteja dificultando a captação, não só em razão da expectativa de queda de lucro por parte dos investidores, mas também por conta da incerteza sobre quando será possível retomar as atividades presenciais e, portanto, executar os projetos propostos, outro fator deve ser considerado: habitualmente, o maior montante de recursos é captado no segundo semestre – mais precisamente nos dois últimos meses do ano, quando grande parte das empresas brasileiras que operam com lucro real definem, com base na expectativa de valores do Imposto de Renda, quanto irão investir.

A seguir, apresentaremos a distribuição dos valores captados por semestre, seguindo a mesma lógica das análises dos orçamentos diretos, para entendermos o contexto atual e também a diferença de volumes captados por bimestre e semestre do período recente em análise.

TABELA 14

Lei Federal de Incentivo à Cultura				
Período	1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre	Captação 1º semestre
2017	45.157.270,87	77.583.925,89	148.324.773,11	271.065.969,86
2018	61.680.332,06	83.325.523,24	115.983.731,31	260.989.586,61
2019	66.406.064,08	100.998.175,04	137.696.853,34	305.101.092,47
2020	54.324.030,56	79.494.459,94	67.119.075,98	200.937.566,50

Tabela criada a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA.

As informações referentes a 2020 compreendem o período de 1º de janeiro a 30 de junho de 2020.

Como podemos observar, os valores captados no primeiro semestre de 2020 apresentam uma variação em relação ao mesmo período dos anos anteriores, mas essa variação não foi muito significativa no primeiro e segundo bimestres, tendo se acentuado no terceiro, quando também se agravou a crise gerada pela pandemia, em relação aos anos anteriores. O valor global captado no primeiro semestre de 2020 foi 28% menor do que a média dos três anos anteriores e 34% inferior a 2019.

TABELA 15

Lei Federal de Incentivo à Cultura				
Período	4º bimestre	5º bimestre	6º bimestre	Captação 2º semestre
2017	105.471.415,11	149.858.801,80	771.348.534,45	1.026.678.751,36
2018	137.530.074,99	147.099.205,60	817.617.545,74	1.102.246.826,34
2019	107.992.922,65	162.990.107,21	922.463.263,34	1.193.446.293,20
2020	53.147.205,00	-	-	53.147.205,00

Tabela criada a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA.

As informações referentes ao segundo semestre de 2020 são parciais e compreendem o período de 1º de julho a 31 de agosto de 2020.

Trouxemos aqui os dados do segundo semestre de 2017 a 2019 pois eles evidenciam a grande concentração do volume de captação no final do ano, particularmente no último bimestre. Sendo assim, reforçamos que se trata, portanto, de um retrato conjuntural, e não definitivo, sobre a queda dos valores captados no contexto da pandemia da covid-19.

Essa tendência de captação no segundo semestre, de mais de 70% dos valores captados anualmente, como mostra a tabela abaixo, se deve em grande parte ao fechamento do ano fiscal das empresas, e, portanto, os números de 2020 devem ainda sofrer alterações significativas.

TABELA 16

Lei Federal de Incentivo à Cultura			
Período	% captação 1º semestre	% captação 2º semestre	Total Captado
2017	20,67	79,33	1.310.790.453,46
2018	18,80	81,20	1.370.001.740,55
2019	29,09	70,91	1.511.167.158,31
2020	78,26	21,74	244.476.291,36

Tabela criada a partir de dados do SalicNet.

As informações referentes à 2020 são parciais e compreendem o período de 01 de janeiro a 31 de agosto de 2020.

Lei Federal de Incentivo à Cultura | A participação dos maiores incentivadores – Empresas

Outro aspecto que analisamos foi o comportamento dos grandes incentivadores, ou seja, daqueles que contribuem anualmente com uma parcela significativa de recursos.

O sistema Salic³⁶ permite visualizar os maiores incentivadores e os valores investidos por cada um nominalmente, por CNPJ, mas há que se considerar que muitos grupos econômicos investem recursos por meio de diversas empresas que o compõem. Com base nas informações disponíveis no Salic, o Observatório Itaú Cultural procedeu a uma análise dos maiores investidores no período analisado, agrupando as diversas empresas que compõem um mesmo grupo econômico, a fim de se ter um retrato mais fidedigno da participação de tais grupos no financiamento à cultura na última década.

Em uma década, os dez maiores grupos econômicos investidores aportaram um total de quase 6 bilhões de reais ao setor cultural.

36 Salic – Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura utilizado para cadastro e acompanhamento de propostas e projetos culturais de forma unificada.

GRÁFICO 16 | Lei Federal de Incentivo à Cultura – Principais Investidores 2012–2020
(valores investidos em bilhões de R\$)

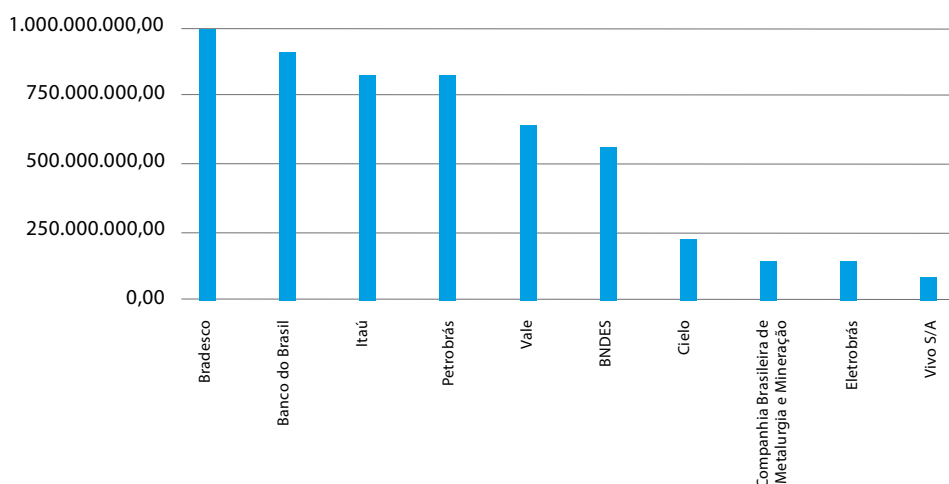


Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet e de pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Em 2020, os dez maiores investidores foram responsáveis por 38,6% do total captado até o mês de julho de 2020, enquanto nos últimos três anos esse percentual foi de cerca de 21% em 2017, 29% em 2018 e 17% em 2019. Ou seja, o peso e a responsabilidade dos grupos econômicos que são grandes investidores no setor cultural via lei de incentivo tornam-se ainda maiores no atual contexto.

A regularidade e o volume de recursos investidos por essas empresas no setor cultural nos últimos anos as colocam numa posição de destaque como fomentadores da cultura no país. Cabe, portanto, indagar sobre a capacidade de essas empresas continuarem a apoiar projetos culturais num contexto econômico que já não estava bom e que se agrava em razão da pandemia.

A análise de relatórios de resultados de alguns dos maiores investidores acima citados, tais como o Banco do Brasil, o Banco Itaú e o Bradesco, indica que houve uma redução do lucro líquido que varia entre 20% e 40%, aproximadamente, no primeiro trimestre de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019. Tal cenário, se confirmado nos próximos trimestres, limitará/reduzirá a capacidade de investimento dessas empresas no setor cultural. Seria possível e desejável, por outro lado, a entrada de novos agentes econômicos, aqueles que, ao contrário, estão registrando crescimento e não queda nos lucros, como algumas empresas da área de tecnologia, e-commerce, delivery, produtos e serviços relacionados ao teletrabalho. São setores que não têm um histórico de investimento no setor cultural, sendo portanto necessárias ações de aproximação e sensibilização desses agentes para a importância do setor cultural e a necessidade de investimentos nessa área. Poderiam ser consideradas ainda grandes redes farmacêuticas e laboratórios, que já têm como prática o investimento em cultura por meio da lei federal.

Vale a pena observar o comportamento dos maiores investidores no ano de 2020, ainda que os dados sejam parciais e devam ser considerados de forma conjuntural.

QUADRO 5

Maiores Investidores 2020 (até 31/07)	
GRUPO ECONÔMICO	Valor Investido (em R\$)
Banco do Brasil S.A	28.041.241,90
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	20.038.077,40
Itaú	13.879.532,00
Sul America Holding S.A.	7.235.856,00
SABESP	6.100.000,00
Santander	6.010.900,00
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração	5.540.177,00
NTS	4.000.000,00
CEMIG	3.948.000,00
Petróleo Brasileiro S.A - PETROBRÁS	3.338.202,66
Total Investido	98.131.986,96

Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet e de pesquisa realizada pelo Observatório Itaú Cultural. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Até julho de 2020, o Banco do Brasil, o BNDES e o Itaú estavam entre as empresas que fizeram os maiores aportes de recursos via Lei Federal de Incentivo à Cultura. Tais investimentos, feitos nos sete primeiros meses do ano, não permitem uma previsão da performance de captação no segundo semestre, quando se concentram os maiores volumes de investimento. Sendo assim, a lista dos maiores investidores e o volume de investimento certamente sofrerão ainda alterações significativas.

Lei Federal de Incentivo à Cultura | A participação de pessoas físicas no incentivo a projetos culturais

A participação de pessoas físicas no incentivo a projetos culturais via Lei Federal de Incentivo à Cultura é pequena se comparada ao volume das doações de pessoas jurídicas. Os percentuais relativos à participação desse tipo de incentivador não variaram muito na última década, como evidencia o gráfico abaixo.

GRÁFICO 17 | Lei Federal de Incentivo à Cultura 2010–2020 (em bilhões de R\$)

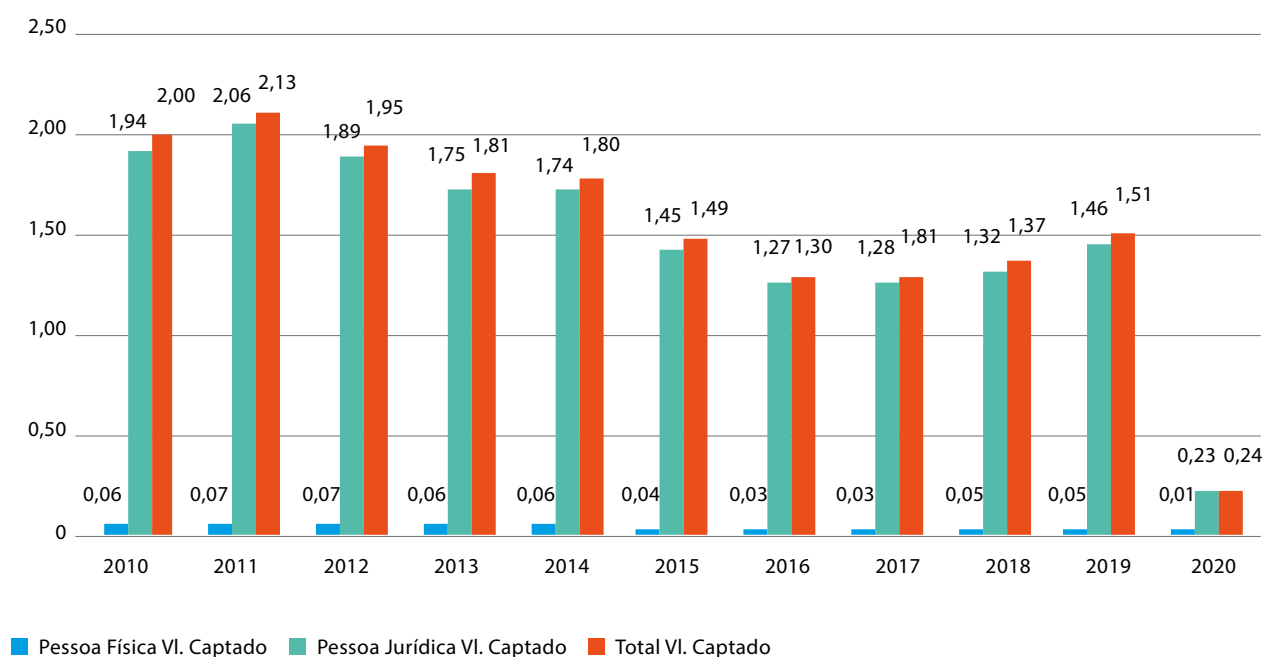


Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Entre 2017 e 2020, os valores captados junto a pessoas físicas ficou entre 2,42% e 3,87% em relação ao volume total captado.

Uma análise dos maiores doadores pessoa física, identifica indivíduos que fazem doações de forma recorrente, e que podem ultrapassar, individualmente, a marca de 500 mil reais. Em 2020, o volume doado pelos dez maiores doadores pessoa física representava, até 31 de agosto, 0,55% do volume captado até o mês de julho, enquanto o volume investido pelos dez maiores investidores pessoa jurídica (considerados os grupos econômicos) alcançou 39% do valor captado até o mês de julho.

QUADRO 6

Dez maiores investidores – Pessoa Física											
Período	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020 1º semestre
Valor Investido	4.534.123,94	3.529.076,83	6.186.324,26	3.938.716,74	5.016.129,54	4.765.299,49	2.959.963,64	4.940.346,02	3.780.495,89	5.022.234,28	1.415.000,00

Quadro criado a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA. As informações referentes a 2020 compreendem o período de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2020.

Tais valores podem parecer pouco, mas o que gostaríamos de destacar é que alguns indivíduos fazem contribuições significativas e que existe um grande potencial de expansão desse tipo de doação.

Como já observamos, o número de doadores e o volume de doações tende a aumentar expressivamente no segundo semestre, portanto os percentuais de investimentos feitos pelos maiores doadores certamente sofrerão alterações significativas. Ainda assim, dado o atual contexto de crise, é provável que haja uma queda dos investimentos por parte de pessoas físicas. Esse é um ponto de atenção a ser considerado pelos captadores, no sentido do desenvolvimento de uma estratégia mais assertiva de engajamento desses doadores, com foco em indivíduos que, mesmo no contexto de crise, permanecem com renda estável e sujeita à tributação do Imposto de Renda.

Contrariamente ao que se afirma com frequência, estudos apontam que existe, sim, uma cultura de doação no Brasil, embora o volume de doações por aqui ainda esteja longe do patamar norte-americano, que alcança 2% do PIB.³⁷

A primeira pesquisa de abrangência nacional a mapear os hábitos de doação dos indivíduos no Brasil foi **Doação Brasil**, publicada em 2016, e coordenada pelo Instituto pelo Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) e operacionalizada pela Gallup. Os dados surpreendem os que acreditavam que no Brasil não se tem essa cultura: em 2015, 46% dos brasileiros fizeram doações em dinheiro, enquanto pessoas físicas, para instituições sociais, totalizando 13,7 bilhões de reais (o que representava 0,23% do PIB). Essa pesquisa ainda não foi atualizada. No entanto, cabe destacar que ela já apontava existir uma parcela significativa da população que destina recursos para causas em prol do bem comum.

37 Existem muitos outros aspectos que devem ser considerados na análise da participação privada em áreas de interesse social, sendo determinante o arcabouço normativo e legal, que pode estimular a cultura de doação, como nos Estados Unidos, ou apresentar obstáculos, como no Brasil. Para uma análise mais aprofundada da participação da iniciativa privada no setor cultural, ver: FIALHO E GOLDSTEIN. Dados e tendências das organizações culturais e seus profissionais no Brasil. In: Revista do Observatório do Itaú Cultural. n. 26: Gestão de Pessoas em Organizações Culturais, dezembro de 2019. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/obs26_issuu

A crise desencadeada pela pandemia tem mobilizado empresas e indivíduos a realizarem doações.

No contexto da covid-19, a Associação Brasileira de Captadores de Recursos criou o Monitor das Doações: COVID 19.³⁸ cujo objetivo é “consolidar e conhecer os números das doações realizadas em razão do coronavírus, promovê-las e inspirar ainda mais doações”. As informações são atualizadas diariamente, com dados públicos coletados diretamente na internet ou que são enviados para eles. Em razão da maneira como os dados são coletados, é muito provável que o volume de doações seja superior aos valores apontados pelo monitor. De toda forma, os números são impressionantes: foram registrados mais de 6 bilhões de reais e quase 500 mil doadores, entre empresas e indivíduos, até o dia 31 de agosto, e a curva das doações continua a subir. É interessante também o corte feito por eles do perfil dos doadores, por tipo e origem, sendo os indivíduos e as famílias responsáveis por 4% das doações. Tais dados evidenciam o grande potencial de doação por parte de pessoas físicas, que precisa ser mais bem compreendido, difundido e mobilizado em favor do setor cultural.

É inegável a importância que a cultura passou a ocupar na vida das pessoas durante o período de isolamento social. Cabe ao setor cultural comunicar e engajar a sociedade civil no enfrentamento da crise, destacando a importância de sua contribuição para a continuidade da produção cultural no país.

38 Monitor das Doações: COVID 19: <https://www.monitordasdoacoes.org.br/>. Último acesso em: 31 ago. 2020.

Lei Federal de Incentivo à Cultura | A desigualdade regional

Um aspecto da Lei Federal de Incentivo à Cultura constantemente criticado, para o qual ainda não se logrou uma solução efetiva, diz respeito à desigualdade regional. O maior volume dos recursos captados está concentrado na Região Sudeste, enquanto as regiões Norte e Centro-Oeste movimentam pouquíssimos projetos e recursos (sendo que alguns estados dessas regiões – como Acre, Amapá, Roraima e Alagoas – tiveram respectivamente 2, 0, 4 e 9 projetos habilitados à captação na lei entre janeiro de 2017 e julho de 2020).

Não caberia aqui aprofundar a complexa discussão acerca de tal desigualdade, que deve levar em conta dados socioeconômicos e demográficos, e tal análise extrapola o escopo deste relatório.³⁹ Importante ressaltar que nem todo o projeto captado em uma determinada UF é executado ou tem oferecimento de suas atividades exclusivamente na UF de captação. Em pesquisa qualitativa recente conduzida para o Painel de Dados foram analisadas 3895 projetos para o período de 2009 - 2019. A análise demonstrou que UFs como São Paulo e Rio de Janeiro, que tendem a concentrar bastante a captação são também as mesmas que têm mais projetos executado em outras UFs. Ainda é necessário uma análise mais aprofundada do significado dessa tendência que, de qualquer maneira, não resolve os problemas gerados pela concentração da captação total.⁴⁰ Cabe apenas registrar que a concentração regional não foi significativamente alterada na última década, como se pode ver pela estabilidade do percentual de recursos captados em cada região apresentado no gráfico abaixo.

39 Para uma análise detalhada das determinantes de tais diferenças regionais, ver: DANTAS, D.C. Uma análise multivariada do valor médio de projetos aprovados na Lei Rouanet, 2013-2017. In: *Revista do Seminário Internacional de Estatística com R [Anais do III Seminário Internacional de Estatística com R "R for Integration Challenge", Niterói, 22 a 24 de maio de 2018], v. 3, n. 1, 2018. 14 pág.* Disponível em: <https://periodicos.uff.br/anaisdoser/article/view/29238>. Acesso em: 27 jul. 2020.

40 A pesquisa pode ser acessada na variável de Dispersão do Financiamento - Lei Rouanet. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/dispersao-do-financiamento-da-lei-rouanet>. Acesso em 25 out. 2020.

GRÁFICO 18 | Captação – Distribuição Regional 2010–2020 (% de recursos sobre o total da captação)

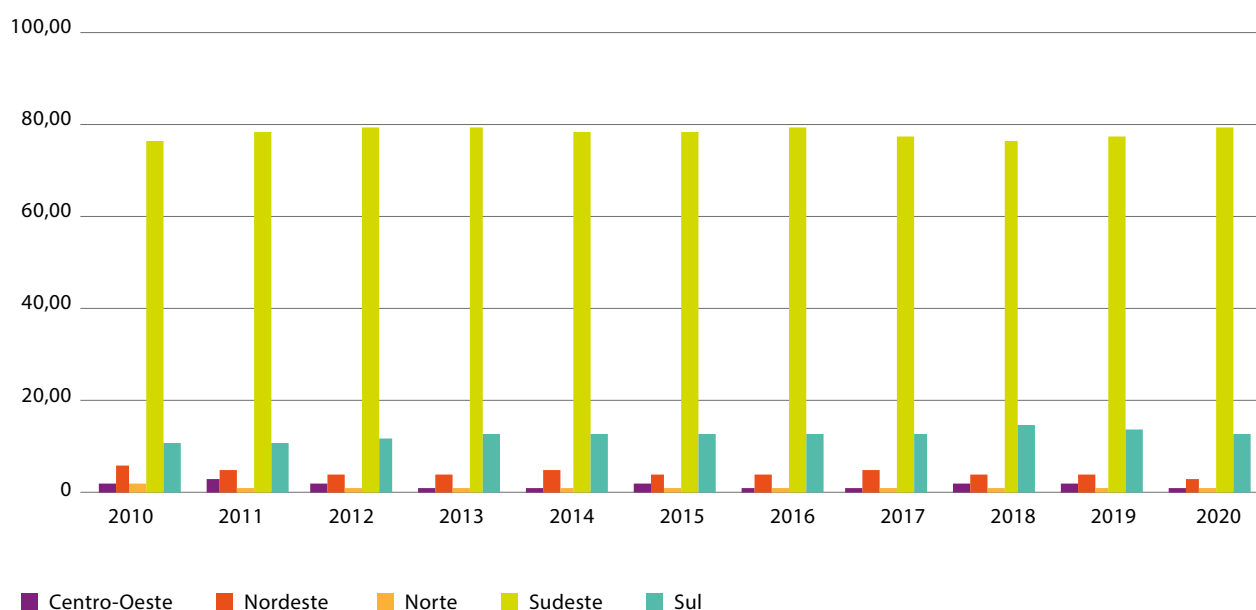


Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Vale a pena olhar em mais detalhe a distribuição da captação por região nos últimos quatro anos, a fim de identificarmos as variações recentes e entender o cenário atual.

TABELA 17

Lei Federal de Incentivo à Cultura – captação por região								
Região	2017	% região	2018	% região	2019	% região	2020	% região
Centro-Oeste	22.218.487,69	1,69	30.015.116,65	2,19	31.751.429,13	2,10	4.165.045,47	1,7
Nordeste	63.667.598,18	4,85	64.928.942,70	4,73	62.200.922,63	4,11	9.309.850,54	3,8
Norte	12.097.339,88	0,92	12.317.055,36	0,89	18.990.407,53	1,25	2.705.157,58	1
Sudeste	1.033.018.120,78	78,8	1.059.476.662,72	77,33	1.181.149.535,30	78,21	198.438.379,95	80,5
Sul	179.788.906,53	13,71	203.295.627,15	14,83	216.143.166,06	14,40	31.800.132,98	13
Total Geral	1.310.790.453,06		1.370.033.404,59		1.510.235.460,65		246.418.566,52	

Tabela criada a partir de dados do SalicNet.

As informações referentes a 2020 compreendem o período de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2020.

Em relação a 2020, é cedo para atestar o aumento da concentração, mas podemos observar que a Região Sudeste subiu mais de 2 pontos percentuais na distribuição dos recursos e as demais regiões perderam pontos percentuais.

A limitada capacidade de captação de recursos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste é uma questão que, num contexto de crise como o atual, pode se agravar. É preciso cogitar a possibilidade de essas regiões enfrentarem grande dificuldade na captação de recursos, aprofundando ainda mais as desigualdades previamente existentes. Nesse sentido, mais prementes se tornam os investimentos públicos diretos, assim como a mobilização e o apoio dos investidores para os projetos dessas regiões, sem prejuízo de outras ações, de informação e formação de agentes culturais dos estados menos representados sobre a utilização e possíveis oportunidades desse mecanismo.

Lei Federal de Incentivo à Cultura | Os maiores proponentes

Um outro aspecto relacionado à concentração de recursos captados via Lei Federal de Incentivo à Cultura diz respeito aos proponentes e sua capacidade de captação.

GRÁFICO 19 | Dez Maiores Captadores 2010–2020 (valores em bilhões de R\$)

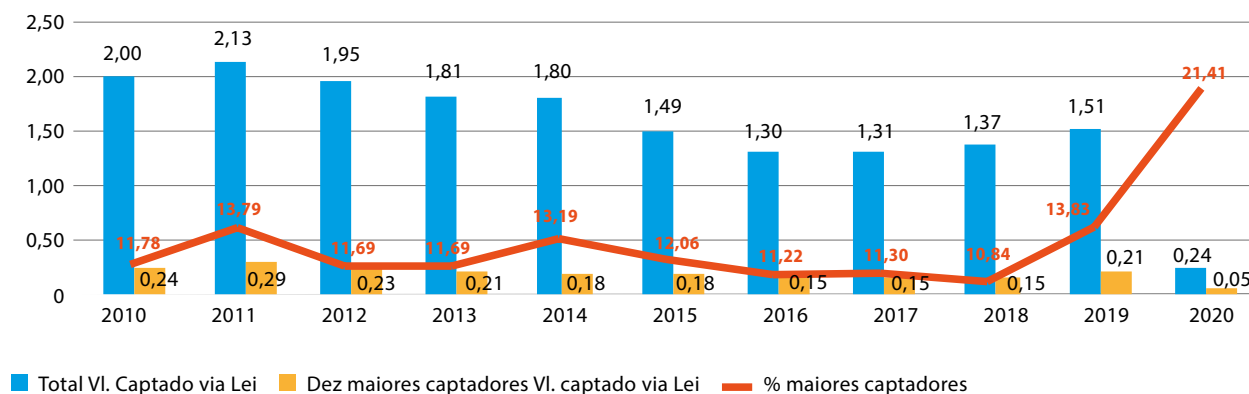


Gráfico elaborado a partir de dados do SalicNet. Valores atualizados pelo IPCA. Os dados de 2020 referem-se ao período de 1º de janeiro a 31 de agosto.

Ao longo da última década, os maiores proponentes têm concentrado entre 10% e 13% do total dos valores captados a cada ano. Esse percentual aumentou significativamente em 2020, o que não surpreende em um contexto de crise – as instituições com mais experiência e maior capacidade de mobilizar investidores têm mais chances de assegurar investimentos em seus projetos, ainda que em valores proporcionalmente menores do que em anos anteriores.

A base de dados SalicNet permite identificar que no período analisado, e sobretudo nos últimos quatro anos, há uma recorrência de instituições e uma certa regularidade no volume de recursos captados, se considerados os dez maiores captadores, evidenciando a existência de instituições consolidadas, reconhecidas por sua atuação no campo cultural e com grande capacidade de gestão e captação de recursos.

Para entender os desafios que enfrentam tais instituições em 2020, mesmo sendo elas as que detêm maior capacidade de captação, comparamos os valores captados nos anos anteriores e o volume de recursos captados no primeiro semestre de 2020. Aqui analisamos apenas as instituições que aparecem entre os dez maiores captadores de forma recorrente, que tinham projetos ativos e captaram, individualmente, mais de 40 milhões de reais e mais de 300 milhões de reais conjuntamente, no período de 2017 a 2020.⁴¹

⁴¹ A Fundação Bienal de São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), a Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira, a Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), o Instituto Cultural Inhotim, o Instituto Tomie Ohtake. A Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, embora apareça na lista dos dez maiores captadores em 2019 e 2020, não foi considerada na análise do período pois está ativa como captadora desde 2019 apenas, e vinculada a um projeto de infraestrutura de grande vulto, o projeto de restauro e expansão do Museu Paulista, cuja inauguração está prevista para 2022.

Tais organizações tiveram uma média de captação entre 12 e 19 milhões no período de 2017 a 2019. Em 2020, no primeiro semestre, elas alcançaram valores que variam de 10% e 33% da média de valores captados nos três anos anteriores.⁴² Se considerarmos que o segundo semestre em geral representa mais de 70% dos volumes captados no ano, esses percentuais de captação indicariam uma certa estabilidade, apesar do contexto de crise.

No entanto, é evidente que as instituições culturais, mesmo as mais consolidadas, sofrerão o impacto da crise e algumas delas já anunciaram redução de salários e demissões como forma de readequação orçamentária, tendo em conta a previsão de uma significativa dificuldade na captação de recursos este ano. Se isso está ocorrendo com as organizações mais robustas e com maiores projetos e capacidade de mobilizar incentivadores, certamente as dificuldades enfrentadas por organizações e projetos menores serão muito maiores.

1.3.1. Considerações parciais

Com o advento da pandemia, o setor cultural e criativo no Brasil enfrenta uma crise sem precedentes, o que torna urgente e indispensável a intervenção do Estado. Estamos falando de um universo de 7,1 milhões de trabalhadores no segundo trimestre de 2020 e de mais de 147 mil empresas criativas em 2017, segundo o Painel de Dados do Observatório. Sem a adoção de medidas econômicas e regulatórias emergenciais, é possível que milhares de profissionais, empresas e organizações culturais, de diferentes portes, que atuam em todas as etapas e elos da cadeia produtiva da cultura – criação, produção, difusão/distribuição e fruição/consumo – não sobrevivam à crise.

A relevância da cultura, em sua dimensão simbólica e econômica, nem sempre tem sido reconhecida do ponto de vista das políticas públicas. É um desafio constante assegurar que os investimentos públicos diretos sejam mantidos (não contingenciados ou reduzidos), mas também que sejam bem executados. A dificuldade de execução orçamentária, detectada em diferentes graus nas esferas federal, estadual e municipal, é uma fragilidade assinalada neste primeiro capítulo e requer atenção por parte dos gestores públicos.

Com a aprovação da Lei Aldir Blanc, temos a perspectiva de que 3 bilhões de reais sejam investidos no setor cultural. Os recursos federais serão repassados para estados e municípios, que têm de fato uma melhor capacidade de execução. No entanto, muitos estados e municípios receberão valores próximos, ou mesmo superiores, à sua dotação orçamentária anual. O grande desafio que se coloca, portanto, é a transformação desses recursos em medidas emergenciais efetivas de enfrentamento da crise pelo setor cultural.

⁴² Exceção entre elas é a Bienal de São Paulo, que captou um percentual menor em 2020 por ter concentrado a captação em 2019, na perspectiva da realização de sua 34ª edição em 2020, adiada para 2021, em razão da pandemia.

CAPÍTULO 2:

Trabalhadores e empresas criativas

1 As informações conjunturais sobre emprego, com abrangência nacional, hoje integram a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Anteriormente, as informações sobre trabalho e as características educacionais e demográficas associadas ao trabalho, com o domicílio como unidade de investigação, compunham o escopo da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), abrangendo seis regiões metropolitanas brasileiras (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). A PME foi encerrada em março de 2016, com a publicação dos resultados do mês de fevereiro de 2016, tendo sido absorvida pela PNAD Contínua, com metodologia atualizada e abrangência nacional. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9180-pesquisa-mensal-de-emprego.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 12 set. 2020.

2 A PNAD Contínua utiliza como variável demográfica sobre o respondente “sexo”, que tem, como alternativas de resposta, homem e mulher.

2.1. Trabalhadores criativos

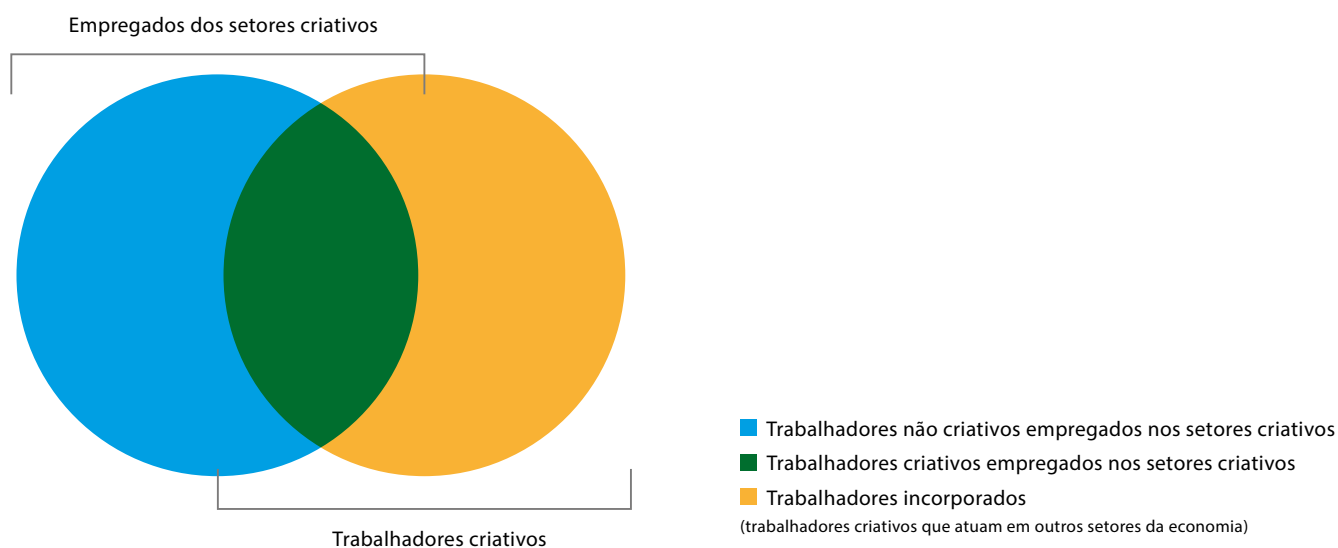
Aspecto essencial para compreender as dinâmicas de um mercado é conhecer os perfis e as relações entre os atores que o compõem. Nessa seção, apresentamos algumas dinâmicas temporais e territoriais de alguns desses atores que dão forma ao ambiente criativo brasileiro. Utilizando dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, que reúne dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua),¹ do IBGE, será possível conhecer e reconhecer a distribuição desses profissionais por estado (incluindo o Distrito Federal) e regiões do país, observar essa distribuição por sexo,² escolaridade e condição de contribuição previdenciária. Aspectos relacionados à remuneração média, tipo de atividade e categorias profissionais serão apresentados e analisados em perspectiva nacional. As análises compreendem os anos de 2012, quando o IBGE inicia a série de produção de dados da PNAD Contínua, a 2019, tomando-se os dados do quarto quadrimestre de cada ano como referência para as análises. Buscando referência sobre efeitos da pandemia do novo coronavírus na Economia Criativa, serão utilizados dados sobre número de profissionais ocupados e remuneração média dos Trabalhadores da Economia Criativa do primeiro e segundo trimestres de 2017 a 2020.

2.1.1. Perfis

Alcançando a diversidade de perfis e relações entre profissionais de segmentos variados, analisaremos os aspectos da Economia Criativa a partir de variáveis do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, contemplando dois grupos distintos que somam os **Trabalhadores da Economia Criativa** no país. Como podemos ver na figura abaixo, estes grupos são:

- 1. Empregados dos Setores Criativos** – aqueles trabalhadores (criativos e não criativos) empregados por setores criativos; e
- 2. Trabalhadores Incorporados** – trabalhadores criativos atuando fora dos setores criativos; ou seja, que exercem suas atividades em setores não criativos (incorporados na economia em geral).³

FIGURA 3 | Trabalhadores da Economia Criativa



Entendendo que os Trabalhadores da Economia Criativa compreendem a soma dos Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados, faremos uma análise mais detida dos Empregados dos Setores Criativos porque representam os que atuam diretamente no segmento de interesse, enquanto Trabalhadores Incorporados são profissionais criativos que trabalham em outros setores da economia.

Analisando os dados sobre os Trabalhadores da Economia Criativa no Brasil entre 2012 e 2019 (Tabela 18), tomando o quarto trimestre de cada ano como referência, é possível perceber oscilação no número de Empregados dos Setores Criativos, no período, apresentando recuperação da participação desse grupo em 2019, em relação a 2012.

3 Ver Descrições das Variáveis em (1) <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/painelledados/pesquisa/total-de-trabalhadores-dos-setores-criativos#>; e (2) <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/painelledados/pesquisa/trabalhadores-criativos-atuando-fora-dos-setores-criativos#>

TABELA 18

Trabalhadores da Economia Criativa Brasil 2012-2019			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Empregados dos Setores Criativos	Número de Empregados	Total	5.106.074	4.943.314	5.586.389	4.928.509	4.719.587	4.996.248	5.086.236	5.282.960
		Variação (%)	-	-3,19	13,01	-11,78	-4,24	5,86	1,80	3,87
		Empregados dos Setores Criativos / Trabalhadores da Economia Criativa (%)	73,72	74,71	75,42	72,06	71,93	73,70	74,22	74,01
	Sexo	Homens (%)	44,05	44,83	48,62	48,00	49,22	48,91	47,33	47,42
		Mulheres (%)	55,95	55,17	51,38	52,00	50,78	51,09	52,67	52,58
	Contribuição Previdenciária	Não Contribuinte (%)	40,92	39,57	36,49	37,43	38,05	40,18	41,68	41,34
		Contribuinte (%)	59,08	60,43	63,51	62,57	61,95	59,82	58,32	58,66
	Trabalhadores Incorporados	Total	1.820.523	1.673.638	1.820.908	1.911.246	1.841.504	1.783.377	1.766.937	1.854.951
Variação (%)		-	-8,07	8,80	4,96	-3,65	-3,16	-0,92	4,98	
Trabalhadores Incorporados / Trabalhadores da Economia Criativa (%)		26,28	25,29	24,58	27,94	28,07	26,30	25,78	25,99	
Economia Criativa na Economia Brasileira	Trabalhadores da Economia Criativa	Total	6.926.597	6.616.951	7.407.297	6.839.756	6.561.092	6.779.625	6.853.173	7.137.912
		Variação (%)	-	-4,47	11,94	-7,66	-4,07	3,33	1,08	4,15
	Demais Trabalhadores da Economia Brasileira	Total	82.712.241	84.090.407	84.387.347	84.795.663	82.872.065	84.173.745	85.479.628	87.414.092
		Variação (%)	-	1,67	0,35	0,48	-2,27	1,57	1,55	2,26
	Trabalhadores da Economia Criativa / Demais Trabalhadores da Economia Brasileira (%)		8,37	7,87	8,78	8,07	7,92	8,05	8,02	8,17

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando analisamos os Trabalhadores Incorporados, podemos perceber oscilação no número de ocupados, nesse grupo, com estabilidade no período e no número desses trabalhadores em 2019 (1.854.951) próximo ao verificado em 2012 (1.820.523). Reconhece-se que o número de Trabalhadores da Economia Criativa, de modo geral, também apresentou variação no período, com ligeira elevação no número de trabalhadores em 2019 (7.137.912) em relação a 2012 (6.926.597).

A variação no número de ocupados na Economia Criativa no período pode ser avaliada também no Gráfico 20, favorecendo o reconhecimento da influência mais marcante da variação do número de Empregados dos Setores Criativos no total dos Trabalhadores da Economia Criativa. Isso é perceptível com o acompanhamento da dinâmica da variação das barras que correspondem ao total desses dois grupos, que desenham fluxos comuns.

GRÁFICO 20 | Trabalhadores da Economia Criativa – Brasil 2012–2019

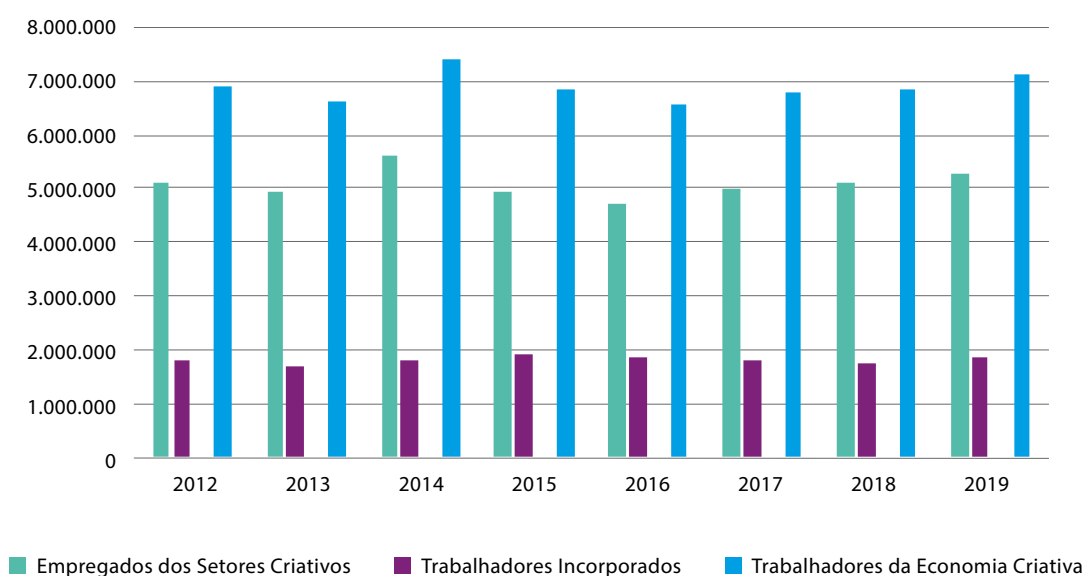


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Isso se explica pela proporção dos Empregados dos Setores Criativos no total de Trabalhadores da Economia Criativa, como se vê no Gráfico 21.

GRÁFICO 21 | Trabalhadores da Economia Criativa (%) – Brasil 2012–2019



Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Percebe-se que Empregados dos Setores Criativos representam mais de 70% desse universo, favorecendo que as mudanças que afetem esse grupo reflitam, mais diretamente, na Economia Criativa, em relação a variações no número de trabalhadores, sua remuneração média, entre outros aspectos.

Diferentemente do que aconteceu para os Demais Trabalhadores da Economia Brasileira, que registrou perdas no número de profissionais ocupados em 2016, os Trabalhadores da Economia Criativa tiveram perdas em 2013, atingindo uma redução de 4,47% no número de ocupados. Analisando as variações nos últimos anos da série histórica, é perceptível que o aumento proporcional do número de profissionais ocupados entre os Trabalhadores da Economia Criativa, em 2019, foi quase o dobro do percebido entre os Demais Trabalhadores da Economia Brasileira, respectivamente 4,15% e 2,26%.

No Gráfico 22, é possível perceber as proporções do total de Empregados dos Setores Criativos no período, acompanhadas da variação percentual da dinâmica de perdas e recuperações de postos de trabalho para esse grupo da Economia Criativa. Como ano com maior número de Empregados dos Setores Criativos da série, com 5.586.389, 2014 é seguido de um período com redução importante nesse número, com o registro de 4.928.509, em 2015, significando uma perda de postos de trabalho de 11,78%.

GRÁFICO 22 | Empregados dos Setores Criativos – Total e Variação – Brasil 2012–2019

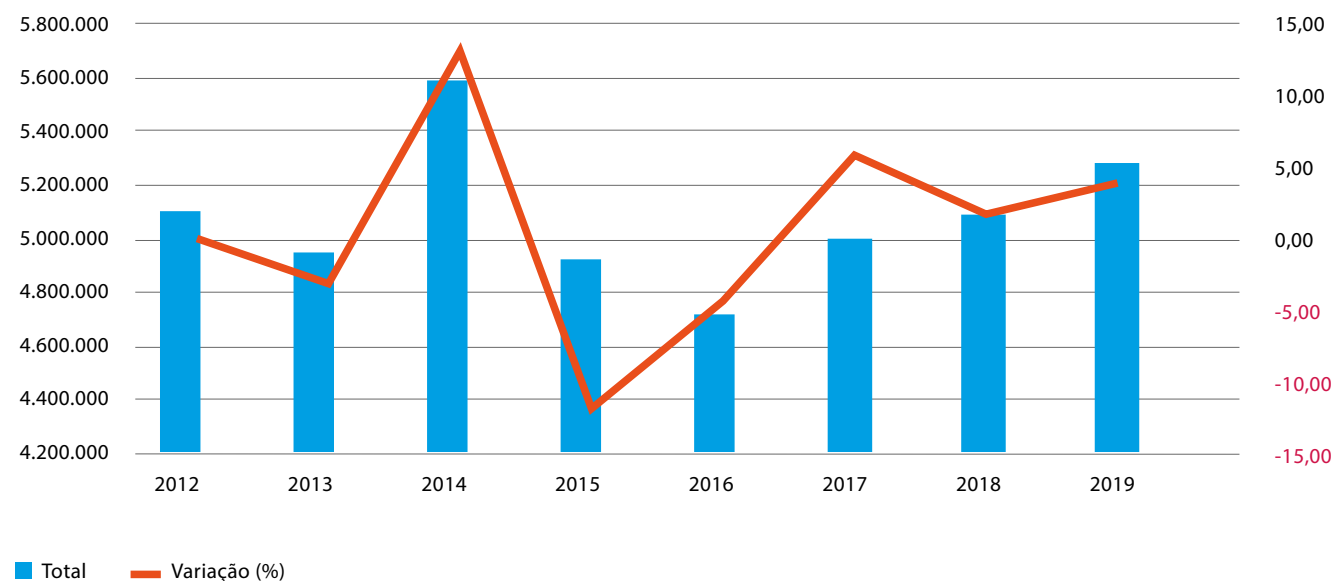


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O gráfico permite visualizar que a recuperação gradual desses postos de trabalho acontece nos anos seguintes, com a retomada do total de Empregados dos Setores Criativos a números mais próximos aos de 2014 apenas em 2019 (5.282.960).

Analisando especificamente os empregados dos setores criativos, os tipos de profissional que o compõem são: (1) Profissionais Especializados –trabalhadores criativos empregados nos setores criativos; e (2) Profissionais de Apoio – trabalhadores não criativos empregados nos setores criativos. Por essa perspectiva, pode-se observar, no período em análise, que Profissionais Especializados estavam em menor proporção entre os Trabalhadores da Economia Criativa, no começo da série histórica (Tabela 19). Contudo, é possível reconhecer uma inversão nessa distribuição, com esses profissionais passando a representar mais da metade dos Trabalhadores da Economia Criativa, no final da série histórica (ver Gráfico 23). É possível perceber a inversão das posições dos tipos de profissional pelas curvas representadas.

TABELA 19

Tipos de Empregados dos Setores Criativos – Brasil 2012–2019							
Período	Profissionais Especializados	Variação (%)	Profissionais Especializados / Empregados dos Setores Criativos (%)	Profissionais de Apoio	Variação (%)	Profissionais de Apoio / Empregados dos Setores Criativos (%)	Empregados dos Setores Criativos
2012	1.887.283	-	36,96	3.218.791	-	63,04	5.106.074
2013	1.796.853	-4,79	36,35	3.146.461	-2,25	63,65	4.943.314
2014	2.602.920	44,86	46,59	2.983.469	-5,18	53,41	5.586.389
2015	2.306.267	-11,40	46,79	2.622.242	-12,11	53,21	4.928.509
2016	2.406.028	4,33	50,98	2.313.559	-11,77	49,02	4.719.587
2017	2.536.397	5,42	50,77	2.459.851	6,32	49,23	4.996.248
2018	2.609.939	2,90	51,31	2.476.297	0,67	48,69	5.086.236
2019	2.742.336	5,07	51,91	2.540.624	2,60	48,09	5.282.960

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Em 2012, os Profissionais Especializados representavam, aproximadamente, 37% dos Empregados dos Setores Criativos, enquanto os Profissionais de Apoio representavam, aproximadamente, 63% desses profissionais. Nota-se o aumento da participação dos Profissionais Especializados no decorrer do período e a diminuição da participação dos Profissionais de Apoio, chegando a, aproximadamente, 52% de Profissionais Especializados entre os Empregados dos Setores Criativos em 2019. Profissionais de Apoio passam a representar cerca de 48% dos profissionais deste segmento, evidenciando maior especialização da mão de obra ocupada entre os Empregados dos Setores Criativos com o passar dos anos.

GRÁFICO 23 | Tipos de Empregados dos Setores Criativos – Brasil 2012–2019

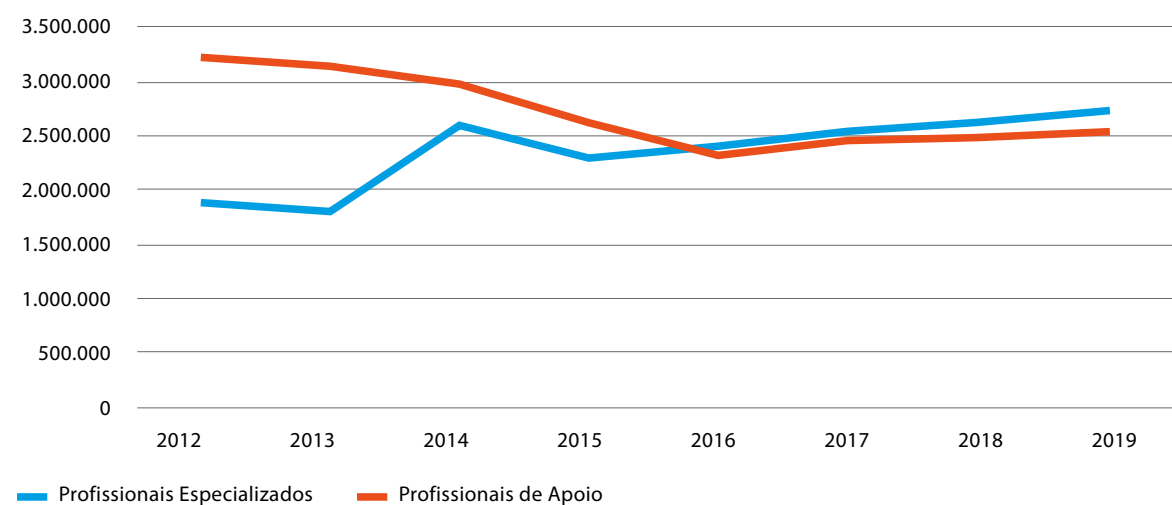


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Vale observar períodos seguintes, buscando identificar se esses grupos seguirão com proporções próximas, como atualmente, ou se haverá algum tipo de intensificação da participação de um deles: com confirmação de tendência de maior participação de Profissionais Especializados; retomada de maior participação Profissionais de Apoio; ou com a manutenção de participação equilibrada dos dois tipos de profissional.

Analisando os dois primeiros trimestres de 2017 a 2020, o cálculo da variação do número de Trabalhadores da Economia Criativa e Demais Trabalhadores da Economia Brasileira considera sempre a comparação com os trimestres imediatamente anteriores a eles (a variação do primeiro trimestre em relação ao quarto trimestre do ano anterior e a variação do segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre do mesmo ano). Assim, observando a variação entre o número de Trabalhadores da Economia Criativa e de Demais Trabalhadores da Economia Brasileira, percebem-se variações negativas no número de ocupados em todos os grupos, no primeiro trimestre de cada ano (Tabela 20). Contudo, no segundo trimestre de 2017 a 2019, registrou-se recuperação no número de ocupados; o que não se verificou no segundo trimestre de 2020, sugerindo a confirmação de efeitos da pandemia do novo coronavírus na Economia Criativa, assim como entre os Demais Trabalhadores da Economia Brasileira.

TABELA 20

Trabalhadores da Economia Criativa Variação (%) Brasil – 1º e 2º Trimestres 2017–2020						
Período	Empregados dos Setores Criativos			Trabalhadores Incorporados	Trabalhadores da Economia Criativa	Demais Trabalhadores da Economia Brasileira
	Geral	Especializados	Apoio			
2017.1º	0,21	0,77	-0,38	-8,04	-2,48	-0,86
2017.2º	2,41	4,94	-0,26	5,57	4,00	1,32
Jun-17	4.843.191	2.544.281	2.298.910	1.787.769	6.630.960	83.241.471
2018.1º	-3,64	-4,58	-2,67	-1,13	-3,05	-0,57
2018.2º	2,60	2,55	2,65	-3,06	0,74	0,71
Jun-18	4.939.698	2.482.079	2.457.618	1.709.268	6.648.966	84.292.068
2019.1º	-1,93	-1,56	-2,32	1,35	-0,81	-0,46
2019.2º	2,09	2,20	1,98	4,21	2,80	1,53
Jun/2019	5.092.257	2.625.556	2.466.702	1.866.226	6.958.484	86.383.342
2020.1º	-4,70	-3,70	-5,78	-2,48	-3,77	-2,33
2020.2º	-6,91	-6,81	-7,02	-12,66	-8,73	-9,72
Jun/2020	4.686.522	2.461.016	2.225.506	1.580.038	6.266.560	77.080.552

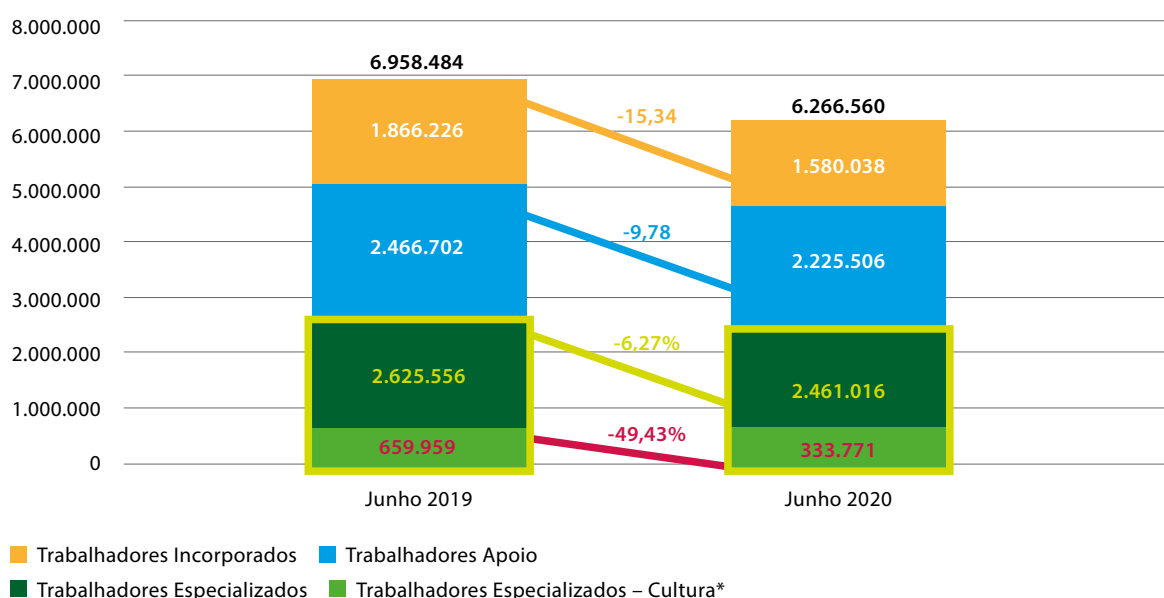
Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Considerando as perdas acumuladas de postos de trabalho, no final do primeiro semestre de 2020, Empregados dos Setores Criativos registrou, aproximadamente, -11,29% (cerca de menos 596.400 trabalhadores ocupados); Trabalhadores Incorporados registrou -14,83% (aproximadamente, menos 274.900 trabalhadores ocupados); Trabalhadores da Economia Criativa, de modo amplo, registrou -12,17% (aproximadamente, menos 871.350 trabalhadores ocupados); e Demais Trabalhadores da Economia Brasileira registrou

-11,82% (aproximadamente, menos 10.333.500 trabalhadores ocupados). Com olhar direcionado aos tipos de Empregados dos Setores Criativos, as perdas acumuladas foram de cerca de -10,26% (aproximadamente, menos 281.319 trabalhadores ocupados) e -12,39% (aproximadamente, menos 315.119 trabalhadores ocupados) entre Profissionais Especializados e Profissionais de Apoio, respectivamente.

Analisando 2020 em relação a 2019, vemos que o cenário de redução na ocupação dos Trabalhadores da Economia Criativa é marcante (Figura 4). Após terminar o primeiro semestre de 2019 com ocupação de 6.958.484 trabalhadores, a Economia Criativa Brasileira registra ocupação de 6.266.560 trabalhadores no final do primeiro semestre de 2020. Uma redução global de, aproximadamente, 9,94% na ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa no final do primeiro semestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019.

FIGURA 4 | Trabalhadores dos Setores Criativos – Comparativo Junho 2019–2020



* Atividades Artesanais, Artes Cênicas e Artes Visuais, Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e Museus e Patrimônio. Figura construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando analisamos os grupos e algumas categorias que compõem os Trabalhadores da Economia Criativa no Brasil, reconhecemos os efeitos da pandemia do novo coronavírus para esses trabalhadores, mas também a diversidade na forma como esses efeitos se deram. Trabalhadores Incorporados tiveram redução de, aproximadamente, 15,34% (passando de 1.866.226 ocupados em 2019 para 1.580.038 em 2020), enquanto Empregados dos Setores Criativos tiveram redução de 6,91% (passando de 5.092.257 ocupados em 2019 para 4.686.522 em 2020). Em valores absolutos, uma redução maior entre os Empregados dos Setores Criativos, com menos 405.735 trabalhadores ocupados em 2020, em relação a 2019; e uma redução de 286.188 trabalhadores ocupados entre os Trabalhadores Incorporados, na comparação entre o final do primeiro semestre de 2020 e de 2019.

Entre os tipos de profissionais que compõem o grupo de Empregados dos Setores Criativos, os Profissionais de Apoio registraram redução de 9,78% em 2020 em relação a 2019 (passando de 2.466.702 ocupados em 2019 para 2.225.506 em 2020) e os Profissionais Especializados registraram 6,27% de

redução em 2020 em relação a 2019 (passando de 2.625.556 ocupados em 2019 para 2.461.016 em 2020). Para avaliar o impacto dos setores criativos mais próximos do setor cultural, recortamos as categorias Atividades Artesanais, Artes Cênicas e Artes Visuais, Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV, e Museus e Patrimônio, como poderá ser avaliado em Profissionais Especializados – Cultura, na Figura 4. O impacto para estas categorias traduz redução de 49,43% em 2020 em relação a 2019 (passando de, aproximadamente, 659.959 ocupados em 2019 para 333.771 ocupados em 2020). O recorte Profissionais Especializados – Cultura é um elemento ilustrativo dessas quatro categorias e os valores destacados em vermelho, no detalhamento, (659.959 referentes a jun/2019 e 333.771, referentes a jun/2020), já estão contidos nos valores apresentados em amarelo, na parte mais escura da barra (2.625.556 referentes a jun/2019 e 2.461.016, referentes a jun/2020).

Sintetizando a distribuição das categorias que reúnem as maiores proporções de Trabalhadores da Economia Criativa, como Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados, o Gráfico 24 permite que seja reconhecida o percentual médio delas entre 2012 e 2019. Nota-se que o percentual de participação das categorias tem variação elevada, favorecendo compreender a complexidade de um setor que lida com uma diversidade de categorias que sentem os efeitos de políticas e eventos econômicos e sociais de formas também diversas, pedindo respostas que respeitem e atendam suas demandas.

GRÁFICO 24 | Trabalhadores da Economia Criativa – Categorias – Percentual médio entre 2012–2019

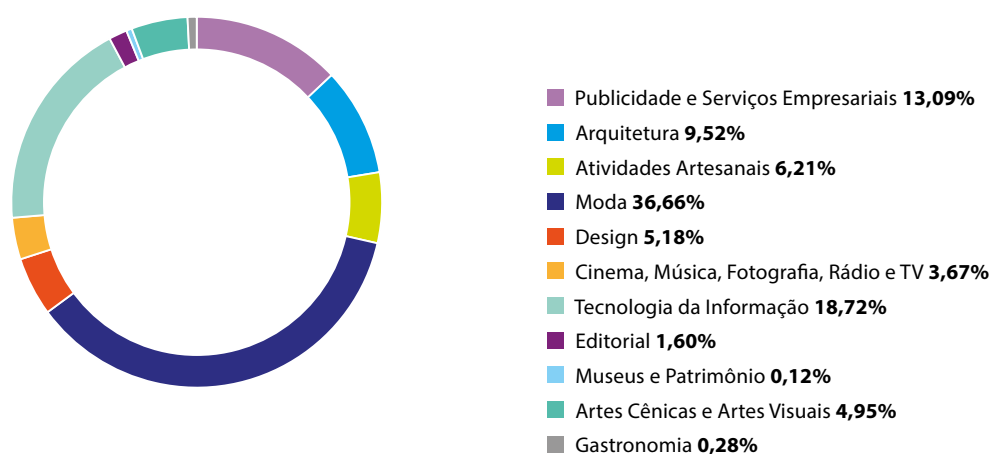


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando se analisa a variação na ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa por Categoria (Tabela 21) nos anos mais recentes, é possível perceber grande variação na ocupação desses trabalhadores com particularidades em diferentes categorias, mas registrando momentos de recuperação de postos de trabalho em relação a períodos anteriores em alguns anos. Contudo, no segundo trimestre de 2020, verifica-se que algumas categorias sofreram efeitos substancialmente mais contundentes que outras.

TABELA 21

Trabalhadores da Economia Criativa por Categoria Variação (%) Brasil – 1º e 2º Trimestres 2017–2020									
Período		2017-1º	2017-2º	2018-1º	2018-2º	2019-1º	2019-2º	2020-1º	2020-1º e 2º
Publicidade e Serviços Empresariais	Empregados dos Setores Criativos	6,06	11,60	-7,75	-10,49	13,52	3,53	-12,28	-8,43
	Trabalhadores Incorporados	-6,37	8,97	-0,90	-10,33	0,75	5,88	-13,38	-30,34
Arquitetura	Empregados dos Setores Criativos	5,82	4,63	4,82	-14,79	1,36	0,18	-4,32	-16,35
	Trabalhadores Incorporados	-17,67	0,36	23,23	40,81	-1,21	10,38	31,57	-89,53
Atividades Artesanais	Empregados dos Setores Criativos	0,63	-0,43	7,56	-13,44	1,48	0,11	-16,56	-49,66
	Trabalhadores Incorporados	3,02	0,14	1,86	-14,60	13,80	13,50	-30,55	-10,16
Moda	Empregados dos Setores Criativos	0,05	3,31	-5,78	7,04	-4,27	5,69	-6,96	-12,42
	Trabalhadores Incorporados	-	-	-	-	-100,00	-	-	-
Design	Empregados dos Setores Criativos	8,25	-2,82	-0,59	-0,51	-8,30	5,73	-11,15	-25,21
	Trabalhadores Incorporados	-100,00	-	-	-	-	-100,00	-	-
Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	Empregados dos Setores Criativos	2,34	-5,99	-14,38	-5,28	15,22	-13,88	-16,17	-38,71
	Trabalhadores Incorporados	-3,51	-5,50	-14,61	8,85	23,02	-12,34	-13,15	-43,21
Tecnologia da Informação	Empregados dos Setores Criativos	-4,13	5,11	-4,88	4,42	3,13	-2,47	-2,13	-4,70
	Trabalhadores Incorporados	-2,49	-2,93	1,46	-7,22	2,68	1,44	-0,76	-8,48
Editorial	Empregados dos Setores Criativos	10,84	-6,74	-5,09	-13,50	2,74	-33,15	46,25	-76,85
	Trabalhadores Incorporados	-100,00	-	-7,88	0,71	-13,88	0,56	62,22	-10,79
Museus e Patrimônio	Empregados dos Setores Criativos	-	-	-	-	-17,67	-3,68	-	-100,00
	Trabalhadores Incorporados	-22,80	-100,00	-	-	-	-	-	-
Artes Cênicas e Artes Visuais	Empregados dos Setores Criativos	-4,32	-0,11	2,16	-10,61	-5,10	-2,04	-17,02	-43,00
	Trabalhadores Incorporados	-35,20	12,78	15,71	70,20	99,62	-35,30	5,56	-100,00
Gastronomia	Empregados dos Setores Criativos	-	-	-	-	-	-	-	-
	Trabalhadores Incorporados	-	-100,00	-	-	-100,00	-	-100,00	-

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

As células que têm a informação (-) como resposta não tinham informação apresentada para o período anterior, influenciando no resultado.

As células que têm a informação -100,00 como resposta não tinham informação apresentada no período atual correspondente, influenciando no resultado e representando informação de perda integral do valor.

Categorias de Empregados dos Setores Criativos, como Atividades Artesanais (-49,66%, aproximadamente 132.846 perdas de postos de trabalho); Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV (-38,71%, aproximadamente 43.845 perdas de postos de trabalho); Editorial (-76,85%, aproximadamente 7.994 perdas de postos de trabalho); e Artes Cênicas e Artes Visuais (-43%, aproximadamente 97.823 perdas de postos de trabalho) foram afetados em proporções elevadas. Enquanto os efeitos para categorias como Publicidade e Serviços Empresariais (-8,43%, aproximadamente 21.562 perdas de postos de trabalho); Arquitetura (-16,35%, aproximadamente 79.930 perdas de postos de trabalho); Design (-25,21%, aproximadamente 81.052 perdas de postos de trabalho); Moda (-12,42%, aproximadamente 259.368 perdas de postos de trabalho); e Tecnologia da Informação (-4,70%, aproximadamente 39.593 perdas de postos de trabalho) foram fortemente afetados, mas proporcionalmente menos intensamente em relação ao primeiro grupo.

Categorias como Atividades Artesanais; Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV, e Artes Cênicas e Artes Visuais foram afetadas de forma contundente tendo sofrido impactos na redução de trabalhadores ocupados em proporções superiores a 38%.

Os efeitos em relação ao número de ocupados entre os Trabalhadores Incorporados também mostram que algumas categorias sofreram efeitos mais fortes da pandemia do novo coronavírus em relação a outras, como Publicidade e Serviços Empresariais (-30,34%, aproximadamente 160.919 perdas de postos de trabalho); Arquitetura (-89,53%, aproximadamente 42.541 perdas de postos de trabalho); Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV (-43,21%, aproximadamente 45.644 perdas de postos de trabalho). Atividades Artesanais (-10,16%, aproximadamente 10.116 perdas de postos de trabalho); Editorial (-10,79%, aproximadamente 6.062 perdas de postos de trabalho); e Tecnologia da Informação (-8,48%, aproximadamente 38.365 perdas de postos de trabalho). A categoria das Artes Cênicas e Artes Visuais registrou redução integral (-100%) de ocupação entre os Trabalhadores Incorporados.

Com a pandemia, as perdas acumuladas na ocupação na Economia Criativa foram perceptíveis. O momento ajudou a evidenciar camadas de complexidade da realidade de parte desses profissionais que merecem olhar mais atento em relação a alguns aspectos, como a questão das diferenças de desempenho no mercado de trabalho formal e informal e a dedicação a múltiplas atividades para composição de renda, para que se deem as respostas apropriadas.

Conforme destaca a Figura 5, os trabalhadores da economia criativa com vínculos informais de trabalho (ou seja, trabalhadores sem carteira assinada e profissionais empregadores ou conta-própria sem cadastro formal de CNPJ) sofreram os maiores impactos com as repercussões da pandemia. Tanto no recorte dos Trabalhadores Especializados, quanto nos Trabalhadores Incorporados e de Apoio, observa-se uma variação negativa no emprego informal entre o 1º Semestre de 2019 e o 1º Semestre de 2020, sendo o emprego dos Trabalhadores de Apoio o mais afetado, com uma perda de postos de trabalho de 28,8%.

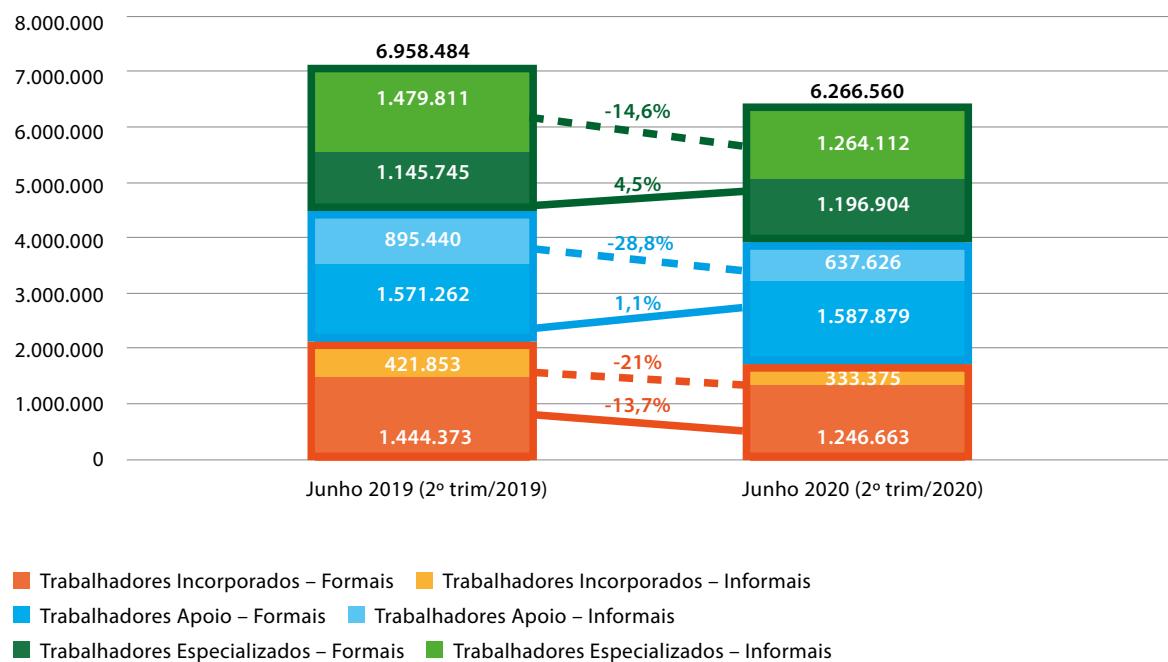
FIGURA 5 | Trabalhadores da Economia Criativa – Formais e Informais – Comparativo Junho 2019–2020

Figura construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Nos recortes formais (ou seja, trabalhadores com carteira assinada, servidores públicos e profissionais empregadores ou conta-própria com cadastro formal de CNPJ), são observadas variações positivas no emprego dos Trabalhadores Especializados e de Apoio, com destaque para o primeiro, que obteve crescimento de 4,5% no emprego entre Junho de 2019 e Junho de 2020 (Figura 5). Tal comportamento explicita que os setores criativos formais conseguiram assegurar seus postos de trabalho em relação ao 1º Semestre de 2019, mesmo em contexto de pandemia. De fato, no contexto geral da economia brasileira, o mercado de trabalho informal foi muito mais impactado do que o formal, conforme já observado pelo IPEA (ULYSSEA, 2020) e como mostra o Quadro 7. Nesse sentido, o emprego na economia criativa formal e informal como um todo mostrou acompanhar a tendência geral do emprego no Brasil nesse período. Alguns possíveis atenuantes do impacto da pandemia no setor formal são as medidas governamentais de diminuição de carga horária e suspensão temporária de contrato que protegeram esse grupo de trabalhadores do possível desligamento, ao passo que os trabalhadores informais foram menos amparados por políticas de manutenção de emprego – embora tenham tido apoio para a conservação de renda por meio do auxílio emergencial.

QUADRO 7

Trabalhadores da Economia Brasileira e da Economia Criativa | Variação (%) | Brasil – 2º Trimestre 2019, 4º Trimestre 2019 e 2º Trimestre 2020

	2º Tri – 2019		4ºTri – 2019		2º Tri – 2020		Variação 2ºTri 2019 – 2ºTri 2020		Variação 4ºTri 2019 – 2ºTri 2020	
	Formal	Informal	Formal	Informal	Formal	Informal	Formal	Informal	Formal	Informal
Total de Trabalhadores da Economia	54.897.925	38.443.900	55.816.183	38.735.821	52.579.497	30.767.615	-5,8%	-20,6%	-4,2%	-20,0%
Trabalhadores da Economia Criativa	4.161.380	2.797.104	4.299.526	2.838.385	4.031.446	2.235.114	-6,24%	-21,3%	-3,1%	-20,1%

Quadro construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Um dos motivos para os resultados positivos na comparação de Junho de 2019 com Junho de 2020 são os bons resultados da Economia Criativa ao longo do ano de 2019. Conforme mostra a Figura 6, em Dezembro de 2019, os trabalhadores da Economia Criativa somavam 7,14 milhões de pessoas, quantidade 2,6% maior do que em Junho de 2019. Assim, ao comparar Dezembro de 2019 a Junho de 2020, observamos queda em todos os segmentos analisados, embora os trabalhadores formais de Apoio e os Especializados tenham apresentado as quedas menos expressivas, reforçando a tese de que os trabalhadores formais dos setores criativos foram os trabalhadores da Economia Criativa que menos sentiram impacto no emprego por conta da pandemia. No caso dos trabalhadores Especializados e de Apoio formais, mesmo com a perda de postos de emprego entre o fim de 2019 e a metade de 2020, ainda se observa uma quantidade maior de empregados na metade de 2020 do que na metade de 2019. Já o segmento de Trabalhadores Incorporados formais vinha apresentando queda desde a metade de 2019, o que se reforçou com as repercussões da pandemia.

FIGURA 6 | Trabalhadores da Economia Criativa – Formais e Informais – Comparativo jun/2019, dez/2019 e jun/2020

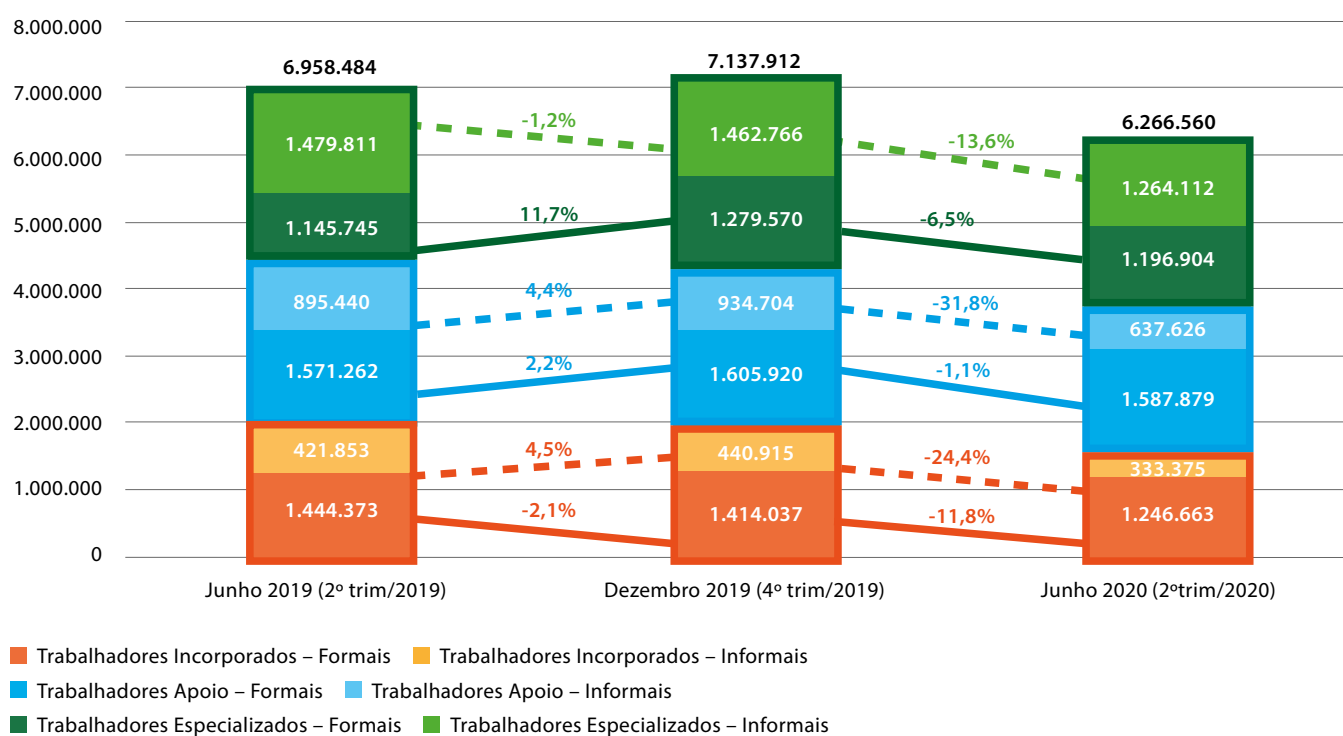


Figura construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A dedicação a múltiplas atividades para composição de renda entre os profissionais da Economia Criativa pode ser notada na pesquisa realizada pelo Observatório de Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA). Segundo dados da pesquisa, aproximadamente 59% dos respondentes da pesquisa afirmam que mais de 75% de sua renda total advém de atividades culturais e para outros, cerca de 28%, a ocupação cultural responde por metade de sua remuneração, sugerindo que uma parcela dos profissionais da cultura concilia seu exercício profissional no campo da cultura com outras atividades. Tendo em vista que ao menos 28% dos profissionais conciliam atividades para a composição da renda mensal, essa diversidade de atividades pode ter contribuído para resultados formais menos impactantes, de acordo com a pesquisa do OBEC-BA.⁴

Assim, registra-se que as perdas acumuladas nos dois trimestres para Trabalhadores da Economia Criativa, de modo amplo e em seus grupos específicos, foram semelhantes ou superiores às perdas para Demais Trabalhadores da Economia Brasileira. Os grupos de profissionais vinculados a atividades criativas foram impactados de forma expressiva com a redução de profissionais ocupados no período, tendo a condição do segundo trimestre agravado de forma aguda a situação dos Trabalhadores Incorporados que tiveram a perda mais contundente no segundo trimestre e acumulam a maior perda nos dois primeiros trimestres de 2020.

As categorias que compõem os grupos de Trabalhadores da Economia Criativa com maior proporção de profissionais ocupados no país, com os agrupamentos do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural a partir de dados da PNAD Contínua, são 11: Publicidade e Serviços Empresariais; Atividades Artesanais; Arquitetura; Artes Cênicas e Artes Visuais; Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; Design; Editorial; Gastronomia;⁵ Moda; Museus e Patrimônio e Tecnologia da Informação, conforme apresenta o Gráfico 24. Essas categorias totalizam, aproximadamente, 65% dos profissionais ocupados no período analisado.

A análise dos dados desagregados, em relação aos grupos que ocupam mão de obra das categorias responsáveis pela maior proporção dos Trabalhadores da Economia Criativa no país, evidencia as categorias para as quais os efeitos da pandemia no novo coronavírus foram mais fortes.

Favorecendo um olhar qualitativo sobre a distribuição dessa mão de obra pelos diferentes estados e regiões do país, o Quadro 8 apresenta as categorias com mão de obra ocupada nos anos mais recentes de Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados.⁶

4 OBEC-BA. Impactos da Covid-19 na Economia Criativa: Boletim Resultados Preliminares. Ed. 2, 24 abr. 2020. Disponível em: https://ufrb.edu.br/proext/images/covid19/boletim/Boletim_Resultados_Preliminares_Ed.2_-_Impactos_da_COVID-19_na_Economia_Criativa.pdf. Acesso em: 06 jul. 2020.

5 A categoria Gastronomia figura entre os Trabalhadores da Economia Criativa e não entre as Empresas Criativas, o método utilizado para a mensuração da Intensidade Criativa não avaliou as empresas ligadas à Gastronomia com Intensidade Criativa (número de ocupados) suficiente para considerar o setor como criativo. Assim, temos trabalhadores na categoria Gastronomia, mas não empresas figurando no setor criativo. Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/total-de-trabalhadores-criativos>

6 Em função do coeficiente de variação muito elevado, algumas variáveis podem figurar como não representativas na amostra, não trazendo informação para alguns períodos.

QUADRO 8

Trabalhadores da Economia Criativa Categorias – Vocações Regionais Brasil			
Região	UF	Empregados dos Setores Criativos	Trabalhadores Incorporados
NORTE	Acre	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade de Serviços Empresariais Tecnologia da Informação
	Amapá	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Tecnologia da Informação
	Amazonas	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Tecnologia da Informação
	Pará	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais
	Rondônia	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação	Publicidade e Serviços Empresariais Tecnologia da Informação
	Roraima	Arquitetura Moda Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Tecnologia da Informação
	Tocantins	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Tecnologia da Informação

QUADRO 8 – CONTINUAÇÃO

Trabalhadores da Economia Criativa Categorias – Vocações Regionais Brasil			
NORDESTE	Alagoas	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Bahia	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Ceará	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Maranhão	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Paraíba	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Tecnologia da Informação
	Pernambuco	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais
	Piauí	Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Tecnologia da Informação
	Rio Grande do Norte	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Tecnologia da Informação
	Sergipe	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Tecnologia da Informação

QUADRO 8 – CONTINUAÇÃO

Trabalhadores da Economia Criativa Categorias – Vocações Regionais Brasil			
CENTRO-OESTE	Distrito Federal	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais
	Goiás	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Mato Grosso	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação
	Mato Grosso do Sul	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Atividades Artesanais Tecnologia da Informação
SUDESTE	Espírito Santo	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Artes Cênicas e Artes Visuais
	Minas Gerais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais
	Rio de Janeiro	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais
	São Paulo	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais

Trabalhadores da Economia Criativa Categorias – Vocações Regionais Brasil			
SUL	Paraná	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais
	Rio Grande do Sul	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais
	Santa Catarina	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Artes Cênicas e Artes Visuais	Publicidade e Serviços Empresariais Arquitetura Atividades Artesanais Moda Design Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Tecnologia da Informação Editorial Museus e Patrimônio Artes Cênicas e Artes Visuais

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O Quadro 8 permite que reconheçamos que as categorias mais firmemente afetadas com a perda de postos de trabalho estão distribuídas em todas as regiões do país e presentes em diversos estados. Isso confirma o alcance nacional do impacto da pandemia na Economia Criativa em todo o país.

Nesse contexto, conhecer o perfil e as condições de atuação dessa mão de obra que perdeu postos de trabalho no período é importante para que as ações de apoio e investimentos na retomada e recuperação das atividades da Economia Criativa consigam responder a esses efeitos. Tomar ciência das dimensões desses efeitos ajuda no planejamento e nas tomadas de decisão para o segmento, pautando-se na confirmação a partir de dados que abrangem os diferentes estados e regiões do país.

Quando analisamos os Empregados da Economia Criativa por Sexo, podemos perceber que é um universo que ocupa majoritariamente mão de obra feminina. O Gráfico 25 reitera o que a Tabela 18 já mostra: mais de 50% das pessoas empregadas em setores criativos, no Brasil, são mulheres.

GRÁFICO 25 | Empregados dos Setores Criativos – Sexo (%) | Brasil 2012–2019

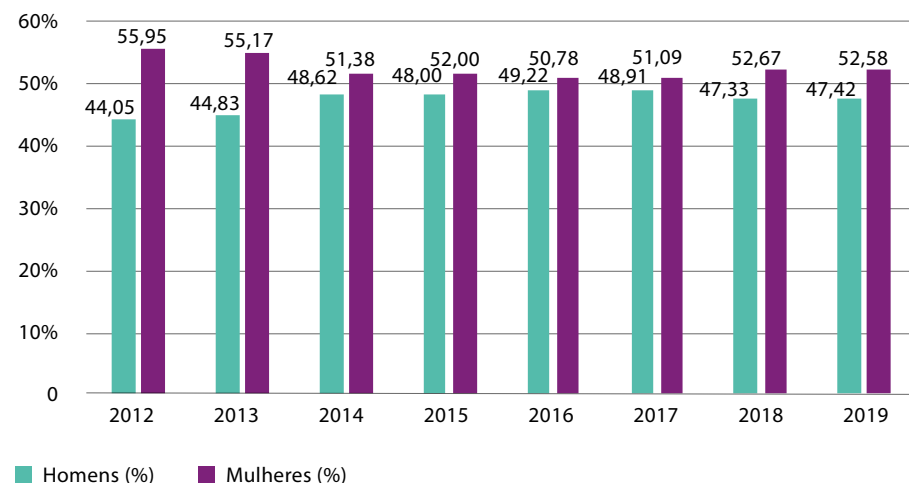


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Variações são percebidas, como a maior participação de mulheres na série histórica, em 2012, com 55,95% compondo os Empregados dos Setores Criativos, sendo 2016 o ano com a menor diferença na proporção entre mulheres (50,78%) e homens (49,22%).

Observamos que a dinâmica de distribuição da escolaridade entre os Empregados dos Setores Criativos registra proporções superiores a 60% de empregados com ensino médio ou superior completos em toda a série de dados. Em 2019, alcançam, aproximadamente, 70% dos Empregados dos Setores Criativos, como se vê na Tabela 22.

TABELA 22

Empregados dos Setores Criativos Escolaridade (Total e % por Faixa) Brasil 2012–2019							
Período		Escolaridade					Total
		Sem instrução e menos de um ano de estudo	Fundamental incompleto	Fundamental completo / Médio incompleto	Médio completo / Superior incompleto	Superior completo	
2012	Total	73.179	1.120.437	829.261	2.032.722	1.050.474	5.106.074
	%	1,43	21,94	16,24	39,81	20,57	100,00
2013	Total	67.501	974.469	819.392	1.946.271	1.135.681	4.943.314
	%	1,37	19,71	16,58	39,37	22,97	100,00
2014	Total	86.454	1.122.361	893.585	2.185.885	1.298.104	5.586.389
	%	1,55	20,09	16,00	39,13	23,24	100,00
2015	Total	78.563	969.981	717.320	1.941.976	1.220.669	4.928.509
	%	1,59	19,68	14,55	39,40	24,77	100,00
2016	Total	63.427	822.342	669.402	1.860.138	1.304.278	4.719.587
	%	1,34	17,42	14,18	39,41	27,64	100,00
2017	Total	64.854	850.829	713.423	1.964.326	1.402.817	4.996.248
	%	1,30	17,03	14,28	39,32	28,08	100,00
2018	Total	52.887	846.999	693.692	2.045.030	1.447.628	5.086.236
	%	1,04	16,65	13,64	40,21	28,46	100,00
2019	Total	41.703	803.293	688.116	2.137.783	1.612.065	5.282.960
	%	0,79	15,21	13,03	40,47	30,51	100,00

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Isso evidencia a qualificação dos profissionais da Economia Criativa e traz contribuições para avaliações sobre diversos outros aspectos, como remuneração média e condição previdenciária, como se lê na sequência.

O perfil de escolaridade elevada dos profissionais da Economia Criativa é algo reconhecido há alguns anos. O que os dados da Tabela 22 nos permitem perceber, especialmente a partir de 2016, é a redução mais acentuada no número de Empregados dos Setores Criativos com até o ensino médio completo e o aumento do número de empregados com, pelo menos, ensino médio completo.

Essa informação é confirmada no Gráfico 26, onde se pode ver a distribuição do percentual de Empregados dos Setores Criativos por faixa de escolaridade no decorrer da série histórica. Nele percebe-se o aumento gradual da participação de empregados com ensino médio ou superior completo de 2012 a 2019. Nota-se que, em 2012, esses grupos representavam, aproximadamente, 60% dos Empregados dos Setores Criativos, alcançando a faixa de 70% no final da série de dados, em 2019, como se lê na Tabela 22.

GRÁFICO 26 | Empregados dos Setores Criativos – Faixa de Escolaridade (%) | Brasil 2012–2019

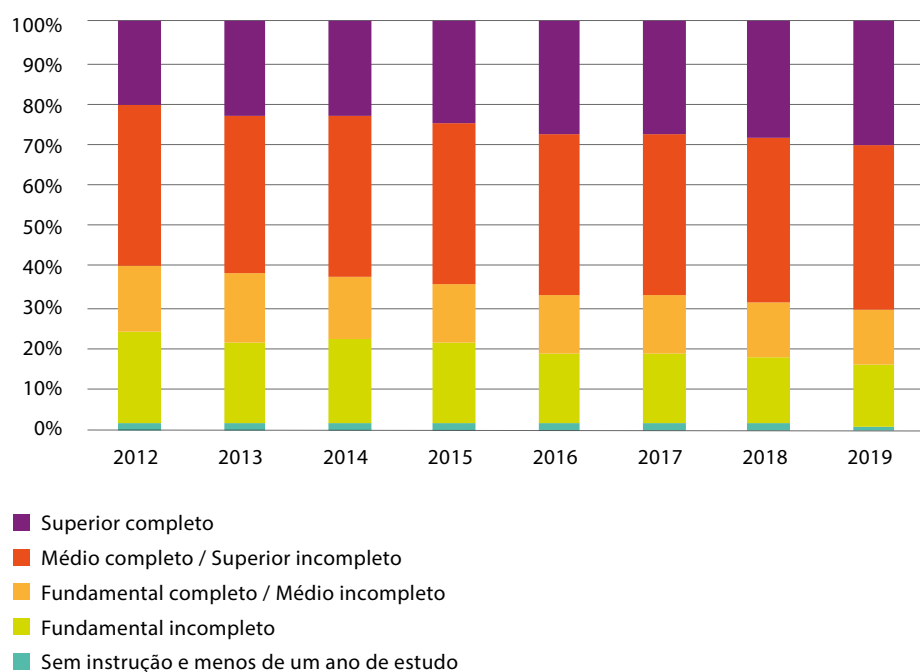


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O que se avalia sobre a escolaridade dos Empregados dos Setores Criativos é que o grupo segue com padrão de escolaridade elevado, favorecendo criação e produção com maiores padrões de inovação e qualidade, assim como a manutenção de entregas e resultados com maior valor adicionado e benefícios à economia brasileira.

Analisando a condição de Contribuição Previdenciária dos Empregados dos Setores Criativos é possível perceber que, no conjunto analisado, é consistente a representação de empregados que contribuem para a Previdência em taxas próximas a 60%, chegando a ultrapassar esse percentual entre 2013 e 2016 (Gráfico 27).

GRÁFICO 27 | Empregados dos Setores Criativos – Contribuição Previdenciária (%) – Brasil 2012–2019

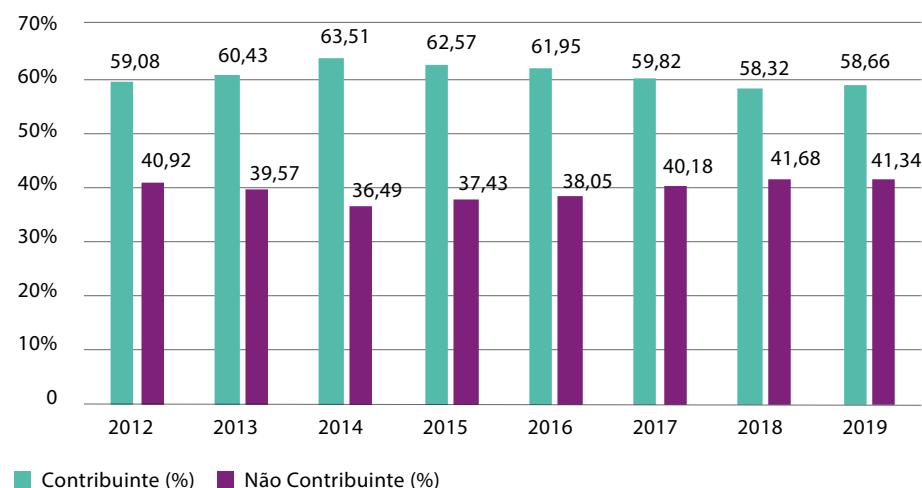


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Compreendendo as condições de seguridade que a contribuição previdenciária confere aos trabalhadores, reconhecer a proporção de Empregados dos Setores Criativos que contribuem para a Previdência fornece informações importantes sobre a condição de trabalho desses empregados, como o gozo de direitos relacionados à seguridade social, auxílios em caso de acidente ou doença, aposentadoria, pensão, entre outros.

Na Tabela 23 é possível perceber que os Trabalhadores da Economia Criativa têm remuneração média superior dos Demais Trabalhadores da Economia Brasileira. Quando analisamos os grupos que compõem os Trabalhadores da Economia Criativa, os Trabalhadores Incorporados têm a maior remuneração média em relação aos Empregados dos Setores Criativos. Nota-se, em todo o período, que a remuneração média, tanto de Empregados dos Setores Criativos quanto dos Trabalhadores Incorporados, registrou tendência de maior variação positiva. Contudo, os Trabalhadores Incorporados registraram variação negativa nos anos mais recentes, 2018 e 2019.

TABELA 23

Remuneração Média na Economia Criativa Brasil 2012–2019								
Período	Empregados dos Setores Criativos		Trabalhadores Incorporados		Trabalhadores da Economia Criativa		Total Economia	
	Total (R\$)	Variação (%)	Total (R\$)	Variação (%)	Total (R\$)	Variação (%)	Total (R\$)	Variação (%)
2012	2.520,18	–	4.016,37	–	2.935,20	–	2.170,46	–
2013	2.745,64	8,95	4.055,81	0,98	3.089,70	5,26	2.252,39	3,77
2014	2.786,21	1,48	4.101,11	1,12	3.116,53	0,87	2.296,10	1,94
2015	2.666,01	-4,31	3.877,86	-5,44	3.132,66	0,52	2.219,48	-3,34
2016	2.732,89	2,51	4.253,41	9,68	3.252,15	3,81	2.231,13	0,52
2017	2.689,25	-1,60	4.394,41	3,31	3.291,47	1,21	2.249,36	0,82
2018	2.705,99	0,62	4.389,65	-0,11	3.303,76	0,37	2.284,99	1,58
2019	2.810,75	3,87	4.319,03	-1,61	3.352,66	1,48	2.290,94	0,26

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A remuneração média desses diferentes grupos de profissionais pode ser visualizada no Gráfico 28, a partir do qual podemos confirmar a leitura da Tabela 23, visualizando maior remuneração média de Empregados de Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados em relação aos Demais Trabalhadores da Economia Brasileira.

GRÁFICO 28 | Remuneração Média na Economia Criativa (em R\$) | Brasil 2012–2019



Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando visualizamos, no Gráfico 29,⁷ a variação da remuneração média no período, 2015 se destaca como um ano de perdas da remuneração média no Brasil. Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados também registraram perda na remuneração média, em outros momentos da série histórica, como 2017 e 2019. Também é possível visualizar a dimensão dos ganhos na remuneração média em alguns períodos como 2013, para Empregados dos Setores Criativos (8,95%), e 2016, para Trabalhadores Incorporados (9,68%).

⁷ O ano de 2012 não é representado no gráfico por ser ano de referência para o início das análises sobre variação e não ser passível de comparação em relação a 2011.

GRÁFICO 29 | Remuneração Média na Economia Criativa – Variação (%) | Brasil 2012–2019

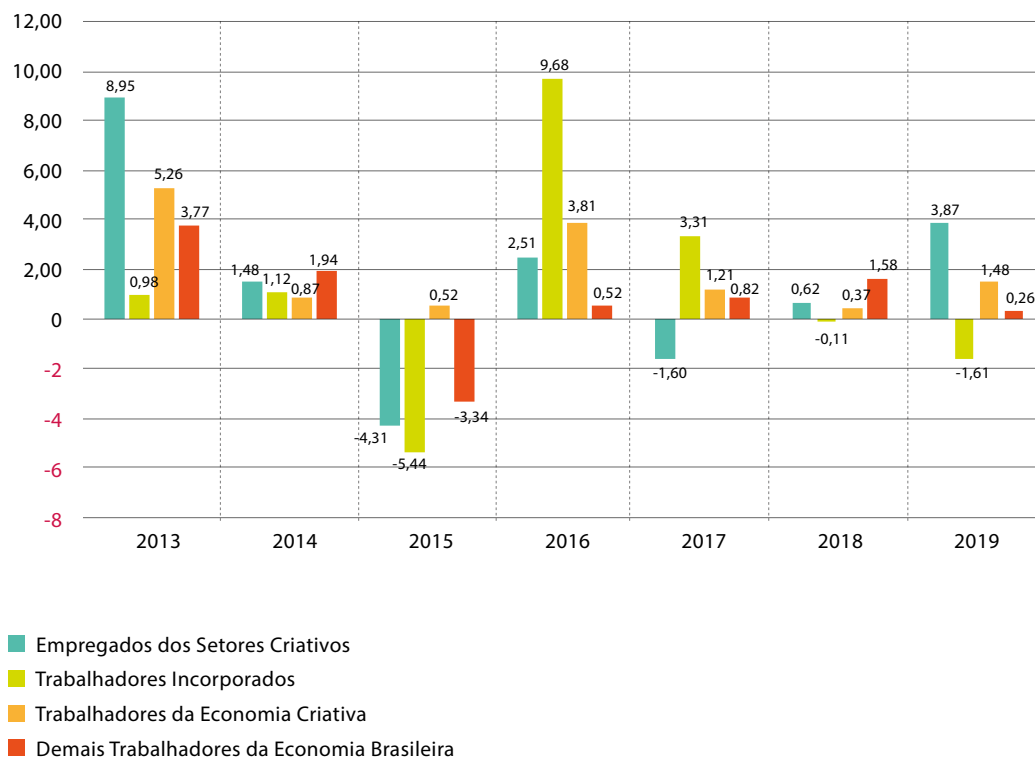


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Observamos também, no Gráfico 29, que variações positivas na remuneração média são mais perceptíveis entre Empregados dos Setores Criativos do que entre os Demais Trabalhadores da Economia Brasileira. Diferentemente também do que é percebido entre os Demais Trabalhadores da Economia Brasileira, nota-se uma variação maior na remuneração média dos Trabalhadores da Economia Criativa entre os anos de 2014 e 2016 com diferenças entre ganhos e perdas maiores entre os Criativos. Em relação às variações positivas e negativas, nota-se que ambas são, em média, mais contundentes.

Quando analisamos a variação da remuneração média dos grupos observados nos dois primeiros trimestres entre os anos de 2017 e 2020 (Tabela 24), não identificamos padrão de comportamento que apoie avaliações sobre expectativas de variação sazonal em relação a este aspecto do contexto profissional dos grupos.

TABELA 24

Remuneração Média Variação (%) – Brasil 1º e 2º Trimestres 2017–2020								
Período	Empregados dos Setores Criativos		Trabalhadores Incorporados		Trabalhadores da Economia Criativa		Demais Trabalhadores da Economia Brasileira	
	Total	Variação	Total	Variação	Total	Variação	Total	Variação
2017–1º	2.728,31	-0,17	4.318,64	1,53	3.454,04	6,21	2.256,98	1,16
2017–2º	2.669,78	-2,15	4.185,52	-3,08	3.083,86	-10,72	2.227,92	-1,29
2018–1º	2.743,20	2,01	4.396,92	0,06	3.526,30	7,13	2.270,73	0,95
2018–2º	2.674,87	-2,49	4.391,24	-0,13	3.108,11	-11,86	2.280,91	0,45
2019–1º	2.736,24	1,12	4.241,84	-3,37	3.488,93	5,60	2.300,31	0,67
2019–2º	2.626,01	-4,03	4.261,30	0,46	3.063,45	-12,20	2.265,24	-1,52
2020–1º	2.723,16	-3,12	4.454,36	3,13	3.506,32	4,58	2.317,00	1,14
2020–2º	2.752,54	1,08	4.577,96	2,77	2.920,86	-16,70	2.435,06	5,10

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Contudo, é possível perceber perda significativa na remuneração média de Trabalhadores da Economia Criativa no segundo trimestre de 2020. Tendo em vista que o resultado diverge dos demais grupos, é importante fazer uma análise específica com base em dados mais desagregados para identificar o que pode ajudar a explicar o fenômeno.

Considerando os benefícios da Lei Aldir Blanc, a remuneração média dos Trabalhadores da Economia Criativa, especialmente os Empregados dos Setores Criativos, se estes forem os responsáveis pela renda média mensal total em suas famílias, são elegíveis ao recebimento do benefício pelo critério do rendimento médio mensal total familiar de até três salários mínimos (aproximadamente R\$ 3.105,00). A remuneração média de Empregados dos Setores Criativos e de Trabalhadores da Economia Criativa está abaixo do teto de elegibilidade para recebimento do benefício da Lei Aldir Blanc, desde que, na soma da renda de outros familiares, não ultrapasse os três salários mínimos. Os Trabalhadores Incorporados, de modo geral, estão acima do teto, não sendo elegíveis ao recebimento do benefício.

Em uma análise geral sobre os Trabalhadores da Economia Criativa, podemos dizer que, especialmente sobre os Empregados dos Setores Criativos, são em maior parte mulheres que contribuem para a Previdência, têm ensino médio ou superior completo e são Profissionais Especializados.

Análises sobre a participação e distribuição dos perfis desses profissionais nas diferentes regiões e estados do país são apresentadas nas próximas seções.

2.1.2. Análises regionais

A oportunidade de aproximar as análises sobre os Trabalhadores da Economia Criativa em recortes regionais, podendo observar os estados brasileiros e o Distrito Federal, ilumina aspectos e traz informações que favorecem reflexões sobre o que aconteceu nos anos recentes. Especialmente, cria oportunidades de aprendizado e oferece possibilidades de trocas e amadurecimento no campo da gestão, bem como avanços no campo das políticas setoriais.

Os dados e as análises que seguem trazem informações sobre os efeitos do que foi feito, mas, oportunamente, oferece um horizonte inesgotável de construção de efeitos ainda mais positivos de curto, médio e longo prazos para a Economia Criativa, assim como para a Economia Brasileira.

Com recorte regional e aproximações aos resultados de estados e do Distrito Federal, os resultados (percentuais) estaduais e regionais são em relação ao total do país.

Análise regional – número de trabalhadores da Economia Criativa

A distribuição dos Trabalhadores da Economia Criativa no território nacional possibilita a construção de desenhos sobre os contornos que esse universo tem. Poder ver esses desenhos, com a perspectiva de ler as variadas narrativas presentes neles, carrega um sem-fim de oportunidades. Nesta seção, é possível observar e analisar os contornos e os fluxos do universo dos Trabalhadores da Economia Criativa, no Brasil, nos últimos oito anos.

Observando a participação de estados e do Distrito Federal na ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa no Brasil, vemos na Região Norte (Tabela 25) que Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados apresentam diferenças em sua distribuição. Entre os Empregados dos Setores Criativos percebemos a Região Norte iniciando a série histórica um pouco abaixo de 3% e terminando-a com uma participação superior a 4% dos profissionais ocupados da Economia Criativa brasileira. Estados como Amapá, Pará e Rondônia também apresentam tendência de aumento na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos no período.

TABELA 25

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Estados e Distrito Federal Norte 2012–2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	Empregados dos Setores Criativos	0,17	0,17	0,28	0,16	0,15	0,16	0,16	0,14
	Trabalhadores Incorporados	0,25	0,18	0,28	0,33	0,21	0,15	0,19	0,14
Amapá	Empregados dos Setores Criativos	0,13	0,17	0,36	0,27	0,20	0,14	0,18	0,21
	Trabalhadores Incorporados	0,22	0,19	0,23	0,24	0,31	0,14	0,21	0,20
Amazonas	Empregados dos Setores Criativos	0,71	0,86	0,84	0,89	0,92	1,02	1,01	0,97
	Trabalhadores Incorporados	1,68	1,54	1,03	1,40	0,92	0,89	1,03	1,01
Pará	Empregados dos Setores Criativos	1,96	1,97	2,21	2,36	2,25	2,63	2,34	2,45
	Trabalhadores Incorporados	2,23	2,56	2,29	1,74	1,78	1,89	2,03	1,71
Rondônia	Empregados dos Setores Criativos	0,36	0,37	0,52	0,43	0,31	0,39	0,44	0,40
	Trabalhadores Incorporados	0,43	0,52	0,60	0,52	0,49	0,43	0,43	0,37
Roraima	Empregados dos Setores Criativos	0,07	0,12	0,13	0,11	0,11	0,12	0,18	0,08
	Trabalhadores Incorporados	0,19	0,24	0,19	0,17	0,16	0,13	0,17	0,20
Tocantins	Empregados dos Setores Criativos	0,35	0,39	0,28	0,28	0,31	0,32	0,32	0,30
	Trabalhadores Incorporados	0,41	0,30	0,33	0,51	0,34	0,40	0,31	0,38
NORTE	Empregados dos Setores Criativos	3,76	4,05	4,62	4,49	4,25	4,77	4,63	4,56
	Trabalhadores Incorporados	5,40	5,53	4,94	4,91	4,21	4,04	4,37	4,01

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Em perspectiva diferente, os Trabalhadores Incorporados apresentam tendência de redução da participação na ocupação desses trabalhadores na região, começando a série histórica com participação superior a 5% e terminando com, aproximadamente, 4%. Entre os Trabalhadores Incorporados, quase todos os estados tiveram tendência de redução da participação na ocupação de Trabalhadores Criativos em relação ao país, com exceção de Roraima, que mostra um cenário de estabilidade na ocupação tanto de Empregados dos Setores Criativos quanto de Trabalhadores Incorporados.

Pará e Amazonas são os estados com a maior ocupação de Trabalhadores Incorporados na Região Norte. O Pará se destaca com, aproximadamente, 2% da participação com variações no período e, assim como o total da região, apresenta tendência de redução na participação em relação ao total do país. O Amazonas começa a série histórica com, aproximadamente, 1,68% de participação na ocupação de Trabalhadores Incorporados, seguindo a tendência da região, e o Pará, com redução na participação nacional com, aproximadamente, 1% da ocupação dos Trabalhadores da Economia Criativa no ano de 2019.

A participação da Região Nordeste (Tabela 26) na ocupação de trabalhadores da Economia Criativa no país apresenta, em média, cenário de estabilidade. Alguns estados se destacam, como Bahia e Pernambuco, com aumento na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos. Sergipe apresenta um cenário de redução na participação dos Empregados dos Setores Criativos, enquanto Bahia apresenta redução na participação de Trabalhadores Incorporados.

TABELA 26

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Estados e Distrito Federal Nordeste 2012-2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Alagoas	Empregados dos Setores Criativos	0,50	0,51	0,49	0,58	0,61	0,43	0,52	0,51
	Trabalhadores Incorporados	0,56	0,64	0,94	1,10	0,64	0,44	0,58	0,58
Bahia	Empregados dos Setores Criativos	3,82	4,00	3,35	3,79	4,34	4,09	3,65	4,17
	Trabalhadores Incorporados	5,53	5,27	3,94	4,64	3,41	5,36	4,78	4,49
Ceará	Empregados dos Setores Criativos	5,04	5,37	4,81	4,92	5,27	5,13	4,99	5,12
	Trabalhadores Incorporados	2,96	2,49	3,04	2,76	3,14	4,16	4,34	3,30
Maranhão	Empregados dos Setores Criativos	1,23	1,14	1,50	1,57	1,25	1,26	1,39	1,27
	Trabalhadores Incorporados	1,35	1,27	1,66	1,25	1,28	0,85	1,28	1,36
Paraíba	Empregados dos Setores Criativos	1,13	1,07	1,99	1,61	1,36	1,37	1,35	1,14
	Trabalhadores Incorporados	1,46	1,34	1,33	1,73	1,76	1,29	1,14	1,29
Pernambuco	Empregados dos Setores Criativos	3,99	4,74	4,50	4,67	4,53	4,12	4,19	4,15
	Trabalhadores Incorporados	3,62	3,88	3,92	3,49	3,89	3,19	2,91	3,51
Piauí	Empregados dos Setores Criativos	1,13	0,90	0,81	0,92	0,87	0,69	1,02	0,75
	Trabalhadores Incorporados	0,73	0,92	1,14	0,97	0,84	0,90	0,89	0,70
Rio Grande do Norte	Empregados dos Setores Criativos	1,35	1,42	1,39	1,20	1,43	1,38	1,34	1,31
	Trabalhadores Incorporados	1,03	1,09	1,06	1,25	1,02	1,26	1,31	1,29
Sergipe	Empregados dos Setores Criativos	0,98	0,96	0,79	0,68	0,56	0,64	0,75	0,60
	Trabalhadores Incorporados	0,66	0,76	0,79	0,69	0,62	0,62	0,55	1,01
NORDESTE	Empregados dos Setores Criativos	19,17	20,11	19,63	19,93	20,21	19,13	19,21	19,02
	Trabalhadores Incorporados	17,90	17,65	17,82	17,89	16,61	18,07	17,79	17,54

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Rio Grande do Norte e Sergipe apontam tendência de aumento da participação na ocupação de Trabalhadores Incorporados. E o Ceará apresenta sutil aumento na participação de ambos os segmentos como tendência geral no período. Vale destacar que as dinâmicas de variação dessa distribuição no período são intensas, com anos de tendência mais acentuada à participação maior no começo da série histórica.

No Centro-Oeste (Tabela 27) é possível perceber um cenário de oscilação sutil na participação da região e dos estados na ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa no país, mantendo a proporção de participação perto de 7% entre os Empregados dos Setores Criativos, apresentando, no entanto, maior oscilação entre os Trabalhadores Incorporados, variando entre 7,65% e 9,58% em diferentes momentos da série, com registro de tendência de aumento da participação em 2019.

TABELA 27

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Estados e Distrito Federal Centro-Oeste 2012-2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Distrito Federal	Empregados dos Setores Criativos	1,40	1,37	1,68	1,44	1,35	1,40	1,43	1,25
	Trabalhadores Incorporados	3,31	2,75	3,62	3,45	3,30	3,06	3,17	3,22
Goiás	Empregados dos Setores Criativos	4,20	3,77	3,91	3,80	3,97	3,94	4,30	3,61
	Trabalhadores Incorporados	2,82	2,69	2,84	2,53	3,52	2,61	1,99	3,45
Mato Grosso	Empregados dos Setores Criativos	1,03	1,03	0,72	1,16	0,94	0,90	1,17	1,14
	Trabalhadores Incorporados	1,13	1,27	1,39	1,26	1,53	1,46	1,22	1,31
Mato Grosso do Sul	Empregados dos Setores Criativos	0,82	0,99	0,83	0,85	0,82	1,05	1,06	1,05
	Trabalhadores Incorporados	1,22	0,96	0,91	1,30	1,23	1,36	1,27	1,06
CENTRO-OESTE	Empregados dos Setores Criativos	7,46	7,16	7,15	7,24	7,08	7,29	7,96	7,05
	Trabalhadores Incorporados	8,48	7,68	8,75	8,55	9,58	8,49	7,65	9,03

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Em relação à participação das unidades da federação da região, Goiás e o Distrito Federal apresentam tendência de redução da participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos, enquanto Mato Grosso do Sul apresenta tendência de aumento da participação na ocupação de Empregados dos Setores Criativos e redução em relação aos Trabalhadores Incorporados. O Distrito Federal apresenta tendência de estabilidade em relação aos Trabalhadores Incorporados, enquanto Goiás e Mato Grosso apresentam ligeira tendência de aumento na participação da ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa no país.

A Região Sul (Tabela 28) apresenta oscilações na participação da ocupação de Trabalhadores da Economia Criativa no país em toda a série histórica, com manutenção de sua participação em 19%, em média, tanto para Empregados dos Setores Criativos quanto para Trabalhadores Incorporados, em todo o período.

TABELA 28

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Estados e Distrito Federal Sul 2012–2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Paraná	Empregados dos Setores Criativos	7,17	6,86	6,42	6,83	6,70	5,92	5,97	6,11
	Trabalhadores Incorporados	6,89	5,81	8,07	9,00	8,04	6,56	7,85	6,84
Rio Grande do Sul	Empregados dos Setores Criativos	5,12	4,78	4,85	5,58	5,43	5,15	5,46	5,69
	Trabalhadores Incorporados	7,58	7,18	8,76	7,38	7,93	7,21	6,31	7,78
Santa Catarina	Empregados dos Setores Criativos	7,16	6,93	6,91	7,37	7,47	7,73	7,97	7,54
	Trabalhadores Incorporados	4,70	4,61	4,72	4,95	4,23	4,05	4,85	5,01
SUL	Empregados dos Setores Criativos	19,45	18,57	18,18	19,78	19,60	18,79	19,39	19,35
	Trabalhadores Incorporados	19,17	17,61	21,55	21,34	20,20	17,82	19,01	19,64

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando observamos especificamente os estados da região, percebemos os três que apresentam comportamentos diferentes: o Paraná, com tendência de redução na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos e estabilidade no que se refere à ocupação de Trabalhadores Incorporados em relação ao país; o Rio Grande do Sul, com sutil tendência de aumento na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos e estabilidade em relação à ocupação de Trabalhadores Incorporados; e Santa Catarina, com sutil tendência de aumento para ambos os grupos registrando, em 2019, aproximadamente, 7,54% de participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos e 5,01% de Trabalhadores Incorporados do país.

Na Região Sul, notamos certo equilíbrio na participação dos estados na ocupação de Empregados dos Setores Criativos e de Trabalhadores Incorporados, especialmente nos anos mais recentes.

Ocupando, em média, mais da metade dos Trabalhadores da Economia Criativa do país, a Região Sudeste (Tabela 29) apresenta cenário de estabilidade entre os Empregados dos Setores Criativos, no período, com momentos de variação negativa em 2015, 2016 e 2018. Contudo, retorna à participação superior a 50%, no final da série histórica, com 50,03% de participação na ocupação desses profissionais em 2019. Ocupando, aproximadamente, 60% dos Trabalhadores Incorporados, em boa parte da série histórica, a região registrou proporções menores de ocupação desse grupo em 2013 e 2014, retornando à participação superior aos 60% nos anos seguintes e fechando a série, em 2019, com ocupação de, aproximadamente, 64,03% dos Trabalhadores Incorporados do país.

TABELA 29

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Estados e Distrito Federal Sudeste 2012–2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Espírito Santo	Empregados dos Setores Criativos	1,58	1,43	1,48	1,48	1,61	1,63	1,65	1,73
	Trabalhadores Incorporados	1,58	1,75	1,29	1,73	1,41	1,83	1,89	2,11
Minas Gerais	Empregados dos Setores Criativos	9,81	10,47	9,11	9,33	9,57	9,86	9,60	9,84
	Trabalhadores Incorporados	10,26	10,31	11,24	11,27	11,85	10,02	11,20	9,46
Rio de Janeiro	Empregados dos Setores Criativos	9,20	9,50	9,16	8,52	8,99	8,82	8,20	8,65
	Trabalhadores Incorporados	10,04	9,75	9,63	10,91	9,86	10,15	11,10	12,53
São Paulo	Empregados dos Setores Criativos	29,58	28,71	30,68	29,22	28,68	29,70	29,35	29,81
	Trabalhadores Incorporados	39,20	33,15	36,89	40,85	39,71	39,57	35,99	39,93
SUDESTE	Empregados dos Setores Criativos	50,16	50,11	50,43	48,56	48,85	50,02	48,80	50,03
	Trabalhadores Incorporados	61,08	54,96	59,05	64,76	62,83	61,58	60,17	64,03

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Analisando a série histórica dos estados, o Espírito Santo apresenta sutil tendência de aumento na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos e Trabalhadores Incorporados, enquanto Minas Gerais tem cenário de instabilidade na ocupação dos Empregados dos Setores Criativos e tendência à redução na participação da ocupação dos Trabalhadores Incorporados do país. O Rio de Janeiro apresenta tendência de redução na participação da ocupação de Empregados dos Setores Criativos e aumento na participação da ocupação de Trabalhadores Incorporados, enquanto São Paulo mostra um cenário de estabilidade para ambos os grupos.

Sobre a distribuição dos profissionais dos Trabalhadores da Economia Criativa no país, percebe-se, em algumas regiões e estados, tendência de aumento na participação de Empregados de Setores Criativos e não de Trabalhadores Incorporados, mesmo com proporções próximas, como Pará, Bahia e Pernambuco. A participação na ocupação dos dois grupos de Trabalhadores da Economia Criativa pode apontar tendência a algum perfil de vocação local ou regional, o que merece análise mais atenta em função da maior intensidade na ocupação de um dos grupos em detrimento do outro.

Observando as regiões em perspectiva comparativa direta (Tabela 30), nota-se a Região Norte com tendência mais objetiva de aumento na participação nacional na ocupação de Empregados dos Setores Criativos, enquanto as outras regiões apresentam oscilações com tendência sutil de redução na participação nacional.

TABELA 30

Trabalhadores da Economia Criativa (%) Regiões Brasil 2012–2019									
Período		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Norte	Empregados dos Setores Criativos	3,76	4,05	4,62	4,49	4,25	4,77	4,63	4,56
	Trabalhadores Incorporados	5,40	5,53	4,94	4,91	4,21	4,04	4,37	4,01
Nordeste	Empregados dos Setores Criativos	19,17	20,11	19,63	19,93	20,21	19,13	19,21	19,02
	Trabalhadores Incorporados	17,90	17,65	17,82	17,89	16,61	18,07	17,79	17,54
Centro-Oeste	Empregados dos Setores Criativos	7,46	7,16	7,15	7,24	7,08	7,29	7,96	7,05
	Trabalhadores Incorporados	8,48	7,68	8,75	8,55	9,58	8,49	7,65	9,03
Sul	Empregados dos Setores Criativos	19,45	18,57	18,18	19,78	19,60	18,79	19,39	19,35
	Trabalhadores Incorporados	19,17	17,61	21,55	21,34	20,20	17,82	19,01	19,64
Sudeste	Empregados dos Setores Criativos	50,16	50,11	50,43	48,56	48,85	50,02	48,80	50,03
	Trabalhadores Incorporados	61,08	54,96	59,05	64,76	62,83	61,58	60,17	64,03

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Em relação aos Trabalhadores Incorporados, nota-se a Região Norte com tendência mais marcante de redução na participação com a ocupação desses trabalhadores, enquanto a Região Nordeste com tendência de redução mais sutil. As regiões Centro-Oeste e Sul revelam uma sutil tendência a maior contribuição na ocupação de Trabalhadores Incorporados no país. A Região Sudeste apresenta tendência mais acentuada de aumento da ocupação desses trabalhadores no país.

Análise regional – Sexo

A participação de mulheres e homens no mercado de trabalho é um aspecto importante na sociedade. As leituras desse aspecto na Economia Criativa brasileira oferecem informações para profissionais e gestores no reconhecimento da conformação do ambiente em que atuam os Empregados dos Setores Criativos, nos últimos oito anos, e de ações possíveis nele e para as pessoas.

Analisando aspectos relacionados ao sexo dos Trabalhadores da Economia Criativa, na Região Norte (Tabela 31) percebe-se que, em seis dos oito anos da série histórica, as mulheres são mais da metade dos Empregados dos Setores Criativos. Em 2013, por exemplo, chegam a alcançar 58,99% dos Empregados dos Setores Criativos. Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins apresentam maior participação de mulheres, com variações pontuais no período.

TABELA 31

Empregados dos Setores Criativos Sexo (%) Estados e Distrito Federal Norte 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	48,28	43,34	75,56	61,66	49,27	54,59	54,56	56,58
		Mulheres (%)	51,72	56,66	24,44	38,34	50,73	45,41	45,44	43,42
Amapá	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	32,07	59,97	73,18	63,08	58,42	47,39	60,99	62,21
		Mulheres (%)	67,93	40,03	26,82	36,92	41,58	52,61	39,01	37,79
Amazonas	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	50,23	43,45	49,24	57,31	46,46	48,06	45,60	52,93
		Mulheres (%)	49,77	56,55	50,76	42,69	53,54	51,94	54,40	47,07
Pará	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	43,21	36,67	48,41	45,60	44,44	51,21	50,10	46,71
		Mulheres (%)	56,79	63,33	51,59	54,40	55,56	48,79	49,90	53,29
Rondônia	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	34,64	46,08	59,48	54,12	52,78	41,45	43,91	45,14
		Mulheres (%)	65,36	53,92	40,52	45,88	47,22	58,55	56,09	54,86
Roraima	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	53,14	53,96	61,06	50,00	55,59	56,41	55,63	62,83
		Mulheres (%)	46,86	46,04	38,94	50,00	44,41	43,59	44,37	37,17
Tocantins	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	49,47	39,13	47,03	47,81	46,99	50,41	43,32	42,92
		Mulheres (%)	50,53	60,87	52,97	52,19	53,01	49,59	56,68	57,08
NORTE	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	44,31	41,01	53,64	50,58	46,79	49,83	48,84	48,98
		Mulheres (%)	55,69	58,99	46,36	49,42	53,21	50,17	51,16	51,02

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Acre, Amapá e Roraima apresentam tendência de maior participação de homens. No Acre, a maior participação de mulheres acontece no ano de 2012, com maior participação consistente de homens a partir de 2015. No Pará, registra-se maior participação de mulheres em 2012 e 2017, mas participação de homens acima de 50% em todos os outros anos da série.

A partir dos dados da Tabela 32, percebe-se que o Nordeste é a região com maior participação média de mulheres entre os: Empregados dos Setores Criativos no país no decorrer da série histórica – superior a 54% –, alcançando aproximadamente 60,11% em 2012 e fechando a série com, aproximadamente, 56,94% de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos.

TABELA 32

Empregados dos Setores Criativos Sexo (%) Estados e Distrito Federal Nordeste 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Alagoas	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	45,90	38,16	45,31	51,61	46,38	41,81	51,15	54,73
		Mulheres (%)	54,10	61,84	54,69	48,39	53,62	58,19	48,85	45,27
Bahia	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	49,79	51,21	49,46	48,46	50,07	52,58	49,02	46,33
		Mulheres (%)	50,21	48,79	50,54	51,54	49,93	47,42	50,98	53,67
Ceará	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	32,36	30,47	32,53	34,79	36,20	34,44	33,57	35,05
		Mulheres (%)	67,64	69,53	67,47	65,21	63,80	65,56	66,43	64,95
Maranhão	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	41,38	47,20	50,71	44,09	50,94	45,58	51,41	50,87
		Mulheres (%)	58,62	52,80	49,29	55,91	49,06	54,42	48,59	49,13
Paraíba	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	36,68	41,73	58,39	39,98	45,74	49,37	41,83	41,74
		Mulheres (%)	63,32	58,27	41,61	60,02	54,26	50,63	58,17	58,26
Pernambuco	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	42,36	43,82	45,54	52,06	52,62	44,35	43,76	46,38
		Mulheres (%)	57,64	56,18	54,46	47,94	47,38	55,65	56,24	53,62
Piauí	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	29,76	32,27	40,85	36,26	34,82	43,05	36,31	40,94
		Mulheres (%)	70,24	67,73	59,15	63,74	65,18	56,95	63,69	59,06
Rio Grande do Norte	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	40,71	39,87	49,80	41,19	47,44	49,42	47,21	45,69
		Mulheres (%)	59,29	60,13	50,20	58,81	52,56	50,58	52,79	54,31
Sergipe	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	39,34	40,51	44,84	46,80	39,98	43,62	39,67	38,76
		Mulheres (%)	60,66	59,49	55,16	53,20	60,02	56,38	60,33	61,24
NORDESTE	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	39,89	40,71	44,79	43,94	45,56	44,13	42,42	43,06
		Mulheres (%)	60,11	59,29	55,21	56,06	54,44	55,87	57,58	56,94

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Analisando os estados, nota-se que Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe são os que têm maior participação de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos em todos os anos da série histórica.

Os dados da região apontam que, no Centro-Oeste (Tabela 33), as mulheres representam a maior proporção dos Empregados dos Setores Criativos, enquanto homens representam a maior proporção de Trabalhadores Incorporados. Contudo, em uma análise por estado, nuances podem ser lidas, como a maior proporção de homens em sete dos oito anos da série histórica em relação aos Empregados dos Setores Criativos no Distrito Federal.

TABELA 33

Empregados dos Setores Criativos Sexo (%) Estados e Distrito Federal Centro-Oeste 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Distrito Federal	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	51,73	55,29	61,73	60,42	67,22	59,95	49,08	53,94
		Mulheres (%)	48,27	44,71	38,27	39,58	32,78	40,05	50,92	46,06
Goiás	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	34,94	39,04	38,37	41,24	49,03	40,13	43,40	40,23
		Mulheres (%)	65,06	60,96	61,63	58,76	50,97	59,87	56,60	59,77
Mato Grosso	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	48,78	49,81	46,41	41,15	46,99	49,34	44,06	47,55
		Mulheres (%)	51,22	50,19	53,59	58,85	53,01	50,66	55,94	52,45
Mato Grosso do Sul	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	42,02	41,98	47,33	45,58	40,51	48,66	43,55	53,14
		Mulheres (%)	57,98	58,02	52,67	54,42	59,49	51,34	56,45	46,86
CENTRO-OESTE	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	40,79	44,10	45,72	45,54	51,23	46,31	44,54	45,78
		Mulheres (%)	59,21	55,90	54,28	54,46	48,77	53,69	55,46	54,22

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Goiás e Mato Grosso do Sul apresentam maior proporção de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos em toda a sua série histórica, confirmando a tendência regional, assim como o Mato Grosso do Sul, que apresenta a maior proporção de mulheres em quase toda a série histórica, tendo maior proporção de homens apenas em 2019, com aproximadamente 56,70%.

Na Região Sul (Tabela 34), nota-se maior proporção de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos com, aproximadamente, 54,91%, e maior proporção de homens entre os Trabalhadores Incorporados, com cerca de 62,38%.

Analisando os estados, percebe-se, em relação aos Empregados dos Setores Criativos, que o Paraná tem a maior proporção de mulheres em seis dos oito anos da série de dados. O Rio Grande do Sul tem a maior proporção de mulheres em quase todos os anos, exceto em 2014 e 2015. E Santa Catarina apresenta a maior proporção de mulheres entre esse grupo de Criativos em todos os anos da série.

TABELA 34

Empregados dos Setores Criativos Sexo (%) Estados e Distrito Federal Sul 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Paraná	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	40,36	43,18	47,42	47,77	45,17	50,30	50,98	48,20
		Mulheres (%)	59,64	56,82	52,58	52,23	54,83	49,70	49,02	51,80
Rio Grande do Sul	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	44,56	47,62	51,79	51,44	48,09	48,24	48,96	44,08
		Mulheres (%)	55,44	52,38	48,21	48,56	51,91	51,76	51,04	55,92
Santa Catarina	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	39,48	37,97	42,16	42,12	44,04	44,70	43,31	43,32
		Mulheres (%)	60,52	62,03	57,84	57,88	55,96	55,30	56,69	56,68
SUL	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	41,14	42,38	46,58	46,70	45,55	47,44	47,26	45,09
		Mulheres (%)	58,86	57,62	53,42	53,30	54,45	52,56	52,74	54,91

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os estados da Região Sul do Brasil fecham a série histórica com, aproximadamente, 51,80%, 55,92% e 56,68% de mulheres, respectivamente, no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, entre os Empregados dos Setores Criativos no ano de 2019.

Ao contrário do comumente percebido em outras regiões, o Sudeste (Tabela 35) registra maior participação de homens na proporção de Empregados dos Setores Criativos em cinco dos oito anos da série de dados, tendo registrado, em 2019, aproximadamente, 50,06% de homens entre os Empregados dos Setores Criativos.

TABELA 35

Empregados dos Setores Criativos Sexo (%) Estados e Distrito Federal Sudeste 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Espírito Santo	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	46,04	43,08	50,40	46,98	45,84	44,44	42,42	42,79
		Mulheres (%)	53,96	56,92	49,60	53,02	54,16	55,56	57,58	57,21
Minas Gerais	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	42,95	42,94	44,78	44,00	45,01	46,79	41,49	44,85
		Mulheres (%)	57,05	57,06	55,22	56,00	54,99	53,21	58,51	55,15
Rio de Janeiro	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	44,06	47,11	53,26	49,21	52,01	52,49	52,10	51,73
		Mulheres (%)	55,94	52,89	46,74	50,79	47,99	47,51	47,90	48,27
São Paulo	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	49,71	50,05	51,88	52,85	54,88	53,31	51,95	51,72
		Mulheres (%)	50,29	49,95	48,12	47,15	45,12	46,69	48,05	48,28
SUDESTE	Empregados dos Setores Criativos	Homens (%)	47,23	47,81	50,80	50,33	52,12	51,59	49,59	50,06
		Mulheres (%)	52,77	52,19	49,20	49,67	47,88	48,41	50,41	49,94

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Observando os estados especificamente, vemos que Minas Gerais apresenta a maior proporção de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos em toda sua série histórica, com proporções superiores a 53% e participação de, aproximadamente, 55,15% de mulheres em 2019. O Espírito Santo apresenta maior proporção de mulheres entre os Empregados dos Setores Criativos em sete dos oito anos da série de dados, registrando a maior proporção em 2019, com cerca de 57,21%. O Rio de Janeiro apresenta maior proporção de homens em cinco dos oito anos da série histórica, terminando-a com, aproximadamente, 51,73% de homens como a maior parte dos Empregados dos Setores Criativos, em 2019. Em São Paulo, quase toda a série histórica tem a maior proporção de homens como Empregados dos Setores Criativos, excetuando-se 2012, com cerca de 50,29% de mulheres. Percebe-se, em São Paulo, uma variação na distribuição dos profissionais por sexo, no período, com maiores proporções de homens entre 2015 e 2017 e distribuição mais equilibrada entre homens e mulheres nos dois últimos anos, entre os Empregados dos Setores Criativos.

Em relação aos dados sobre sexo dos Empregados dos Setores Criativos, de modo amplo, nota-se uma tendência da ocupação de maior proporção por mulheres.

Análise regional – Contribuição previdenciária

A situação de contribuição previdenciária considera um universo de direitos e efeitos no cotidiano digno dos trabalhadores. Direitos como auxílios em caso de acidente ou doença, licença maternidade, aposentadoria, pensões, entre outros, são alguns deles. A realidade dos Trabalhadores da Economia Criativa, expressa nesta seção, apresenta informações importantes para trabalhadores, gestores e fazedores de políticas públicas, somada a várias outras questões que também se implicam diretamente.

Em relação à condição de contribuição previdenciária entre os Trabalhadores da Economia Criativa é perceptível a contribuição consistente da contribuição previdenciária entre os Trabalhadores Incorporados, nas diferentes regiões e estados do país, durante toda a série histórica. Entre os Empregados dos Setores Criativos existe maior proporção de contribuintes da Previdência nas regiões Sul e Sudeste com variações da Região Centro-Oeste e maior participação de não contribuintes nas regiões Norte e Nordeste do país.

Na Região Norte (Tabela 36), a maior proporção entre os Empregados dos Setores Criativos é de não contribuintes, e entre os Trabalhadores Incorporados a maior proporção é de contribuintes da Previdência.

TABELA 36

Trabalhadores da Economia Criativa Contribuição Previdenciária (%) Estados e Distrito Federal Norte 2012–2019			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	62,72	58,74	50,06	61,87	69,50	68,59	60,23	71,05
		Contribuinte (%)	37,28	41,26	49,94	38,13	30,50	31,41	39,77	28,95
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	24,59	20,15	26,93	35,33	27,61	37,45	33,67	12,02
		Contribuinte (%)	75,41	79,85	73,07	64,67	72,39	62,55	66,33	87,98
Amapá	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	60,25	57,09	53,67	70,26	61,30	80,09	81,10	86,66
		Contribuinte (%)	39,75	42,91	46,33	29,74	38,70	19,91	18,90	13,34
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	54,19	12,82	16,59	20,05	48,61	SI	SI	31,95
		Contribuinte (%)	45,81	87,18	83,41	79,95	51,39	SI	SI	68,05
Amazonas	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	60,59	62,03	62,44	70,52	72,35	66,69	71,39	81,87
		Contribuinte (%)	39,41	37,97	37,56	29,48	27,65	33,31	28,61	18,13
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	48,24	34,20	23,42	34,56	37,42	40,99	45,38	33,77
		Contribuinte (%)	51,76	65,80	76,58	65,44	62,58	59,01	54,62	66,23
Pará	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	77,75	69,80	64,99	74,03	72,89	68,49	71,75	75,69
		Contribuinte (%)	22,25	30,20	35,01	25,97	27,11	31,51	28,25	24,31
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	32,48	35,90	45,40	53,19	33,06	48,05	48,34	48,77
		Contribuinte (%)	67,52	64,10	54,60	46,81	66,94	51,95	51,66	51,23
Rondônia	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	61,70	48,36	51,84	47,39	40,02	55,99	63,61	58,64
		Contribuinte (%)	38,30	51,64	48,16	52,61	59,98	44,01	36,39	41,36
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	33,27	33,47	31,75	18,61	28,04	26,06	16,30	27,79
		Contribuinte (%)	66,73	66,53	68,25	81,39	71,96	73,94	83,70	72,21
Roraima	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	44,42	52,69	48,53	64,24	47,17	47,52	66,21	71,10
		Contribuinte (%)	55,58	47,31	51,47	35,76	52,83	52,48	33,79	28,90
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	33,59	24,29	39,29	23,30	32,45	29,50	44,39	17,59
		Contribuinte (%)	66,41	75,71	60,71	76,70	67,55	70,50	55,61	82,41
Tocantins	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	56,30	71,02	62,65	54,65	55,47	56,38	62,02	48,21
		Contribuinte (%)	43,70	28,98	37,35	45,35	44,53	43,62	37,98	51,79
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	38,17	30,33	22,57	22,17	16,33	38,08	25,42	26,63
		Contribuinte (%)	61,83	69,67	77,43	77,83	83,67	61,92	74,58	73,37
NORTE	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	69,04	64,78	60,66	68,71	67,79	66,08	69,97	74,00
		Contribuinte (%)	30,96	35,22	39,34	31,29	32,21	33,92	30,03	26,00
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	38,44	33,10	35,04	37,15	32,92	40,48	39,69	37,28
		Contribuinte (%)	61,56	66,90	64,96	62,85	67,08	56,00	55,41	62,72

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.
SI – Sem informação na base de dados consultada.

Na Tabela 37, é possível ver que a Região Nordeste registra maior proporção de não contribuintes entre os Empregados dos Setores Criativos e de contribuintes entre os Trabalhadores Incorporados.

TABELA 37

Trabalhadores da Economia Criativa Contribuição Previdenciária (%) Estados e Distrito Federal Nordeste 2012–2019			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Período										
Alagoas	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	66,22	59,49	42,68	51,83	50,80	61,55	60,62	64,96
		Contribuinte (%)	33,78	40,51	57,32	48,17	49,20	38,45	39,38	35,04
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	32,10	44,10	34,57	35,48	40,03	31,01	48,90	29,65
		Contribuinte (%)	67,90	55,90	65,43	64,52	59,97	68,99	51,10	70,35
Bahia	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	61,53	55,35	50,27	55,20	53,66	61,75	50,23	60,68
		Contribuinte (%)	38,47	44,65	49,73	44,80	46,34	38,25	49,77	39,32
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	28,91	30,88	37,26	37,04	34,14	46,11	37,15	39,67
		Contribuinte (%)	71,09	69,12	62,74	62,96	65,86	53,89	62,85	60,33
Ceará	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	62,15	61,73	64,95	61,16	56,29	60,77	61,08	63,80
		Contribuinte (%)	37,85	38,27	35,05	38,84	43,71	39,23	38,92	36,20
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	36,87	32,79	33,06	40,67	34,81	26,12	61,07	40,52
		Contribuinte (%)	63,13	67,21	66,94	59,33	65,19	73,88	38,93	59,48
Maranhão	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	67,37	70,17	59,60	73,48	75,68	69,03	70,10	71,18
		Contribuinte (%)	32,63	29,83	40,40	26,52	24,32	30,97	29,90	28,82
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	38,62	50,78	44,12	44,60	57,01	52,19	46,98	40,37
		Contribuinte (%)	61,38	49,22	55,88	55,40	42,99	47,81	53,02	59,63
Paraíba	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	54,18	55,16	53,26	64,38	56,17	53,53	66,26	62,10
		Contribuinte (%)	45,82	44,84	46,74	35,62	43,83	46,47	33,74	37,90
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	32,77	32,88	44,50	34,23	37,53	34,47	45,38	36,85
		Contribuinte (%)	67,23	67,12	55,50	65,77	62,47	65,53	54,62	63,15
Pernambuco	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	63,54	65,93	62,62	59,97	58,41	70,75	65,79	66,66
		Contribuinte (%)	36,46	34,07	37,38	40,03	41,59	29,25	34,21	33,34
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	36,93	19,64	22,24	32,16	34,05	30,29	23,80	34,27
		Contribuinte (%)	63,07	80,36	77,76	67,84	65,95	69,71	76,20	65,73
Piauí	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	68,39	65,86	60,90	67,12	61,84	64,03	68,56	71,59
		Contribuinte (%)	31,61	34,14	39,10	32,88	38,16	35,97	31,44	28,41
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	35,62	38,09	49,64	51,54	49,19	46,94	46,24	38,90
		Contribuinte (%)	64,38	61,91	50,36	48,46	50,81	53,06	53,76	61,10
Rio Grande do Norte	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	42,92	45,97	42,55	46,67	45,64	46,83	55,49	49,88
		Contribuinte (%)	57,08	54,03	57,45	53,33	54,36	53,17	44,51	50,12
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	38,34	16,06	39,51	28,15	46,12	44,55	41,26	25,70
		Contribuinte (%)	61,66	83,94	60,49	71,85	53,88	55,45	58,74	74,30
Sergipe	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	64,59	65,19	58,65	56,22	52,81	61,38	57,85	64,37
		Contribuinte (%)	35,41	34,81	41,35	43,78	47,19	38,62	42,15	35,63
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	46,80	34,19	38,26	27,08	31,51	24,97	32,73	30,57
		Contribuinte (%)	53,20	65,81	61,74	72,92	68,49	75,03	67,27	69,43
NORDESTE	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	61,43	60,76	57,75	59,94	56,61	62,31	60,94	63,53
		Contribuinte (%)	38,57	39,24	42,25	40,06	43,39	37,69	39,06	36,47
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	34,47	30,35	35,25	36,59	38,00	37,01	43,04	36,68
		Contribuinte (%)	65,53	69,65	64,75	63,41	62,00	62,99	56,96	63,32

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No Centro-Oeste (Tabela 38), verifica-se oscilação na distribuição entre contribuintes e não contribuintes da Previdência entre Empregados dos Setores Criativos, com tendência a maior proporção de contribuintes registrada em seis dos oito anos da série de dados da região, com cerca de 50,21% de contribuintes em 2019.

TABELA 38

Trabalhadores da Economia Criativa Contribuição Previdenciária (%) Estados e Distrito Federal Centro-Oeste 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Distrito Federal	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	38,61	36,99	29,26	31,99	33,46	37,22	43,68	37,16
		Contribuinte (%)	61,39	63,01	70,74	68,01	66,54	62,78	56,32	62,84
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	19,42	14,45	11,57	19,85	9,69	12,23	14,28	16,81
		Contribuinte (%)	80,58	85,55	88,43	80,15	90,31	87,77	85,72	83,19
Goiás	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	57,42	52,58	52,46	51,29	46,77	54,18	55,13	55,66
		Contribuinte (%)	42,58	47,42	47,54	48,71	53,23	45,82	44,87	44,34
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	12,45	25,22	25,17	29,22	19,24	18,03	27,96	29,89
		Contribuinte (%)	87,55	74,78	74,83	70,78	80,76	81,97	72,04	70,11
Mato Grosso	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	42,95	43,10	43,75	50,65	40,65	47,90	51,02	45,83
		Contribuinte (%)	57,05	56,90	56,25	49,35	59,35	52,10	48,98	54,17
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	27,96	30,64	25,17	27,86	27,74	15,59	24,04	24,19
		Contribuinte (%)	72,04	69,36	74,83	72,14	72,26	84,41	75,96	75,81
Mato Grosso do Sul	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	47,99	41,19	37,98	50,29	47,40	47,09	47,97	48,95
		Contribuinte (%)	52,01	58,81	62,02	49,71	52,60	52,91	52,03	51,05
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	31,40	38,12	17,31	25,21	25,48	18,15	26,21	27,87
		Contribuinte (%)	68,60	61,88	82,69	74,79	74,52	81,85	73,79	72,13
CENTRO-OESTE	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	50,84	46,66	44,43	47,24	43,50	49,12	51,51	49,79
		Contribuinte (%)	49,16	53,34	55,57	52,76	56,50	50,88	48,49	50,21
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	19,97	23,88	18,73	24,63	18,11	15,53	21,38	24,17
		Contribuinte (%)	80,03	76,12	81,27	75,37	81,89	84,47	78,62	75,83

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Entre os Trabalhadores Incorporados, nota-se a maior proporção de contribuintes da Previdência durante toda a série histórica, assim como é visto até o momento em outras regiões.

A Região Sul (Tabela 39) registrou maior proporção de contribuintes da Previdência (tanto entre Empregados dos Setores Criativos quanto entre Trabalhadores Incorporados). Entre os Empregados dos Setores Criativos, a proporção é superior a 72% em toda a série histórica. Já entre os Trabalhadores Incorporados, a proporção de contribuintes da Previdência é superior a 80% em toda a série histórica.

TABELA 39

Trabalhadores da Economia Criativa Contribuição Previdenciária (%) Estados e Distrito Federal Sul 2012–2019			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Paraná	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	34,06	30,00	28,40	26,75	30,66	31,85	32,83	32,69
		Contribuinte (%)	65,94	70,00	71,60	73,25	69,34	68,15	67,17	67,31
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	19,93	24,96	15,63	17,52	15,45	19,58	17,27	22,44
		Contribuinte (%)	80,07	75,04	84,37	82,48	84,55	80,42	82,73	77,56
Rio Grande do Sul	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	36,34	27,54	29,81	31,05	32,51	27,22	30,16	32,27
		Contribuinte (%)	63,66	72,46	70,19	68,95	67,49	72,78	69,84	67,73
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	14,28	16,59	17,20	14,97	13,08	18,99	17,10	20,76
		Contribuinte (%)	85,72	83,41	82,80	85,03	86,92	81,01	82,90	79,24
Santa Catarina	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	18,45	18,31	16,43	14,89	15,86	16,78	16,52	18,90
		Contribuinte (%)	81,55	81,69	83,57	85,11	84,14	83,22	83,48	81,10
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	12,51	11,02	9,57	12,37	9,08	8,40	10,60	15,32
		Contribuinte (%)	87,49	88,98	90,43	87,63	90,92	91,60	89,40	84,68
SUL	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	28,91	25,00	24,22	23,55	25,53	24,39	25,38	27,19
		Contribuinte (%)	71,09	75,00	75,78	76,45	74,47	75,61	74,62	72,81
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	15,88	17,90	14,94	15,44	13,19	16,80	15,51	19,96
		Contribuinte (%)	84,12	82,10	85,06	84,56	86,81	83,20	84,49	80,04

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Assim como na Região Sul do país, na Região Sudeste (Tabela 40) identifica-se maior proporção de contribuintes da Previdência entre os Trabalhadores da Economia Criativa. Nota-se, entre Empregados dos Setores Criativos, maior proporção de contribuintes da Previdência no decorrer de toda a série histórica, com percentuais superiores a, aproximadamente, 63%.

TABELA 40

Trabalhadores da Economia Criativa Contribuição Previdenciária (%) Estados e Distrito Federal Sudeste 2012–2019										
Período			2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Espírito Santo	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	33,18	34,88	30,72	35,39	28,50	32,63	38,35	41,52
		Contribuinte (%)	66,82	65,12	69,28	64,61	71,50	67,37	61,65	58,48
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	18,94	15,46	17,10	17,58	21,87	24,54	19,10	15,43
		Contribuinte (%)	81,06	84,54	82,90	82,42	78,13	75,46	80,90	84,57
Minas Gerais	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	37,49	37,87	35,32	34,06	37,25	34,42	38,77	33,52
		Contribuinte (%)	62,51	62,13	64,68	65,94	62,75	65,58	61,23	66,48
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	22,86	21,76	16,28	17,75	22,26	24,58	19,14	15,77
		Contribuinte (%)	77,14	78,24	83,72	82,25	77,74	75,42	80,86	84,23
Rio de Janeiro	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	37,33	32,40	31,97	34,83	33,51	36,24	38,27	40,74
		Contribuinte (%)	62,67	67,60	68,03	65,17	66,49	63,76	61,73	59,26
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	23,51	18,79	20,02	16,61	20,83	24,61	20,22	18,85
		Contribuinte (%)	76,49	81,21	79,98	83,39	79,17	75,39	79,78	81,15
São Paulo	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	32,12	32,04	26,62	26,19	30,01	33,06	34,81	32,11
		Contribuinte (%)	67,88	67,96	73,38	73,81	69,99	66,94	65,19	67,89
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	14,21	11,30	13,66	16,35	14,64	14,24	16,48	19,48
		Contribuinte (%)	85,79	88,70	86,34	83,65	85,36	85,76	83,52	80,52
SUDESTE	Empregados dos Setores Criativos	Não Contribuinte (%)	34,16	33,41	29,29	29,50	32,03	33,87	36,29	34,20
		Contribuinte (%)	65,84	66,59	70,71	70,50	67,97	66,13	63,71	65,80
	Trabalhadores Incorporados	Não Contribuinte (%)	17,31	14,73	15,27	16,67	17,21	17,94	17,75	18,68
		Contribuinte (%)	82,69	85,27	84,73	83,33	82,79	82,06	82,25	81,32

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Entre os Trabalhadores Incorporados, essa proporção é superior a, aproximadamente, 81,32%: a maior proporção de contribuintes para a Previdência entre as regiões do país. O cenário da contribuição previdenciária na Região Sudeste está alinhado com o que se observou em todas as outras regiões do país de modo consistente.

A realidade da contribuição previdenciária entre os Trabalhadores da Economia Criativa, entre 2010 e 2019, aponta que a proporção de contribuintes entre Empregados dos Setores Criativos é maior, em média, nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Entre os Trabalhadores Incorporados essa realidade é reconhecida, de modo geral, em todas as regiões do país e de forma consistente nas regiões Sul e Sudeste.

2.1.3. Considerações parciais

A análise dos aspectos que nos dizem quem são os Trabalhadores da Economia Criativa no Brasil, desde 2012, traz informações que nos ajudam a conhecer melhor esses profissionais, apresentando resultados que enriquecem as oportunidades de desenvolvimento de programas e realizações diversas, como a participação mais equilibrada de profissionais especializados e de apoio na estrutura dos profissionais da Economia Criativa no Brasil. O reconhecimento de outras informações – como os perfis de escolaridade e sexo, comumente já expressos, de proporções de escolaridade elevada e importante participação de mulheres –, dá conformação a um recorte da economia brasileira por características que se têm mostrado perenes, de acordo com os dados analisados.

Entender a distribuição da ocupação desses trabalhadores no território abre uma infinidade de possibilidades de atuação tanto dos entes públicos quanto dos agentes privados e do terceiro setor. Reconhecer algumas dinâmicas regionais internas e avaliar quem são e onde estão os profissionais de diferentes categorias sugere vocações, mas também oferece meios para o desenvolvimento de outras desejadas.

Com olhar orientado para os anos mais recentes, em perspectiva com a realidade vivida em 2020 em todo o mundo, é possível reconhecer onde e por quem os efeitos dos fatos deste ano foram mais sentidos, assim como a diversidade de formas de compreender a complexidade da Economia Criativa.

Isso se torna possível com curadoria e disponibilidade de dados existentes em diversas bases públicas, mas dispersos no que se refere ao recorte específico da Economia Criativa, que o Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural traz. Dados com narrativas que iluminam esse ecossistema que mobiliza a economia do país em diferentes perspectivas, entre elas o trabalho e o trabalhador da Economia Criativa, em um momento no qual o uso de dados pode ser um instrumento para planejamentos e tomadas de decisões mais objetivas e orientadas a resultados que queremos e de que precisamos.

2.2. Empresas criativas

Neste capítulo analisaremos a evolução das empresas criativas de 2010 a 2018. Utilizamos os dados mais recentes disponíveis, que correspondem a 2018, para o número de empresas, e 2017 para receita e lucro das empresas. Não existem dados econômicos disponíveis para os anos de 2019 e 2020, pois as fontes oficiais utilizadas pelo Observatório do Itaú Cultural – neste caso a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a Pesquisa Anual de Serviços (PAS) e a Pesquisa Industrial Anual – Empresa (PIA–Empresa) – são publicadas anualmente, com dados de três anos atrás. Portanto, não será possível mensurar a situação das empresas em período imediatamente anterior à pandemia do coronavírus, nem a conjuntura atual e seu impacto sobre as empresas, o que faremos nas considerações ao final deste capítulo com base em dados divulgados pelo IBGE e pesquisas de natureza qualitativa.

Não obstante a ausência de dados econômicos mais recentes, o panorama histórico permite conhecer um pouco mais o perfil das empresas criativas, sua evolução e as diferenças econômicas mais marcantes entre os setores e as regiões, e a identificação de gargalos e vocações, elementos que acreditamos possam servir para que gestores públicos e privados pautem suas estratégias de enfrentamento da crise e o planejamento para a recuperação do setor cultural no atual contexto.

Os principais aspectos abordados aqui são o número total de empresas e sua taxa de natalidade/mortalidade, o volume de receita e lucro, em comparação com o conjunto da economia, assim como a segmentação das empresas em setores e sua distribuição regional.

De acordo com a metodologia e as fontes utilizadas pelo Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, que constituem a base deste relatório, o universo aqui analisado é composto de um conjunto de empresas cuja composição de trabalhadores é majoritariamente formada por criativos. Essas empresas desenvolvem atividades econômicas identificadas por 18 códigos CNAE⁸ e foram agrupadas em dez setores: Arquitetura; Artes Cênicas e Artes Visuais; Atividades Artesanais; Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; Design; Editorial; Moda; Museu e Patrimônio; Publicidade e Serviços Empresariais; Tecnologia da Informação.⁹ Como veremos a seguir, são setores com perfis distintos e que evoluíram diferentemente ao longo do período analisado, nem sempre *pari passu* com a economia como um todo.

8 A lista completa está disponível no Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/total-de-empresas-criativas#>

9 Na primeira parte deste capítulo, que aborda os Trabalhadores Criativos, foram realizados agrupamentos de códigos de ocupação em categorias com as mesmas nomenclaturas que utilizamos aqui, e uma categoria adicional, Gastronomia, que inclui os chefes de cozinha, os trabalhadores criativos do setor gastronômico. Gastronomia não está presente nos agrupamentos de setores criativos/empresas, visto que nenhuma atividade ligada a esse setor apresentou intensidade criativa que se destacasse do restante da economia. As ocupações criativas e seus respectivos agrupamentos de categorias podem ser vistos no Quadro 2 do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/total-de-trabalhadores-criativos>.

O contexto macroeconômico

Primeiramente, cabe resgatar algumas informações acerca da economia brasileira durante o período analisado. Os dados referentes ao crescimento do PIB de 2010 a 2019 permitem identificar dois períodos bastante distintos: de 2010 a 2014, período de expansão da economia e expressivo crescimento, e o período de 2015 a 2019, com crescimento negativo ou muito baixo. Naturalmente esse contexto macroeconômico tem impacto no desenvolvimento do setor criativo, e deve ser considerado na leitura dos dados que apresentaremos a seguir.

GRÁFICO 30 | PIB | Variação em Volume (%)

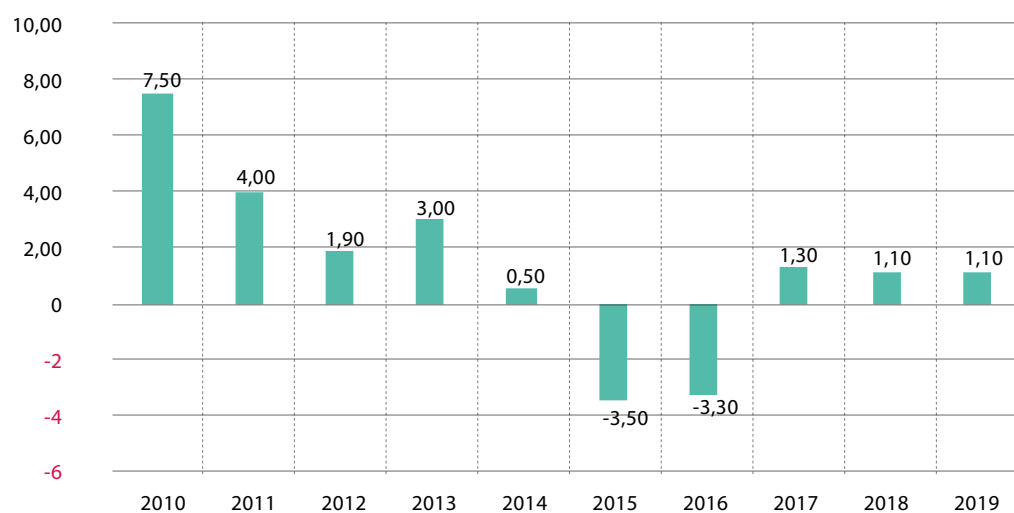


Gráfico elaborado a partir de dados do IBGE: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6784#resultado>

2.2.1. As empresas criativas e o contexto econômico mais amplo

As empresas criativas representavam mais de 4% das empresas do país de 2010 a 2014, percentual que diminuiu a partir de 2015, como podemos ver na tabela a seguir.

TABELA 41

Total de Empresas e Empresas Criativas									
Período	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total de Empresas	3.403.448	3.590.616	3.695.735	3.836.771	3.949.979	3.971.108	3.921.448	3.887.449	3.866.258
Empresas Criativas	143.302	152.322	156.859	160.490	161.835	158.127	151.897	147.318	144.088
%	4,21	4,24	4,24	4,18	4,09	3,98	3,87	3,79	3,72

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A análise comparativa do total de empresas e das empresas criativas no período mostra que a tendência de crescimento é mais alinhada e que a queda do número de empresas começa, para o setor cultural, um pouco antes do que a da economia em geral, e é mais acentuada, ou seja, o número de empresas criativas volta a um patamar próximo ao que era em 2010, enquanto na economia em geral ocorre um crescimento até 2015 e depois uma leve queda, mas se mantém em números muito superiores a 2010. Em 2018, tínhamos 460 mil empresas a mais no Brasil, sendo que, nos setores criativos, a diferença em relação a 2010 não chega a mil.

GRÁFICO 31 | Evolução das Empresas no Brasil

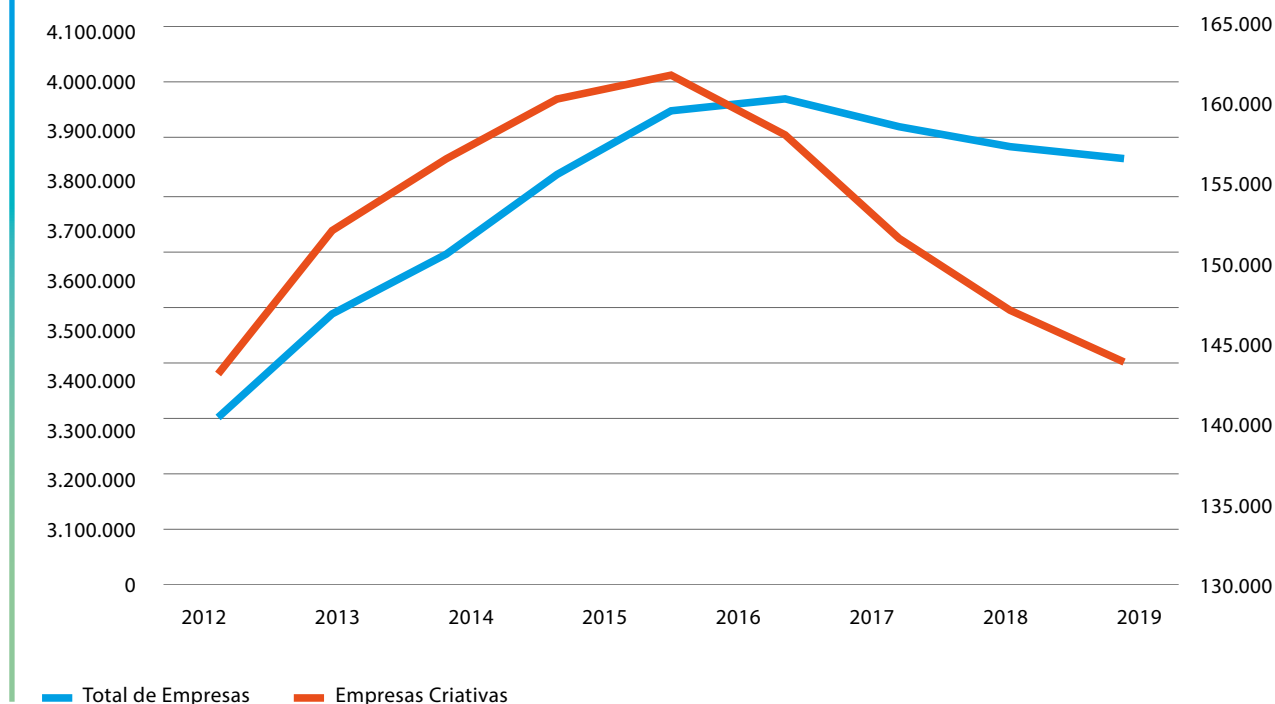


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Com isso, a participação das empresas criativas no conjunto de empresas brasileiras diminuiu no período – era de 4,21% em 2010, chegou a 4,24% em 2012 e caiu para 3,72%, o pior índice, em 2018. Ou seja, considerado em seu conjunto, o setor criativo brasileiro diminuiu e perdeu mais empresas do que o conjunto da economia no período.

Isso se confirma, como atesta no gráfico abaixo, se compararmos a taxa de natalidade/mortalidade das empresas criativas em relação ao total das empresas brasileiras.

GRÁFICO 32 | Taxa de Mortalidade de Empresas

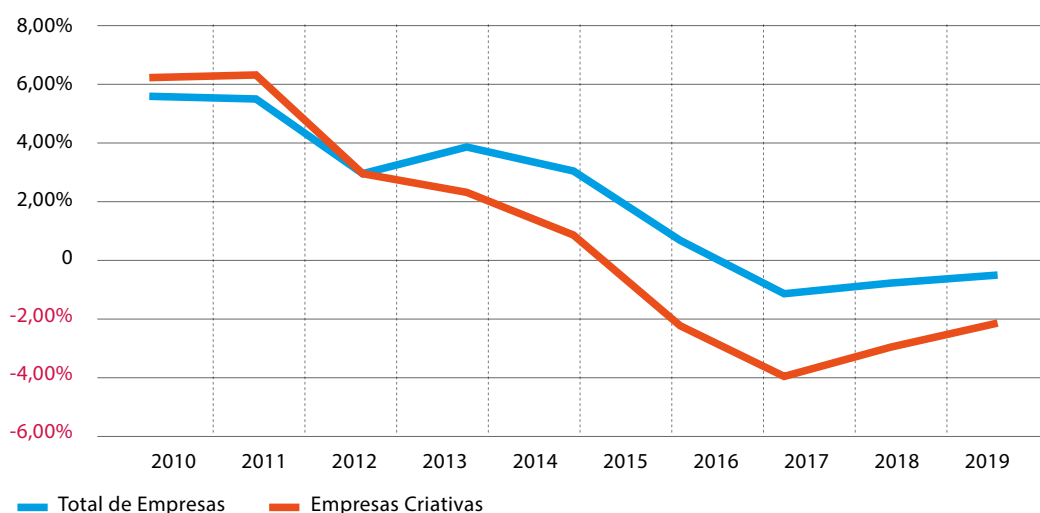


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Em 2010 e 2011, o número de empresas criativas estava em expansão a um ritmo maior do que o da economia em geral, com uma taxa de natalidade mais elevada. Em 2012, as taxas são equivalentes e, a partir de então, o setor criativo registra ainda taxas positivas até 2014, mas menores do que o restante da economia. A partir de 2015, taxas de natalidade são negativas até 2018.

É interessante observar que o setor criativo registra um maior número de empresas em 2014 e a economia como um todo em 2015, quando o PIB brasileiro já estava em queda. Isso talvez diga algo sobre a vulnerabilidade de parte das empresas do setor criativo – pequenas estruturas, com pouco capital e que são afetadas mais rapidamente por um contexto econômico adverso –, o que nos faz pensar no efeito devastador da pandemia para parte das empresas criativas, tema que retomaremos nas considerações parciais ao final deste capítulo.

Já a análise dos valores da receita e lucro bruto das empresas criativas no período indica que, apesar do número de empresas ter aumentado no início da década de 2010 e diminuído a partir de 2015, a receita e o lucro bruto do setor não seguiram essa tendência. A receita e o lucro do setor aumentaram entre 2010 e 2014, tiveram uma pequena queda em 2015 e 2016 e voltaram a crescer em 2017, chegando a valores maiores do que os do início da década.

TABELA 42

Comparativo Receita Bruta e Lucro Bruto Empresas Criativas e Restante da Economia (em mil R\$)				
Período	Receita Bruta Restante da Economia	Receita Bruta Setores Criativos	Lucro Bruto Restante da Economia	Lucro Bruto Setores Criativos
2010	16.219.117.057	376.754.536	8.864.083.824	216.446.747
2011	17.391.403.796	395.206.478	9.335.935.837	224.061.861
2012	18.436.273.537	416.261.882	9.871.284.182	243.590.768
2013	19.342.361.615	424.020.993	10.330.100.973	247.553.356
2014	19.766.918.666	428.558.483	10.466.169.129	249.571.808
2015	19.031.902.767	400.375.329	9.507.727.456	236.587.816
2016	17.906.152.160	381.039.456	9.601.449.911	229.755.821
2017	17.714.332.889	418.633.663	9.649.647.697	260.285.005

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O lucro bruto aumentou ano a ano, entre 2010 e 2014, apresentou queda em 2015 e 2016, e voltou a crescer em 2017, atingindo um valor 20% maior do que o de 2010, embora a receita, em 2017, tenha sido maior do que em 2010, mas menor do que em 2013 e 2014, o que sugere uma melhora na performance das empresas do ponto de vista da gestão ao longo do período.

Apesar da variação do número total de empresas, o setor registrou crescimento no período, como podemos visualizar melhor no gráfico a seguir:

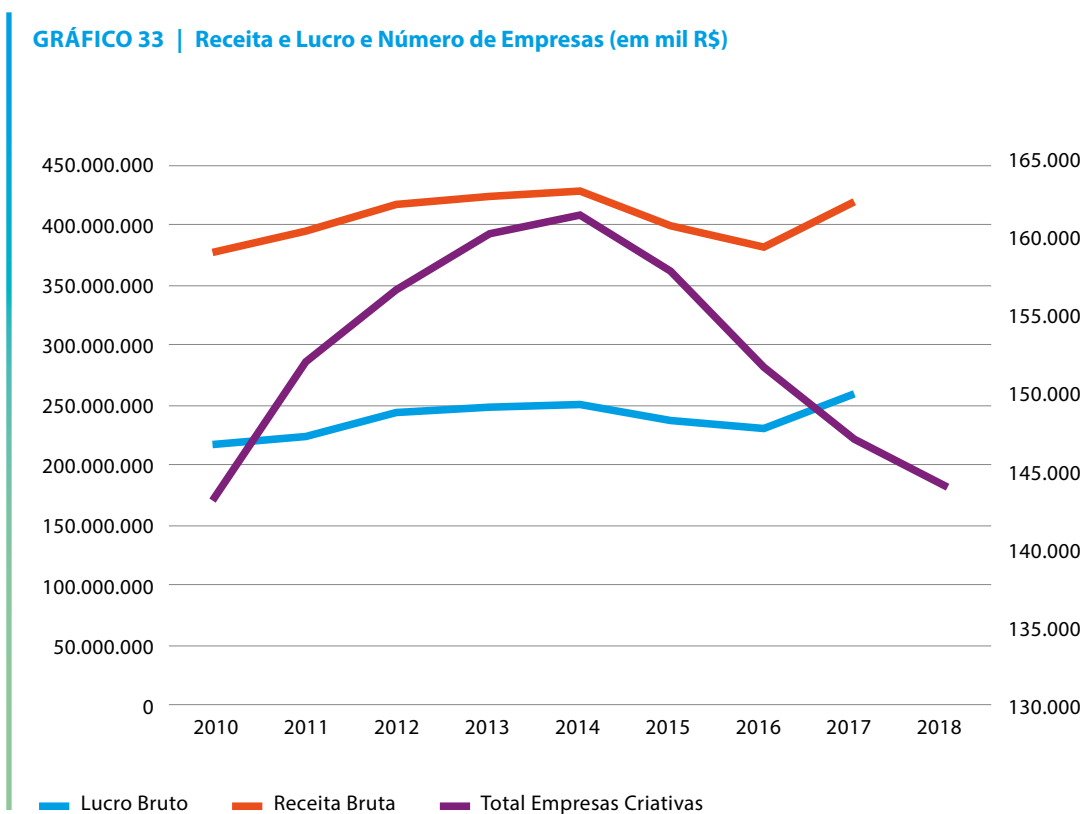


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Isso evidencia uma significativa resiliência de parte do setor, considerado em seu conjunto, e uma capacidade de crescimento mesmo nos períodos mais adversos do ponto de vista macroeconômico. As empresas criativas, ao longo de uma década, aumentaram sua contribuição para a economia nacional.

QUADRO 9

Percentual da Receita Bruta das Empresas Criativas na Economia	
2010	2,27
2014	2,12
2017	2,3

Quadro construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Deve-se destacar ainda que esse percentual de participação de mais de 2% da economia criativa na receita bruta do conjunto de empresas é muito relevante, e maior do que o aportado por setores tradicionais, tais como metalurgia e indústrias extrativas, que participavam com cerca de 2% no ano de 2017.

Uma outra característica do setor criativo é que ele é composto majoritariamente de empresas de micro e pequeno portes. Essa distribuição não apresentou variação significativa ao longo do período analisado. O contingente de pequenas e microempresas chega a 97%.

QUADRO 10

Porte das Empresas Criativas (%)			
Período	2010	2014	2018
Grande	0,81	0,83	0,93
Média	1,77	1,61	1,69
Pequena	13,94	12,94	12,88
Micro	83,47	84,62	84,5

Quadro construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

2.2.2. Distribuição regional e setorial

Foram apresentados, acima, dados econômicos do conjunto de empresas criativas. A seguir, analisaremos sua distribuição geográfica, a fim de identificar diferenças marcantes, bem como vocações, tendo em vista a grande diversidade e a extensão de nosso país, para, em seguida, analisarmos diferenças regionais e as especificidades de cada setor.

As tabelas abaixo informam o número de empresas criativas agrupadas por região e por estado de 2010 a 2017.

TABELA 43

Região Norte								
Período	UF_AC	UF_AM	UF_AP	UF_PA	UF_RO	UF_RR	UF_TO	Total região
2010	147	526	120	1.134	774	103	352	3.156
2011	160	582	142	1.186	842	107	384	3.403
2012	161	589	148	1.288	850	103	413	3.552
2013	157	613	149	1.339	873	106	415	3.652
2014	162	620	144	1.416	893	122	427	3.784
2015	169	621	136	1.420	869	125	453	3.793
2016	178	585	137	1.341	831	124	450	3.646
2017	168	571	123	1.336	811	133	441	3.583
2018	158	573	136	1.307	790	146	440	3.550

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 44

Região Nordeste										
Período	UF_AL	UF_BA	UF_CE	UF_MA	UF_PB	UF_PE	UF_PI	UF_RN	UF_SE	Total região
2010	564	4.460	4.986	755	1.129	4.106	814	1.391	796	19.001
2011	635	4.738	5.338	808	1.209	4.503	921	1.484	889	20.525
2012	720	4.822	5.498	844	1.237	4.887	910	1.520	945	21.383
2013	743	4.969	5.577	896	1.278	5.212	961	1.574	997	22.207
2014	808	5.086	5.725	916	1.329	5.384	954	1.621	1.009	22.832
2015	835	4.986	5.596	946	1.349	5.258	942	1.634	1.003	22.549
2016	789	4.784	5.287	938	1.355	5.035	922	1.610	973	21.693
2017	774	4.681	5.062	922	1.323	4.854	929	1.585	963	21.093
2018	770	4.602	4.917	936	1.293	4.792	882	1.573	951	20.716

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 45

Região Centro-Oeste					
Período	UF_DF	UF_GO	UF_MS	UF_MT	Total região
2010	2.191	5.559	1.330	1.676	10.756
2011	2.319	6.109	1.435	1.867	11.730
2012	2.416	6.406	1.551	1.976	12.349
2013	2.476	6.677	1.617	2.046	12.816
2014	2.474	6.925	1.664	2.054	13.117
2015	2.378	6.768	1.646	1.975	12.767
2016	2.309	6.465	1.583	1.932	12.289
2017	2.238	6.213	1.574	1.917	11.942
2018	2.161	6.096	1.538	1.926	11.721

TABELA 46

Região Sudeste					
Período	UF_ES	UF_MG	UF_RJ	UF_SP	Total região
2010	2.857	17.096	11.229	41.842	73.024
2011	3.004	17.952	12.059	44.446	77.461
2012	3.084	18.352	12.416	45.578	79.430
2013	3.050	18.553	12.532	46.566	80.701
2014	3.060	18.619	12.485	46.535	80.699
2015	3.043	18.075	12.105	45.511	78.734
2016	2.917	17.337	11.368	43.871	75.493
2017	2.809	16.851	10.685	42.445	72.790
2018	2.810	16.486	10.183	41.219	70.698

TABELA 47

Região Sul				
Período	UF_PR	UF_RS	UF_SC	Total região
2010	11.951	10.589	14.825	37.365
2011	12.634	11.065	15.504	39.203
2012	12.846	11.375	15.924	40.145
2013	13.084	11.570	16.460	41.114
2014	13.121	11.681	16.601	41.403
2015	12.715	11.309	16.260	40.284
2016	12.142	10.910	15.724	38.776
2017	11.826	10.547	15.537	37.910
2018	11.666	10.301	15.436	37.403

Tabelas construídas a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O gráfico a seguir apresenta o número de empresas por região em três momentos e permite visualizar a distribuição de empresas por região, observar que o número de empresas em todas as regiões foi maior em 2014 e que, em 2018, os números se aproximam daqueles de 2010.

GRÁFICO 34 | Empresas Criativas por Região

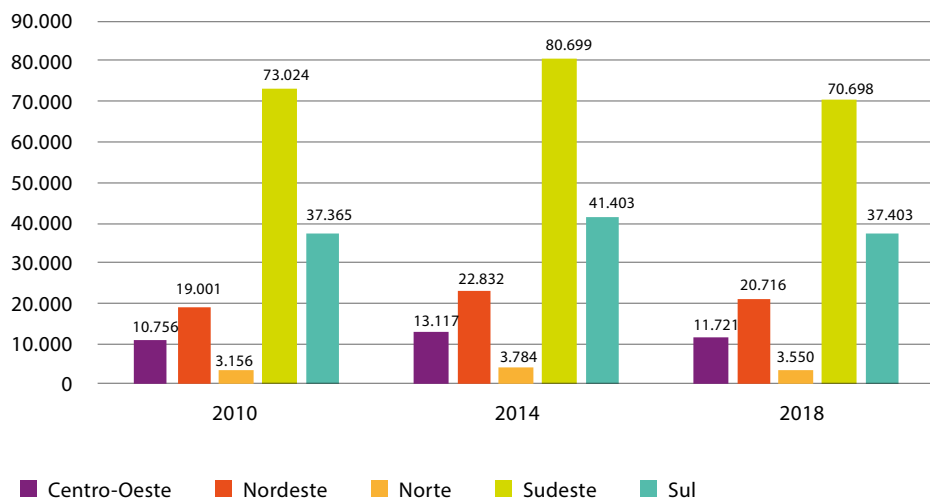
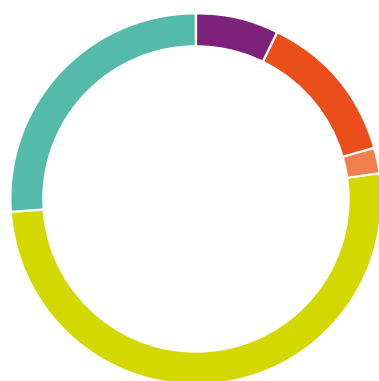


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

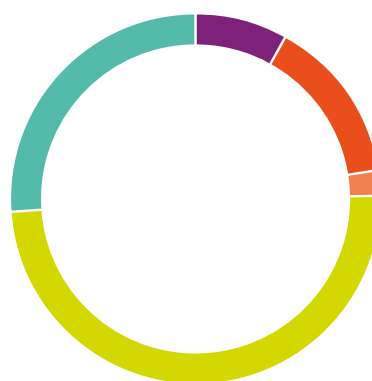
Ainda em relação ao número de empresas, o gráfico a seguir permite ver a distribuição de empresas por região, em 2010 e 2018, evidenciando a concentração de empresas na Região Sudeste, mas com um pequeno aumento percentual da participação do Norte, Centro-Oeste e Nordeste no total de empresas.

GRÁFICO 35 | Distribuição de Empresas por Região 2010



Centro-Oeste **7,50%**
 Nordeste **13,30%**
 Norte **2,20%**
 Sudeste **51,00%**
 Sul **26,00%**

GRÁFICO 36 | Distribuição de Empresas por Região 2018



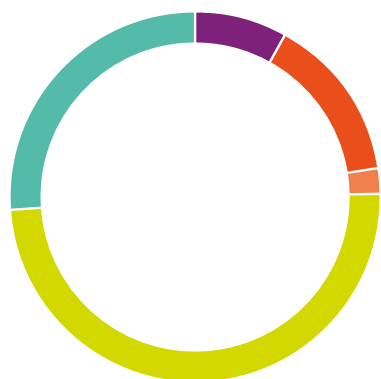
Centro-Oeste **8,10%**
 Nordeste **14,40%**
 Norte **2,50%**
 Sudeste **49,00%**
 Sul **26,00%**

Gráficos construídos a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Já a análise do peso de cada região em relação à receita em 2017 indica que há maior concentração de capital na Região Sudeste, onde estavam cerca de 49% das empresas e 60% da receita em 2017.¹⁰

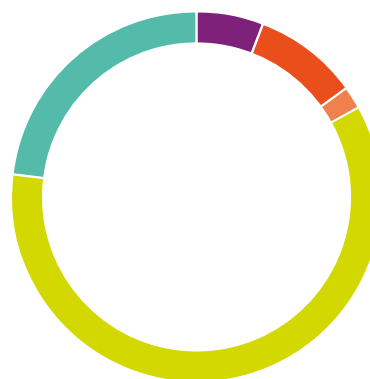
10 Tentamos sempre trazer os dados mais recentes na análise. Aqui, no entanto, os dados de empresas e receita bruta são de 2017. Sendo assim, comparamos com os dados de empresas em 2017, embora tenhamos dados do número de empresas de 2018.

GRÁFICO 37 | Distribuição Regional das Empresas Criativas (em nº de empresas) 2017



Centro-Oeste **8,10%**
 Nordeste **14,30%**
 Norte **2,40%**
 Sudeste **49,20%**
 Sul **26,00%**

GRÁFICO 38 | Receita Bruta Distribuição Regional 2017



Centro-Oeste **6,00%**
 Nordeste **9,00%**
 Norte **2,00%**
 Sudeste **60,00%**
 Sul **23,00%**

Gráficos construídos a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

2.2.3. Os setores criativos

A seguir, apresentaremos as empresas criativas segundo os dez setores contemplados pelo Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, a fim de observar as especificidades, assim como as diferenças e/ou convergências de desempenho e distribuição de cada um deles de forma comparativa.

Evidentemente, os dados quantitativos não refletem a importância simbólica, o valor intangível de cada setor e sua contribuição para a riqueza e a diversidade da cultura brasileira. Setores como Museus e Patrimônio, Artes Cênicas e Artes Visuais, Design e Arquitetura, quantitativamente menores entre os setores analisados, são extremamente relevantes para nossa teia cultural.

As tabelas abaixo apresentam a evolução do número de empresas por setor, de 2010 a 2018.

TABELA 48

Evolução do Número de Empresas por setor 2010–2018					
Período	Moda	Tecnologia da Informação	Publicidade e Serviços Empresariais	Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	Atividades Artesanais
2010	65.420	30.375	10.539	10.915	10.374
2011	68.843	32.825	11.799	11.755	10.628
2012	69.521	34.551	12.651	12.435	10.724
2013	70.320	35.578	13.618	12.886	10.840
2014	69.828	36.309	14.319	13.330	10.767
2015	66.789	35.964	14.923	13.220	10.492
2016	62.264	35.779	15.227	12.863	10.046
2017	59.286	35.289	15.829	12.467	9.676
2018	56.785	35.219	16.707	11.976	9.439

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 49

Evolução do Número de Empresas por setor 2010–2018					
Período	Editorial	Artes Cênicas e Artes Visuais	Arquitetura	Design	Museus e Patrimônio
2010	8.939	3.168	2.681	643	248
2011	9.019	3.558	2.873	773	249
2012	9.110	3.782	2.995	857	233
2013	8.986	4.045	2.999	962	256
2014	8.826	4.148	3.001	1.041	266
2015	8.316	4.090	3.088	978	267
2016	7.667	3.966	2.844	971	270
2017	7.067	3.844	2.638	951	271
2018	6.490	3.624	2.669	909	270

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os setores Moda, Tecnologia da Informação, Publicidade e Serviços Empresariais, Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e Atividades Artesanais são os que têm maior número de empresas. Design e Museus e Patrimônio são os menores setores em número de empresas.

GRÁFICO 39 | Número de Empresas por Setor

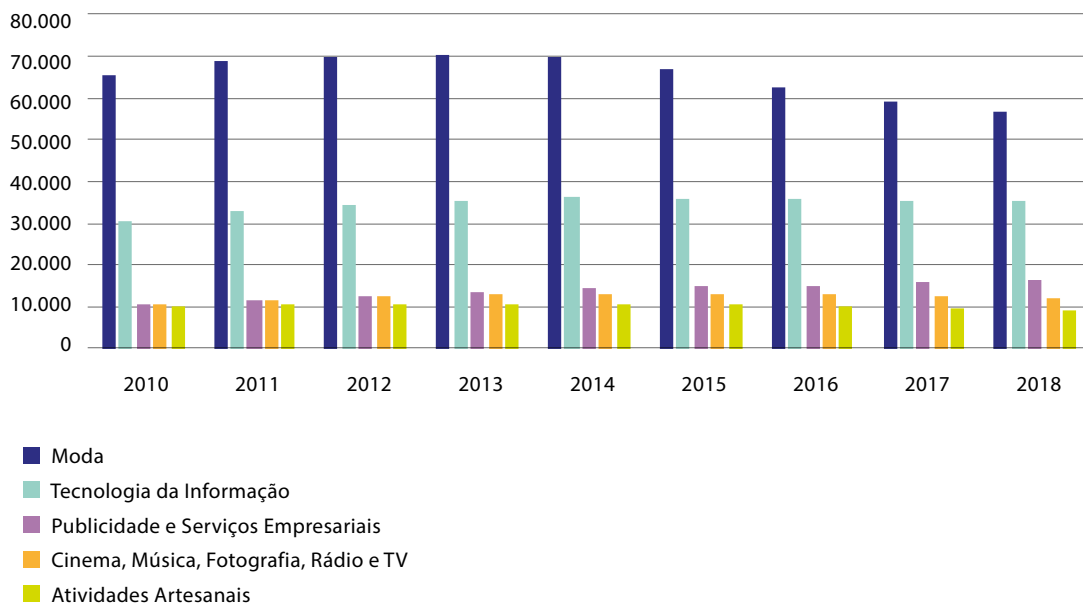


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 40 | Número de Empresas por Setor

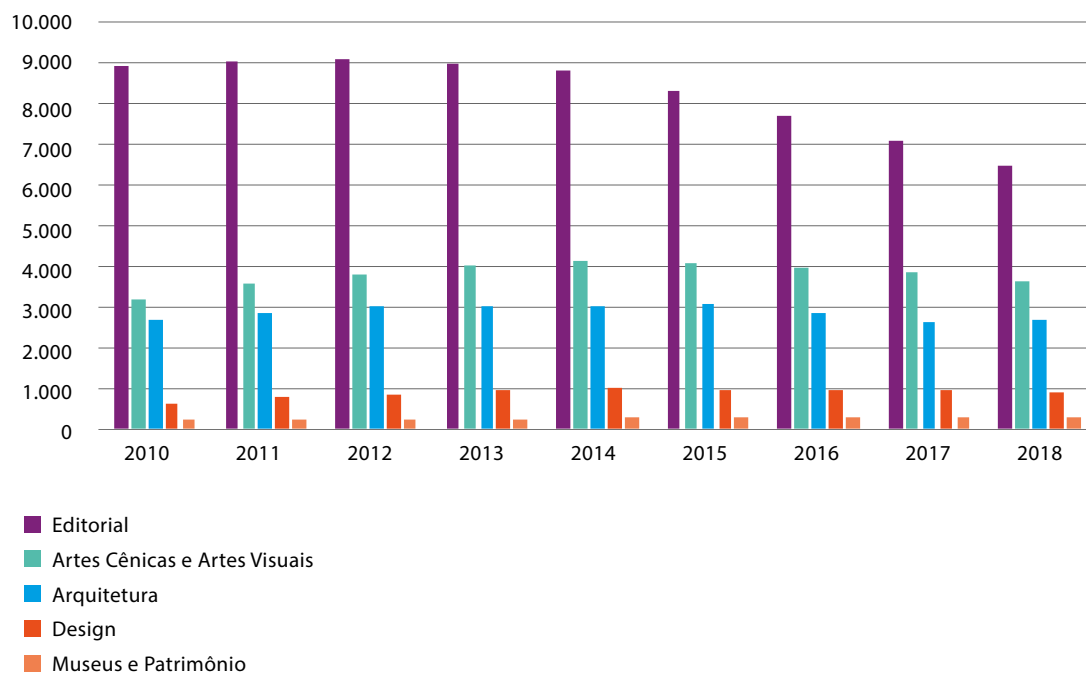


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Nos gráficos a seguir podemos ver com mais clareza a evolução do número de empresas em cada setor ao longo de todo o período analisado.

GRÁFICO 41 | Evolução dos Setores em Número de Empresas

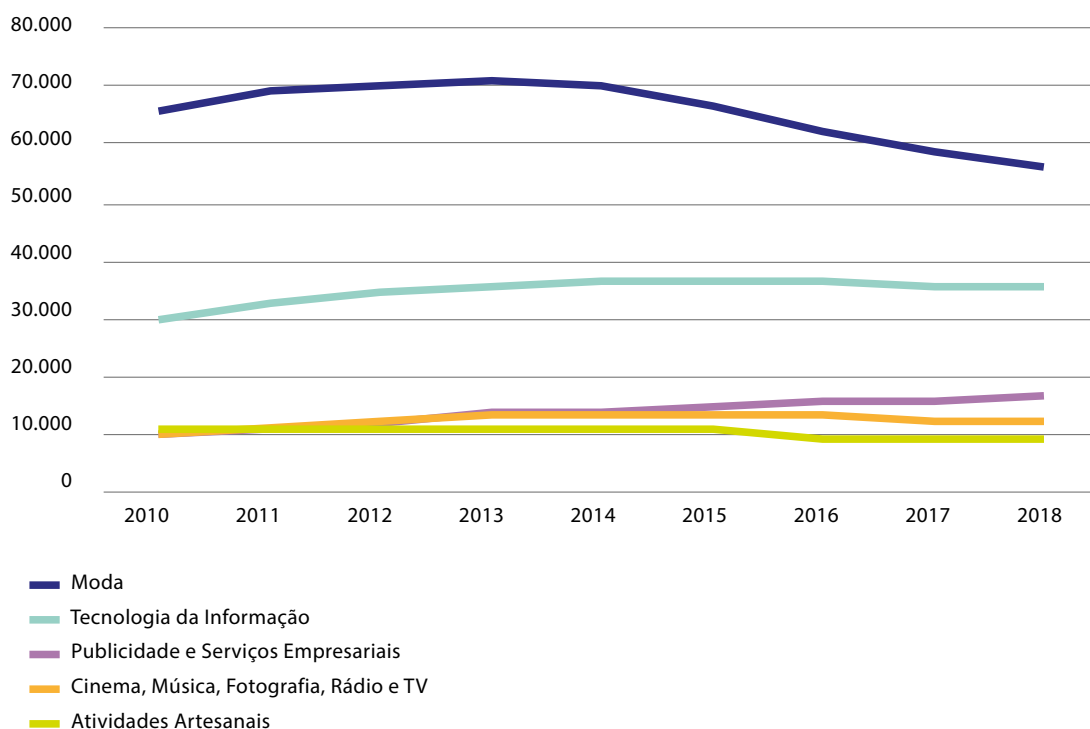


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Entre os maiores setores em número de empresas, Moda teve uma redução ao longo do período, Tecnologia da Informação registrou um crescimento expressivo do número de empresas, assim como Publicidade e Serviços Empresariais. Já Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV, bem como Atividades Artesanais, registraram pouca variação e uma pequena redução em 2018, comparativamente ao ano de 2010.

GRÁFICO 42 | Evolução dos Setores em Número de Empresas

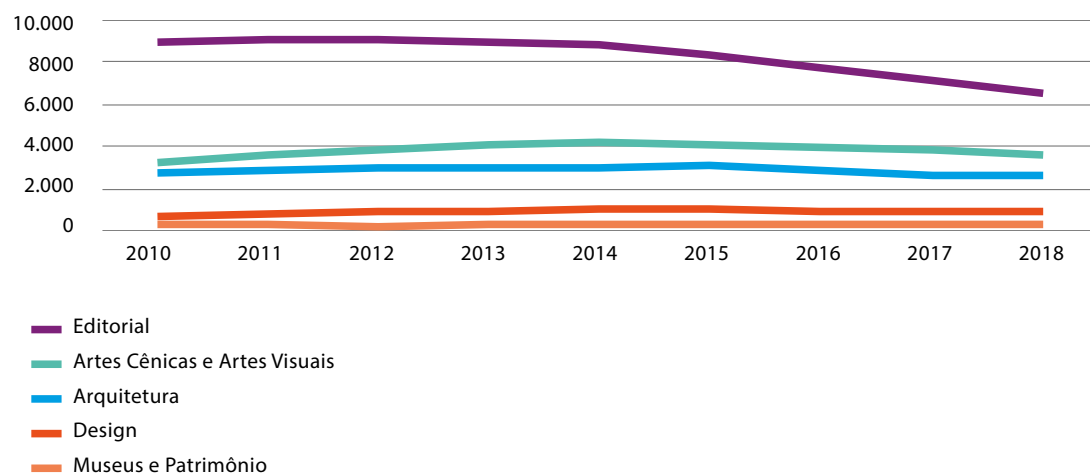


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Arquitetura, Artes Cênicas e Visuais e Museus e Patrimônio tiveram pequenas variações no período. Em 2018, estavam em um patamar próximo ou um pouco acima de 2010. Design registrou um crescimento da ordem de mais de 40% em 2018, se comparado a 2010. Já o setor editorial vem registrando uma diminuição constante do número de empresas, e passou de 8.939 em 2010 para 6.490 em 2018, queda de cerca de 27%, indicando um significativo encolhimento.¹¹

Agora vale a pena ver o peso de cada setor em relação ao número de empresas e às mudanças ocorridas de 2010 a 2018.

GRÁFICO 43 | % Setores na Economia Criativa 2010 (em número de empresas)

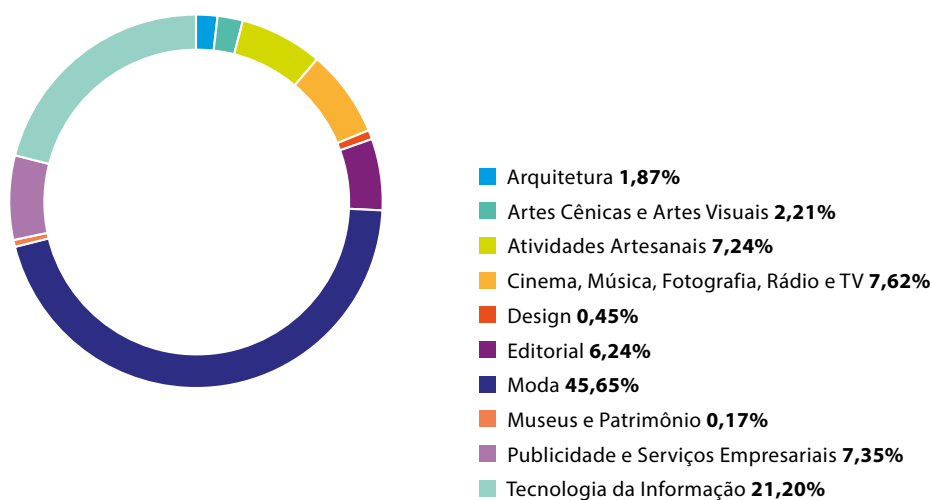


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 44 | % Setores na Economia Criativa 2018

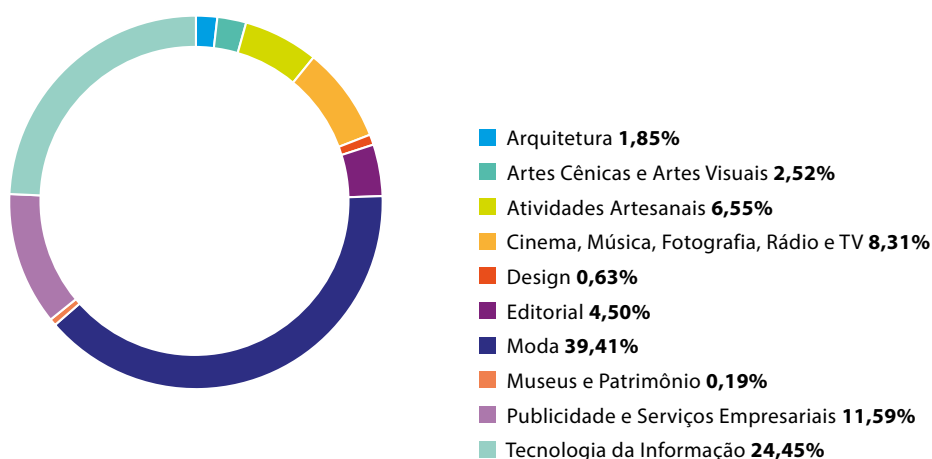


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

¹¹ Notícias sobre a crise do setor têm sido recorrentes. Ver, a título de exemplo, a matéria publicada pela *Folha de S.Paulo*, em 28 maio 2019, Mercado Editorial perdeu um quarto do tamanho desde 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/mercado-editorial-perdeu-um-quarto-do-tamanho-desde-2006.shtml?origin=folha>. E também a matéria publicada em *O Estado de S. Paulo*, na mesma data, Setor Editorial perdeu 25% do faturamento em 13 anos. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,setor-editorial-perdeu-25-do-faturamento-em-13-anos,70002846740>. A Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros realizam pesquisas periódicas sobre o setor, com destaque para a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, que teve sua última atualização em 2019 e traz dados que convergem com a análise aqui apresentada. Ver: <https://snel.org.br/pesquisas/>

As mudanças mais significativas observadas são a perda de peso da Moda – de 45,65% para 39,41% – e o aumento do peso do número de empresas nos setores de Publicidade e Serviços Empresariais – de 7,35% para 11,59% – e de Tecnologia da Informação, de 21% para 24%.

A expansão do setor de Tecnologia da Informação observada nos últimos anos¹² tende a se acentuar no novo contexto da pandemia, que tem acelerado os processos de digitalização de todos os setores da economia criativa. Segmentos que fazem parte desse setor específico, como plataformas digitais e games, que já vinham registrando crescimento expressivo em número de empresas e também em volume de negócios, são os que, em meio à crise sanitária, vêm obtendo resultados positivos.¹³

Para entender o peso de cada um dos setores na economia, é importante considerar a contribuição de cada setor para a receita bruta da economia criativa, que pode ser visualizada em dois momentos, na tabela e nos gráficos a seguir.

12 Para uma análise mais aprofundada sobre o setor digital brasileiro, ver o relatório da McKinsey & Company, Brazil Digital Report, de 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1T0V9FAqi21KRjgmbPip3px12DeLxBHfr/view>.

13 Sobre o setor de games, ver: 2 Censo Brasileiro sobre a Indústria de Jogos Digitais, realizado com o apoio do Ministério da Cultura, em 2018. Disponível em: <https://censojogosdigitais.com.br/wp-content/uploads/2020/03/AF-II-Censo-completo.pdf>. Em relação ao crescimento dos negócios desse setor no contexto da pandemia, a fonte foi Eliana Russi, diretora da ABrGames, em comunicação pessoal, 10 set. 2020.

TABELA 50

Setores Criativos Receita Bruta 2010–2017 (em R\$)								
Período	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Artes Cênicas e Artes Visuais	1.835.778	1.872.346	2.281.556	2.334.616	2.512.321	2.146.150	1.994.242	2.033.631
Design	331.940	400.974	475.186	574.703	704.969	672.037	456.955	490.390
Arquitetura	2.713.679	1.904.840	2.359.357	1.774.676	1.891.921	1.618.944	1.382.408	1.125.020
Moda	123.569.526	132.768.693	133.123.538	132.126.442	128.767.846	111.383.192	106.372.138	115.061.917
Tecnologia da Informação	112.799.962	121.362.605	135.437.830	145.416.311	150.629.391	151.482.401	147.794.591	161.840.911
Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	55.470.010	54.029.386	56.671.819	60.184.034	62.149.866	57.262.526	52.803.767	50.691.274
Publicidade e Serviços Empresariais	17.104.117	20.975.260	23.810.003	22.836.722	24.308.076	23.818.241	24.106.223	33.545.776
Editorial	38.614.659	36.459.176	34.360.184	31.068.713	29.403.635	25.661.483	21.921.323	21.921.323
Atividades Artesanais	24.314.866	25.433.197	27.742.409	27.704.776	28.190.457	26.330.355	24.207.809	33.839.873

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 45 | Receita Bruta – % dos Setores na Economia Criativa 2010

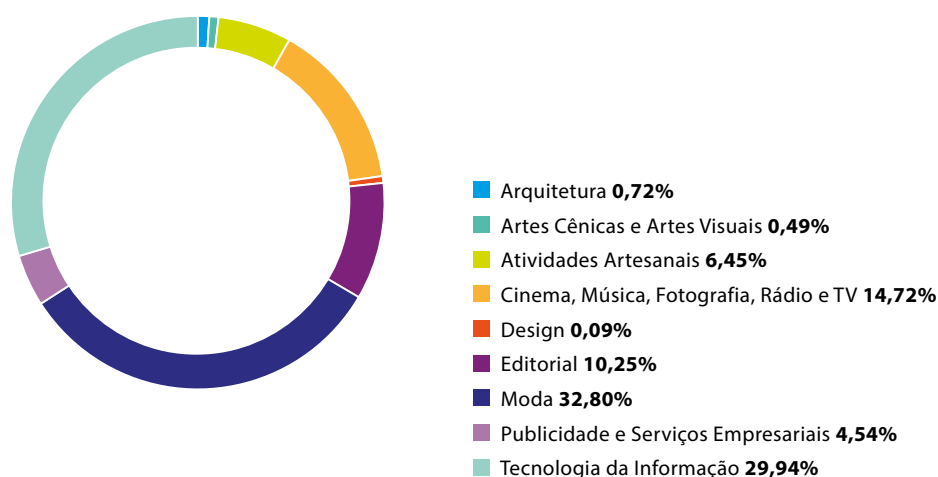


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 46 | Receita Bruta – % dos Setores na Economia Criativa 2017

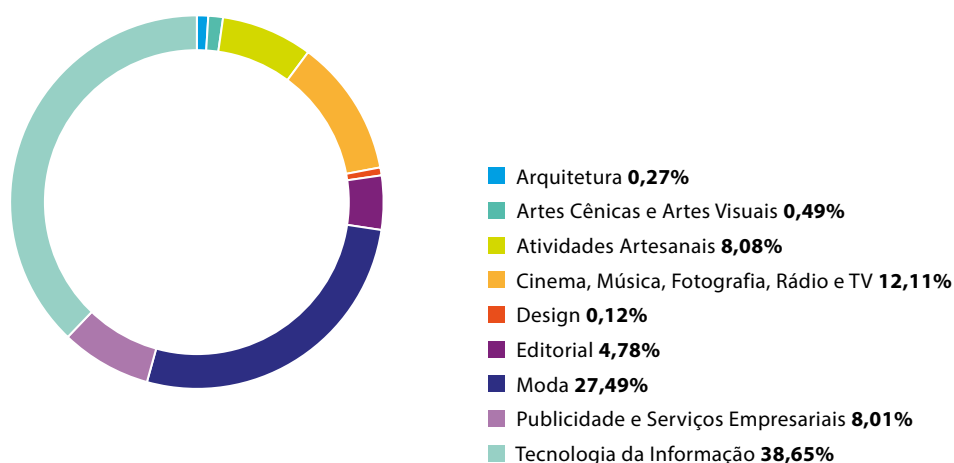


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A análise comparativa da contribuição de cada setor da perspectiva da receita bruta permite identificar seu peso na economia criativa como um todo. Foram observadas algumas variações mais significativas entre 2010 e 2017. Tecnologia da Informação, que em 2010 contribuiu com 29,9% da receita da economia criativa, em 2017 passou a cerca de 38,7%, e o mercado editorial, que contribuiu com 10,2% em 2010, foi a pouco menos de 4,8% em 2017.

Cresceram ainda as participações dos setores de Publicidade e Serviços Empresariais, de 4,5% para 8%, e Atividades Artesanais, de 6,5% para 8,1%. O setor de Artes Cênicas e Artes Visuais não apresentou variação significativa. Outros que perderam peso na contribuição do total da receita da economia criativa foram Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV, que perdeu 3 pontos, passando de 14,7%, em 2010, para 12,1% em 2017; Moda, que foi de 32,8%, em 2010, para 27,5%; e Arquitetura, que passou de 0,7%, em 2010, para 0,27% em 2017.

O peso de cada setor na economia criativa indica a sua importância dentro do conjunto. No entanto, para identificar quais os setores de fato registraram crescimento e retração significativos, é preciso analisar também a evolução da receita bruta de cada um deles.

Os gráficos a seguir permitem ver a tendência de crescimento ou retração de cada setor, conjuntamente. Mais uma vez, o que salta aos olhos é o crescimento do setor de Tecnologia da Inovação e a retração do Editorial. O setor de Arquitetura, um dos menores em termos de receita, também apresenta uma retração contínua importante no período. Artes Cênicas e Artes Visuais apresentaram um aumento de receita entre 2012 e 2014, sofreram uma leve queda e pareciam estar se recuperando ao final do período, atingindo valores superiores aos de 2010. Design também chegou a valores maiores em 2014 e 2015, com queda em 2016, mas com valores, em 2017, maiores que os de 2010.

GRÁFICO 47 | Setores Criativos – Receita Bruta

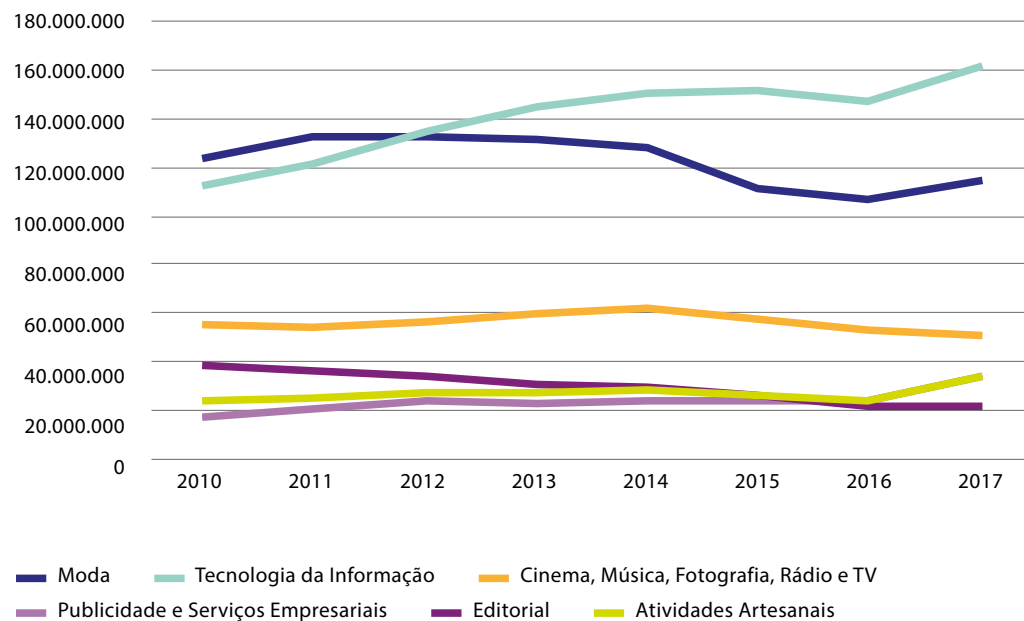


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 48 | Setores Criativos – Receita Bruta

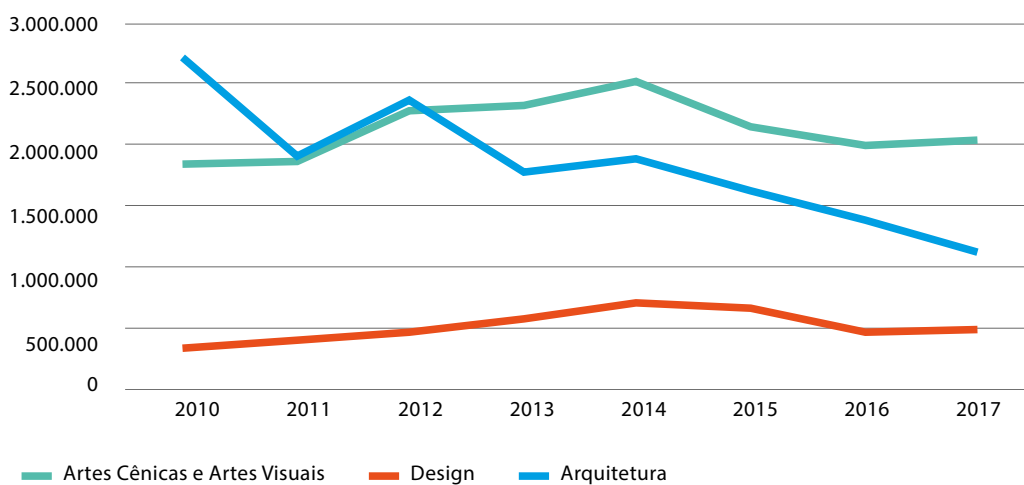


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os gráficos a seguir apresentam os setores individualmente, relacionando o valor da receita bruta e o número de empresas. É interessante observar que nem sempre o crescimento da receita é acompanhado pelo crescimento do número de empresas, o que mostra que alguns setores estão se tornando mais lucrativos e outros, ao contrário, perdendo lucratividade de forma mais acentuada que a redução do número de empresas. Existem setores em que as curvas são mais harmônicas e outros em que vemos movimentos menos coincidentes e mesmo contrários, como o de Atividades Artesanais, que registra queda no número de empresas a partir de 2014 e um aumento significativo da receita entre 2016 e 2017. Os setores que apresentam crescimento contínuo e consistente, tanto do número de empresas quanto de receita, são Publicidade e Serviços Empresariais e Tecnologia da Informação.

GRÁFICO 49 | Arquitetura

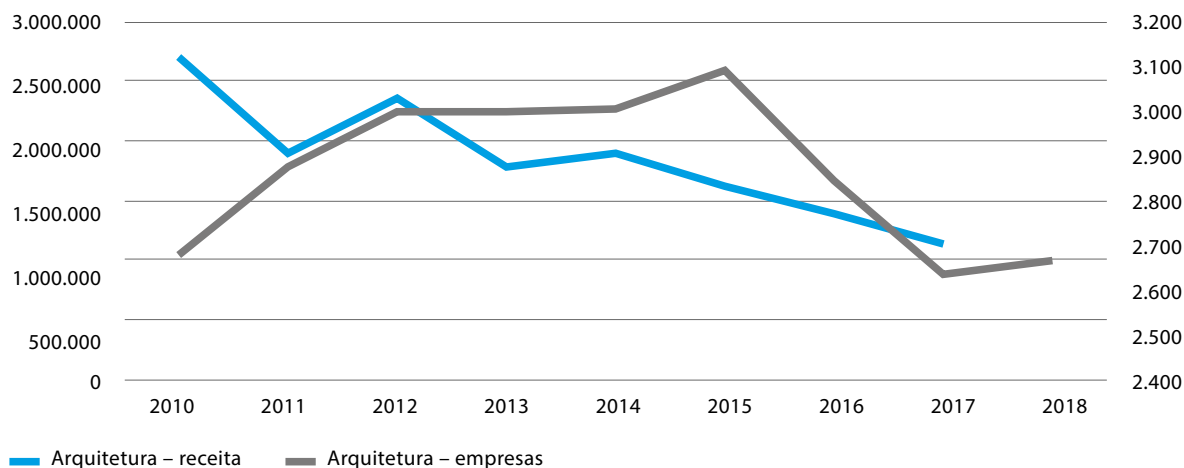


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 50 | Artes Cênicas e Artes Visuais

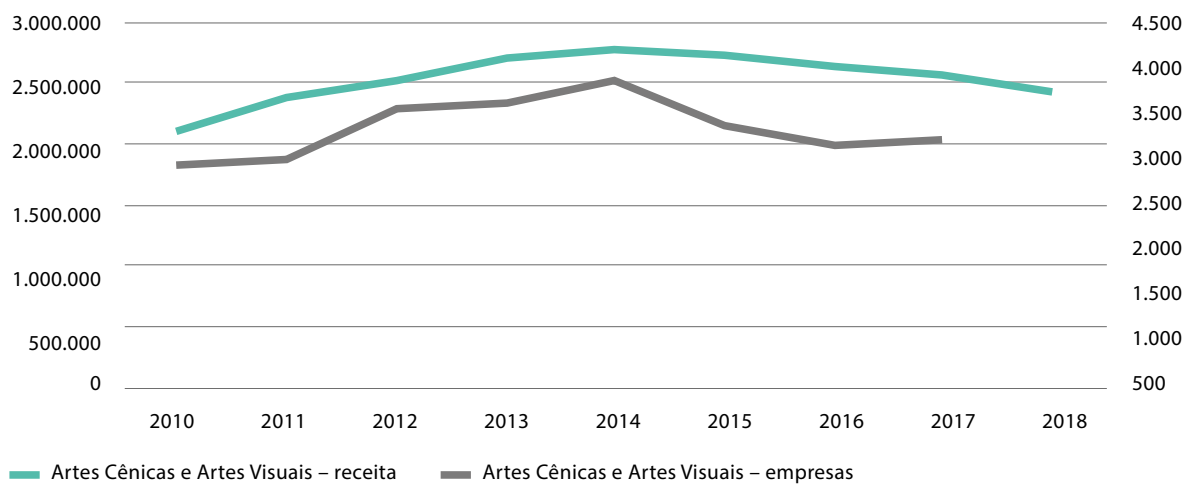


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 51 | Atividades Artesanais

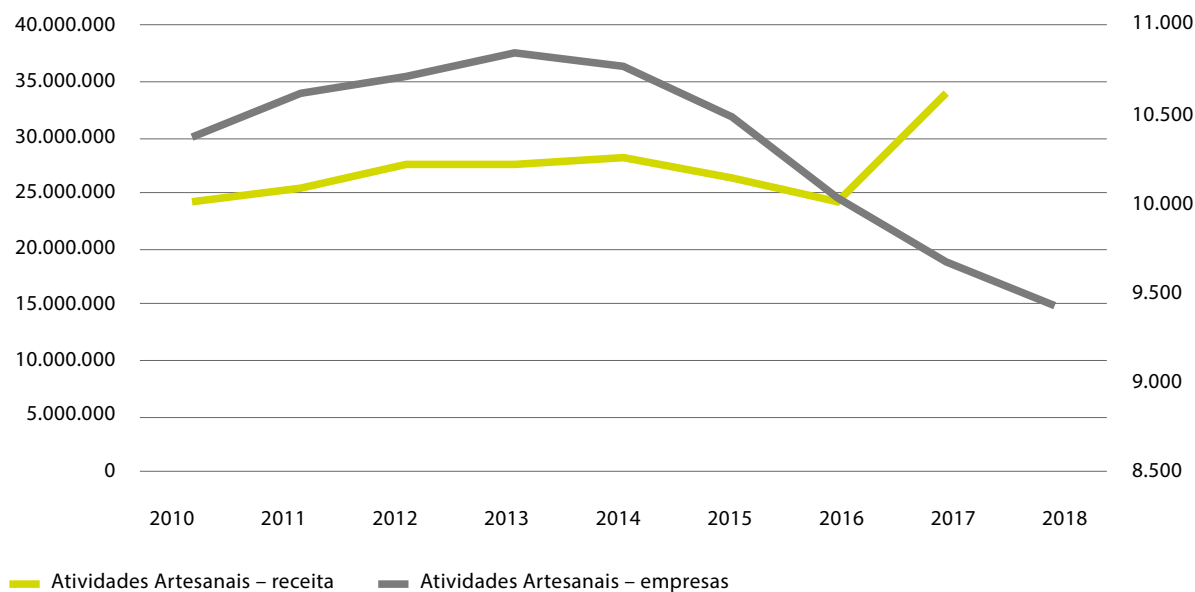


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 52 | Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV

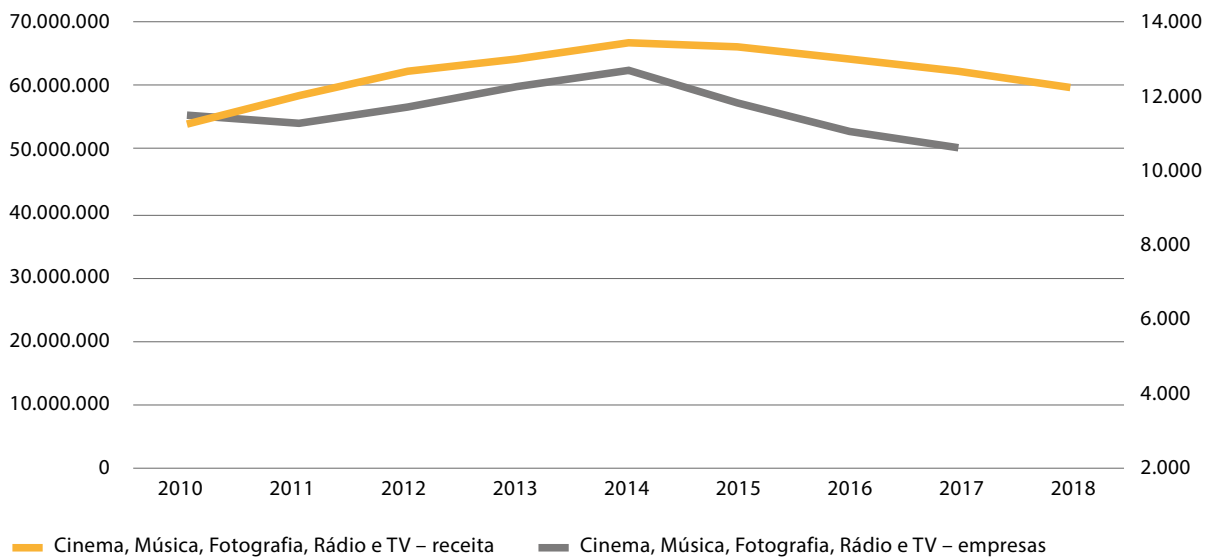


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 53 | Design

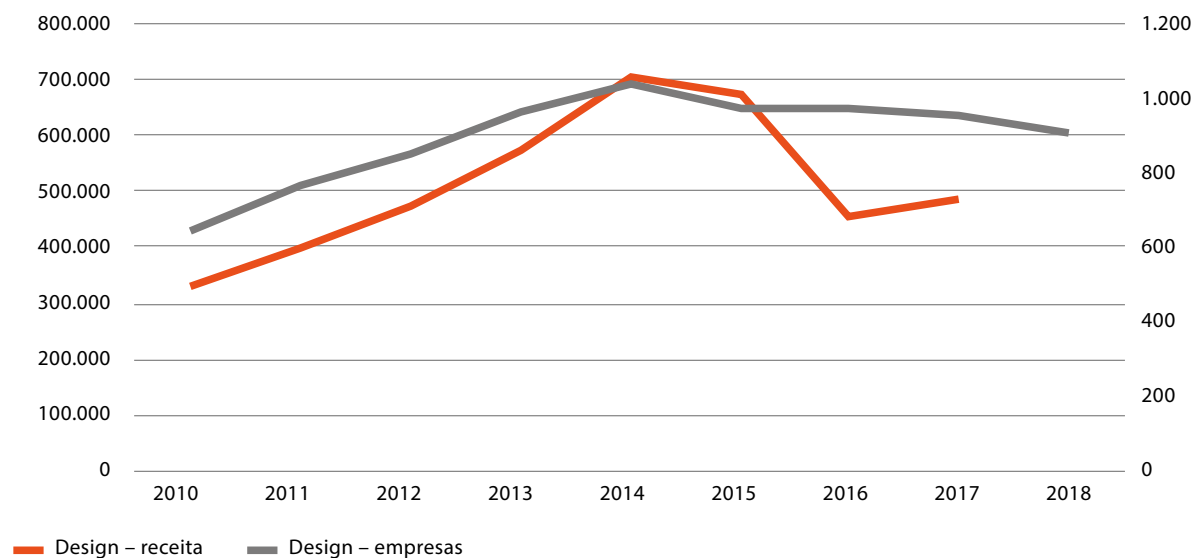


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 54 | Editorial

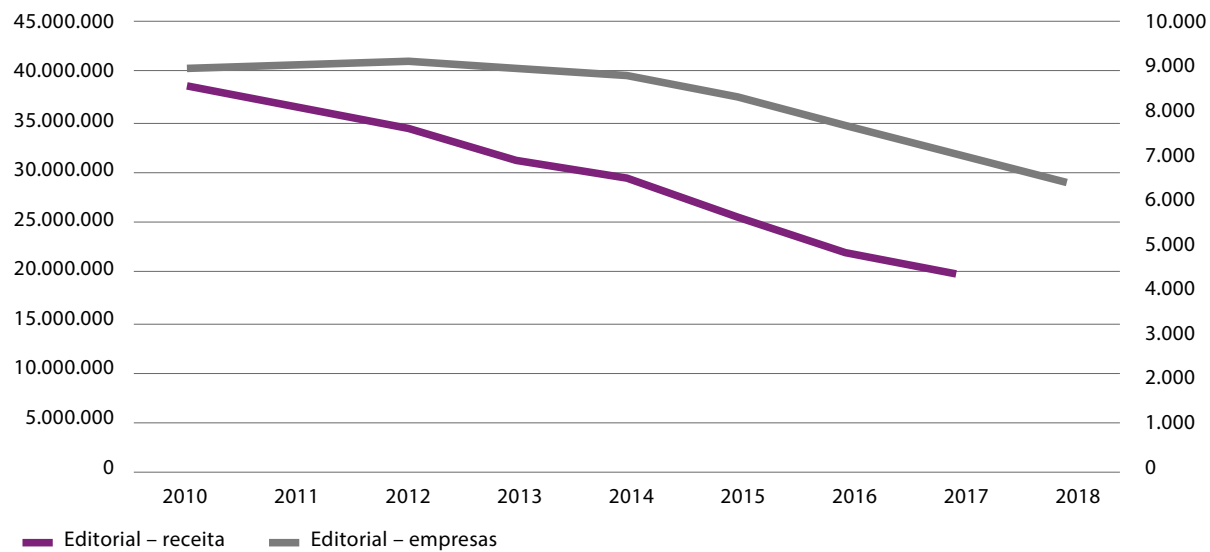


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 55 | Moda

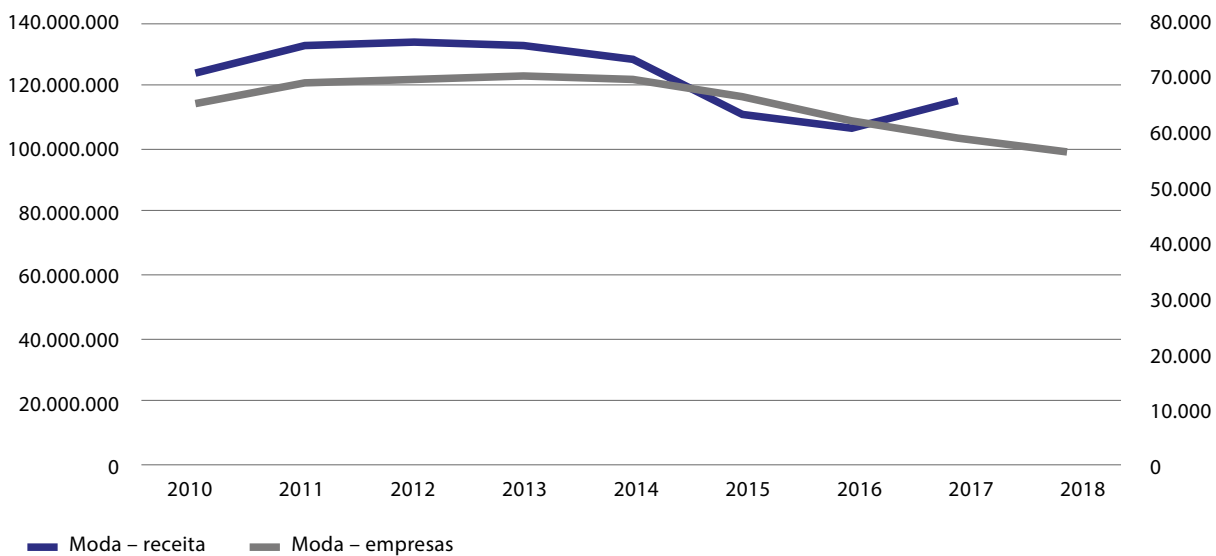


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

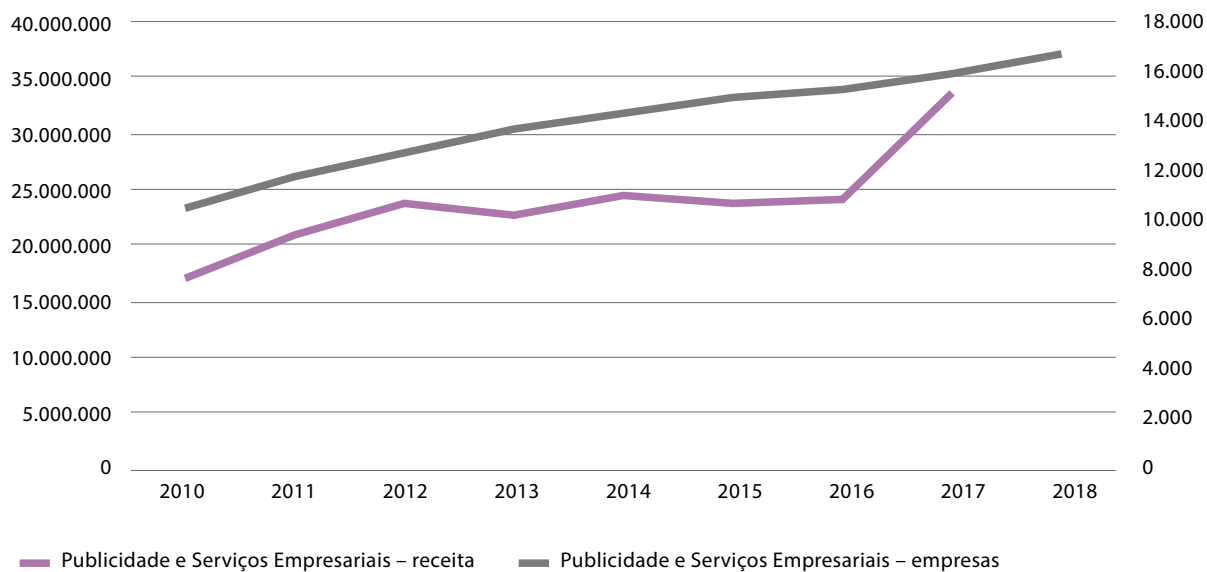
GRÁFICO 56 | Publicidade e Serviços Empresariais

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

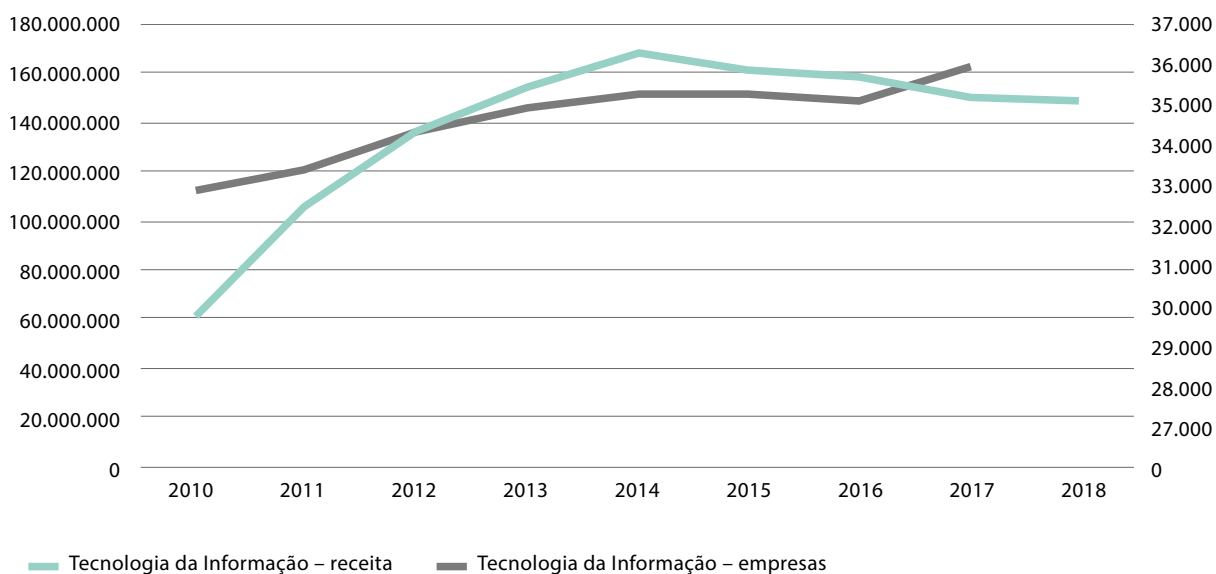
GRÁFICO 57 | Tecnologia da Informação

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os setores criativos e a distribuição regional

Por fim, apresentaremos os dados sobre receita e número de empresas por setor, com foco na distribuição regional a fim de identificar quais setores têm maior peso na economia criativa de cada região e verificar se há tendências regionais específicas, que diferem das indicadas pela análise agregada nacional.

TABELA 51

Receita Bruta dos Setores por Região 2017 (em R\$)										
		Artes Cênicas e Artes Visuais	Tecnologia da Informação	Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	Editorial	Arquitetura	Publicidade	Design	Moda	Atividades Artesanais
NORTE	RO	4.391,00	73.051,00	269.243,00	30.538,00	785,00	54.448,00	665,00	83.523,00	774.671,00
	AC	6.753,00	51.127,00	80.385,00	14.982,00	3.685,00	34.232,00	462,00	14.178,00	76.337,00
	AM	122.680,00	611.372,00	455.553,00	86.998,00	10.246,00	163.673,00	698,00	154.274,00	342.960,00
	RR	20.680,00	15.101,00	113.299,00	16.592,00	331,00	5.744,00	143,00	11.574,00	87.643,00
	PA	18.680,00	940.925,00	489.219,00	136.051,00	19.827,00	208.885,00	2.457,00	260.741,00	1.741.182,00
	AP	104,00	22.202,00	82.396,00	556,00	660,00	11.626,00	-	11.108,00	146.751,00
	TO	1.687,00	95.067,00	150.120,00	22.739,00	625,00	36.259,00	444,00	38.066,00	14.681,00
	Total Região	174.976,00	1.808.846,00	1.640.215,00	308.455,00	36.158,00	514.866,00	4.869,00	573.463,00	3.184.224,00
NORDESTE	MA	10.134,00	482.526,00	357.419,00	42.805,00	6.088,00	106.028,00	2.765,00	93.238,00	34.904,00
	PI	15.322,00	275.716,00	220.358,00	44.967,00	6.708,00	311.668,00	614,00	255.283,00	33.615,00
	CE	54.150,00	2.183.277,00	627.379,00	299.374,00	32.612,00	397.911,00	11.521,00	5.980.961,00	181.841,00
	RN	16.800,00	617.249,00	290.472,00	32.894,00	13.326,00	228.064,00	2.400,00	2.138.869,00	58.047,00
	PB	29.010,00	590.616,00	387.528,00	35.565,00	3.197,00	93.245,00	638,00	1.521.264,00	30.843,00
	PE	90.897,00	2.954.660,00	829.203,00	489.979,00	40.819,00	1.179.693,00	7.080,00	2.338.474,00	143.518,00
	AL	4.650,00	261.082,00	222.271,00	52.154,00	10.083,00	55.366,00	1.911,00	69.838,00	37.866,00
	SE	6.836,00	236.026,00	222.486,00	42.492,00	7.057,00	389.172,00	194,00	706.385,00	101.978,00
	BA	186.033,00	2.676.888,00	862.888,00	227.277,00	55.333,00	885.538,00	5.741,00	2.203.885,00	292.025,00
	Total Região	413.832,00	10.278.041,00	4.020.003,00	1.267.507,00	175.223,00	3.646.686,00	32.864,00	15.308.196,00	914.637,00
SUDESTE	MG	175.858,00	10.880.243,00	2.090.945,00	888.405,00	51.813,00	2.356.705,00	14.627,00	10.135.306,00	1.634.997,00
	ES	18.597,00	1.519.158,00	496.940,00	282.240,00	6.799,00	265.381,00	2.626,00	1.111.665,00	464.255,00
	RJ	375.290,00	14.592.249,00	15.945.827,00	2.306.816,00	184.312,00	2.818.497,00	34.722,00	5.544.750,00	401.002,00
	SP	419.292,00	84.256.246,00	16.355.660,00	10.720.455,00	483.565,00	18.919.310,00	308.778,00	38.366.320,00	6.855.425,00
	Total Região	989.038,00	111.247.897,00	34.889.370,00	14.197.916,00	726.488,00	24.359.893,00	360.752,00	55.158.041,00	9.355.679,00
SUL	PR	170.248,00	6.791.893,00	1.987.002,00	1.645.209,00	34.922,00	1.054.033,00	30.347,00	8.605.132,00	7.453.993,00
	SC	46.328,00	8.027.830,00	1.153.314,00	505.059,00	42.140,00	995.049,00	12.292,00	27.342.303,00	7.034.402,00
	RS	73.843,00	10.343.205,00	1.903.426,00	1.268.100,00	64.800,00	1.183.156,00	11.130,00	4.453.206,00	3.603.277,00
	Total Região	290.419,00	25.162.928,00	5.043.742,00	3.418.367,00	141.863,00	3.232.239,00	53.769,00	40.400.641,00	18.091.672,00
CENTRO-OESTE	MS	51.543,00	730.132,00	434.484,00	75.902,00	7.284,00	219.747,00	1.571,00	686.973,00	217.350,00
	MT	8.948,00	1.237.851,00	481.335,00	42.476,00	8.717,00	260.786,00	5.446,00	469.226,00	1.725.277,00
	GO	77.919,00	1.939.982,00	863.641,00	235.681,00	20.817,00	487.405,00	15.211,00	2.360.035,00	246.725,00
	DF	26.956,00	9.435.234,00	3.318.484,00	458.568,00	8.471,00	824.152,00	15.907,00	105.340,00	104.310,00
	Total Região	165.366,00	13.343.198,00	5.097.943,00	812.626,00	45.288,00	1.792.091,00	38.135,00	3.621.575,00	2.293.661,00

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os gráficos a seguir permitem observar que há vocações regionais específicas, e que o peso de cada setor, em relação à composição da receita e ao número de empresas, pode diferir significativamente. Fatores demográficos e socioeconômicos certamente marcam o perfil de cada região e explicam, em parte, as diferenças quantitativas. Mas aqui gostaríamos de chamar atenção para a dimensão cultural que informa a preponderância de um ou outro setor nas cinco regiões e que merece também análises específicas, aprofundadas e complementares a esta aqui apresentada.

Quando falamos do peso de determinado setor numa região, e de vocações regionais, estamos tomando como base os dados econômicos, o que não implica nenhum juízo de valor em relação aos setores. Na nossa perspectiva, são todos importantes. Mesmo quando menores em receita e número de empresas, têm importância cultural inquestionável.

GRÁFICO 58 | Setores Criativos Norte – % Número de Empresas 2018

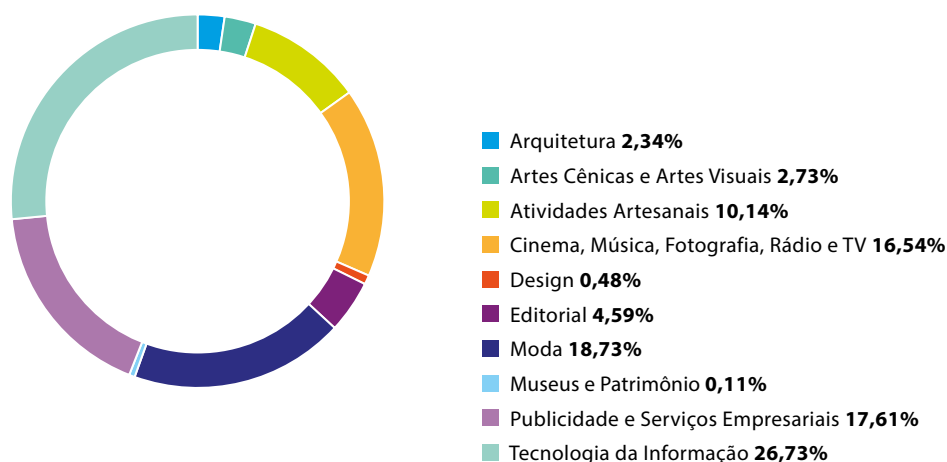


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 59 | Setores Criativos Norte – % Receita Bruta 2017

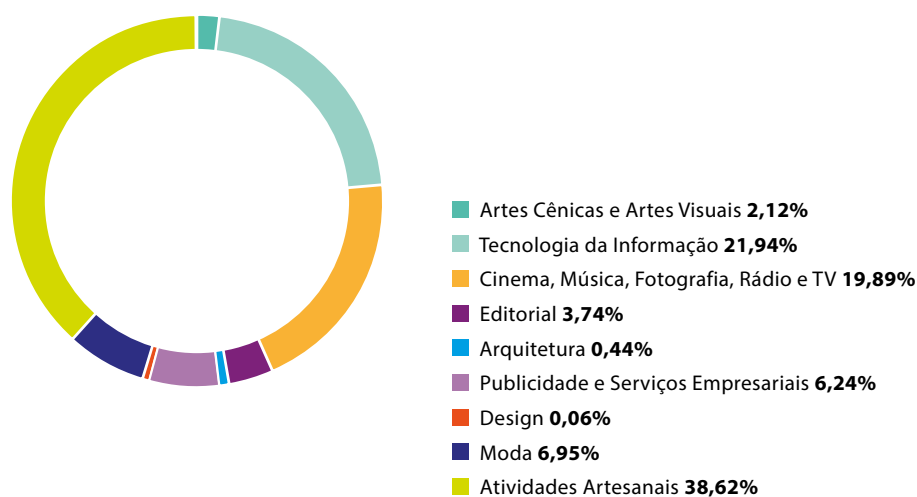


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Na Região Norte, os maiores setores em volume de receita bruta são: 1) Atividades Artesanais; 2) Tecnologia da Informação; 3) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; 4) Moda e 5) Publicidade e Serviços Empresariais. Em número de empresas: 1) Tecnologia da Informação; 2) Moda; 3) Publicidade e Serviços Empresariais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e 5) Atividades Artesanais.

O Setor de Artes Cênicas e Artes Visuais, embora tenha volume de receita e número de empresas bem menor do que os cinco maiores, alcança percentuais maiores no Norte e Nordeste, comparativamente às regiões Sudeste e Sul.

GRÁFICO 60 | Setores Criativos Centro-Oeste – % Número de Empresas 2018

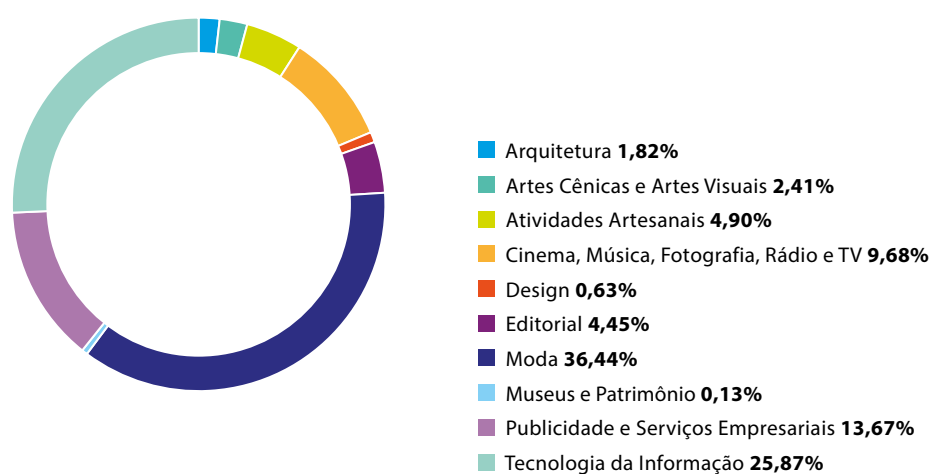


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 61 | Setores Criativos Centro-Oeste – % Receita Bruta 2017

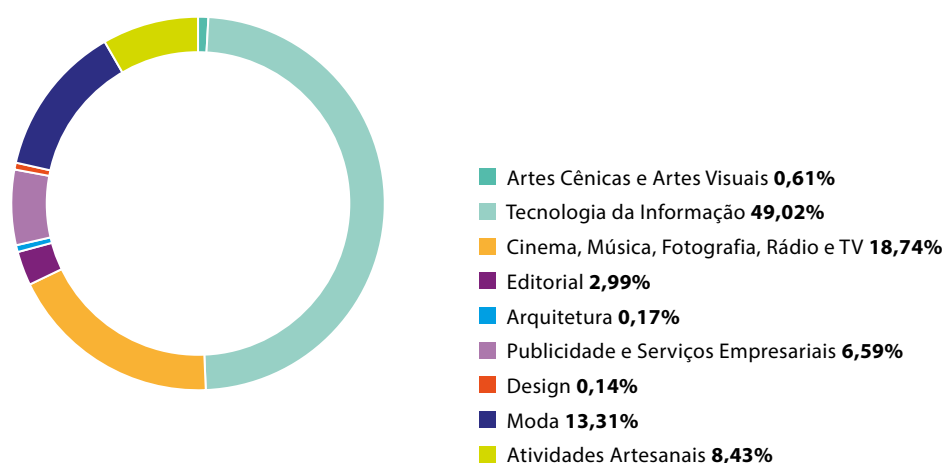


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No Centro-Oeste, os maiores setores em volume de receita bruta são: 1) Tecnologia da Informação; 2) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; 3) Moda; 4) Atividades Artesanais e 5) Publicidade e Serviços Empresariais. Em número de empresas são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Publicidade e Serviços Empresariais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e 5) Atividades Artesanais.

GRÁFICO 62 | Setores Criativos Sudeste – % Número de Empresas 2018

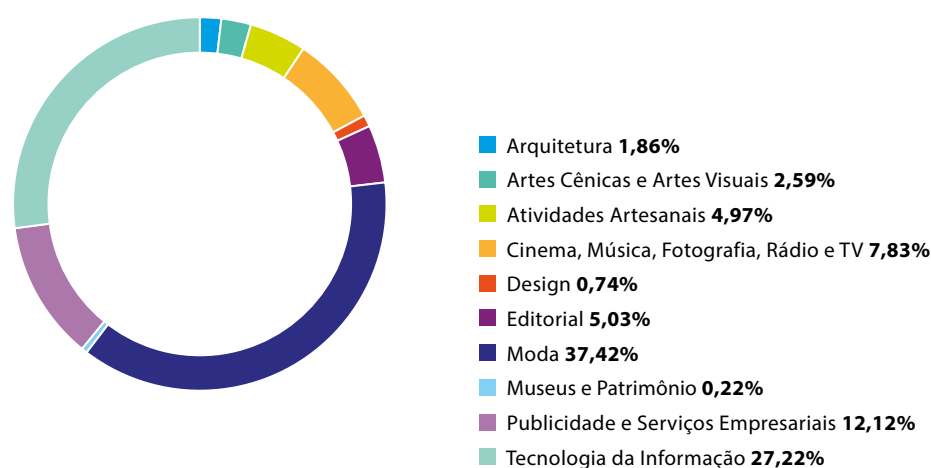


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 63 | Setores Criativos Sudeste – % Receita Bruta 2017

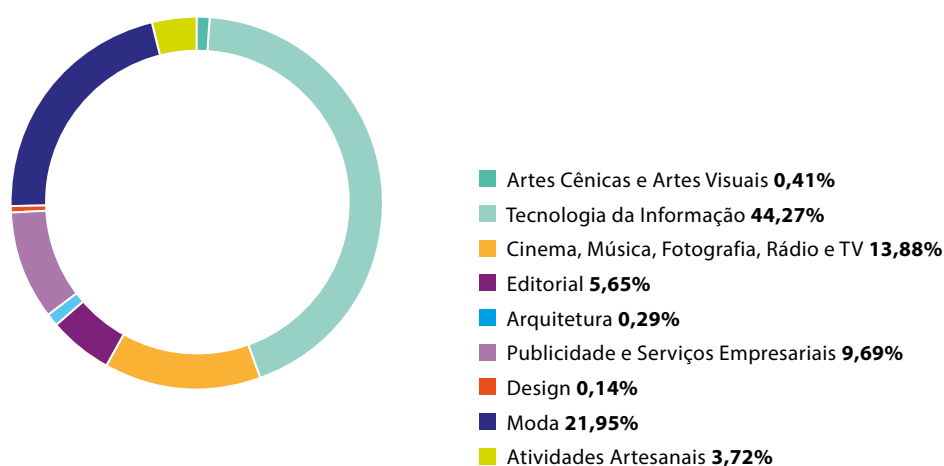


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No Sudeste, os maiores setores em volume de receita bruta são: 1) Tecnologia da Informação; 2) Moda; 3) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; 4) Publicidade e Serviços Empresariais e 5) Editorial. Em número de empresas, os maiores setores são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Publicidade e Serviços Empresariais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e 5) Editorial e Atividades Artesanais.

GRÁFICO 64 | Setores Criativos Nordeste – % Número de Empresas 2018

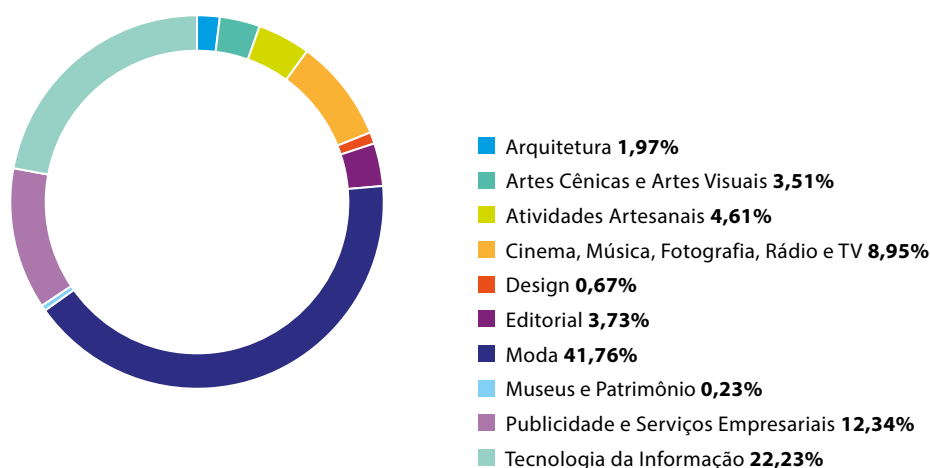


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 65 | Setores Criativos Nordeste – % Receita Bruta 2017

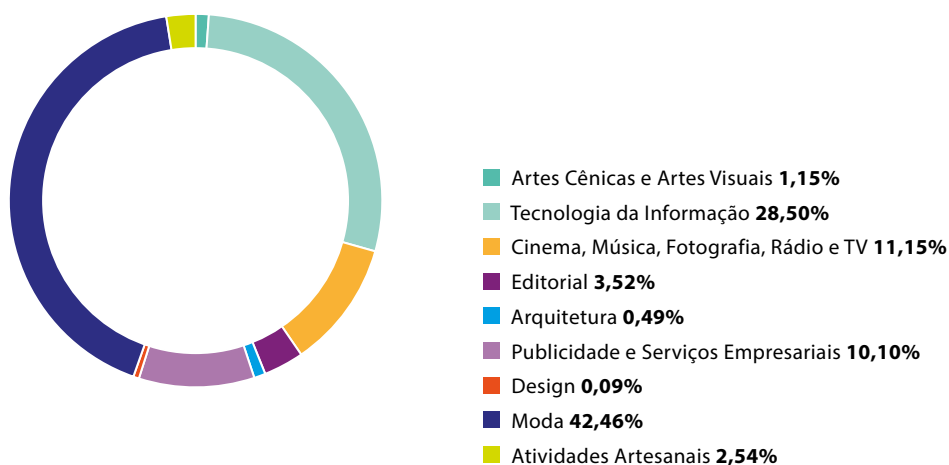


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No Nordeste, os maiores setores em volume de receita bruta são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; 4) Publicidade e Serviços Empresariais e 5) Editorial. Em número de empresas, os maiores setores são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Publicidade e Serviços Empresariais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e 5) Atividades Artesanais.

O setor de Artes Cênicas e Artes Visuais, embora tenha volume de receita e número de empresas bem menor do que os cinco maiores, alcança percentuais maiores do que nas regiões Sudeste e Sul.

GRÁFICO 66 | Setores Criativos Sul – % Número de Empresas 2018

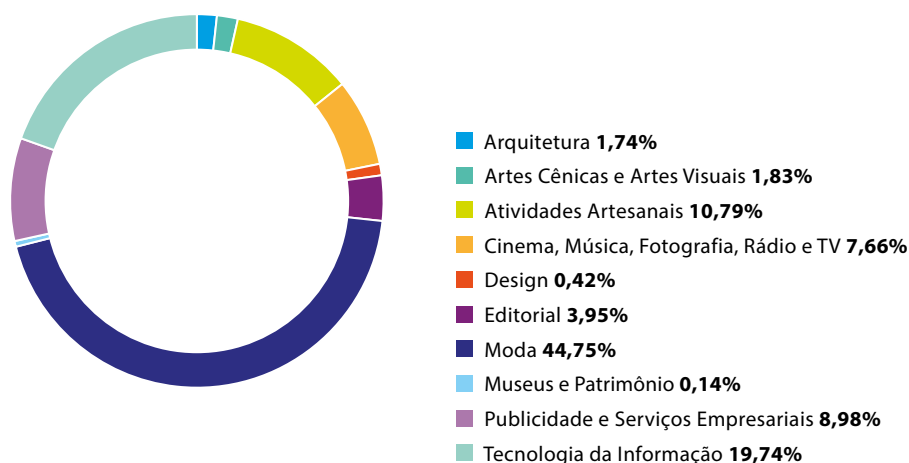


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 67 | Setores Criativos Sul – % Receita Bruta 2017

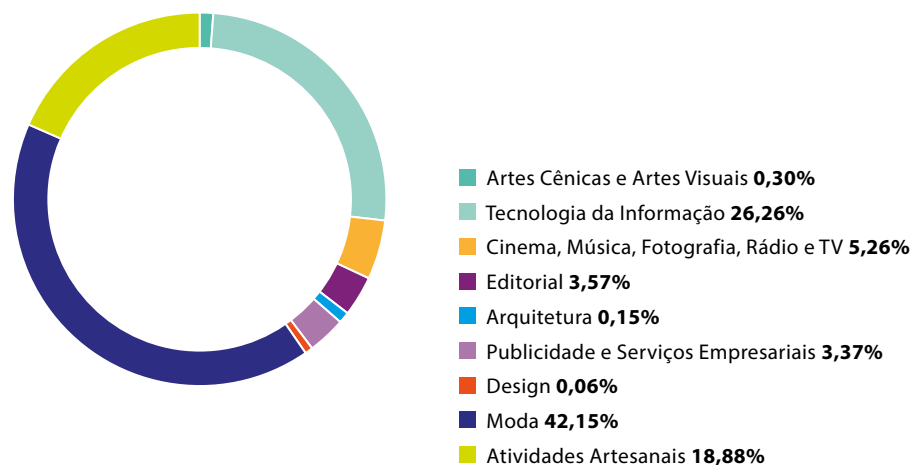


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No Sul, os maiores setores em volume de receita bruta são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Atividades Artesanais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e Publicidade e Serviços Empresariais; 5) Publicidade e Serviços Empresariais e Editorial. Em número de empresas, os maiores setores são: 1) Moda; 2) Tecnologia da Informação; 3) Atividades Artesanais; 4) Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV e 5) Editorial.

A importância de Tecnologia da Informação é muito expressiva e observada em todas as regiões. O setor Atividades Artesanais tem peso grande no Norte e no Sul, e é pouco significativo no Nordeste, o que não deixa de ser surpreendente a uma primeira leitura.¹⁴ A força do audiovisual se faz notar no Centro-Oeste e no Nordeste. Tais dados suscitam indagações sobre as políticas públicas em cada região, assim como sobre as especificidades setoriais e regionais, que não pretendemos aqui esgotar e, sim, convidar para que outros agentes e organizações contribuam com novas pesquisas e análises.

14 Uma hipótese, de acordo com pesquisadores da área, é que no Nordeste as atividades artesanais sejam organizadas em cooperativas e MEIs, assumindo uma forma jurídica que não é captada pelos dados utilizados no Painel de Dados. Um estudo setorial, com foco nas atividades artesanais, foi encomendado pelo Observatório Itaú Cultural e já está em elaboração, devendo em breve compor o leque de análises geradas a partir do Painel de Dados.

2.2.4. Considerações parciais

Este capítulo apresentou dados econômicos sobre as empresas criativas no período de 2010 a 2018 (sobre receita e lucro, os dados disponíveis chegam até 2017), oferecendo um panorama de quase uma década, sem chegar, como nos demais capítulos, ao retrato conjuntural do setor após o início da pandemia.

Na falta de macrodados sobre esse período mais recente, buscamos algumas outras fontes que, embora tenham recortes, objetivos e metodologias bastante distintas do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, nos permitem refletir sobre a realidade das empresas criativas no contexto atual.

A pesquisa **Pulso Empresa**, do IBGE, tem como objetivo monitorar a situação das empresas no Brasil sob o impacto da covid-19.¹⁵

Os primeiros resultados foram divulgados em julho,¹⁶ com dados referentes à primeira quinzena de junho, quando havia 1,3 milhão de empresas com atividades encerradas temporária ou definitivamente. Entre elas, 39,4% apontaram como causa as restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus. O impacto no encerramento das empresas difere de acordo com os setores da economia, chegando a 40,9% entre as empresas do comércio, 39,4% dos serviços, 37,0% da construção e 35,1% da indústria.

Das 2,7 milhões de empresas em atividade, 70% reportaram que a pandemia teve um impacto geral negativo sobre o negócio e 16,2% declararam que o efeito foi pequeno ou inexistente. Por outro lado, 13,6% afirmaram que a pandemia trouxe oportunidades e que teve um efeito positivo sobre a empresa. Por segmento, o efeito negativo é maior no setor de serviços (74,4%), seguido por indústria (72,9%), construção (72,6%) e comércio (65,3%). O impacto foi maior entre as companhias de pequeno porte, com até 49 funcionários: 70,9% delas reportaram redução nas vendas de produtos e serviços.

Segundo Alessandro Pinheiro, coordenador de Pesquisas Estruturais e Especiais em Empresas do IBGE, “os dados sinalizam que a covid-19 impactou mais fortemente segmentos que, para a realização de suas atividades, não podem prescindir do contato pessoal, têm baixa produtividade e são intensivos em trabalho”.¹⁷ As empresas criativas se enquadram perfeitamente nessa descrição.

Em julho, uma atualização dessa pesquisa informava que entre todas as empresas em atividade, 38,9% enfrentavam dificuldade para realizar pagamentos de rotina e 34,4% tinham registrado diminuição sobre as vendas ou os serviços comercializados, em relação ao período anterior. Por outro lado, 28,4% delas indicaram aumento das vendas ou dos serviços comercializados,¹⁸ sinalizando que alguns setores estavam em recuperação.

Além dos macrodados, informações qualitativas são fundamentais para o desenho de estratégias, políticas e ações. Nesse sentido, merecem destaque duas pesquisas realizadas por iniciativa de diversos agentes, públicos e privados, que têm como objetivo avaliar o impacto da covid-19 sobre o setor cultural.

¹⁵ <https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>

¹⁶ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295-pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas>

¹⁷ Idem.

¹⁸ <https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>

A **Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil**, organizada pelo Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, em parceria com diversas outras entidades, publicou um primeiro boletim com resultados parciais no mês de julho.¹⁹

Até então, a pesquisa contava com 1.677 respondentes, sendo a maioria indivíduos, e 28% representantes de coletivos (formais ou informais, empresas e organizações). Desse universo composto de 670 coletivos de naturezas diversas, 121, ou seja 26% da amostra, eram empresas. É uma amostra muito pequena, mas as informações qualitativas dessa pesquisa jogam luz sobre o grande desafio enfrentado por muitos agentes e empresas que atuam no setor criativo.

Segundo a pesquisa, 45,66% dessas estruturas coletivas têm como principal fonte de receita a prestação de serviços, 21,92% depende de editais e 10% da venda de produtos. Um pouco mais de 42,7% desse universo perdeu 100% de sua receita entre março e julho de 2020, e 21% perdeu mais de 50% da receita no mesmo período. Apenas 9% acredita que a receita aumentará no período de novembro de 2020 a janeiro de 2021. Outro indício das dificuldades enfrentadas foi a redução do número de colaboradores por parte de mais de 45% de coletivos no período. Ademais, nem todos os serviços e produtos podem ser oferecidos digitalmente. Entre os respondentes, 66% informaram que seus serviços e produtos só podem ser parcialmente oferecidos digitalmente, 18% que podem ser oferecidos totalmente e 15% que não podem ser oferecidos de forma digital. Ou seja, parte das empresas terá de adaptar seu escopo e seu modelo de negócios para ter alguma chance de sobrevivência nesse novo contexto.

A pesquisa **Impactos da Covid-19 na Economia Criativa**, realizada pelo Observatório da Economia Criativa da Bahia,²⁰ coletou dados entre 27 de março e 1º de julho e teve a participação de 2.163 respondentes, sendo 1.353 indivíduos e 810 organizações. Cinco boletins com resultados foram publicados até o momento. Destacaremos a seguir as informações e os dados que ajudam a entender a situação das empresas criativas e as demandas do setor.

Aqui, as empresas entram como parte de organizações e constituem um universo de cerca de 30% das organizações respondentes (dados parciais de acordo com os boletins e ainda não consolidados, o que deverá ser feito no relatório final, em processo). Se o universo não é representativo em termos quantitativos, interessam as informações de natureza qualitativa, que dão notícias sobre os recursos, as estratégias, as dificuldades e as necessidades desses agentes culturais no atual contexto. Alguns resultados chamam muito atenção para a vulnerabilidade do setor.

A maioria dos respondentes tem como principal fonte de receita a prestação de serviços e 67% das organizações não tinham recursos para se manter por mais de três meses com suas atividades suspensas. A maioria das organizações estava impossibilitada de realizar suas atividades principais, tinha dificuldade para estabelecer estratégias de enfrentamento da crise, muita dificuldade em captar recursos e acessar crédito e não dispunha de reservas suficientes para arcar com despesas estruturais. A maioria acredita que sofrerá com os impactos da crise sobre suas atividades e receita até o final de 2020 ou ainda 2021. Entre as necessidades identificadas pelos respondentes, destacam-se políticas de financiamento, reforço da presença digital, fortalecimento da gestão, auxílio emergencial, pesquisa e capacitação.

¹⁹ <https://datastudio.google.com/u/0/reporting/cea69a61-945a-4b84-aa53-abbced5b95a7/page/FdCXB>

²⁰ <https://ufrb.edu.br/proext/economiacriativa-covid19/>

Por fim, cabe ressaltar que as empresas criativas são agentes econômicos e parte importante de suas atividades depende do mercado, mas também de políticas públicas, tanto no aspecto normativo/regulador e tributário quanto no financiamento direto ou indireto de parte de suas atividades. As empresas criativas são intensivas em mão de obra e movimentam mais de 2% da receita bruta da economia brasileira, portanto, deveriam estar entre os setores prioritários na agenda das políticas públicas. Na perspectiva da implementação da Lei Aldir Blanc, recursos deverão ser destinados a esses agentes, em forma de financiamento, crédito, apoio para transição digital e capacitação, de modo a assegurar que continuem a gerar emprego e renda para os trabalhadores da cultura e contribuir para o desenvolvimento do país.

Dada a diversidade do setor criativo, das diferenças inerentes a cada segmento, que dizem respeito à natureza dos produtos e serviços, sua forma de produção, difusão/distribuição, fruição/consumo, a heterogeneidade de perfil das empresas e de seus modelos de negócios, seria recomendável, em complemento a esta análise mais panorâmica, análises setoriais e qualitativas, que extrapolam o escopo do presente relatório, mas que já estão na agenda do Observatório Itaú Cultural e também de outras instituições e entidades setoriais. Sabemos, por exemplo, que alguns segmentos, como artes cênicas, enfrentam dificuldades maiores, enquanto outros, como games, estão expandindo seus negócios desde que a crise sanitária se instaurou. Não resta dúvida, no entanto, que num contexto econômico extremamente desfavorável, o setor criativo como um todo enfrenta enormes desafios e, para uma grande parte dele, as dificuldades não serão superadas sem o auxílio de políticas públicas e investimentos.

3. O comércio internacional de produtos e serviços ligados aos setores criativos

A exportação de produtos e serviços ligados aos setores criativos tem duas dimensões de fundamental importância: a econômica e a simbólica.

A primeira, passível de mensuração e que se traduz em estatísticas de exportação e participação na balança comercial, pode representar para alguns setores fonte importante de receita, contribuindo para financiar e fomentar as atividades culturais e criativas, gerando emprego e renda e, em última instância, contribuindo para o desenvolvimento econômico do país. A internacionalização também estimula a profissionalização, a competitividade e a inovação das empresas, fatores determinantes para seu crescimento.

A segunda dimensão, igualmente importante e de mais difícil mensuração, diz respeito à contribuição da circulação internacional de bens e serviços culturais e criativos para o posicionamento do país no contexto internacional, com potencial de trazer benefícios que extrapolam o âmbito econômico, podendo constituir uma importante ferramenta de diplomacia cultural, facilitando negociações e relações bilaterais ou multilaterais, assim como ajudando a percepção que o país tem no âmbito internacional e atraindo turismo e investimentos, por exemplo.¹ Essa dimensão faz com que a internacionalização e a exportação de bens e serviços culturais sejam relevantes do ponto de vista das políticas públicas, ainda que os resultados econômicos e a participação de bens e serviços culturais e criativos na balança comercial sejam pequenos.

A importância do comércio internacional de produtos e serviços culturais e criativos tem sido reiteradamente destacada por órgãos internacionais como a Unesco e a Unctad, que desde o início dos anos 2000 monitoram e publicam estudos sobre o tema. Embora com metodologias distintas, e portanto de difícil comparabilidade, tais relatórios trazem macrodados relevantes para a compreensão da evolução do comércio internacional desses setores em escala global.²

No Brasil, a internacionalização dos setores culturais e criativos tem sido favorecida por políticas públicas específicas voltadas à exportação, sobretudo por meio da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos³ (Apex-Brasil), que atua com os mais diversos setores econômicos e que, desde 2005, trabalha com uma carteira de projetos de economia criativa com objetivo de ampliar a participação de empresas, bens e serviços criativos brasileiros no mercado internacional e, com isso, aumentar as exportações. Certamente o apoio continuado e os investimentos da agência por

1 A discussão acerca da diplomacia cultural e do uso de bens e serviços culturais como ferramenta diplomática e como elemento importante na aquisição de *softpower* é muito interessante, mas ultrapassa os objetivos deste relatório. O exemplo dos Estados Unidos é paradigmático: no período do pós-guerra, a exportação do audiovisual se tornou uma política de Estado e ajudou o país a impor, em escala mundial, seu *way of life*, parte da estratégia do país para assumir a posição de liderança no xadrez da geopolítica internacional – e, com isso, também impulsionar a conquista do mercado internacional pelos mais diversos setores econômicos.

2 O mais recente relatório foi publicado pela Unctad em 2019: https://unctad.org/system/files/official-document/ditcted2018d3_en.pdf

3 Criada em 2003, a missão da agência é promover as exportações dos produtos e serviços do Brasil, contribuir para a internacionalização das empresas brasileiras e atrair investimentos estrangeiros para o país. Para mais informações sobre a Apex-Brasil: <https://portal.apexbrasil.com.br/quem-somos/>

mais de uma década foram determinantes para a internacionalização de setores como o audiovisual, a música, o mercado editorial e as artes visuais, entre outros.

Os produtos e serviços criativos e a balança comercial

A seguir apresentaremos a evolução do comércio internacional do setor criativo no período de 2010 a 2020. Os dados referentes a produtos cobrem o período de 2010 e 2020 até parte do terceiro trimestre (31 de agosto). Já os dados relativos a serviços criativos são de 2014 a 2018, de acordo com a disponibilidade das fontes utilizadas pelo Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.⁴

Importante ressaltar que as estatísticas relativas à exportação de serviços são mais recentes e não captam, com a mesma precisão das estatísticas sobre produtos, as informações sobre os serviços exportados – e é muito provável que estejam subnotificadas.⁵ Isso se deve em parte ao fato de que o sistema de coleta de informações – Siscoserv – passou por vários ajustes e mudanças desde que foi implementado, em 2011, e as estatísticas passaram a ser publicadas apenas a partir de 2014. Além disso, existem dispensas de obrigatoriedade de declaração, como no caso de pequenas e microempresas enquadradas no Simples Nacional e que não tenham utilizado mecanismos de apoio ao comércio exterior de serviços. Por fim, a exportação de serviços não está condicionada à declaração, como no caso de produtos. Ela é feita *a posteriori* e não condiciona a venda/negociação de serviços para o exterior. Não obstante, ainda que não correspondam à totalidade das exportações de serviços realizadas, e com um recorte menor, tais informações permitem observar a evolução e as tendências do comércio internacional desses segmentos.

As tabelas a seguir apresentam um panorama da balança comercial de produtos e serviços criativos em comparação com o restante da economia. Enquanto para produtos a participação do setor criativo correspondente ao que observamos na análise da receita das empresas criativas, ou seja, uma participação de pouco mais de 2%, os serviços criativos têm um percentual bem mais alto na exportação de serviços em geral, chegando a 14% em 2018. A exportação de serviços em geral teve um acréscimo de 4,36% de 2018 a 2019, e a exportação de serviços criativos teve um aumento de 48% de 2017 a 2018. De 2014 a 2018, a exportação de serviços aumentou a cada ano, a exportação de produtos culturais não teve um crescimento linear, mas registra, desde 2016, crescimento a cada ano, atingindo em 2019 US\$ 7.607.551.565, quase 3 bilhões de dólares a mais do que em 2010.

⁴ Os dados são oferecidos pelo Ministério da Economia, por meio da Lei de Acesso à Informação, e precisam ter todos os parâmetros preenchidos e todos os códigos NBS agregados. Até o fechamento deste relatório não recebemos a extração completa dos dados.

⁵ A Lei nº 12.546, de 14 de dezembro de 2011, em seus artigos 25 a 27, instituiu a obrigação de prestar ao MDIC, para fins econômico-comerciais, informações relativas às transações entre residentes ou domiciliados no país e residentes ou domiciliados no exterior que compreendam serviços, intangíveis e outras operações que produzam variações no patrimônio das pessoas físicas, das pessoas jurídicas ou dos entes despersonalizados. Estabeleceu também prazos para o início da obrigatoriedade da declaração para diferentes setores. Para serviços recreativos, culturais e desportivos, assim como para cessão de direitos de propriedade intelectual, a obrigatoriedade teve início em 1º de julho de 2013. Referência: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs-15>

TABELA 52

Balança Comercial Produtos 2010–2020 (em US\$)						
Período	Exportações Produtos Total	Exportações Produtos Economia Criativa	% Produtos Criativos no Total das Exportações	Importações Produtos Total	Importações Produtos Economia Criativa	% Produtos Criativos no Total das Importações
2010	201.788.337.035,00	4.869.267.311,00	2,41	181.774.969.378,00	5.444.188.206,00	3,00
2011	255.936.306.857,00	5.766.336.003,00	2,25	226.244.222.128,00	7.078.592.549,00	3,13
2012	242.277.307.190,00	6.127.045.657,00	2,53	223.366.721.023,00	7.153.395.775,00	3,20
2013	241.967.561.759,00	5.370.214.031,00	2,22	239.681.231.635,00	7.365.979.594,00	3,07
2014	224.974.401.228,00	5.696.292.025,00	2,53	229.127.843.314,00	7.746.423.247,00	3,38
2015	190.971.087.339,00	5.330.113.661,00	2,79	171.458.999.759,00	6.348.050.782,00	3,70
2016	185.232.116.301,00	5.311.015.580,00	2,87	137.585.830.976,00	4.615.432.618,00	3,35
2017	217.739.218.466,00	6.001.259.384,00	2,76	150.749.494.421,00	5.558.824.253,00	3,69
2018	239.263.992.681,00	6.875.031.954,00	2,87	181.230.568.862,00	6.145.968.591,00	3,39
2019	225.383.482.468,00	7.607.551.565,00	3,38	177.347.934.749,00	5.960.303.992,00	3,36
2020	138.320.644.313,00	3.887.938.386,00	2,81	102.039.909.862,00	2.810.834.962,00	2,75

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 53

Balança Comercial Serviços 2010–2020 (em US\$)						
Período	Exportações Serviços Total	Exportações Serviços Criativos	% Serviços Criativos no Total das Exportações	Importações Serviços Total	Importações Serviços Criativos	% Serviços Criativos no Total das Importações
2014	20.822.625.764,87	2.173.388.958,00	10,44	48.512.449.127,88	7.943.851.149,00	16,37
2015	18.962.862.669,07	2.230.810.755,00	11,76	45.581.249.895,44	7.008.924.878,00	15,38
2016	18.594.326.707,47	2.304.688.823,00	12,39	43.556.377.257,77	7.396.174.225,00	16,98
2017	29.838.916.917,40	2.788.817.740,00	9,35	42.889.840.314,15	8.294.592.950,00	19,34
2018	29.257.398.504,00	4.140.883.868,00	14,15	44.125.130.815,00	8.566.275.609,00	19,41
2019	30.533.776.463,00	dados não disponíveis		46.503.748.529,00		dados não disponíveis
2020	106.299.469,19	dados não disponíveis		183.882.618,88		dados não disponíveis

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A tabela a seguir oferece um panorama das exportações e importações de produtos e serviços culturais e constitui a base das análises que apresentaremos neste relatório. Os dados sobre produtos criativos exportados estão distribuídos em quatro setores: Artes Cênicas e Artes Visuais; Atividades Artesanais; Moda e Museus e Patrimônio. Os dados sobre serviços criativos exportados estão distribuídos em sete segmentos – Arquitetura; Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV; Design; Direitos Autorais; Editorial; Publicidade e Serviços Empresariais e Tecnologia da Informação – e tais classificações respeitam a metodologia e as fontes oficiais utilizadas pelo Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.⁶

6 A nota metodológica e as informações sobre a composição de atividades contemplada em cada segmento, de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e serviços descritos pelos códigos da Nomenclatura Brasileira de Serviços (NBS), estão detalhadas no Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural, que pode ser acessado em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/valor-absoluto-de-exportacoes-e-importacoes>. Cabe destacar que o setor Editorial compreende serviços de reprodução, impressão e editoração e serviços de tradução e de intérpretes, e que o setor de direitos de autor abrange licenciamento e cessão de direitos de autor, não sendo possível identificar quais se relacionam a setores mais específicos, como editorial ou música, por exemplo.

Comércio Internacional | Produtos e Serviços Criativos (em US\$)

Período	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total Geral
EXPORTAÇÃO (TOTAL)	4.869.267.311,00	5.766.336.003,00	6.127.045.657,00	5.370.214.031,00	7.869.680.983,00	7.560.924.416,00	7.615.704.403,00	8.790.557.014,00	11.017.668.748,00	7.607.551.565,00	3.887.938.386,00	76.482.888.517,00
Arquitetura	-	-	-	-	1.850.728,00	2.678.179,00	2.003.409,00	3.449.100,00	2.620.624,00	-	-	12.602.040,00
Artes Cênicas e Artes Visuais	26.561.568,00	60.146.360,00	51.170.357,00	127.434.080,00	90.548.264,00	121.983.790,00	204.624.489,00	192.642.360,00	334.490.888,00	395.304.561,00	25.036.595,00	1.629.943.312,00
Atividades Artesanais	2.100.581.984,00	2.150.369.680,00	2.092.231.647,00	2.213.577.483,00	2.399.077.905,00	2.376.071.386,00	2.462.261.347,00	2.872.543.518,00	3.233.137.940,00	2.997.391.367,00	1.631.883.603,00	26.529.127.860,00
Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	-	-	-	-	40.952.296,00	40.043.257,00	39.600.595,00	45.237.679,00	52.709.106,00	-	-	218.542.933,00
Design	-	-	-	-	2.306.030,00	4.712.151,00	5.810.169,00	4.536.091,00	4.985.778,00	-	-	22.350.219,00
Direitos Autorais	-	-	-	-	116.340.224,00	153.206.531,00	161.599.210,00	238.897.406,00	331.304.938,00	-	-	1.001.348.309,00
Editorial	-	-	-	-	26.499.878,00	18.594.877,00	20.474.721,00	21.652.939,00	18.859.751,00	-	-	106.082.166,00
Moda	2.741.851.303,00	3.554.136.408,00	3.983.459.397,00	3.029.060.585,00	3.206.464.876,00	2.831.325.564,00	2.643.396.473,00	2.935.962.946,00	3.308.120.509,00	4.214.685.359,00	2.230.951.661,00	34.679.415.081,00
Museus e Patrimônio	272.456,00	1.683.555,00	184.256,00	141.883,00	200.980,00	732.921,00	733.271,00	590.450,00	1.035.543,00	170.278,00	66.527,00	5.812.120,00
Publicidade e Serviços Empresariais	-	-	-	-	392.466.533,00	425.612.830,00	368.676.348,00	370.184.600,00	331.206.288,00	-	-	1.888.146.599,00
Tecnologia da Informação	-	-	-	-	1.592.973.269,00	1.585.962.930,00	1.706.524.371,00	2.104.859.925,00	3.399.197.383,00	-	-	10.389.517.878,00
IMPORTAÇÃO (TOTAL)	5.444.188.206,00	7.078.592.549,00	7.153.395.775,00	7.365.979.594,00	15.707.665.750,00	13.393.556.744,00	12.049.276.904,00	13.898.710.760,00	14.746.696.630,00	5.960.303.992,00	2.810.834.962,00	105.609.201.866,00
Arquitetura	-	-	-	-	5.911.720,00	4.061.084,00	1.393.769,00	2.401.174,00	2.057.013,00	-	-	15.824.760,00
Artes Cênicas e Artes Visuais	5.952.639,00	14.332.436,00	37.951.985,00	47.473.609,00	84.169.717,00	76.659.016,00	51.203.120,00	59.896.860,00	60.530.744,00	26.901.144,00	3.131.797,00	468.203.067,00
Atividades Artesanais	230.180.742,00	285.923.749,00	299.320.825,00	313.264.719,00	308.067.708,00	243.664.347,00	208.267.516,00	225.552.019,00	230.134.894,00	231.023.416,00	100.467.539,00	2.675.867.474,00
Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV	-	-	-	-	47.501.267,00	53.406.416,00	55.201.114,00	58.647.493,00	51.981.080,00	-	-	266.737.370,00
Design	-	-	-	-	18.809.854,00	17.734.901,00	8.772.221,00	10.103.114,00	5.861.375,00	-	-	61.281.465,00
Direitos Autorais	-	-	-	-	4.419.789.061,00	3.982.260.838,00	3.666.016.871,00	4.135.498.714,00	4.238.448.820,00	-	-	20.442.014.304,00
Editorial	-	-	-	-	10.676.800,00	10.559.403,00	14.247.988,00	49.607.116,00	17.546.006,00	-	-	102.637.313,00
Moda	5.204.237.430,00	6.773.999.232,00	6.812.383.527,00	7.000.049.592,00	7.368.754.919,00	6.061.967.354,00	4.392.712.635,00	5.317.998.673,00	5.887.690.752,00	5.701.556.120,00	2.706.799.685,00	63.228.149.919,00
Museus e Patrimônio	3.817.395,00	4.337.132,00	3.739.438,00	5.191.674,00	2.822.257,00	2.341.149,00	919.408,00	670.258,00	2.064.631,00	823.312,00	435.941,00	27.162.595,00
Publicidade e Serviços Empresariais	-	-	-	-	941.994.174,00	949.598.424,00	1.422.011.603,00	1.888.248.091,00	1.506.639.849,00	-	-	6.708.492.141,00
Tecnologia da Informação	-	-	-	-	2.499.168.273,00	1.991.303.812,00	2.228.530.659,00	2.150.087.248,00	2.743.741.466,00	-	-	11.612.831.458,00

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os gráficos a seguir apresentam dados agregados das exportações e importações de produtos e serviços, separadamente, em razão da diferença do período a que correspondem, e que permitem ver uma diferença significativa entre o volume de exportação e importação para produtos, mais equilibrado, e para serviços, em que as importações têm peso maior.

GRÁFICO 68 | Comércio Internacional – Produtos (em US\$)

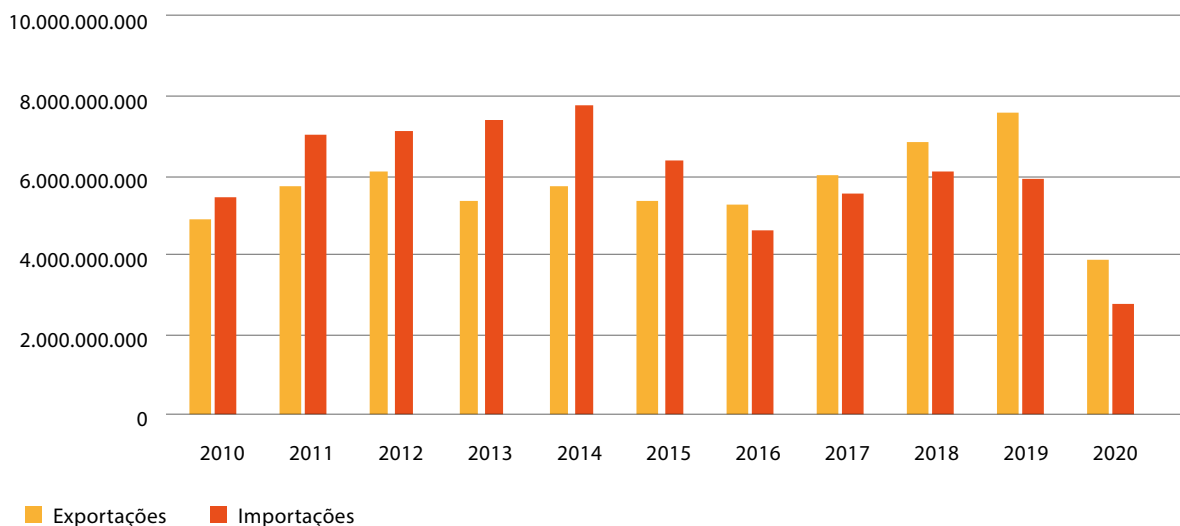


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 69 | Comércio Internacional – Serviços (em US\$)

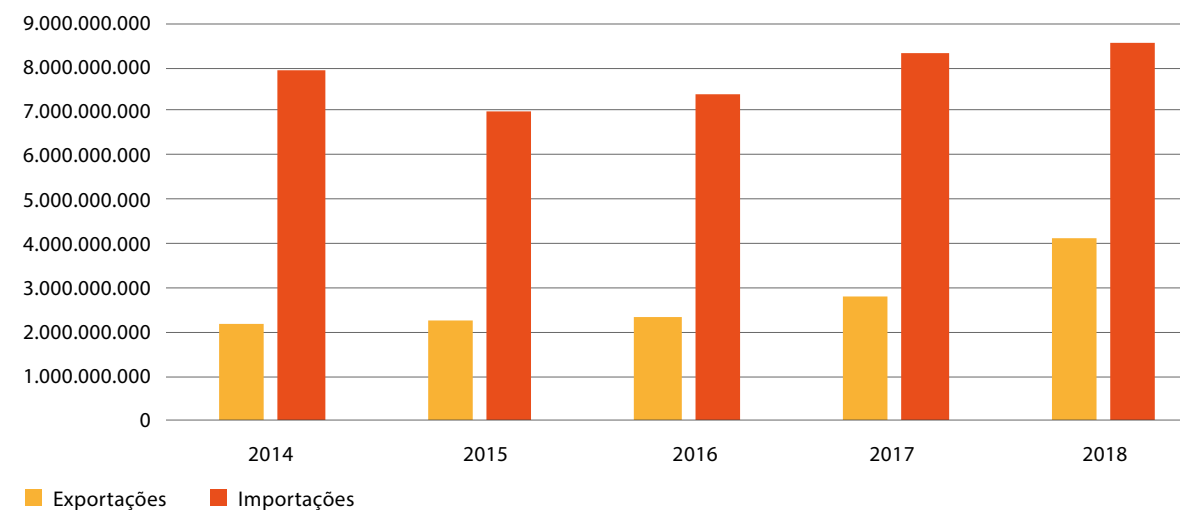


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

De forma geral, observamos uma tendência de crescimento das exportações de produtos e serviços criativos, que pode ser mais bem visualizada nos gráficos a seguir.

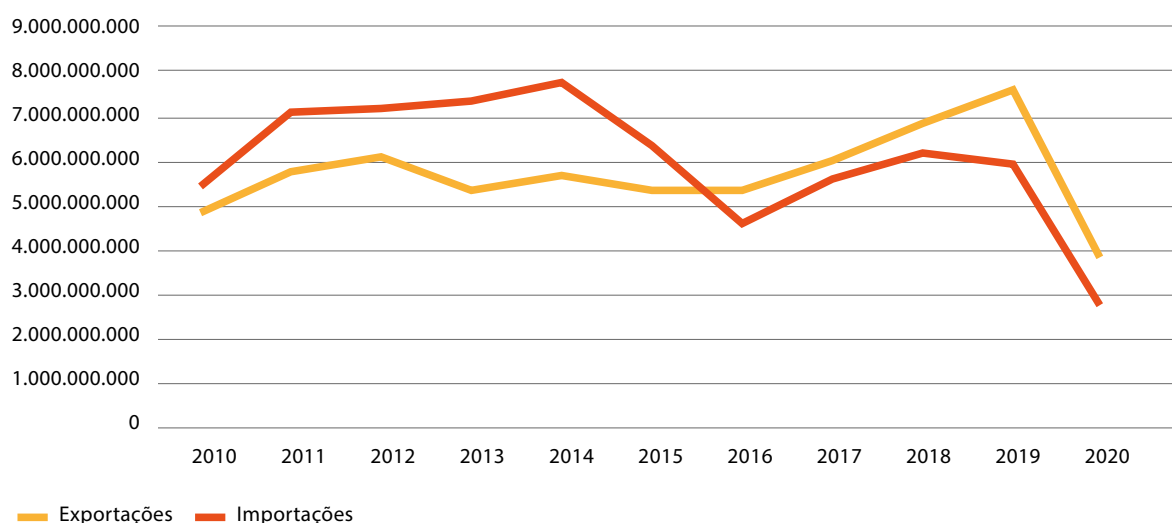
GRÁFICO 70 | Comércio Internacional – Produtos (em US\$)

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

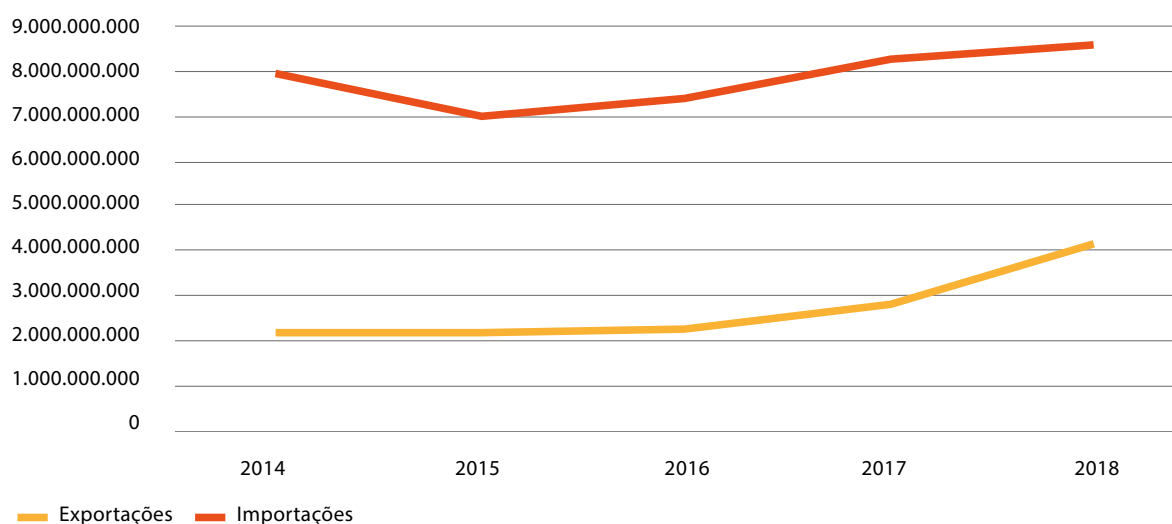
Gráfico 71 | Comércio Internacional – Serviços (em US\$)

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os dados relativos a produtos mostram que, no período de 2010 a 2015, as importações ultrapassaram as exportações, mas em menos de 20%. A partir de 2016, as exportações superaram as importações e registraram crescimento significativo de 2016 a 2019, com o ápice, em 2019, ultrapassando 7 bilhões de dólares.

Em 2020, o volume de exportações continua maior do que o das importações até o dia 31 de agosto, e os valores exportados já atingiram mais do que 50% do valor exportado no ano de 2019, o que permite um certo otimismo num cenário de grande adversidade enfrentada pelo setor cultural no contexto da pandemia do coronavírus, ao menos para alguns setores, pois, como veremos a seguir, o comportamento de cada um deles varia significativamente nesse período mais recente.

Analisamos também o comportamento das exportações por trimestre, no período de 2017 a 2020, a fim de identificar padrões e, sobretudo, o impacto da crise causada pela pandemia na exportação de produtos criativos no ano de 2020.

TABELA 55

Exportações Produtos por Trimestre (em US\$)				
Período	2017	2018	2019	2020
1º trimestre	1.166.330.719,00	1.663.088.091,00	1.739.810.962,00	2.058.230.156,00
2º trimestre	1.276.302.263,00	1.321.385.697,00	1.693.566.114,00	1.354.321.265,00
3º trimestre	1.548.502.745,00	1.447.713.398,00	1.652.967.456,00	475.386.965,00

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Os valores de exportação por trimestre vinham aumentando anualmente, nos últimos três anos, e observa-se um padrão de um aumento gradativo do volume exportado do primeiro ao terceiro trimestres. Em 2020, o primeiro trimestre foi bastante positivo, e registrou um volume de exportações maior do que nos três anos anteriores. No segundo trimestre verifica-se uma queda, ainda não tão significativa, do volume exportado em relação ao primeiro trimestre e também ao mesmo período de 2019. O início do segundo trimestre de 2020 coincide com o começo da crise sanitária e, ainda assim, o volume exportado foi apenas 21% menor do que em 2019. Os dados do terceiro trimestre de 2020 são parciais, chegando até 31 de agosto, impossibilitando a comparação com os anos anteriores.

Como já observamos, o maior desequilíbrio da balança comercial diz respeito aos serviços criativos, em que as importações correspondem a mais de três vezes o volume de exportações, considerados os setores agrupados, proporção que diminui em 2018, quando as importações foram de aproximadamente duas vezes o volume das exportações. Em seu conjunto, considerados produtos e serviços criativos, verificamos um crescimento das exportações no período analisado.

A seguir, analisaremos a evolução das exportações de produtos e serviços criativos na última década de forma desagregada, a fim de entender a contribuição de cada setor para o total de exportações, as suas particularidades, os principais destinos das exportações e suas origens regionais, evidenciando uma grande diversidade de dinâmicas e comportamentos dos setores criativos em relação ao comércio internacional, e que, assim como em relação às empresas, tratadas no Capítulo 2, suscitam questões que não se esgotam neste relatório e demandam outros estudos e análises a partir dos recortes setoriais.

3.1. O peso de cada setor no total das exportações em 2018

Tomando como base o ano de 2018, analisamos o peso de cada setor no total das exportações. Os maiores setores são Tecnologia da Informação, Moda e Atividades Artesanais – já os demais têm uma participação muito menor em relação ao volume exportado. Há uma correspondência entre a participação significativa dos setores de Moda e Tecnologia da Informação no total da receita das empresas (ver Gráfico 46, pág. 117) e seu peso nas exportações, mas o setor de Atividades Artesanais, por outro lado, participava com 8,1% da receita gerada pelas empresas criativas, em 2017, e participa com quase 30% do volume de exportações em 2018, evidenciando assim a força do artesanato brasileiro no comércio internacional.

Cabe ressaltar que, independentemente do peso relativo que podem ter na balança comercial, indicados pelos dados econômicos aqui apresentados, todos esses setores são relevantes pois contribuem para a circulação internacional da cultura e da criatividade brasileiras e para o posicionamento do país no exterior.

GRÁFICO 72 | Participação dos Setores Criativos nas Exportações em 2018

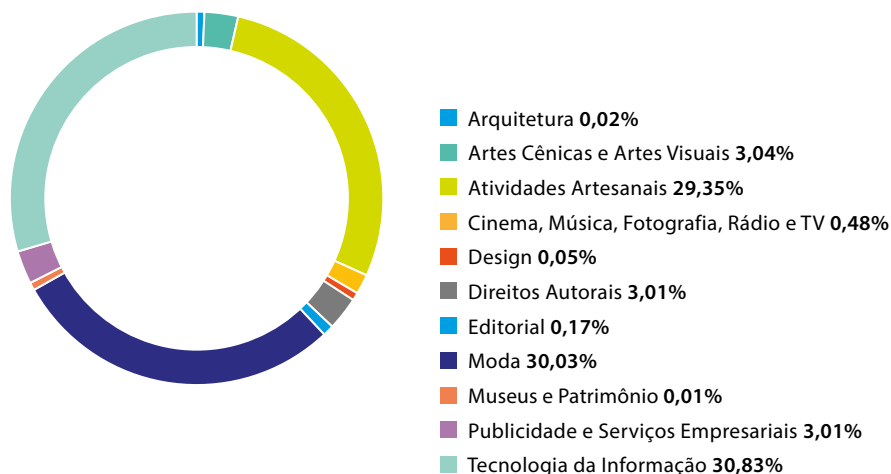


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A seguir, apresentaremos uma análise das exportações de produtos por segmento: Artes Cênicas e Artes Visuais, Atividades Artesanais, Moda e Museus e Patrimônio.

O gráfico abaixo evidencia o peso da Moda e das Atividades Artesanais, em comparação aos setores de Artes Cênicas e Artes Visuais e de Museus e Patrimônio, que movimentam valores menores.

GRÁFICO 73 | Exportação – Produtos Criativos (em US\$)

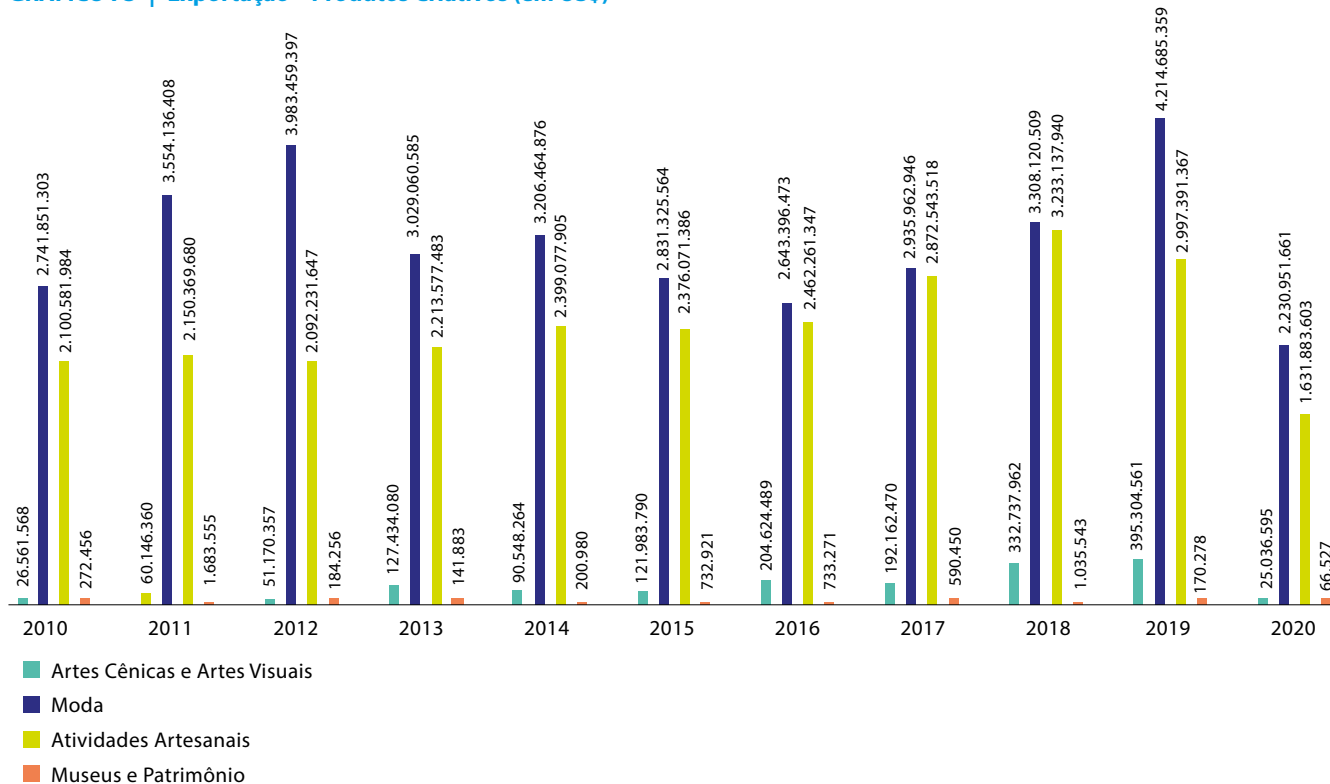


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

3.2. Comércio internacional de produtos criativos – desagregação por setor

A seguir apresentaremos alguns dados sobre cada setor individualmente.

Artes Cênicas e Artes Visuais

Artes Cênicas e Artes Visuais registrando um crescimento durante o período, que se acentua em 2018 e, sobretudo, em 2019, como evidencia o gráfico a seguir.

GRÁFICO 74 | Comércio Internacional – Artes Cênicas e Artes Visuais (em US\$)

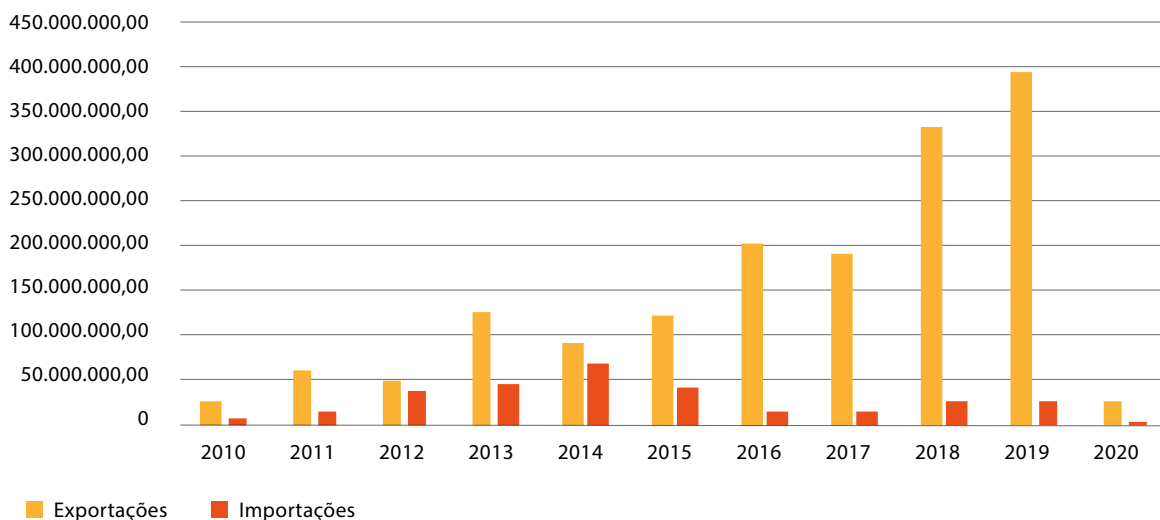


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

As Artes Visuais e Cênicas têm registrado aumento significativo das exportações em anos recentes. Embora não tenha sido um crescimento constante, havendo anos de melhor e pior performance, impressiona a diferença de valores se comparar 2010, quando foram exportados cerca de 15 milhões de dólares, e 2019, quando o valor chegou a quase 400 milhões. O aumento das exportações deve-se, seguramente, ao crescimento do mercado de artes visuais, segmento que vinha se destacando por registrar crescimento expressivo no volume de exportações na última década, segundo pesquisas setoriais e relatórios internacionais.⁷ Em 2020, no entanto, as quedas das exportações foram muito acentuadas, não chegando, até 31 de agosto de 2020, sequer a 10% do valor exportado em 2019.

Uma das principais plataformas de vendas para o setor das artes visuais são as feiras de arte. O cancelamento de tais eventos presenciais, em razão da pandemia do coronavírus, afetou fortemente o mercado de arte global, e a migração desses eventos para plataformas digitais ainda não permitiu o restabelecimento das transações, que registaram quedas significativas no mundo todo. O Reino Unido, segundo maior mercado de arte do mundo, por exemplo, registrou queda do volume de exportações de mais de 80% em razão da pandemia.⁸

Analizamos também quais foram os principais destinos das exportações ao longo de todo o período. América do Norte e Europa têm sido os principais importadores dos produtos desse setor, havendo um equilíbrio entre esses dois blocos.

⁷ Pesquisa Setorial Latitude sobre o Mercado de Arte Contemporânea, com dados de 2012 a 2017: <http://www.latitudebrasil.org/pesquisa-setorial/> e o relatório da Unctad Creative Economy Outlook, de 2010: <file:///C:/Users/admin/Desktop/Unctad%20-%20Creative%20Economy%20Report.pdf>

⁸ <https://news.artnet.com/market/uk-art-market-health-q2-2020-1902836>

TABELA 56

Artes Cênicas e Artes Visuais Exportações por Destino 2010–2020 (em US\$)	
África	1.211.139
América do Norte	793.277.682
América do Sul e Central	46.801.781
Ásia	52.186.702
Europa	735.405.554
Oceania	1.060.454

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 75 | Artes Cênicas e Artes Visuais – Exportações por Destino 2010–2020 (em R\$)

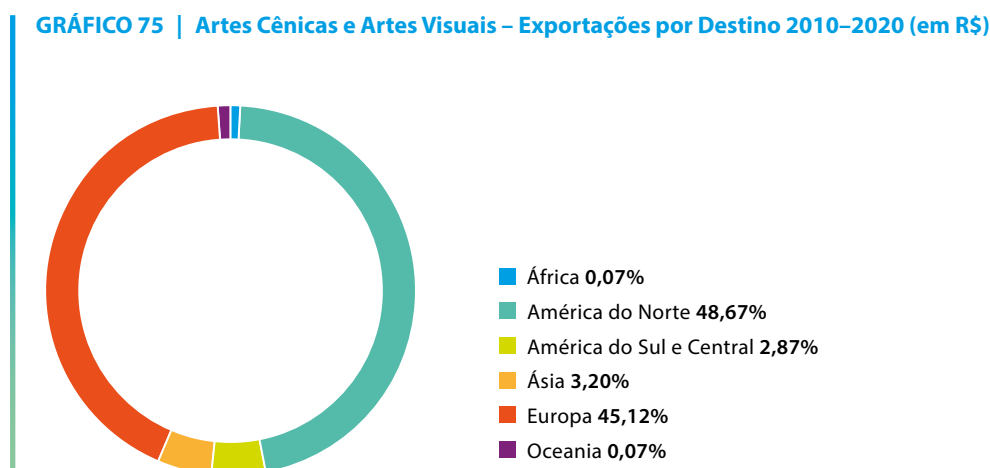


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Há um equilíbrio entre Europa e América do Norte, os principais destinos das exportações desse setor. Os Estados Unidos são o maior mercado de arte do mundo e o Reino Unido o segundo, estando na Europa outros destinos importantes para as artes visuais, especificamente. Já as exportações para a Ásia ainda não são representativas, embora a China seja o terceiro maior mercado, existindo um grande potencial de crescimento dos negócios na região.⁹ O segmento da arte contemporânea, especificamente, tem aumentado sua presença na Ásia, e existem galerias brasileiras que, desde 2013, participam da Art Basel Hong Kong, a feira mais importante do continente e considerada porta de entrada para o mercado asiático.

⁹ Diversos relatórios internacionais são publicados anualmente apresentando os números do mercado de arte global. Entre eles destacam-se: <https://www.artbasel.com/news/art-market-report> e <https://arttactic.com/product/global-art-market-outlook-2020/>

TABELA 56

Artes Cênicas e Artes Visuais UF de Origem das Exportações 2010–2020 (em US\$)	
AL	13.694
AM	16.365
BA	1.880.769
CE	70.476
DF	2.840
ES	746.380
GO	64.808
MG	7.645.910
MS	169.222
MT	41
PA	5.490
PB	354
PE	35.366
PR	10.194.432
RJ	267.000.096
RN	309
RO	4.293
RS	3.162.503
SC	1.440.204
SP	819.954.020
TO	131
Outros*	517.535.609

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

*Outros são exportações que não têm identificação de UF de origem.

É interessante observar que São Paulo e Rio de Janeiro são os estados que exportam mais artes cênicas e artes visuais, mas há participação de 21 estados nas exportações do setor de 2010 a 2020.

Museus e Patrimônio

O setor de Museus e Patrimônio movimenta valores muito menores do que os demais, e as importações superam, em muito, o volume das exportações, se considerado o período como um todo. Não é possível identificar uma tendência, tendo havido variações significativas em valores na proporção entre as exportações e as importações. Em anos mais recentes, os valores importados e exportados, bastante baixos, ficaram mais próximos, sendo que as exportações superaram as importações entre 2016 e 2018.

GRÁFICO 76 | Comércio Internacional – Museus e Patrimônio (em US\$)

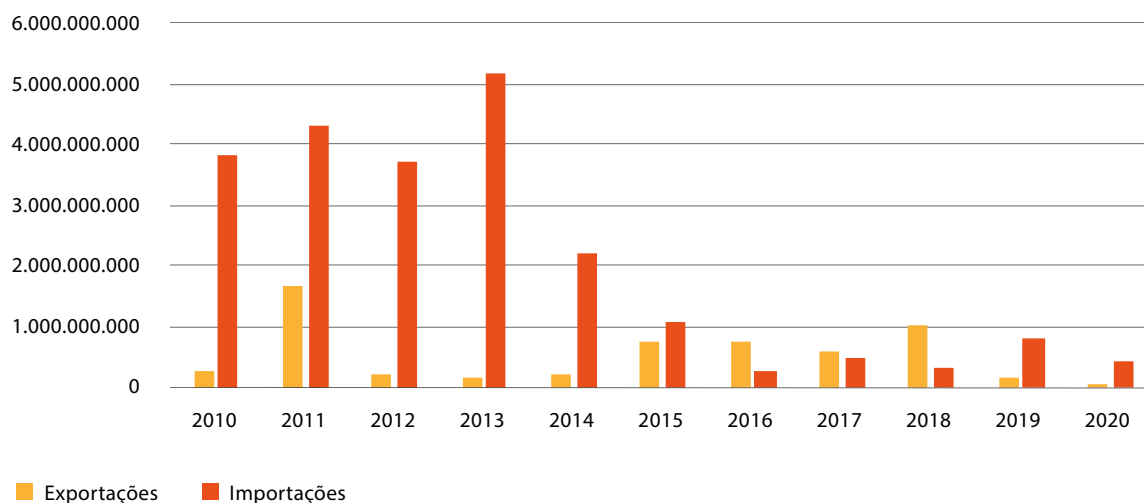


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 58

Museus e Patrimônio Exportações por Destino 2010–2020 (em US\$)	
África	138
América do Norte	1.997.002
América do Sul e Central	165.162
Ásia	191.232
Europa	3.458.236
Oceania	350

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 77 | Museus e Patrimônio – Exportações por Destino 2010–2020

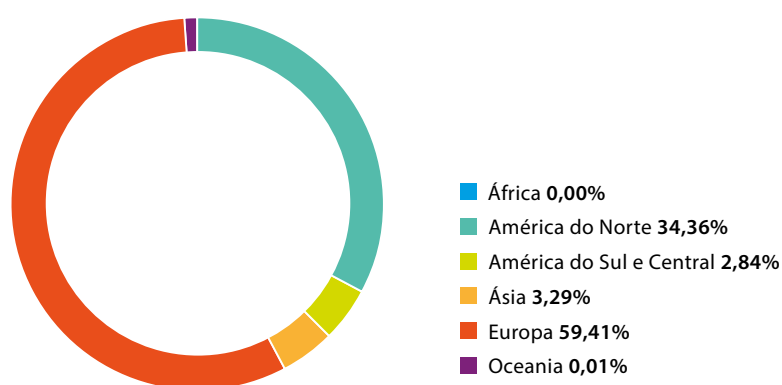


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Para esse setor, a Europa é o principal destino das exportações, com um peso três vezes maior do que o da América do Norte.

É interessante observar que Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro são os estados que exportam mais produtos do setor de Museus e Patrimônio, mas há participação de 13 estados nas exportações do setor de 2010 a 2020.

TABELA 59

Museus e Patrimônio UF de Origem das Exportações 2010–2020 (em US\$)	
BA	1.055
CE	18.612
DF	13
ES	6.503
GO	162
MG	84.257
MS	11.014
PE	19.476
PR	70.348
RJ	462.118
RS	894.707
SC	211.180
SP	542.087
Outros*	3.490.588

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

*Outros são exportações que não têm identificação de UF de origem.

Atividades Artesanais

O artesanato registrou um crescimento gradual das exportações entre 2010 e 2018, com uma leve queda em 2019. O volume de importações tem se mantido relativamente estável, e muito inferior ao volume de exportações.

GRÁFICO 78 | Comércio Internacional – Atividades Artesanais (em US\$)

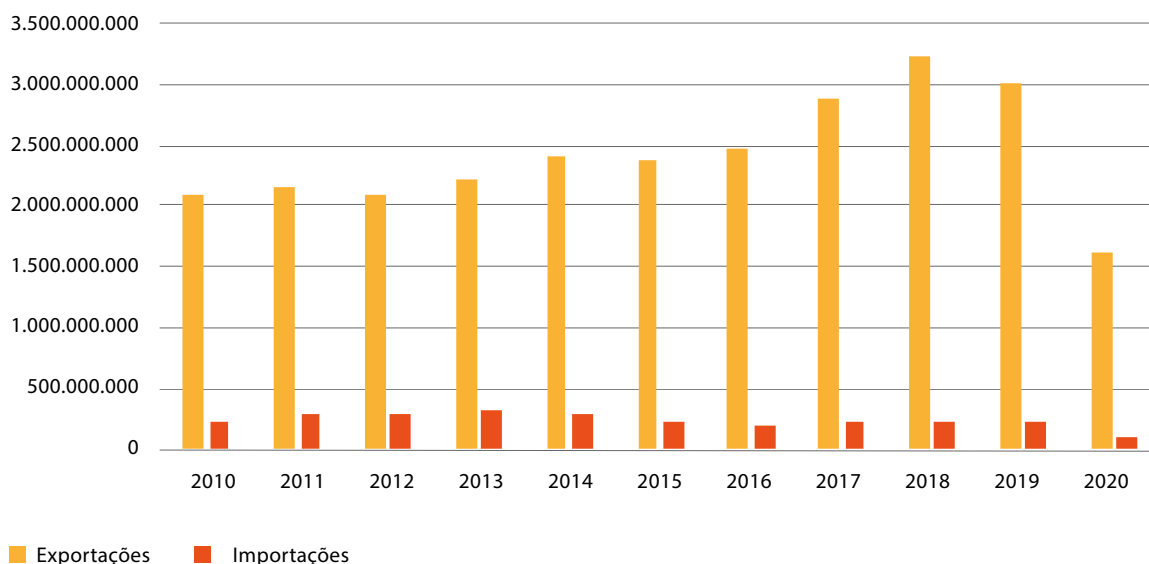


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Um outro aspecto interessante no que diz respeito a esse setor é que as exportações estão mais bem distribuídas para os diferentes destinos. Ainda que o peso da América do Norte e da Europa se destaquem, América do Sul e Central e Ásia também são destinos importantes em termos de volume das exportações do setor.

TABELA 60

Atividades Artesanais Exportações por Destino 2010–2020 (em US\$)	
África	584.082.404
América do Norte	11.856.161.679
América do Sul e Central	2.914.249.388
Ásia	3.941.002.420
Europa	7.048.000.103
Oceania	185.631.866

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 79 | Atividades Artesanais Exportações por Destino 2010–2020

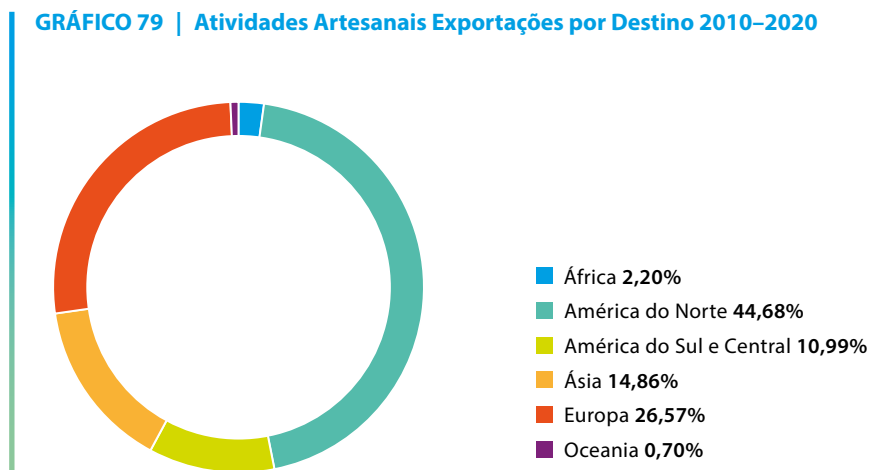


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 61

Atividades Artesanais UF de Origem das Exportações 2010–2020 (em US\$)	
AC	84.456.313
AL	1.197.302
AM	146.206.036
AP	8.018.453
BA	182.524.266
CE	1.111.638
DF	6.516.247
ES	5.166.511
GO	9.424.560
MA	2.163.051
MG	1.025.926.761
MS	37.726.119
MT	1.134.708.450
PA	2.755.014.220
PB	301.886
PE	1.695.342
PI	496.565
PR	9.458.110.473
RJ	194.641.919
RN	9.375.808
RO	568.013.049
RR	32.557.155
RS	1.623.914.508
SC	6.530.681.255
SE	3.654
SP	2.467.811.935
TO	4.206.013
Outros*	237.158.371

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

*Outros são exportações que não têm identificação de UF de origem.

Há também uma boa distribuição em relação à origem das exportações. Paraná, Santa Catarina, Pará, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais destacam-se entre os maiores estados exportadores, mas todos os demais participam das exportações do setor de 2010 a 2020.

Moda

A Moda tem valores de exportação que se aproximam das Atividades Artesanais, no entanto as importações superam largamente o volume de exportações. Além disso, o setor oscila entre períodos de crescimento e retração, como evidencia o gráfico a seguir.

GRÁFICO 80 | Comércio Internacional – Moda (em US\$)

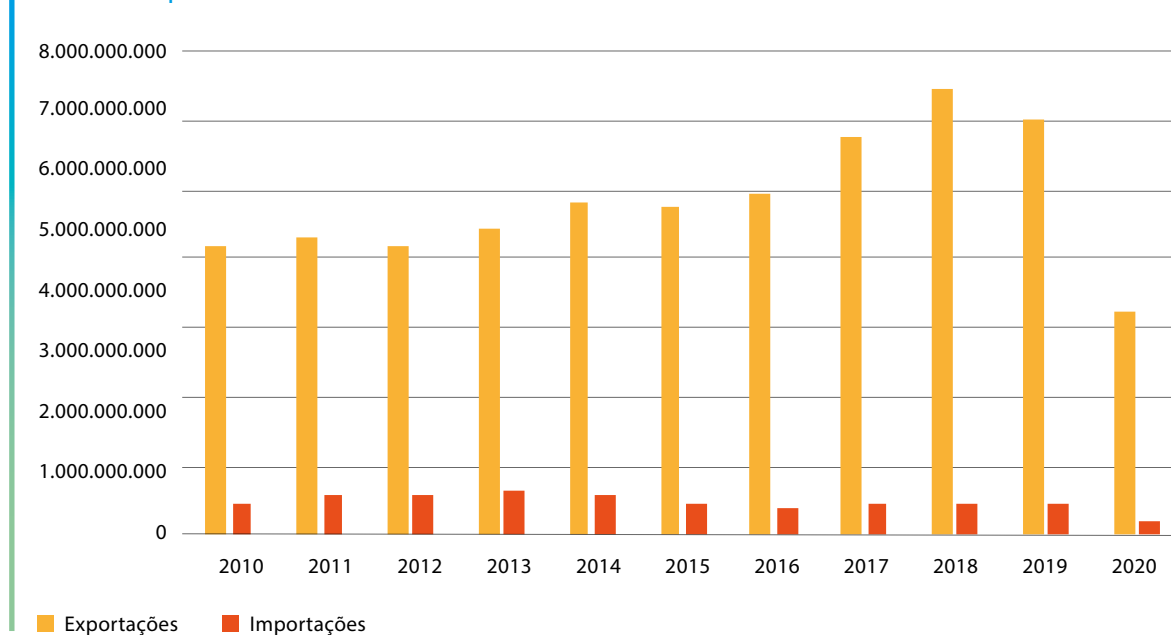


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Para a Moda, a Ásia é o principal destino das exportações, seguido pela América do Sul e Central, cuja importância é duas vezes maior do que a Europa e quase quatro vezes maior do que a América do Norte, considerado o período de 2010 a 2020.

TABELA 62

Moda Exportações por Destino 2010–2020 (em US\$)	
África	615.798.560
América do Norte	2.542.513.867
América do Sul e Central	8.142.162.356
Ásia	19.030.246.593
Europa	4.226.060.660
Oceania	122.633.045

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 81 | Moda – Exportações por Destino 2010–2020

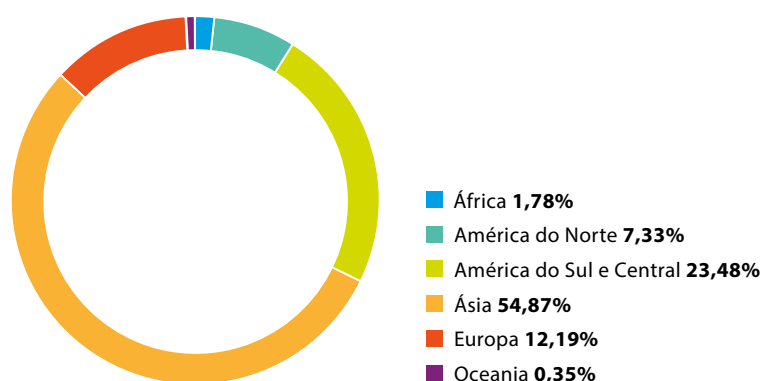


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Moda e Atividades Artesanais atingiram, no primeiro semestre de 2020, volumes de exportação próximos a 50% do valor exportado em 2019, o que indica uma resiliência desses setores mesmo no contexto da pandemia, diferentemente do de Artes Visuais, que não chegou a 10% do valor exportado em 2019.

TABELA 63

Moda UF de Origem das Exportações 2010–2020 (em US\$)	
AC	10.890.892
AL	1.276.832
AM	3.776.648
AP	9.386
BA	5.591.030.232
CE	619.743.370
DF	14.340.242
ES	25.166.686
GO	1.312.106.679
MA	474.188.762
MG	1.313.973.332
MS	746.557.287
MT	10.285.037.952
PA	261.470.244
PB	186.977.109
PE	96.571.036
PI	90.304.209
PR	1.839.752.382
RJ	468.298.869
RN	344.093.513
RO	265.215.690
RR	302.834
RS	1.863.238.431
SC	2.338.977.660
SE	10.316.415
SP	6.061.481.035
TO	101.071.747
Outros*	353.245.607

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

*Outros são exportações que não têm identificação de UF de origem.

Mato Grosso, São Paulo e Bahia destacam-se entre os maiores estados exportadores, mas todos os demais participam das exportações do setor de 2010 a 2020.

3.3. Comércio internacional de serviços criativos – desagregação por setor

A balança comercial de serviços criativos manteve-se negativa em todo o período analisado. No entanto, em 2018, último ano em que os dados foram disponibilizados, a diferença entre o volume das exportações e importações diminuiu, o que fica mais evidente no gráfico a seguir.

GRÁFICO 82 | Comércio Internacional Serviços Criativos 2014–2018 (em US\$)

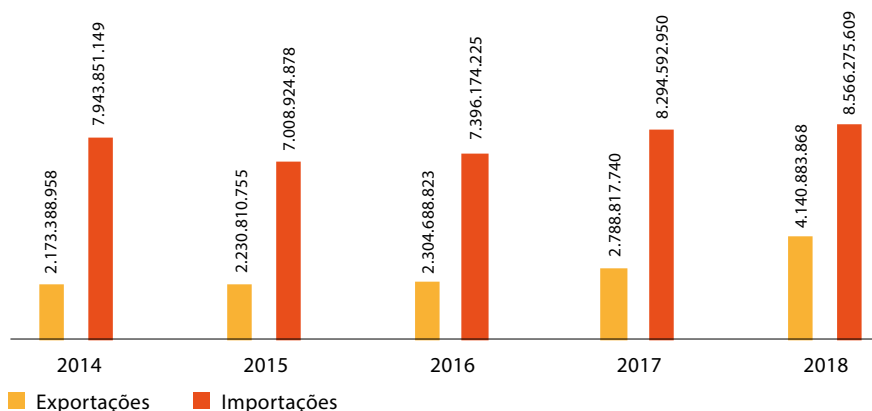


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Acima foram apresentados dados referentes aos setores de Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV, Design, Direitos Autorais, Editorial, Publicidade e Serviços Empresariais, Tecnologia da Informação e Arquitetura em seu conjunto.¹⁰ A seguir serão apresentados os dados relativos a cada um dos setores, a fim de identificar diferenças e especificidades.

10 A descrição detalhada do que compreende cada setor encontra-se em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldados/pesquisa/valor-absoluto-de-exportacoes-e-importacoes#>

TABELA 64

Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	40.952.296	40.043.257	39.600.595	45.237.679	52.709.106
Importações	47.501.267	53.406.416	55.201.114	58.647.493	51.981.080
Design (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	2.306.030	4.712.151	5.810.169	4.536.091	4.985.778
Importações	18.809.854	17.734.901	8.772.221	10.103.114	5.861.375
Direitos Autorais (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	116.340.224	153.206.531	161.599.210	238.897.406	331.304.938
Importações	4.419.789.061	3.982.260.838	3.666.016.871	4.135.498.714	4.238.448.820
Editorial (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	26.499.878	18.594.877	20.474.721	21.652.939	18.859.751
Importações	10.676.800	10.559.403	14.247.988	49.607.116	17.546.006
Publicidade e Serviços Empresariais (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	392.466.533	425.612.830	368.676.348	370.184.600	331.206.288
Importações	941.994.174	949.598.424	1.422.011.603	1.888.248.091	1.506.639.849
Tecnologia da Informação (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	1.592.973.269	1.585.962.930	1.706.524.371	2.104.859.925	3.399.197.383
Importações	2.499.168.273	1.991.303.812	2.228.530.659	2.150.087.248	2.743.741.466
Arquitetura (em US\$)					
Período	2014	2015	2016	2017	2018
Exportações	1.850.728	2.678.179	2.003.409	3.449.100	2.620.624
Importações	5.911.720	4.061.084	1.393.769	2.401.174	2.057.013

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O peso de cada setor em relação ao volume total de serviços exportados pode ser visualizado no gráfico a seguir, em que Tecnologia da Informação se destaca pelo volume e crescimento.

GRÁFICO 83 | Exportações Serviços Criativos (em US\$)

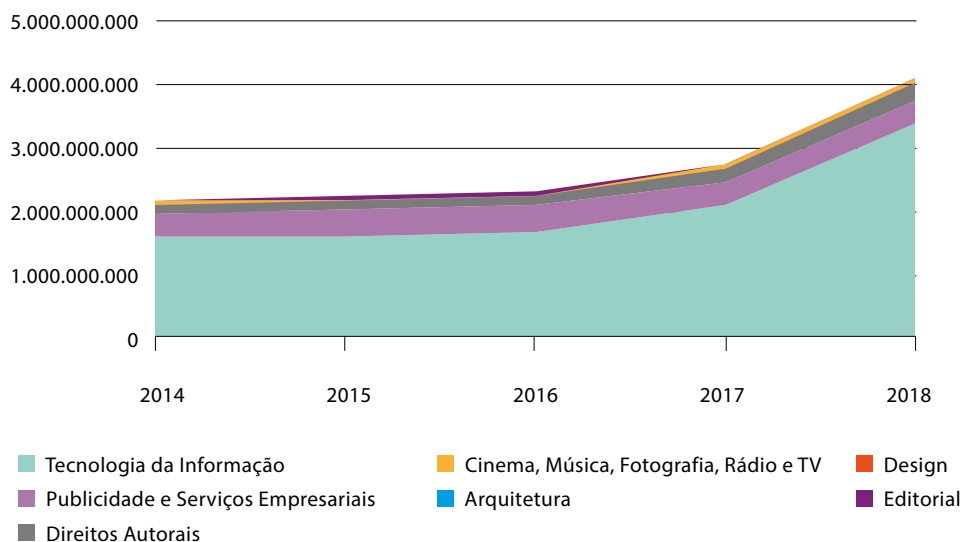


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 84 | Exportações Serviços Criativos 2014–2018 (em US\$)

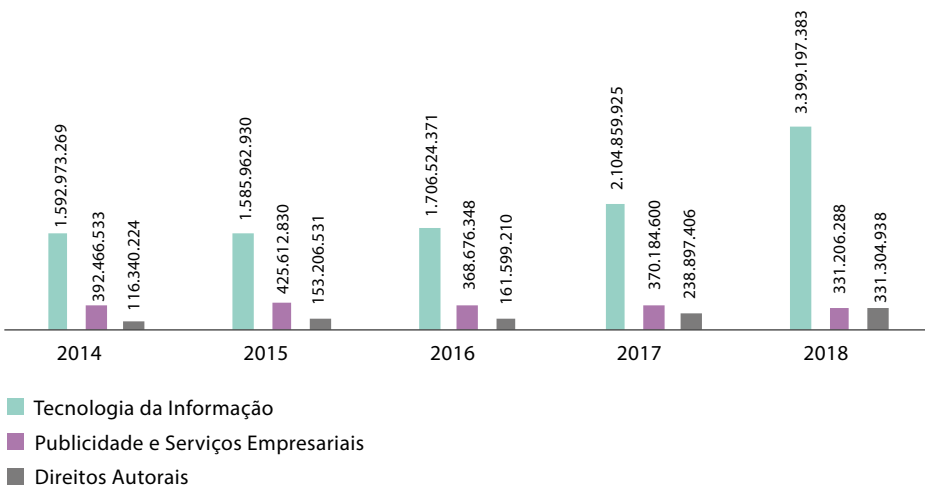


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 85 | Exportações Serviços Criativos 2014–2018 (em US\$)

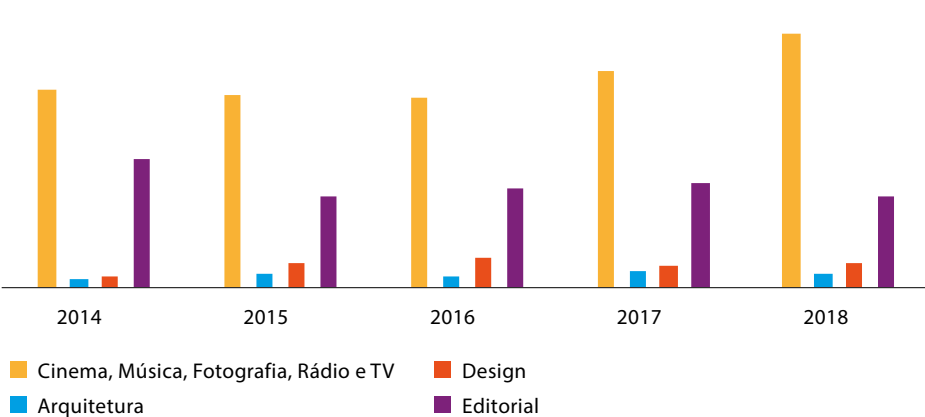


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV

GRÁFICO 86 | Comércio Internacional – Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV (em US\$)

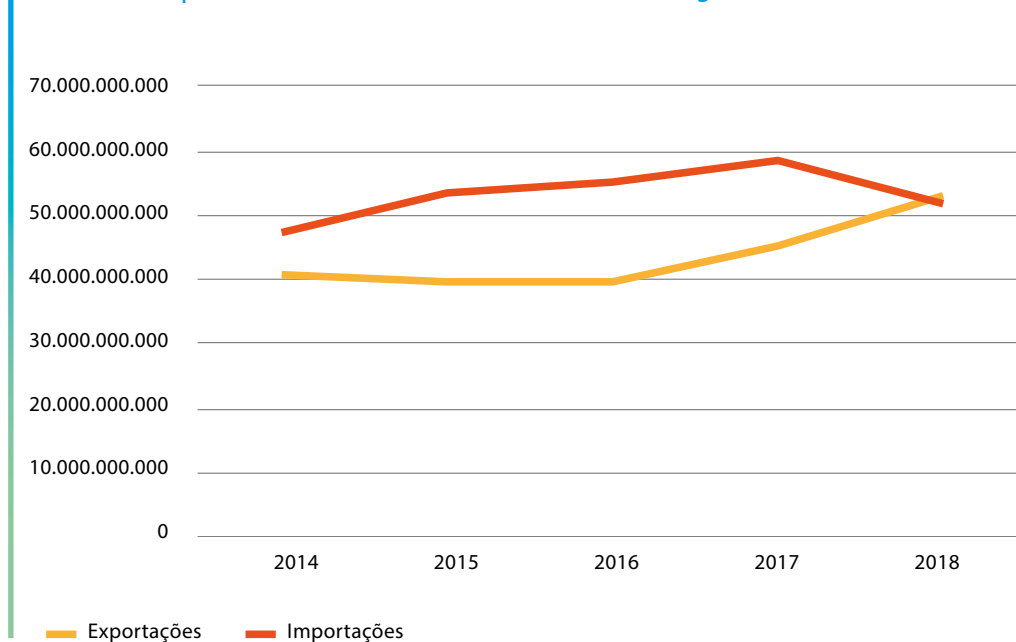


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

As exportações de serviços do setor Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV registrou crescimento da ordem de 40% entre 2014 e 2018, ano em que o volume de exportações ultrapassou o volume de importações.

Esses números parecem muito pequenos, em relação ao tamanho do setor em termos de empresas e participação na receita (ver Gráfico 46, pág. 117), e talvez isso se deva ao fato de as estatísticas oficiais de exportação de serviços serem recentes e os processos de coleta de dados ainda estarem sendo consolidados, como apontamos na introdução deste capítulo. É provável que os números de exportações desse segmento sejam maiores do que os dados disponibilizados até o momento.¹¹

A América do Norte tem sido o principal destino das exportações desse setor e a Europa o segundo destino. Se por um lado os Estados Unidos são o maior mercado da música e do audiovisual, esses dados não surpreendem. No entanto, em relação ao cinema, especificamente, são os países europeus os principais parceiros das coproduções de filmes brasileiros, e até o momento o Brasil tem pouquíssimas coproduções com Estados Unidos.¹² Com isso, queremos chamar atenção para questões que este relatório não pretende esgotar e que merecem ser tratadas por outros estudos e análises, com novos recortes e complementos, também de natureza qualitativa.

TABELA 65

Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
América do Norte	159.216.693
América do Sul e Central	8.258.891
Ásia	157.957
Europa	50.909.392

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

¹¹ O relatório Creative Economy Outlook, da Unctad, já citado, estima que as exportações do audiovisual brasileiro tenham chegado a 265,4 milhões de dólares em 2014. Ver: https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditcted2018d3_en.pdf, p.98. Segundo o Manual de Exportação de Bens e Serviços Culturais publicado pelo Ministério da Cultura em 2018, as exportações de serviços audiovisuais brasileiros para o exterior cresceram 138,9% entre 2014 e 2016. Em 2016, o Brasil teria vendido para outros países mais de 176 milhões de dólares, o que representava 0,95% do total de serviços exportados pelo país. Ver: <http://antigo.cultura.gov.br/documents/10883/1530605/MANUAL+DE+EXPORTAC%C3%A7%C3%A7%C3%A3o+de+Bens+e+Servi%C3%A7os+Culturais+em+2018.pdf/2e023761-1bb3-431c-b8f4-33157fbbda72>

¹² O Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual da Ancine disponibiliza dados sobre o setor e sobre as coproduções realizadas desde 2005: <https://oca.ancine.gov.br/cinema>

GRÁFICO 87 | Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV – Exportações por Destino 2014–2018

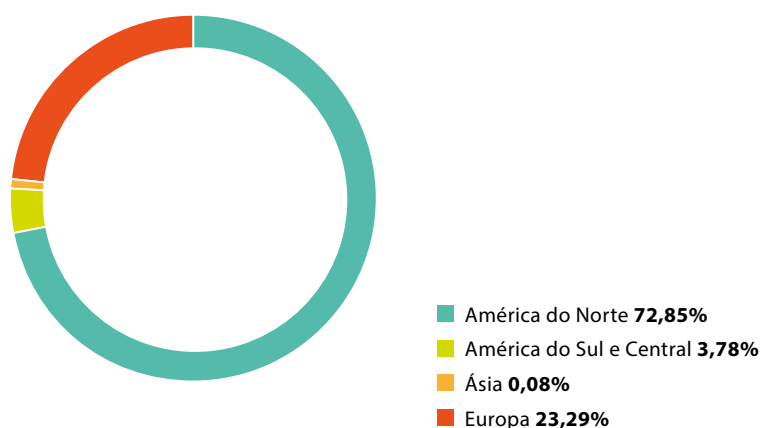


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 66

Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
RJ	66.213.958
SP	152.328.975

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Chama atenção que somente São Paulo e Rio de Janeiro sejam os estados exportadores de serviços do setor de Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV entre 2014 e 2018. Esses dados merecem uma análise setorial mais aprofundada, uma vez que se trata de um setor que tem atividades relevantes em outras regiões do país.

Design

GRÁFICO 88 | Comércio Internacional – Design (em US\$)

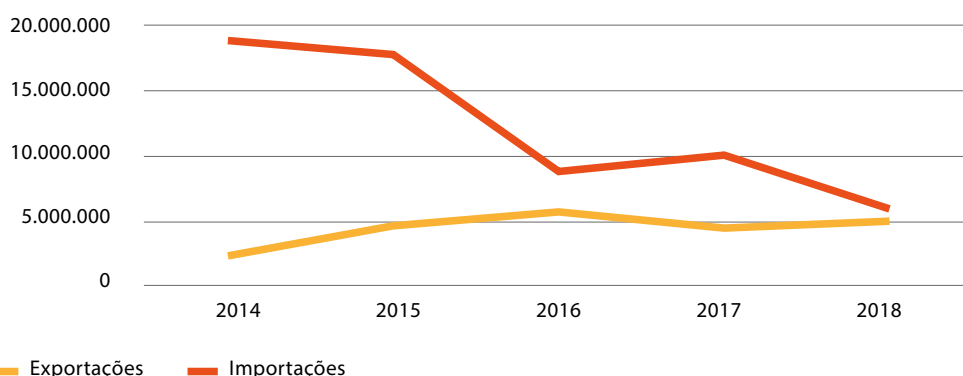


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O setor de Design apresentava uma diferença muito grande entre o volume de importações (mais de 18 milhões de dólares) e das exportações (de cerca de 2 milhões de dólares). Essa diferença diminuiu substancialmente, as importações caíram e as exportações aumentaram chegando, em 2018, com uma pequena diferença, ficando exportações e importações na faixa dos 5 milhões de dólares.

Para esse setor, América do Norte e Europa são os principais destinos, seguidos de Ásia, América do Sul e Central tendo peso residual. África e Oceania não são destinos dos serviços de design brasileiros.

TABELA 67

Design Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
América do Norte	13.705.856
América do Sul e Central	39.733
Ásia	1.743.087
Europa	6.861.543

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 89 | Design – Exportações por Destino 2014–2018

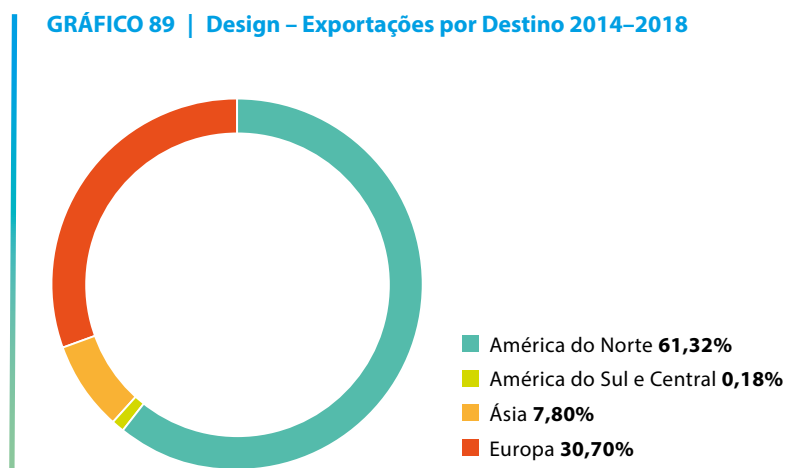


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 68

Design UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
RJ	175.696
RS	1.416.641
SP	20.757.882

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Também chama atenção a concentração das exportações do setor em apenas três estados da federação.

Direitos Autorais

GRÁFICO 90 | Comércio Internacional – Direitos Autorais (em US\$)

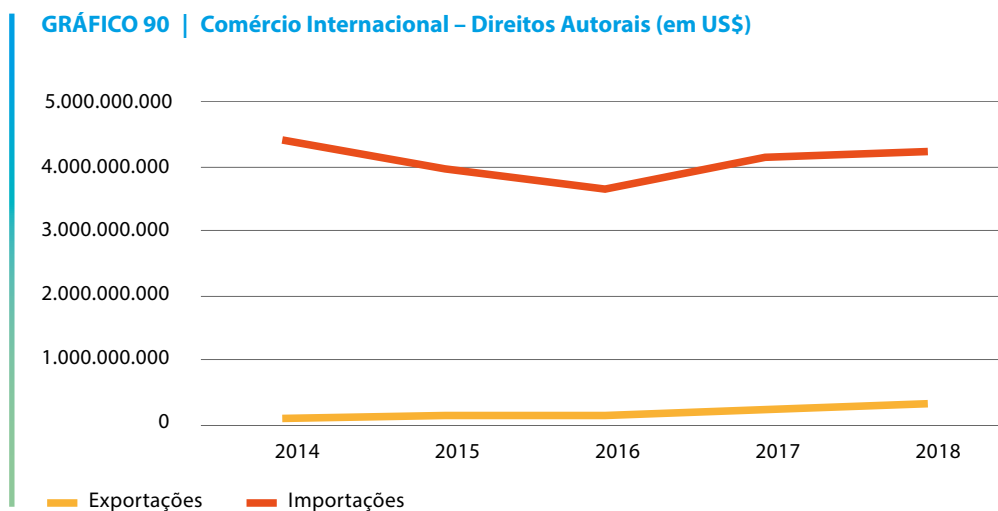


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O setor de Direitos Autorais caracteriza-se por ser preponderantemente importador de serviços. Embora os valores exportados tenham mais do que dobrado entre 2014 e 2018, os valores exportados não alcançam nem 10% do volume importado.

Os principais destinos dos direitos autorais no período foram Estados Unidos, Europa e América do Sul e Central.

TABELA 69

Direitos Autorais Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
África	2.170.106
América do Norte	656.441.280
América do Sul e Central	106.803.252
Ásia	12.366.560
Europa	223.438.277
Oceania	128.834

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 91 | Direitos Autorais – Exportações por Destino 2014–2018

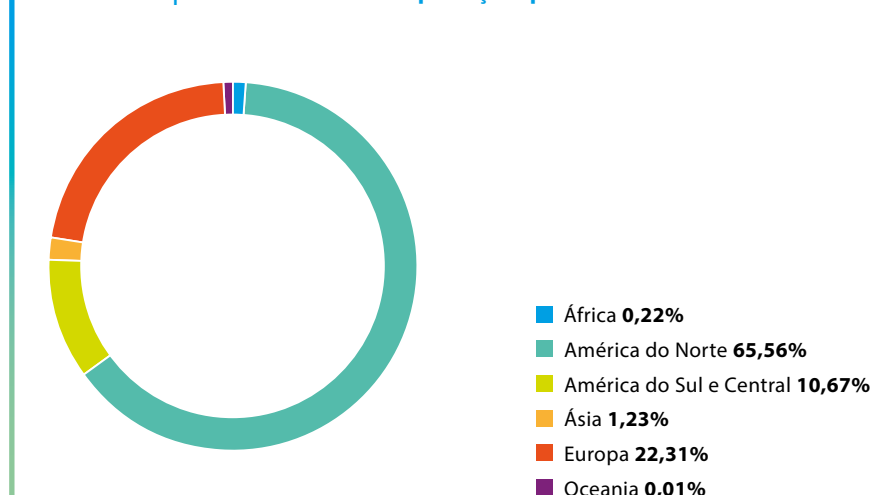


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 70

Direitos Autorais UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
MG	960.823
RJ	642.652.380
RS	1.899.170
SC	89.716
SP	355.746.220

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Editorial

O mercado editorial tem sofrido uma retração em termos de empresas e volume de receita gerados, conforme apontamos no Capítulo 2 (ver gráficos 42, 43 e 44, págs. 114 e 115). Essa retração também é observada em relação às exportações, que caíram de cerca de 26,5 milhões de dólares em 2014 para 18,8 milhões de dólares em 2018. Ainda assim, as exportações se mantêm acima das importações, exceto em 2017, quando há um pico das importações, num valor discrepante dos demais anos analisados.

Os principais destinos das exportações do setor têm sido Estados Unidos, Europa e América do Sul e Central.

GRÁFICO 92 | Comércio Internacional – Editorial (em US\$)

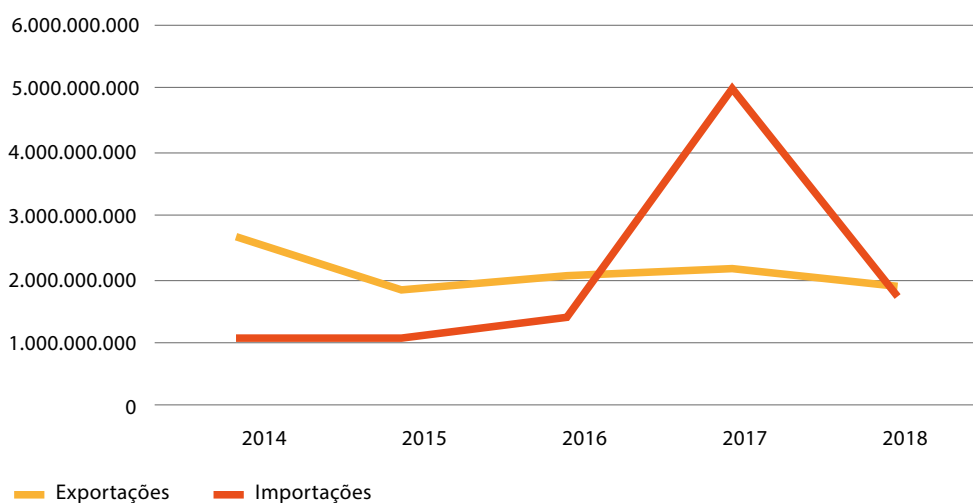


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 71

Editorial Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
América do Norte	51.268.443
América do Sul e Central	16.156.393
Ásia	4.908.936
Europa	33.746.283
Oceania	2.111

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 93 | Editorial – Exportações por Destino 2014–2018

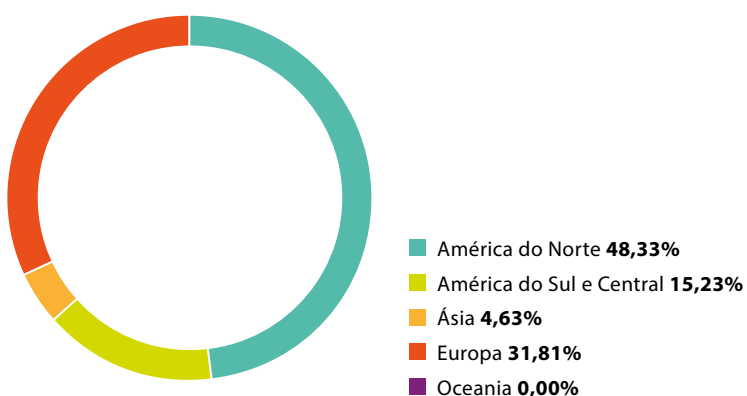


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 72

Editorial UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
MG	52.582
RJ	12.049.348
SP	93.980.236

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Também chama atenção a concentração das exportações do setor em apenas três estados da federação.

Publicidade e Serviços Empresariais

GRÁFICO 94 | Comércio Internacional – Publicidade e Serviços Empresariais (em US\$)

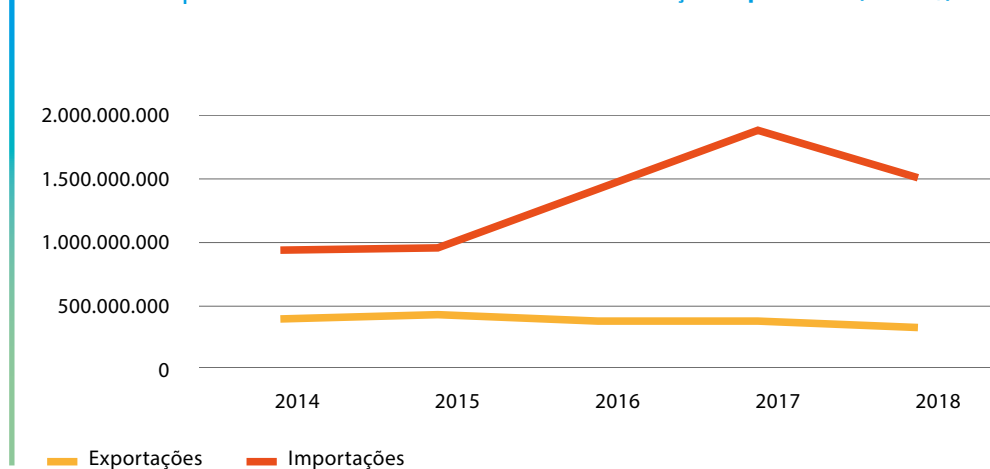


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

O setor Publicidade e Serviços Empresariais também se destaca como um dos maiores importadores entre os setores criativos aqui analisados. No período, as exportações permaneceram em patamares semelhantes e as importações aumentaram de 2015 a 2017, ano recorde no volume de importações (chegando a quase 2 bilhões de dólares importados contra pouco mais de 300 milhões de dólares exportados).

Os principais destinos das exportações do setor são América do Norte, Europa, Ásia e América do Sul e Central.

TABELA 73

Publicidade e Serviços Empresariais Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
África	5.462.492
América do Norte	1.073.713.811
América do Sul e Central	51.196.191
Ásia	120.510.647
Europa	636.856.855
Oceania	406.603

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

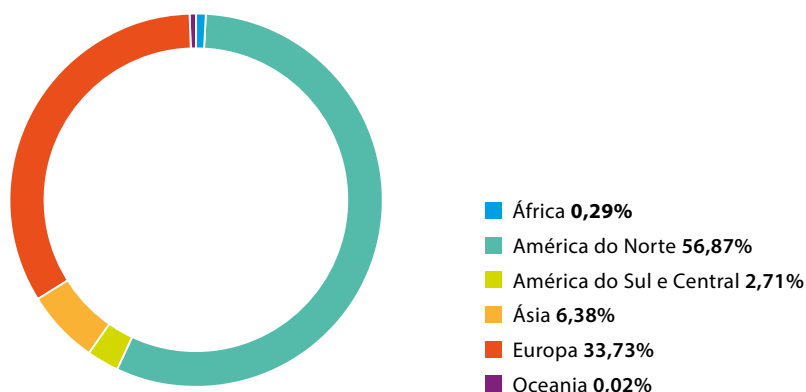
GRÁFICO 95 | Publicidade e Serviços Empresariais – Exportações por Destino 2014–2018

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 74

Publicidade e Serviços Empresariais UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
MG	5.433.961
PR	11.554.101
RJ	380.093.166
RS	12.711.673
SC	1.968.620
SP	1.476.385.078

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Também é um setor que tem a origem das exportações concentrada em poucos estados, todos das regiões Sul e Sudeste.

Tecnologia da Informação

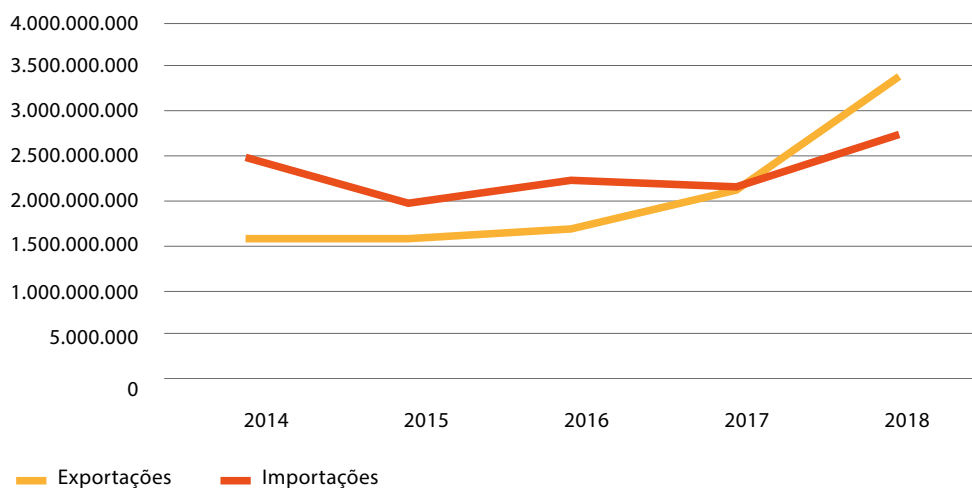
GRÁFICO 96 | Comércio Internacional – Tecnologia da Informação (em US\$)

Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 75

Tecnologia da Informação Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
África	38.204.530
América do Norte	5.509.164.667
América do Sul e Central	1.622.912.753
Ásia	759.012.504
Europa	2.446.890.968
Oceania	13.332.456

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 97 | Tecnologia da Informação – Exportações por Destino 2014–2018

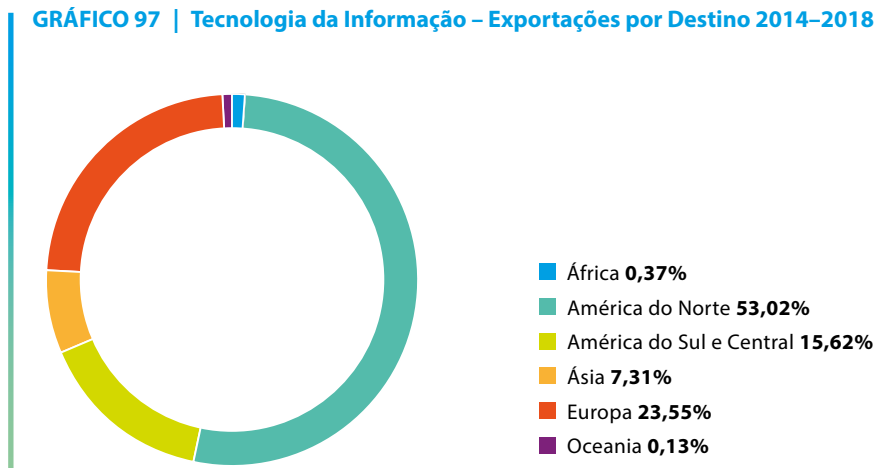


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Como já observamos no Capítulo 2, no que diz respeito às empresas, Tecnologia da Informação destaca-se entre os setores criativos por seu crescimento. Trata-se de um setor em expansão e as exportações acompanham esse movimento – cresceram num ritmo mais acelerado do que as importações, gerando um saldo positivo na balança comercial em 2018.

América do Norte, Europa e América do Sul e Central têm sido os principais destinos das exportações do setor.

TABELA 76

Tecnologia da Informação UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
BA	905.016
CE	4.869.262
DF	7.522.414
ES	416.781
MG	828.503.596
PE	720.873
PR	621.223.773
RJ	275.579.040
RN	133.774
RS	728.810.555
SC	90.830.344
SP	7.830.002.450

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Embora seja um setor que cresceu em número de empresas e volume da receita em todas as regiões do país, como observamos no Capítulo 2, as exportações do setor concentram-se em São Paulo.

Arquitetura

GRÁFICO 98 | Comércio Internacional – Arquitetura (em US\$)

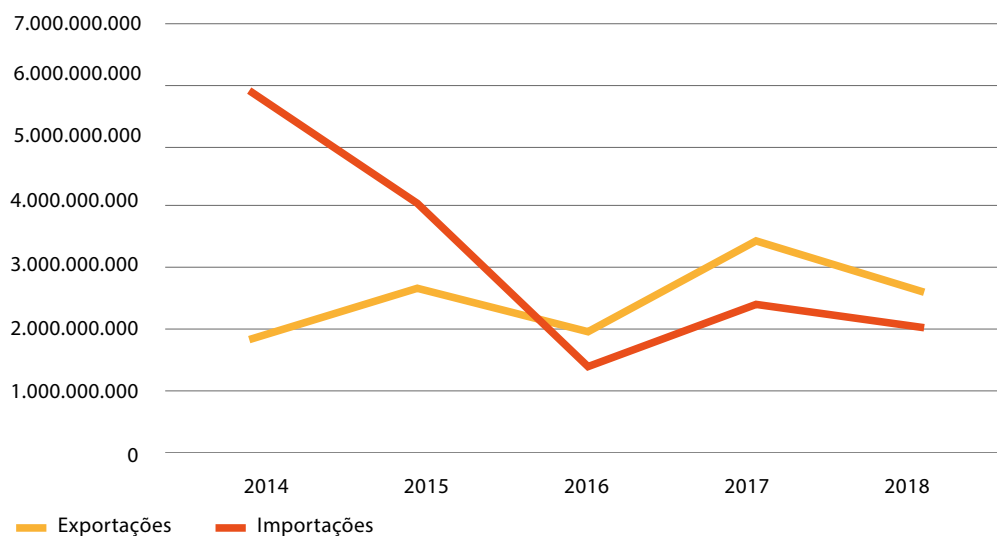


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

No setor de Arquitetura a importação de serviços caiu drasticamente de 2014 a 2016, quando as exportações ultrapassaram as importações, e assim se mantiveram até 2018. Esse é um setor que só exporta para América do Norte e Europa, sendo a América do Norte responsável por mais de 90% do volume transacionado entre 2014 e 2018.

TABELA 77

Arquitetura Exportações por Destino 2014–2018 (em US\$)	
América do Norte	11.680.028
Europa	922.012

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 99 | Arquitetura – Exportações por Destino 2014–2018

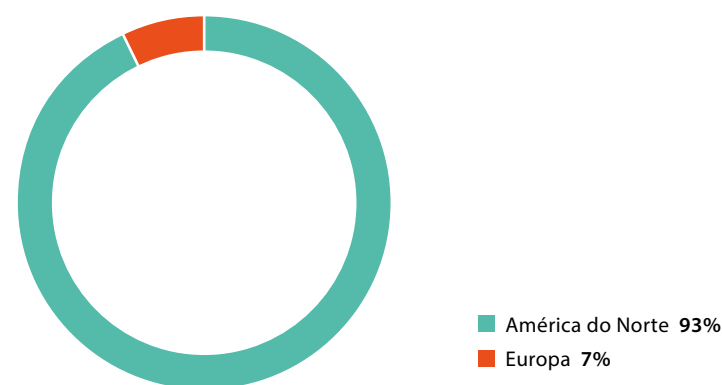


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

TABELA 78

Arquitetura UF de Origem das Exportações 2014–2018 (em US\$)	
RJ	557.741
SP	12.044.299

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Apenas São Paulo e Rio de Janeiro exportaram serviços de arquitetura no período de 2014 a 2018, sendo que há uma grande concentração do volume das exportações em São Paulo.

3.4. Origem e destino das exportações de produtos e serviços criativos

Para finalizar, a seguir apresentaremos, de forma consolidada, os principais destinos das exportações de produtos e serviços brasileiros, assim como as principais regiões exportadoras. Mais do que evidenciar desigualdades, tais informações podem sugerir oportunidades, novos mercados a ser conquistados, assim como regiões com potencial para uma maior participação no comércio internacional.

TABELA 79

Comércio Internacional Market Share 2010–2020 (em US\$)		
	Exportações	Importações
África	1.246.929.369	512.375.235
América do Norte	22.669.141.008	30.156.175.828
América do Sul e Central	12.908.745.900	6.167.710.873
Ásia	23.922.326.638	51.900.057.964
Europa	15.412.549.883	16.766.054.446
Oceania	323.195.719	106.827.520

Tabela construída a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

GRÁFICO 100 | Produtos e Serviços Criativos – Exportações 2010–2020

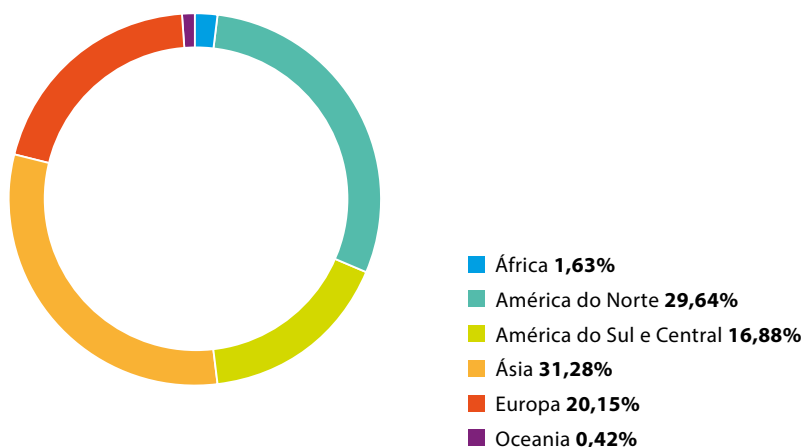


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

A Ásia é um destino relevante das exportações de produtos e serviços culturais e criativos, mas é preciso considerar que importamos mais do que o dobro do valor que exportamos para a região no período analisado. A América do Norte – segundo destino mais importante de produtos e serviços culturais e criativos brasileiros – é também uma região de onde o Brasil importa mais do que para a qual exporta, embora numa proporção menor do que da Ásia. As exportações e importações da Europa são mais equilibradas. A América do Sul e Central destacam-se como terceiro destino mais importante, chegando a valores próximos dos da Europa no período analisado, sugerindo que o comércio regional poderia ser alvo de maior atenção, por sua relevância, para o setor criativo, ainda mais no contexto atual, em que a circulação internacional encontra-se bastante limitada em razão da pandemia do coronavírus.

GRÁFICO 101 | Produtos e Serviços Criativos – Importações 2010–2020

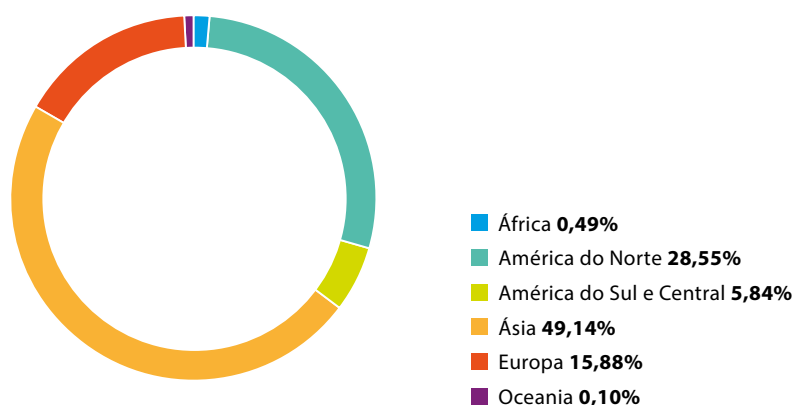


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Um último aspecto que consideramos nesta análise foi a origem das exportações, o que nos permitiu identificar a distribuição do volume de exportações por região. Aqui, o Sul e o Sudeste estão praticamente empatados, com uma pequena vantagem da Região Sul – o que é surpreendente, se considerarmos que a Região Sudeste concentra um número muito maior de empresas, receita do setor criativo e trabalhadores, como vimos no Capítulo 2. Talvez um fator a ser levado em conta seja a relevância dos setores de Atividades Artesanais e Moda na Região Sul.

Outros fatores devem ser considerados numa análise mais aprofundada sobre o comércio internacional, levando em conta também dados qualitativos, as especificidades de cada setor e o perfil das empresas, seu grau de maturidade e capacidade de gestão. Sabemos que, para atuar no mercado internacional, é necessário o domínio de certas competências específicas – conhecimento de normas e procedimentos do comércio internacional, regimes tributários, modelos de contrato, plataformas de negócios, funcionamento do setor nos países de destino, entre outros, nem sempre ao alcance de todas as empresas e todos os empreendedores.¹³

13 A fim de contribuir para o acesso de empreendedores culturais ao mercado internacional, o Ministério da Cultura, em parceria com a Unesco, lançou em 2018 o Manual de Exportação de Bens e Serviços do Setor Cultural.

GRÁFICO 102 | Distribuição Regional – Exportações 2010–2020

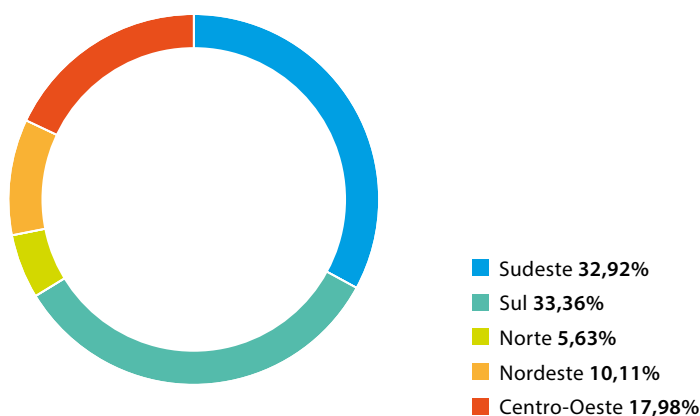


Gráfico construído a partir de dados do Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

3.4.1. Considerações parciais

Os dados econômicos que aqui apresentamos são modestos, se considerarmos a enorme riqueza e a diversidade cultural do nosso país e a importância que o setor criativo tem para a economia nacional.

Estamos certos de que todos os setores criativos, assim como todas as regiões, oferecem produtos e serviços criativos de alto potencial competitivo e que poderiam ter uma maior presença no mercado internacional. As exportações do setor criativo cresceram nos últimos dez anos, mas ainda há muito o que ser conquistado. Para que se possa, de fato, aumentar as exportações, ampliando a circulação de produtos e serviços brasileiros no exterior, são necessárias políticas públicas e investimentos, assim como o engajamento de entidades setoriais e da sociedade civil, que contribuam para a profissionalização e a internacionalização dos setores criativos, tendo em conta suas diferenças e especificidades, regionais e setoriais.

Considerações finais

Este relatório é o primeiro esforço de análise do conjunto de dados disponibilizados pelo Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Quando foi concebido, o projeto do Painel de Dados pretendia responder à carência de dados econômicos organizados e consistentes sobre o setor cultural e estimular novas pesquisas e reflexões. Não se poderia prever que, em abril de 2020, quando foi lançado, estaríamos imersos numa pandemia da proporção da covid-19, com efeitos particularmente severos para o campo da cultura. No atual contexto de crise, dados e informações se tornam ainda mais importantes para assegurar a assertividade de decisões e ações. Nesse sentido, esperamos que o presente relatório possa se tornar uma ferramenta relevante para gestores públicos e privados no enfrentamento dos efeitos da pandemia sobre o setor cultural.

O relatório apresenta um panorama dos gastos públicos com cultura, da situação de empresas e trabalhadores e do comércio internacional do setor cultural e criativo nos últimos dez anos. Por se tratar de um panorama, não pretende esgotar todas as possibilidades de análise e, sim, evidenciar a complexidade, a riqueza e a diversidade do setor cultural refletidas nos dados abarcados pelo painel e que convidam a novas leituras, recortes, cruzamentos e interpretações.¹

Muitos são os desafios enfrentados pelos gestores culturais desde o início da pandemia – e não há um prognóstico seguro de quando as atividades do setor cultural poderão reestabelecer-se plenamente. Enormes transformações nos modos de produção, circulação e consumo de produtos e serviços culturais estão em andamento, exigindo adaptações e talvez a reinvenção de políticas públicas e modelos de negócios. Dessa capacidade de reinvenção e de ação dependem a sustentabilidade e, em muitos casos, a sobrevivência de organizações, empresas e trabalhadores da cultura enquanto durar a pandemia, e a recuperação do setor a médio prazo.

Gostaríamos de destacar alguns aspectos importantes a serem considerados nesse processo, que se desprendem dos três eixos deste relatório:

Gastos Públicos com Cultura

É evidente que, mais do que nunca, são necessários investimentos públicos diretos no setor cultural. Para tanto, é preciso que sejam asseguradas dotações orçamentárias para a cultura, que correm o risco de contingenciamento e cortes. Mas é preciso também especial atenção à capacidade de exe-

¹ O próprio Observatório Itaú Cultural, a partir de questões suscitadas aqui, já deu início a novas pesquisas, com foco específico nos setores de Audiovisual, Atividades Artesanais e Tecnologia da Informação, além de uma análise mais específica sobre a aplicação do conceito de intensidade criativa para a realidade brasileira.

cução orçamentária. Este relatório mostra que nem sempre os orçamentos para a cultura são plenamente executados pelos entes federativos. É fundamental neste momento, tendo em vista o significativo acréscimo nos orçamentos estaduais e municipais em consequência da Lei Aldir Blanc, que tais recursos se transformem em políticas públicas efetivas e que os recursos cheguem de fato a seus destinatários, ou seja, às organizações, às empresas e aos trabalhadores da cultura. O esforço de execução dos orçamentos da cultura deve levar em conta também as características e as demandas de cada setor, os diferentes perfis dos trabalhadores e das empresas, assim como as diferenças regionais.

Diversidade e cooperação

O relatório também evidencia a grande diversidade dos setores culturais e dos perfis de empresas e trabalhadores da cultura. Sabemos que uma parte dos agentes desse complexo ecossistema tem maior capacidade de enfrentamento da crise e mesmo de crescer durante esse período adverso. Iniciativas e políticas que incentivem a cooperação intersetorial (entre setores) e intrasetorial (entre agentes de diferentes portes e perfis de um mesmo setor) de forma a permitir que setores mais robustos e resilientes à crise cooperem e estimulem os que têm tido mais dificuldade, que possa haver troca de conhecimento (em relação à inovação, novos modelos de negócios, transição digital, por exemplo), parcerias para produção e distribuição de produtos, conteúdos e serviços, incremento a ações de promoção, abertura de novos mercados, entre outras possibilidades de práticas colaborativas que ajudem a fortalecer a teia criativa como um todo.

Comércio internacional

As oportunidades existentes e ainda muito pouco exploradas do mercado internacional devem ser consideradas. As exportações dos setores criativos brasileiros têm crescido nos últimos anos, mas ainda estão muito longe de fazer jus à riqueza e à diversidade da produção cultural brasileira e seu enorme potencial para ocupar um protagonismo no mercado de produtos e serviços culturais e criativos em escala global.

Por fim, acreditamos que o setor cultural brasileiro, com sua força e sua diversidade, tem enorme potencial para contribuir, de forma singular, para a concepção e a implementação de estratégias de recuperação socioeconômica no contexto pós-pandêmico, para além do seu próprio campo, podendo atuar conjuntamente com outros setores fundamentais como saúde e educação, trazendo soluções inovadoras e deixando de representar um problema para passar a ser parte fundamental no processo de recuperação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Daniela; BARCELLOS, Thaís. Em meio à pandemia, país nunca teve tantos brasileiros fora do mercado de trabalho. *O Estado de S. Paulo*. Economia e Negócios, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,em-meio-a-pandemia-pais-nunca-teve-tantos-brasileiros-fora-do-mercado-de-trabalho,70003350025>. Acesso em: 31 jul. 2020.

Art|Basel. Press Release Basel, 8 mar. 2019. Disponível em: <https://www.artbasel.com/news/art-market-report>. Acesso em: 1 ago. 2020.

ArtTacTic. Global Art Market Outlook 2020. Disponível em: <https://arttactic.com/product/global-art-market-outlook-2020>. Acesso em: 1 set. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA-ABACT. Pesquisa Setorial – Latitude. Disponível em: <http://www.latitudebrasil.org/pesquisa-setorial/>. Acesso em: 1 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.546, de 14 de dezembro de 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12546.htm. Acesso em: 1 set. 2020.

_____. Decreto nº 10.464, de 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.464-de-17-de-agosto-de-2020-272747985>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS – CNM. Lei Aldir Blanc – R\$ 1,5 bilhão para estados socorrerem setor cultural. Disponível em: https://www.cnm.org.br/cms/images/stories/Links/05062020_Lei_Aldir_Blanc_ESTADOS.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

_____. Lei Aldir Blanc – R\$ 1,5 bilhão para municípios socorrerem setor Cultural. Disponível em: https://www.cnm.org.br/cms/images/stories/Links/05062020_Lei_Aldir_Blanc_Munic%C3%ADpios.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

DANTAS, Daniele Cristina. Uma análise multivariada do valor médio de projetos aprovados na Lei Rouanet, 2013-2017. In: *Revista do Seminário Internacional de Estatística com R* [Anais do III Seminário Internacional de Estatística com R “R for Integration Challenge”, Niterói, 22 a 24 maio 2018, v. 3, n. 1, 2018. 14 p. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/anaisdoser/article/view/29238>. Acesso em: 27 jul. 2020.

Extensão UFRJ. Sala A – Emergência Cultural, 17 jul. 2020, 17h. Disponível em: <https://youtu.be/-lXgskzimqU>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FGV PROJETOS. Relatório sobre os impactos econômicos da covid-19 na economia criativa. Junho, 2020. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/impactos-economicos-da-covid-19-economia-criativa-julho-2020>. Acesso em: 31 jul. 2020.

FIALHO, Ana Letícia; GOLDSTEIN, Ilana. Dados e tendências das organizações culturais e de seus profissionais no Brasil. In: *Revista Observatório Itaú Cultural*, n. 26, dez. 2019/jun. 2020. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/obs26_issuu. Acesso em: 31 jul. 2020.

_____. Conhecer para atuar: a importância de estudos e pesquisas na formulação de políticas públicas para a cultura. In: *Revista Observatório Itaú Cultural*, n.13, pp.25-32, set. 2012. São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/observatorio_13_arte_politicas_publicas. Acesso em: 31 set. 2020.

FLOR, Ana. Exclusivo: perda de arrecadação em estados e municípios chegou a 37% na última semana. G1. Economia. Blog da Ana Flor, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2020/04/17/exclusivo-perda-de-arrecadacao-em-estados-e-municipios-chegou-a-37percent-na-ultima-semana.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2020.

GOEKING, Weruska; LEWGOY, Júlia. Desemprego vai explodir no Brasil com coronavírus. A dúvida é o tamanho da bomba. In: *Valor Investe*. Brasil e Política, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/27/desemprego-vai-explodir-no-brasil-com-coronavirus-a-duvida-e-o-tamanho-da-bomba.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2020.

HAIR JR, Joseph. F.; BLACK, William C.; BABIN, Barry J.; ANDERSON, Rolph E.; TATHAM, Ronald L. Análise multivariada de dados. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

IBGE. Pesquisa Pulso Empresa. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa>. Acesso em: 15 set. 2020.

LIRA, André; FRANCO, Pedro Affonso Ivo; AMARAL, Rodrigo Correia do; TOSCANO, Victor Nunes. Boletim 01. Pesquisa de Percepção dos impactos da covid-19 nos setores cultural e criativo do Brasil. Resultados preliminares. Disponível em: <https://datastudio.google.com/u/0/reporting/cea69a-61-945a-4b84-aa53-abbced5b95a7/page/FdCXB>. Acesso em: 1 out. 2020.

MACQUISTEN, Ivan. New Data Paints a Grim Portrait of a Steep Drop in Trade in the UK Art Market. But the Full Picture May Not Be So Dark. *artnetnews, Analysis*, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://news.artnet.com/market/uk-art-market-health-q2-2020-1902836>. Acesso em: set. 2020.

MCKINSEY & COMPANY. Brazil Digital Report, 2019. Disponível em: https://www.mckinsey.com.br/~/_media/McKinsey/Locations/South%20America/Brazil/Our%20Insights/Brazil%20Digital%20Report/Brazil-Digital-Report-1st-Edition_Portuguese-vAjustado.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

MINGOTI, Sueli Aparecida. *Análises de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MINISTÈRE DE LA CULTURE. L'impact de la crise du Covid-19 sur les secteurs culturels, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/Sites-thematiques/Etudes-et-statistiques/Publications/Collections-de-synthese/Culture-chiffres-2007-2020/L-impact-de-la-crise-du-Covid-19-sur-les-secteurs-culturels>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Manual de Exportação de Bens e Serviços Culturais. 2018. Disponível em: http://antigo.cultura.gov.br/documents/10883/1530605/MANUAL+DE+EXPORTAC%CC%A7A%CC%83O_setembro.pdf/2e023761-1bb-3-431c-b8f4-33157fbbda72. Acesso em: 1 set. 2020.

NERY, Carmen. Pandemia foi responsável pelo fechamento de 4 em cada 10 empresas com atividades encerradas. Agência IBGE Notícias, Séries Especiais, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295-pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas>. Acesso em: 31 jul. 2020.

OBEC-BA. Impactos da covid-19 na economia criativa: boletim resultados preliminares. Ed. 2, 24 abr. 2020. Disponível em: https://ufrb.edu.br/proext/images/covid19/boletim/Boletim_Resultados_Preliminares_Ed.2_-_Impactos_da_COVID-19_na_Economia_Criativa.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

PAMPLONA, Nicola. 522 mil empresas fecharam as portas por pandemia, diz IBGE. *Folha de S.Paulo*. Mercado, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/522-mil-empresas-fecharam-as-portas-por-pandemia-diz-ibge.shtml>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SAKUDA, Luiz Ojima; FORTIM, Ivelise. (Org.) 2º Censo da Indústria Brasileira de Jogos Digitais. São Paulo: Homo Ludens, 2018. Disponível em: <https://censojogosdigitais.com.br/wp-content/uploads/2020/03/AF-ILCenso-completo.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

SOBOTA, Guilherme. Setor Editorial perdeu 25% do faturamento em 13 anos. *O Estado de S. Paulo*, 28 maio 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,setor-editorial-perdeu-25-do-faturamento-em-13-anos,70002846740>. Acesso em: 13 out. 2020.

SMITH, Manoella. Mercado editorial perdeu um quarto do tamanho desde 2006. *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, 28 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/mercado-editorial-perdeu-um-quarto-do-tamanho-desde-2006.shtml>. Acesso em: 15 set. 2020.

UNCTAD. CREATIVE ECONOMY Report 2010. Creative Economy: a Feasible Development Option. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_en.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

ULYSSEA, G. Efeitos da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. Rio de Janeiro: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA – IPEA, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/20018_webinar_covid.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

_____. CREATIVE ECONOMY OUTLOOK. Trends in international trade in creative industries, 2002–2015; Country Profiles, 2005–2014. Disponível em: https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditcted2018d3_en.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

SÍTIOS ELETRÔNICOS

APEX-Brasil

<https://portal.apexbrasil.com.br>

Comex Stat

<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/sobre>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<https://www.ibge.gov.br>

Ministério da Economia (Ambiente de integração)

<http://www.mdic.gov.br>

Monitor das Doações: COVID 19

<https://www.monitordasdoacoes.org.br>

Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual da Ancine

<https://oca.ancine.gov.br/cinema>

Observatório de Economia Criativa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. OBEC-BA. Pesquisa Impactos da Covid -19 na Economia Criativa

<https://ufrb.edu.br/proext/economiacriativa-covid19>

Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural

<https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados>

Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo no Brasil

<http://iccsocovid19.com.br>

Pesquisa Setorial Latitude: Mercado de Arte Contemporânea

<http://www.latitudebrasil.org/pesquisa-setorial>

Plataforma Siscoserv

<http://www.siscoserv.mdic.gov.br/g33159SCS/jsp/logon.jsp>

Portal da Transparência

<http://www.portaltransparencia.gov.br>

Portal do Sistema Nacional de Cultura

<http://portalsnc.cultura.gov.br>

R-Project

<https://www.r-project.org>

SalicNet – Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura

<http://sistemas.cultura.gov.br/salicnet/Salicnet/Salicnet.php>

Senado Federal. Glossário

<https://www12.senado.leg.br/orcamento/glossario>

Sindicato Nacional de Editoras de Livros

<https://snel.org.br>

ANEXOS

Questionário – Pesquisa para Secretários e Dirigentes de Cultura

Campos: Nome, Região/ Estado

Todas as perguntas são obrigatórias.

1. Em razão da crise do coronavírus, o orçamento direto da cultura previsto para 2020:
(Como critério da pesquisa, pedimos que não considerem o recurso advindo da Lei Aldir Blanc)

- a. Não sofreu alteração e não há previsão de alteração até o final do ano
- b. Não sofreu alteração, mas há previsão, até o final do ano, de contingenciamento:

b.1) Poderia indicar o percentual de contingenciamento?

- contingenciamento de até 25%;
- contingenciamento de 26% a 50%;
- contingenciamento de 51% a 75%;
- contingenciamento acima de 75%;

b.2) Em relação ao contingenciamento acima indicado:

- há previsão de descontingenciamento;
- há possibilidade de novo contingenciamento;
- não é possível prever no momento;

- c. Sofreu alteração e houve redução no orçamento:

c.1) Poderia indicar o percentual de redução?

- redução de até 25%;
- redução de 26% a 50%;
- redução de 51% a 75%;
- redução acima de 75%;

c.2) Em relação à redução acima indicada:

- não há previsão de nova redução até o final do ano;
- não é possível prever no momento;
- há previsão de nova redução (lógica);

c.2.1) Poderia indicar o percentual da nova redução prevista?

- redução de até 25%;
- redução de 26% a 50%;
- redução de 51% a 75%;
- redução acima de 75%;

- d. Outro – Poderia comentar:

2. Em relação ao orçamento vigente, poderia indicar o percentual que precisou ser remanejado a fim de atender necessidades e demandas especificamente relacionadas ao contexto da pandemia e do isolamento social?

- não há uma previsão;
- sim, há uma previsão:
- até 25%;
- de 26% a 50%;
- de 51% a 75%;
- acima de 75%;
- não há percentual estimado.

3. Ainda em relação ao orçamento vigente, já existe um indicativo dos gastos adicionais necessários para o retorno das atividades presenciais e quanto essas despesas relacionadas aos novos protocolos representam no orçamento global?

- não há uma previsão;
- sim, há uma previsão:
 - até 25%;
 - de 26% a 50%;
 - de 51% a 75%;
 - acima de 75%;
 - não há percentual estimado.

4. Em relação ao tipo de despesas no contexto da crise desencadeada pela pandemia, poderia indicar, em grandes linhas:

a. Quais despesas se mantiveram:

- salários;
- serviços relacionados à manutenção de equipamentos (limpeza, segurança, manutenção técnica etc);
- concessionárias (água, luz, telefonia, internet);
- aluguel, IPTU;
- outros – poderia indicar?

b. Que tipo de despesas correntes de custeio adicionais surgiram em decorrência da crise:

- compra de equipamentos para trabalho remoto;
- desenvolvimento de plataformas digitais;
- aquisição de equipamentos de segurança/EPIs, tais como máscaras, luvas, álcool em gel, termômetros etc.;
- contratação de equipe extra de limpeza para seguir protocolos de segurança;
- sinalização e comunicação visual;
- mudanças de leiaute dos ambientes de trabalho e expositivos/eventos;
- protocolos de testagem para colaboradores;
- outros – poderia indicar? _____

c. Que tipo de despesas correntes de custeio deixaram de ser executadas em decorrência do isolamento social:

- contratação de técnicos e equipes terceirizadas para suporte na produção das ações culturais;
- equipes de atendimento;
- itens de escritório e outros insumos;
- serviços relacionados à manutenção de equipamentos (limpeza, segurança, manutenção técnica etc.);
- serviços prestados por concessionárias (água, luz, telefonia, internet);
- outros – poderia indicar? _____

d. Que novas iniciativas foram implementadas a fim de responder ao contexto emergencial desencadeado pela pandemia:

- editais de fomento a criação/ produção/ difusão/ pesquisa;
- auxílios emergenciais voltados a artistas e profissionais da cultura;
- aquisição de conteúdo para difusão em plataformas digitais;
- fomento à produção artística para ambiente digital, entre outros.
- aquisição de novas obras para o acervo;
- outros – poderia indicar? _____

e. Despesas novas por conta dos novos protocolos de reabertura:

- aquisição de equipamentos de segurança/EPIs, tais como máscaras, luvas, álcool em gel, termômetros etc.;
- contratação de equipe extra de limpeza para seguir protocolos de segurança;
- sinalização e comunicação visual;
- mudanças de leiaute dos ambientes de trabalho e expositivos/eventos;
- protocolos de testagem para colaboradores;
- outros – poderia indicar? _____

Índice IPCA base jun./2020

Dividir o valor nominal por esse índice para obter valor a preços de junho de 2020 usados no reajuste dos valores dos dados do Painel.

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
1994	JAN	0,027
1994	FEV	0,037
1994	MAR	0,053
1994	ABR	0,076
1994	MAI	0,109
1994	JUN	0,161
1994	JUL	0,172
1994	AGO	0,175
1994	SET	0,178
1994	OUT	0,183
1994	NOV	0,188
1994	DEZ	0,191
1995	JAN	0,194
1995	FEV	0,196
1995	MAR	0,199
1995	ABR	0,204
1995	MAI	0,209
1995	JUN	0,214
1995	JUL	0,219
1995	AGO	0,221
1995	SET	0,224
1995	OUT	0,227
1995	NOV	0,230
1995	DEZ	0,234
1996	JAN	0,237
1996	FEV	0,239
1996	MAR	0,240
1996	ABR	0,243
1996	MAI	0,246
1996	JUN	0,249
1996	JUL	0,252
1996	AGO	0,253

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
1996	SET	0,253
1996	OUT	0,254
1996	NOV	0,255
1996	DEZ	0,256
1997	JAN	0,259
1997	FEV	0,260
1997	MAR	0,262
1997	ABR	0,264
1997	MAI	0,265
1997	JUN	0,266
1997	JUL	0,267
1997	AGO	0,267
1997	SET	0,267
1997	OUT	0,268
1997	NOV	0,268
1997	DEZ	0,269
1998	JAN	0,271
1998	FEV	0,273
1998	MAR	0,273
1998	ABR	0,274
1998	MAI	0,275
1998	JUN	0,276
1998	JUL	0,275
1998	AGO	0,274
1998	SET	0,273
1998	OUT	0,273
1998	NOV	0,273
1998	DEZ	0,274
1999	JAN	0,276
1999	FEV	0,279
1999	MAR	0,282
1999	ABR	0,283

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
1999	MAI	0,284
1999	JUN	0,285
1999	JUL	0,288
1999	AGO	0,289
1999	SET	0,290
1999	OUT	0,294
1999	NOV	0,297
1999	DEZ	0,298
2000	JAN	0,300
2000	FEV	0,301
2000	MAR	0,301
2000	ABR	0,302
2000	MAI	0,302
2000	JUN	0,303
2000	JUL	0,308
2000	AGO	0,312
2000	SET	0,313
2000	OUT	0,313
2000	NOV	0,314
2000	DEZ	0,316
2001	JAN	0,318
2001	FEV	0,319
2001	MAR	0,321
2001	ABR	0,322
2001	MAI	0,324
2001	JUN	0,325
2001	JUL	0,330
2001	AGO	0,332
2001	SET	0,333
2001	OUT	0,336
2001	NOV	0,338
2001	DEZ	0,340
2002	JAN	0,342
2002	FEV	0,343
2002	MAR	0,345

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2002	ABR	0,348
2002	MAI	0,349
2002	JUN	0,350
2002	JUL	0,355
2002	AGO	0,357
2002	SET	0,359
2002	OUT	0,364
2002	NOV	0,375
2002	DEZ	0,383
2003	JAN	0,392
2003	FEV	0,398
2003	MAR	0,403
2003	ABR	0,407
2003	MAI	0,409
2003	JUN	0,408
2003	JUL	0,409
2003	AGO	0,411
2003	SET	0,414
2003	OUT	0,415
2003	NOV	0,416
2003	DEZ	0,419
2004	JAN	0,422
2004	FEV	0,424
2004	MAR	0,426
2004	ABR	0,428
2004	MAI	0,430
2004	JUN	0,433
2004	JUL	0,437
2004	AGO	0,440
2004	SET	0,442
2004	OUT	0,444
2004	NOV	0,447
2004	DEZ	0,450
2005	JAN	0,453
2005	FEV	0,456

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2005	MAR	0,459
2005	ABR	0,463
2005	MAI	0,465
2005	JUN	0,465
2005	JUL	0,466
2005	AGO	0,467
2005	SET	0,468
2005	OUT	0,472
2005	NOV	0,474
2005	DEZ	0,476
2006	JAN	0,479
2006	FEV	0,481
2006	MAR	0,483
2006	ABR	0,484
2006	MAI	0,484
2006	JUN	0,483
2006	JUL	0,484
2006	AGO	0,485
2006	SET	0,486
2006	OUT	0,487
2006	NOV	0,489
2006	DEZ	0,491
2007	JAN	0,493
2007	FEV	0,495
2007	MAR	0,497
2007	ABR	0,498
2007	MAI	0,500
2007	JUN	0,501
2007	JUL	0,502
2007	AGO	0,505
2007	SET	0,506
2007	OUT	0,507
2007	NOV	0,509
2007	DEZ	0,513
2008	JAN	0,516

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2008	FEV	0,518
2008	MAR	0,521
2008	ABR	0,524
2008	MAI	0,528
2008	JUN	0,532
2008	JUL	0,534
2008	AGO	0,536
2008	SET	0,537
2008	OUT	0,540
2008	NOV	0,542
2008	DEZ	0,543
2009	JAN	0,546
2009	FEV	0,549
2009	MAR	0,550
2009	ABR	0,553
2009	MAI	0,555
2009	JUN	0,557
2009	JUL	0,558
2009	AGO	0,559
2009	SET	0,561
2009	OUT	0,562
2009	NOV	0,565
2009	DEZ	0,567
2010	JAN	0,571
2010	FEV	0,575
2010	MAR	0,578
2010	ABR	0,582
2010	MAI	0,584
2010	JUN	0,584
2010	JUL	0,584
2010	AGO	0,584
2010	SET	0,587
2010	OUT	0,591
2010	NOV	0,596
2010	DEZ	0,600

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2011	JAN	0,605
2011	FEV	0,610
2011	MAR	0,615
2011	ABR	0,619
2011	MAI	0,622
2011	JUN	0,623
2011	JUL	0,624
2011	AGO	0,627
2011	SET	0,630
2011	OUT	0,633
2011	NOV	0,636
2011	DEZ	0,639
2012	JAN	0,643
2012	FEV	0,646
2012	MAR	0,647
2012	ABR	0,651
2012	MAI	0,653
2012	JUN	0,654
2012	JUL	0,657
2012	AGO	0,659
2012	SET	0,663
2012	OUT	0,667
2012	NOV	0,671
2012	DEZ	0,676
2013	JAN	0,682
2013	FEV	0,686
2013	MAR	0,690
2013	ABR	0,693
2013	MAI	0,696
2013	JUN	0,698
2013	JUL	0,698
2013	AGO	0,700
2013	SET	0,702
2013	OUT	0,706
2013	NOV	0,710

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2013	DEZ	0,716
2014	JAN	0,720
2014	FEV	0,725
2014	MAR	0,732
2014	ABR	0,737
2014	MAI	0,740
2014	JUN	0,743
2014	JUL	0,743
2014	AGO	0,745
2014	SET	0,749
2014	OUT	0,753
2014	NOV	0,756
2014	DEZ	0,762
2015	JAN	0,772
2015	FEV	0,781
2015	MAR	0,792
2015	ABR	0,797
2015	MAI	0,803
2015	JUN	0,809
2015	JUL	0,814
2015	AGO	0,816
2015	SET	0,821
2015	OUT	0,827
2015	NOV	0,836
2015	DEZ	0,844
2016	JAN	0,854
2016	FEV	0,862
2016	MAR	0,866
2016	ABR	0,871
2016	MAI	0,878
2016	JUN	0,881
2016	JUL	0,886
2016	AGO	0,889
2016	SET	0,890
2016	OUT	0,892

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2016	NOV	0,894
2016	DEZ	0,897
2017	JAN	0,900
2017	FEV	0,903
2017	MAR	0,905
2017	ABR	0,907
2017	MAI	0,909
2017	JUN	0,907
2017	JUL	0,910
2017	AGO	0,911
2017	SET	0,913
2017	OUT	0,917
2017	NOV	0,919
2017	DEZ	0,923
2018	JAN	0,926
2018	FEV	0,929
2018	MAR	0,930
2018	ABR	0,932
2018	MAI	0,935
2018	JUN	0,947
2018	JUL	0,950
2018	AGO	0,950

Ano	Mês	Índice com base em jun./2020
2018	SET	0,954
2018	OUT	0,958
2018	NOV	0,956
2018	DEZ	0,958
2019	JAN	0,961
2019	FEV	0,965
2019	MAR	0,972
2019	ABR	0,978
2019	MAI	0,979
2019	JUN	0,979
2019	JUL	0,981
2019	AGO	0,982
2019	SET	0,982
2019	OUT	0,983
2019	NOV	0,988
2019	DEZ	0,999
2020	JAN	1,001
2020	FEV	1,004
2020	MAR	1,004
2020	ABR	1,001
2020	MAI	0,997
2020	JUN	1,000



ITAÚ CULTURAL

DEZ ANOS DE ECONOMIA DA CULTURA NO BRASIL E OS IMPACTOS DA COVID-19 UM RELATÓRIO A PARTIR DO PAINEL DE DADOS DO OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL

Coordenação de Pesquisa

Andreia Briene
Luciana Modé
Marcos Cuzziol

Desenvolvimento, sistematização e redação de pesquisa

Ana Letícia Fialho
Daniele Dantas

Equipe de Pesquisa

Ana Letícia Fialho
Andréia Briene
Camila Cauzzi
Daniele Dantas
Gabriela Acco Magagnin
Gustavo Moller
Luciana Modé
Marcos Cuzziol
Olivieri Sociedade de Advogados
(dados relativos ao fomento de grupos
empresariais por meio da
Lei Federal de Incentivo à Cultura)

Edição

Andréia Briene
Luciana Modé
Marcos Cuzziol

Preparação de textos e Revisão

Ciça Corrêa (terceirizada)

Projeto gráfico e Design

Girafa Não Fala

EQUIPE ITAÚ CULTURAL

Presidente

Alfredo Setúbal

Diretor

Eduardo Saron

NÚCLEO OBSERVATÓRIO

Gerência

Marcos Cuzziol

Coordenação

Luciana Modé

Produção

Andréia Briene

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO
E RELACIONAMENTO

Gerência

Ana de Fátima Sousa

Coordenação relações institucionais

Gabriela Acco Magagnin

O Itaú Cultural (IC), em 2019, passou a integrar a Fundação Itaú para Educação e Cultura com o objetivo de garantir ainda mais perenidade e o legado de suas ações no mundo da cultura, ampliando e fortalecendo seu propósito de inspirar o poder criativo para a transformação das pessoas.

Realização

 ItaúCultural